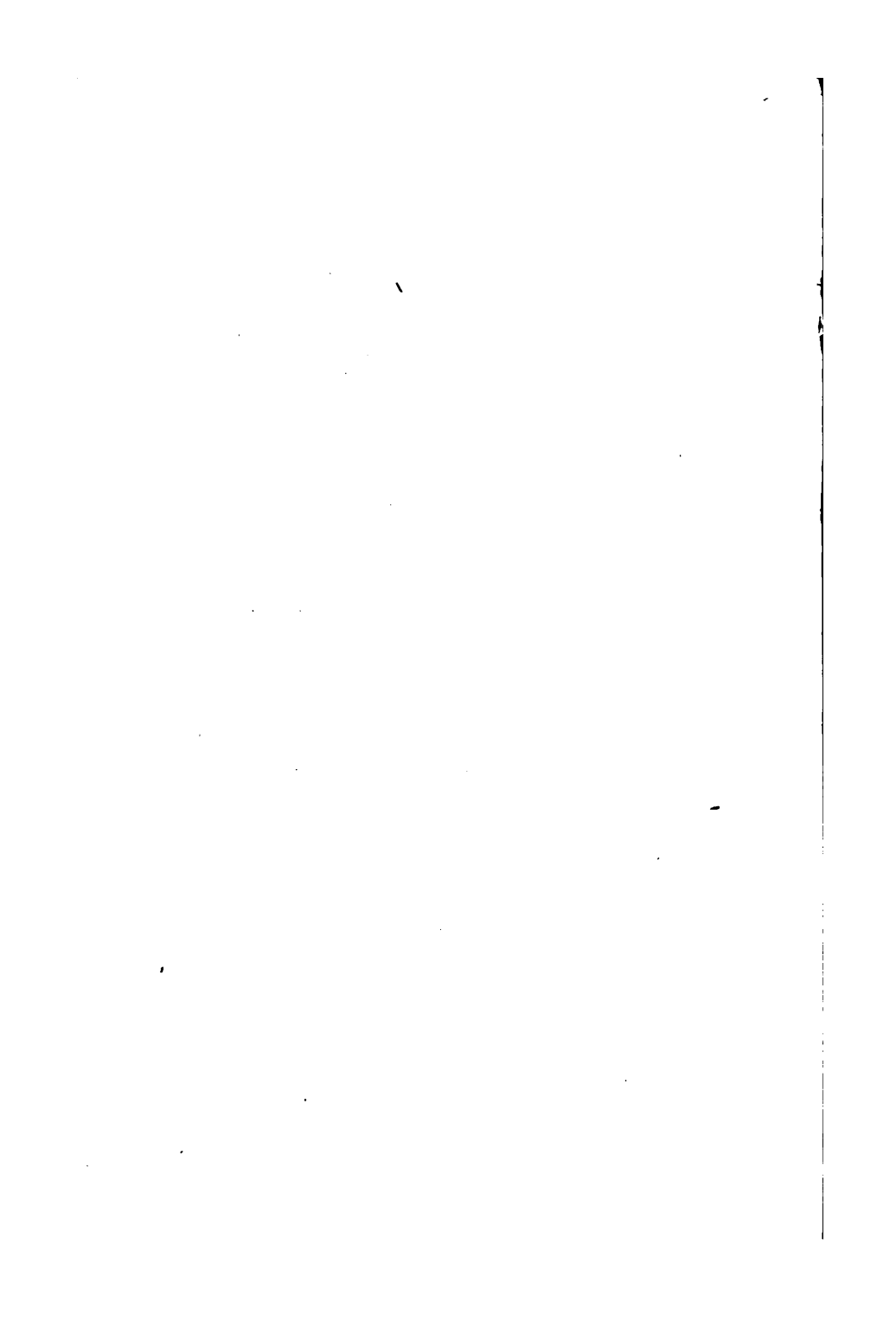
COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

Tomo VII.

COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

Tomo VII.

ROMANCEIRO PORTUGUEZ

COORDINADO, ANNOTADO

E

ACOMPANHADO D'UMA INTRODUCÇÃO E D'UM GLOSSARIO

POR

VICTOR EUGENIO HARDUNG.

TOMO PRIMEIRO.

LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

1877.

INTRODUCÇÃO.

Desde que Hernando del Castillo, em 1511, no seu Cancioneiro, apresentou reunidos alguns romances hespanhoes, colligidos da bôcca do povo ou de folhas volantes, a Hespanha nunca perdeu de todo o interesse para sua poesia popular, manifestando-o em numerosas collecções destinadas ao uso do povo ou para auxiliar as investigações dos criticos.

Se os sabios hespanhoes, em seus estudos para construir a historia da poesia popular, foram muito ajudados pelos trabalhos de distinctos criticos estrangeiros, deve-se esta vantagem em grande parte á facilidade com que, graças aos bem elaborados Cancioneiros e Romanceiros dos seculos XVI e XVII, se arranjava lá fóra o material necessario para proceder a indagações a respeito da tradição popular hespanhola.

Em Portugal a poesia popular não encontrou, antes do seculo XIX, quem a colligisse; desprezada pelas classes eruditas da sociedade vivia refugiada nas aldeias; os estranhos, apesar da melhor vontade, não podiam occupar-se scientificamente d'uma poesia desconhecida aos proprios nacionaes.

Os eruditos chamavam aos cantos populares romances para designar que eram compostos em linguagem popular conhecida sob o nome de romance. O povo portuguez tinha para suas tradições poeticas o nome de Aravia, denominação ainda hoje usada nas Ilhas do Archipelago Açoriano.

Baseando-se sobre este facto, Theophilo Braga, formulou a theoria de que este nome era antigamente commum a todas as tradições populares da Peninsula e proveiu de ter acceitado a raça mosárabe da convivencia com os Arabes a musica d'elles accommodando-a a seus cantos. [1]

Os romances são compostos em versos de oito syllabas, chamados de redondilha maior, muito poucos, mas entre estes alguns com vestigios de grande antiguidade são em endeixas de arte maior, ou em redondilha menor, versos de cinco syllabas metricas, circumstancia que leva Theophilo Braga a suppor que a fórma primitiva dos romances era a redondilha menor sendo esta substituida, no seculo XV, por uma influencia desconhecida, pela redondilha maior. [2]

Hoje o thesouro de romances portuguezes é notavelmente inferior ao que devia ser antigamente; grande numero de creações poeticas do povo desappareceram de todo, consequencia natural do abandono em que as deixou o desprezo dos eruditos; o pouco que até hoje foi salvo deve sua conservação unicamente «ás amas sêccas e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'ésta archeologia nacional — galan-

[1] THEOPHILO BRAGA, Theoria da Historia da Litteratura portugueza, Porto 1872, Imprensa Portugueza, p. 21. Manual da Historia da Litteratura portugueza, Porto 1875, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, p. 130.

[2] THEOPHILO BRAGA, Manual da Historia da Litteratura portugueza, p. 129.

tes cofres, em que para descobrir pouco que seja, é necessario esgravatar como o pullus gallinaceus de Phedro.»[1]

Em todas as provincias de Portugal o numero de romances que andam na tradição oral, é consideravel, mas quem já conseguiu obter qualquer versão immediatamente do povo, sabe com quantas difficuldades ha-de luctar o collector para chegar ao seu fim, pois só a grande custo as velhas resolvem-se a trahir seus segredos.

Durante minhas viagens pelas provincias do reino, muitas vezes tive occasião de ouvir cantar romanços que me eram completamente desconhecidos e que não andam recolhidos em nenhum dos Romanceiros até hoje publicados.

Os pontos do territorio portuguez onde mais abundante e mais pura corre a fonte da tradição popular, são a Beira-Baixa, o Algarve e as Ilhas dos Açores.[2]

Já Almeida-Garrett observou que as versões que lhe chegavam da Beira-Baixa, eram geralmente preferiveis a todas as outras; esta provincia, verdadeiro amago de Portugal, encerrava uma população essencialmente mosárabe, como provou Alexandre Herculano; o Algarve brilha por seus romances sacros; as Ilhas dos Açores, povoadas na segundo metade do seculo XV, conservaram na sua isolação muitas preciosidades que se perderam na mãi patria.

Os poetas eruditos, estes nunca fizeram grande caso dos cantos populares, limitando-se a algumas allusões que andam dispersas em suas obras. Observa-se, porém, que quanto melhor um poeta comprehende o verdadeiro sentimento nacional, quanto mais perto está do

---

[1] Almeida-Garrett, Romanceiro I, 17, Edição de 1843.

[2] Theophilo Braga, Theoria da Historia da Litteratura portugueza, p. 34.

povo, tanto mais frequentemente apresenta vestigios da tradição portugueza.

Numerosas são as citações de romances populares nos Autos de Gil-Vicente. Na Comedia de Rubena a Feiticeira pergunta á Ama quaes eram as cantigas que cantava, e a Ama nomêa-lhe a Creancinha despida; Val'-me Lianor; De pequena mataes, Amor; Em Paris está Dona Alda; Di-me tu, senora, di; Vamo-nos, dijo mi tio; Llevadme por el rio; Calbi ora bi; Llevantéme un dia; Lunes de Mañana; Muliana, Muliana; Não venhaes, alegria. Cita mais Gil Vicente o romance de Los hijos de Dona Sancha (Obras I, 227), Nunca fue pena maior (II, 410), Eu me sam Dona Giralda (II, 27), Mal me quieren en Castilla (III, 143), La bella mal maridada (II, 333), D'onde estás que te no veo (II, 329), Guay Valencia, guay Valencia (II, 270), En el mez era de Abril (II, 249), Yo me estaba em Coimbra (III, 212).[1]

Jorge Ferreira de Vasconcellos refere-se em suas comedias muitas vezes a romances populares, vê-se que elle conhecia os romances: Por aquel postigo viejo; Buen Conde Fernam Gonçalves; Conde Claros (Eufrosina p. 12); Retrahida está la Infanta; Para que paristes madre (Ulyssipo p. 255 e 260); Pregonadas son las guerras (Aulegraphia).

Antonio Prestes cita o Moro Alcalde, moro Alcaide; Yo le daria bel Conde (Auto da Ave Maria); Vamonos, dijo mi tio; Ibanse las casadas (Auto do Procurador); o Dom Duardos, o Conde Claros; Falso malo enganador; Guay Valencia (Auto do Desembargador);

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Manual da Historia da Litteratura portugueza, desde as suas origens até ao presente, p. 213.

Miran ojos; Bella mal maridada (Auto da Ciosa); a Oração do Justo Juiz (Auto do Mouro Encantado).

Jorge Pinto conhecia: En el mez era de Abril, A Bella mal maridada; Helo, helo, por do viene; Riberas del Dauro arriba (Auto de Rodrigo e Mendo); Jeronymo Ribeiro cita: Sobre mi vi guerra armar. Antonio Ribeiro Chiado e Sá de Miranda conheciam a Bella mal maridada. [1]

Egualmente em Luiz de Camões encontram-se numerosas allusões a romances populares; cita o poeta o Mi padre era de Ronda (Disparates da India); Riberas del Dauro arriba; Su comer las carnes crudas; Afora, afora, Rodrigo (Carta I da India); Una adarga ante los pechos; Mirando la mar de España; Vi benir pendon vermejo; La flor de la Berberia; Caballeros de Alcalá; A las armas Mouriscote; D'onde estás que te no veo; Y que nova me traedes; Mira Nero da Tarpea (Cartas em redondilhas); Ya cavalgava Calaynos (Rimas p. 173, ed. de 1666); Velho malo em minha cama (Auto d'El-rei Seleuco). [2]

Dom Francisco Manoel de Mello, no seculo XVII, cita: Se ha dez annos que amarrado Qual forçado de Dragut (Obras II, 215), Si is a Francia el caballero Por Gayfeiros perguntad (Obras II, 97), Trago a rojo lá do Minho Mais prisões que um mouro Zaide (Çanfonha d'Eut. p. 99), Mais loução que Don Reynaldos (Ib. p. 116); Passeava-se Silvana Por um corredor um dia; A cazar vá el Cavallero; Mis amorosos cuidados, Como se estaran durmendo; Gavião, gavião branco, Vae ferido e vae voando (Fidalgo Aprendiz. Obras metr. p. 247).

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Ibid. p. 214.

[2] Ibid. p. 216.

Raras vezes, porém, os poetas eruditos compozeram romances imitando a fórma popular. No Cancioneiro Geral encontra-se o Romance á morte do principe D. Alfonso, por Alvaro de Brito (Canc. Geral. T. I, 221), á morte de Dona Inez de Castro, por Garcia de Resende (T. III, 617); Gil-Vicente apresenta o Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz para Saboya (Obras II, 416), o Romance burlesco (T. III, 202); a Cantiga dos Romeiros (II, 392) o Romance ao nascimento do infante Dom Felipe (II, 531); Romance á morte d'El-rei Dom Manuel (III, 348); Romance á acclamação de D. João 3º (III, 355); Bernardim Ribeiro compoz o Cantar á maneira de Solao (Menina e Moça, cap. XXI), o Romance de Avalor (Saudades II, 11), Cuidado e Desejo (Eclog. V.); Jorge Ferreira de Vasconcellos publicou varios romances originaes no Memorial das Proezas dos Cavalleiros da Tavola Redonda.

O compor romances tornou-se moda depois da reimpressão do celebre cancioneiro de Anvers em Portugal,[1] imitando-se principalmente os romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello collocaram-se á frente d'esta eschola.

A Arcadia destruiu este gosto, cultivando principalmente a poesia pastoril, e o romance, até na fórma culta, ficou de novo desconsiderado e sem popularidade.

Pelo fim do seculo XVIII, a poesia de romances estava, em Portugal, menospresada pelos eruditos nacionaes e ignorada pelos estrangeiros; só o povo conhecia e guardava o thesouro de sua poesia tradicional.

---

1 Cancionero de Romances, en que estan recopilados la mayor parte de romances castellanos, que hasta agora se han compuesto. Lisboa 1581, por Manuel de Lyra. Consta de 182 romances.

O romantismo, porém, inspirando-se nas antigas tradições dos povos europeos, chamou a attenção dos criticos e dos poetas para o estudo dos romances e cantos populares na peninsula iberica. Grimm abriu o caminho com sua Silva de romances viejos (Vienna d'Austria 1815), Depping publicou seu Romancero castellano (Leipzig 1817), Duran no seu vasto Romancero general (5 vol. Madrid 1828—32) reuniu todos os trabalhos anteriores, mas ninguem se lembrava de prestar similhante serviço a Portugal.

«No sacudir o jugo academico estrangeiro, diz Almeida-Garrett, e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos; a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccorro o mais minimo.» [1]

A concurrencia de varias circumstancias favoraveis fez com que o grande poeta João Baptista de Almeida-Garrett descobriu que sua patria possuia tambem uma poesia popular, e resolveu seguir o exemplo dos romanticos estrangeiros e tirar do esquecimento este thesouro nacional.

De menino fôra embalado, na pequena quinta do Castello, ao som dos romances do Conde Alarcos pela sua ama Rosa de Lima e ouvia as historias da tia Brigida, velha criada e chronista-mór de feitiços e milagres. [2]

Emigrado depois para Londres, em 1823, quando cahíra a Constituição, teve occasião de observar de perto a grande corrente litteraria que, na Inglaterra

---

1 Romanceiro, T. II. p. XLIV. Edição de 1863.
2 Almeida-Garrett, Dona Branca, III, 3.

como na Allemanha, se occupava com a rehabilitação da antiga poesia popular.

De volta para Portugal, começou logo a colligir os textos de romances que encontrava com o intuito de compor sobre estes themas balladas no gosto do Bispo Percy. A revolução de 1828 levou-o de novo para a Inglaterra e alli, em 1828, publicou a Adozinda que foi calorosamente recebida e obteve grande successo. Uma vez despertado o interesse para este esquecido genero de poesias, Almeida-Garrett recebeu, pelo correio, muitas versões que lhe mandavam amigos zelosos e principalmente uma joven senhora de Lisboa.

Em Londres, em casa de Duarte Lessa, encontrou manuscriptos importantes e livros raros que tinham pertencido á livraria do celebre cavalheiro de Oliveira, que renunciou ao cargo de ministro de Portugal na Haya para abraçar o protestantismo.

«Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barbosa, inquadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas éstas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas Memorias, porque a miudo se referia a elles, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos D. Diniz, Gil-Vicente, Bernardim-Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodriguez Lobo, D. Francisco Manuel, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e

até prophecias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Ms. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tam louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.» [1]

Servindo-se d'estes textos Almeida-Garrett corrigiu de novo as versões já recolhidas e completou, segundo diz, alguns fragmentos que desesperára de poder vir nunca a restaurar.

Theophilo Braga, porém, é de opinião que Almeida-Garrett inventou os manuscriptos do cavalheiro de Oliveira para justificar assim a antiguidade dos romances que forjava. [2]

Na Ilha Terceira, para onde embarcou Almeida-Garrett, em 1832, com praça de simples soldado, umas criadas velhas de sua mãi e uma mulata brazileira de sua irmã dictaram-lhe alguns romances que elle ainda não tinha e variantes dos que já obtivera. [3]

Partindo para Portugal na expedição dos chamados «sete mil bravos» que desembarcaram nas praias de Mindello, deixou sua collecção de romances junctamente com outros livros e estudos manuscriptos em poder de sua mãi com ordem de mandar-lh'os depois para o Porto.

O navio, porém, que os levava, foi a pique ao entrar a barra do Porto, affundado pelas balas inimigas do exercito miguelista. Felizmente o Romanceiro tinha sido esquecido e escapou assim á triste sorte dos outros

---

1 Almeida-Garrett, Romanceiro, T. I. p. VII. Edição de 1843.
2 Theophilo Braga, Epopêas da Raça Mosárabe, p. 343.
3 Almeida-Garrett, Romanceiro, T. I. p. XII. Edição de 1843.

trabalhos, chegando á mão do poeta, são e salvo, em 1834.

Logo Almeida-Garrett recomeçou a occupar-se do assumpto e continuou a enriquecer seu peculio de versões até 1842.

No seu trabalho de colligir foi auxiliado por Mr. Pichon, consul francez no Porto e depois em Barcelona, que tinha começado a formar em 1832—33 uma collecção de xacaras portuguezas, pelo Dr. Emygdio Costa, que lhe mandou as versões das duas Beiras, pelo antigo bibliothecario Heliodoro da Cunha Rivara, em Evora, com relação ao Alemtejo, por M. Rodrigues d'Abreu, bibliothecario em Braga com relação ao Minho e pelo Dr. Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór-o-novo, com relação á Extremadura. Egualmente Alexandre Herculano e o visconde Antonio Feliciano de Castilho offereceram-lhe seu valioso prestimo. Segundo o plano primitivo, a collecção devia conter cinco livros, a saber:

Livro I. Romances da renascença, imitacões, reconstrucções e estudos sobre o antigo;

Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia á historia, ou não a teem conhecida;

Livro III. Lendas e prophecias;

Livro IV. Romances historicos compostos sobre factos ou mythos da historia portugueza e de outras;

Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.[1]

Chegou, porém, no seu Romanceiro,[2] sómente a

---

1 Romanceiro, T. II. p. XLVIII. Edição de 1863.

2 O Romanceiro de Almeida-Garrett forma tres volumes, dos quaes o primeiro sahiu á luz em 1842, existindo todos em varias edições e reimpressões.

publicar as duas primeiras partes que conteem, além de suas imitações, trinta e dois romances anonymos e cinco com fórma litteraria de auctores conhecidos. Depois da morte do poeta, em 1854, nada mais se encontrou nos seus papeis com respeito á projectada continuação do Romanceiro.

Almeida-Garrett precedeu cada romance d'um pequeno artigo critico em que o primor do estylo está a par com o fino gosto artistico e um raro talento de adivinhar a verdade, notando-se, porém, a falta d'uma idea clara do desenvolvimento da litteratura patria, defeito muito desculpavel para aquella epocha. Quanto aos textos que apresenta, Almeida-Garrett teve o costume de combinar as diversas versões e variantes provincianas adoptando de cada uma d'ellas o que mais lhe aprazia e accrescentando bastantes vezes versos e situações por sua propria conta.

Assim seus romances, sob o poncto de vista artistico, são excellentes, mas não se aproveitam sem perigo para o estudo da poesia popular.

A classificação adoptada por Almeida-Garrett é impossivel; nas definições dos generos de romances nota-se grande incerteza.

O successo que teve Almeida-Garrett com suas imitações modernas, o interesse que o grande poeta soube dispertar por este genero de poesias, determinou muitos outros poetas a tentativas similhantes, e o compor poesias no gosto popular tornou-se quasi moda.

João Freire de Serpa, hoje visconde de Gouvêa, publicou um volume de Solaos, o visconde Antonio Feliciano de Castilho compoz a Xacara de Nazareth e o Acalentar da Neta, Alexandre Herculano a Xacara de Affonso e Isolina, distribuida em quadras de octosyllabos, e Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento of-

fereceu, em dois volumes, o Romanceiro portuguez ou collecção de romances da historia portugueza.

«Seguiram-se os dramas ultra-romanticos de Mendes Leal, que começavam com a melopêa de romances forjados; todos os jornaes litterarios regorgitavam com romances de juras e emprazamentos, de espectros que se revolviam nas campas, assignados por Latino Coelho, Antonio de Serpa, João de Lemos, Passos, e outros tantos, uns já mortos, outros cavillando n'esta noite de Walpurgis da politica portugueza.» [1]

A maior parte d'estas numerosas composições são unicamente imitações de fórmas sem verdade interior; os romances historicos de Moraes Sarmento, apesar de serem lidos com avidez nos solares aristocraticos, não passam de prosa versificada.

O systema empregado por Almeida-Garrett no seu Romanceiro, por muito tempo a unica fonte dos romances portuguezes no estrangeiro, enganou sabios distinctos como Du Puymaigre e Amador de Los Rios sobre o verdadeiro valor da poesia dos romances portuguezes. Pelo estudo das versões aperfeiçoadas de Almeida-Garrett chegaram elles á conclusão de que os romances portuguezes são mais bem metrificados e dramatisados do que os do Romanceiro hespanhol e julgavam-os por isso productos de uma segunda elaboração mais moderna.

Foi o Dr. Theophilo Braga, hoje professor de Litteraturas modernas e especialmente de Litteratura Portugueza no Curso Superior de Lettras em Lisboa, quem emprehendeu a ardua tarefa de colligir de novo os romances portuguezes da tradição oral e de publicar as differentes versões e variantes sem alteração nenhuma. Cursando a Universidade de Coimbra, o Dr. Theo-

---

1 THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, p. 356.

philo Braga teve a idea eminentamente practica de servir-se da amisade que o ligava a muitos estudantes vindos da provincia, para obter, por meio d'elles, as versões e variantes provincianas.

Os resultados d'estas investigações foram publicados no Cancioneiro Popular,[1] no Romanceiro Geral[2] e na Historia da Poesia Popular.[3]

O Romanceiro Geral contem 61 romances divididos da maneira seguinte:

I. Romances communs aos povos do Meio Dia da Europa.
II. Romances de supposta origem portugueza.
III. Romances que se encontram nas Collecções hespanholas.
IV. Romances mouriscos e Contos de Cativos.
V. Lendas piedosas.
VI. Xacaras e Coplas de burlas.

Um appendice de Notas contem valiosos apontamentos sobre a origem dos diversos romances e a comparação critica da tradição portugueza com a dos outros povos europeos.

Apenas sahíra á luz o Romanceiro Geral, o auctor recebeu do Dr. João Teixeira Soares, da Ilha de S. Jorge (Açores), uma preciosa collecção de romances e cantigas, recolhidos da tradição insulana e originariamente destinados a enriquecer o Romanceiro de Almeida-Garrett, cuja publicação foi interrompida pela morte do poeta.

---

[1] Cancioneiro Popular, colligido da Tradição. Coimbra 1867, Imprensa da Universidade.

[2] Romanceiro Geral, colligido da Tradição. Coimbra 1867, Imprensa da Universidade.

[3] Historia da Poesia popular portugueza. Porto 1867, Typographia Lusitana.

O patriotico collector insulano, determinado pela publicação do Romanceiro Geral, poz seu thesouro desinteressadamente á disposição do Dr. Theophilo Braga acompanhando a remessa com as seguintes linhas: «Sobre a publicação do Romanceiro açoriano, permittame que exponha, que elle é para v. além d'outros motivos, um titulo de gloria, porque é legitimo filho do seu Romanceiro Geral; sem este elle nunca veria a luz publica, nem cresceria tanto em forças; e não será tambem para a nação uma gloria a conservação das suas tradições poeticas por uma colonia, filha legitima, quando essas tradições se acham em boa parte obliteradas e menos bem conservadas na mãi patria?»[1]

Em 1869 foi publicado a preciosa collecção dos Cantos Populares do Archipelago Açoriano,[2] que adiantou por muito o conhecimento da poesia de romances em Portugal. A parte que contem os textos dos romances, é intitulado Romanceiro de Aravias e divide-se em seis partes:

I. Enselada de Romances Novellescos.
II. Primavera de Romances Maritimos.
III. Rosa de Romances Mouriscos.
IV. Silva de Romances Historicos.
V. Coro de Romances Sacros.
VI. Enseladilha de Romances entretenidos.

Para completar sua collecção dos romances, o Dr. Theophilo Braga publicou outro volume que continha os romances de fórma culta, em que os eruditos dos seculos XVI e XVII imitaram as creações do genio

---

[1] THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, pag. 366.
[2] Cantos Populares do Archipelago Açoriano publicados e annotados por THEOPHILO BRAGA. Porto 1869, Typographia da Livraria Nacional.

popular.[1] Este trabalho provou a asserção de que o romance soffreu em Portugal as mesmas modificações que em Hespanha, na reacção contra a Eschola italiana.[2] A Floresta de Varios Romances traz, na primeira secção, os romances e canções com fórma litteraria, até ao seculo XVII, e entre elles muitos que versam sobre factos importantes da historia portugueza, em quanto, na segunda parte, estão colligidos os romances hespanhoes que se referem á historia portugueza, dando-se o facto notavel de que elles são muito mais numerosos que os romances historicos escriptos em portuguez.

Em 1870, S. P. M. Estacio da Veiga, môço fidalgo com exercicio na R. C. de S. M. F. publicou o Romanceiro do Algarve,[3] collecção de 26 romances e 9 lendas christãs, que em parte já andavam impressos, por cura do collector, nos jornaes o Futuro e a Nação em 1858, 1859 e 1860.

O Romanceiro do Algarve é precedido d'uma introducção litterario-historica, que, além de conter digressões desnecessarias, como a lista dos poetas algarvios, incluindo-se n'esta resenha todos os parentes do collector que tiveram o grande merito de compor um soneto ou ode genethliaca, não está á altura da sciencia, notando-se n'ella desconhecimento de importantes factos litterarios e ethnographicos e ausencia de juizo critico: falta que não se compensa sufficientamente pelo enthusiasmo patriotico do auctor para as antiguidades e o passado litterario de sua bella provincia.

No systema de colligir os textos, Estacio da Veiga

---

[1] Floresta de varios Romances, colligidos por THEOPHILO BRAGA. Porto 1869, Typographia da Livraria Nacional.

[2] THEOPHILO BRAGA, Epopêas da Raça Mosárabe, pag. 369.

[3] Romanceiro do Algarve. Lisboa 1870, Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.

segue o modelo de Almeida-Garrett. Não dá as versões e variantes na fórma em que as obteve da tradição oral, mas confunde-as e solda-as ao seu arbitrio a uma composição hermaphrodita em que não se sabe exactamente onde acaba a lição genuina e principia o refacimento moderno da mão do collector.

Assim, no Romanceiro do Algarve, o leitor tropeça com numerosos aperfeiçoamentos e retoques visiveis. O romance de Dom Julião senão é inteiramente apocrypho, torna-se pelo menos muito suspeito mórmente por causa da apostrophe:

Triste Hispanha, flor do mundo,
Tão nobre, e tão desgraçada!

sentimentalismo que estranha na bôcca de um povo que tantas vezes luctára com seus visinhos e que, em seus adagios, não revela muita sympathia pelos castelhanos.

Apesar d'estes defeitos, o Romanceiro do Algarve não deixa de ter bastante merecimento litterario, porque contem pela primeira vez muitos romances lindissimos que andam na tradição do Algarve, auxiliando assim poderosamente o estudo do thesouro de romances algarvio, quando se proceder com a cautela necessaria. Sería, porém, muito para desejar, que mão mais auctorisada procedesse a uma nova collecção dos romances algarvios.

Na presente edição propuz-me reunir quanto andasse colligido nos differentes romanceiros portuguezes, publicados no reino, cuja edição está, em parte, esgotada, incluindo alguma coisa inedita que pude obter da tradição oral.

D'este modo, quiz remover os obstaculos e difficuldades com que tropeçam até hoje os estranhos que se

interessam pelo estudo da poesia dos romances em Portugal, offerecendo-lhes um livro em que encontram toda a materia juncta e disposta de maneira que permitta assistir ao desenvolvimento do romance desde as origens até a mallograda tentativa dos romanticos de fazer reviver, na fórma litteraria, este ramo importante da poesia popular.

A comparação das versões provincianas dá azo a fazer muitas observações interessantes e ferteis em resultados litterarios, historicos e até ethnographicos. Abstrahindo nas differentes lições e variantes do que é meramente casual e colorido local, o leitor, por um processo critico muito simples, elimina a substancia do romance tal qual sahiu da fonte genuina do genio popular antes de ser alterada, amplificada ou amalgamada com fragmentos de outros romances pela mão do versificador aldeão.

Nas notas, com que acompanhei os textos, limitei-me a apontar o que me pareceu indispensavel para determinar a origem e a epocha do respectivo romance. Julguei desnecessario o demostrar as bellezas de cada peça, porque o leitor illustrado saberá sentil-as melhor do que eu, nem confrontei os romances portuguezes com os hespanhoes ou as cantigas e contos populares das outras nações, baseados sobre a mesma tradição. Por mais interessante que fôsse um tal estudo comparativo, ao qual procedeu Theophilo Braga com sua reconhecida erudição, renunciei a fazel-o, porque, n'esse caso, tornava-se preciso alargar por muito o quadro d'este livro.

No glossario o leitor incontrará os idiotismos, as formas archaicas, locuções e vocabulos cuja explicação ou falta ou é insufficiente nos diccionarios da lingua portugueza, e nomes proprios menos conhecidos.

Intenciono publicar, em breve, uma Historia da poesia dos romances em Portugal, a qual espero ministrará aos numerosos amigos d'este genero de creações poeticas bastantes recursos para penetrarem na comprehensão intima d'estas composições da alma popular, tão dignas de attenção e de estudo minucioso.

PORTO, 18 de julho de 1876.

V. E. HARDUNG.

INDICE.

C. ROMANCES DE AVENTURAS.

D. ROMANCES CAVALHERESCOS E NOVELLESCOS.

APPENDICE.

A.

ROMANCES HISTORICOS.

I.

DOM JULIÃO.[1]

Versão do Algarve.

Dom Rodrigo, Dom Rodrigo,
Rei sem alma e sem palavra,
Com a vida pagas hoje
A traição de Dona Cava![2]

Dom Juliano lá em Ceita,[3]
Lá em Ceita a bem fadada,
A jurar está vingança
Pelas suas mesmas barbas.
Não estivera elle enfermo,
Já com armas se voltára,
Que onde Juliano chega,
Ninguem chega nem chegára;
Cavalleiro de armadura
Não se lhe mostre com armas,
Que fadado foi Juliano
Para só vencer batalhas!

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 5. O romance de Dom Julião, tambem chamado do Conde de Ceuta ou do Conde Juliano, é puramente algarvio. Contem a recordação popular da grande invasão dos Arabes, auxiliada por D. Julião, conde de Ceuta, que, por vingar sua filha, Dona Cava, violada pelo rei visigodo, entregou as chaves da Peninsula aos infieis.

[2] A traição de Dona Clara. — ALGARVE.
O povo adoptou Clara por Cava.

[3] Juliano está em Ceita. — ALGARVE.
Ceita = Ceuta (Septum).

Sete noites pensa o conde,
Todas las sete pensára
Como poderá vingar-se
De quem tanto o magoára;
Quer escrever, mas não póde,
Por seus servos rebradára,
Ao mais velho escrever manda
E o conde a carta notava;
Mal acaba de escrever-se,
Ao rei moiro a enviava.
Na carta lhe dava o conde
Todo o reino de Granada,
Se logo ao campo mandasse
Sua gente bem armada
Para vingar sua filha,
Que el-rei godo deshonrára.
Mal recebe el-rei a carta,
Sua gente aparelhava
Para vingar Juliano,
Para conquistar Granada.

Triste Hispanha, flor do mundo,
Tão nobre, e tão desgraçada!
Por vingança de um trédor
Serás dentro em pouco escrava!
Tuas cidades e villas
Todas te serão ganhadas!
Andalusia não hade
Dar-te mais vida, mais alma!

Terras bemditas são logo
De perros moiros cercadas;
O triste de Dom Rodrigo
Ao campo vai dar batalha,
Mas lo trédor de Dom Oppas [1]
Tudo alli lhe atraiçoára.

---

[1] D. Oppas, arcebispo de Sevilha, tomou parte na traição do conde de Ceuta.

Grande senhor de Moirama [1]
Commandava grande armada;
Pondo o pé em terra firme
Toda a terra conquistava;
O sangue já era tanto
Que todo o campo ensanguava.

Assim perde Dom Rodrigo
A sua grande batalha,
Tambem perde Andalusia,
E tambem perde Granada;
Guadalete outra não vira [2]
Tão fera e tão pelejada!

Toda Hispanha se converte
Em poderosa Moirama.
Dom Juliano e Dom Oppas
Dona Cava assim vingavam!

II.

ROMANCE DO PASSO DE RONCESVAL. [3]

Versão de Trás-os-Montes.

— «Quêdos, quêdos, cavalleiros,
Que el-rei os manda contar!» —

Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar;

---

[1] Tarik.

[2] Guadalete ou Chrissus é o nome do pequeno rio sobre cujas margens pereceu o imperio visigodo.

[3] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 245. Th. Braga, Rom. p. 89. O excellente romance do Passo de Roncesval ou de Dom Beltrão, como lhe chama A. Garrett, um dos poucos romances portuguezes que pertencem ao cyclo carolino, é em Portugal arraiano, anda pelos extremos da Beira e de Trás-os-Montes.

Era esse Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos do mal passar;
Deitam sortes á ventura
A qual o ha de ir buscar; [1]
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar:
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem no ha de ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho de seu pai.
Volta rédeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lh' a sorte não cahíra,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se vae andando, [2]
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo val,
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal.

— «Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fóra,
Ninguem não n'o viu passar.» —

Vae andando, vae andando
Sem nunca desanimar,

[1] A qual o havia buscar. — ALMEIDA-GARRETT.
[2] Triste e só se foi andando. — ALMEIDA-GARRETT.

Chega áquella mortandade
Dónde fôra Roncesval:
Os braços já tem cansados
De tanto morto virar.
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atrás o velho triste,
Volta por um areal,
Viu estar um perro mouro
Em um adarve a velar:

— «Por Deos te peço, bom mouro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas,
Se o viste por 'qui passar,
Hontem á noite sería,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está cativo
A oiro o hei de pesar.» —

— «Esse cavalleiro, amigo,
Diz'-me tu que signaes traz?» —

— «Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal,
Na ponta da sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh' o bordou sua dama
Bordado a ponto real.» —

— «Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n' esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito,
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.» —

— «Não tórno a culpa a meu filho
Nem aos mouros de o matar:
Tórno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.» —

Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôz a fallar:

— «Não me tornes essa culpa,
Que m'a não podes tornar;
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e rédea,
Co'a sanha de pelejar,
Tres vezes me apertou silhas,
Me alargou o peitoral...
Á terceira fui á terra
D'esta ferida mortal.» —

III.

FRAGMENTO DE UM ROMANCE DO CID. [1]

Versão de Gil Vicente.

Ai Valença, guai Valença,
De fogo sejas queimada,
Primeiro foste de Mouros
Que de Christianos tomada.
Alfaleme na cabeça,
En la mano uma azagaya,

---

[1] Gil Vicente, Auto da Luzitania (Obras T. III. p. 270). Th. Braga, Rom. p. 93. Este fragmento é o unico que apparece em Portugal do grande cyclo de romances hespanhoes que se referem ao Cid Campeador. Ochoa no Tesoro de los Romanceros p. 185 traz este fragmento por extenso e julga-o um dos mais antigos e mais populares. Em 1094 o Cid pôz cerco a Valencia para vingar o assassinato do emir Jahia Alkadir.

Guai Valença, guai Valença,
Como estás bem assentada,
Antes que sejam tres dias
De Moiros serás cercada.

IV.

ROMANCES DA MÁ-NOVA.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Açores).

Casada de outo dias
Á janella foi chegar;
Viu vir um cavalleiro
Tão de contente a mirar:

— «Que novas traz, cavalleiro,
Que novas traz p'ra me dar?» —

— «Novas vos trago, senhora,
Má nova é de contar...
Vosso marido é morto,
Caíu no areal;
Rebentou o fel no corpo
Em duvida de escapar;
Se o quereis inda vêr vivo,
Tratae já de caminhar.» —

Cobriu o seu manto preto
Começou de caminhar;
Ao pranto que ella fazia
O chão fazia abrandar,

---

[1] Th. Braga, Cantos populares do Archipelago Açoriano p. 328—329. O romance popular não póde deixar de tractar o desastre acontecido ao Principe D. Affonso, em 1491, junto a Santarem, onde morreu d'uma quedá fatal, deixando viuva a Infanta D. Isabel com que se desposára havia apenas oito mezes.

Tres Infantes atrás d'ella
Sem a poder alcançar.
Chegando á freguezia
Começou de perguntar;
Chegando aonde elle estava
Começou de prantear.

— «Isto são ais da Infanta,
Quem tal nova lhe foi dar?
Calae-vos, minha mulher,
Não me dobres o meu mal;
D'aqui não vos ficam filhos
Que vos custem a criar;
Sondes menina e moça,[1]
Vos tornareis a casar.» —

Pegam na mão um ao outro
Ambos foram acabar.

— «Toquem-me harpas e violas[2]
E sinos á reveria,
Para entrar a senhora,
Senhora Dona Maria.» —

— «Já me não chamem senhora,
Senhora Dona Maria,
Chamem-me triste coitada,
Apartada de alegria,
Que lhe morreu o seu bem
Capitão de infanteria;
Elle não morreu em guerra,
Nem batalha que trazia,
Morreu no areial
De poços e agua fria.» —

---

1 Allusão á celebre novella de Bernardim Ribeiro: Menina e Moça, publicada pela primeira vez em Ferrara, no anno de 1554, data que nos auxilia a determinar a época do romance.

2 Os versos que seguem são visivelmente interpolados por mão jogralesca.

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

Casadinha de outo dias,
Sentadinha á janella,
Víra vir um cavalleiro
Com cartinhas a abanar:

— «Que trazeis vós cavalleiro?
Que trazeis p'ra me contar?» —

— «Senhora, trago-vos novas,
Muito caras para as dar.»

— «Quando vós de as dardes,
Que farei eu de acceitar?» —

— «Vosso marido caíu
No fundo do areial;
Rebentou-lhe o fel no corpo,
Está em risco de escapar!
Se o quereis achar vivo,
Tratae já de caminhar.» —

Cobríra-se com seu manto,
Tractára de caminhar;
As servas iam trás ella,
Cuidando de a não alcançar,
O pranto que ella fazia
Pedras fazia abrandar.
Respondeu-lhe o marido
Do logar aonde estava:

— «Calae-vos, minha mulher,
Não me dobreis o meu mal;
Tendes pae e tendes mãe,
Podem-vos tornar a levar.
Ficaes menina e moça,
Podeis tornar a casar.» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 330—331.

— «Esse conselho, marido,
Eu não o hei de tomar,
Hei de pegar n'umas contas,
Não farei fim a resar.» —

— «Abri lá esse portão
O portão da galhardia,
Para a senhora entrar,
Senhora Dona Maria.» —

— «Chamem-me triste viuva,
Apartada de alegria!
Que me morreu um cravo
A quem eu tanto queria.
Elle não morreu na guerra,
Nem em batalha vencida;
Morreu, morreu cá em terra
N'um poço de agua fria.» —

V.

ROMANCES DE DOM DUARDOS E FLÉRIDA. [1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge.

Era pelo mez d'Abril,
De Maio antes um dia,
Quando a bella Infanta
Já da frota se espedia:

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 331—332. Gil Vicente, no fim do auto de Dom Duardos traz o romance de Dom Duardos e Flérida em castelhano. Era tam bello e simples que foi adoptado pelo povo e incorporado aos Romanceiros hespanhoes como romance anonymo. A versão popular portugueza, encontrou-a o sr. João Teixeira Soares na Ilha de S. Jorge, na bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares, abastado lavrador do logar, a qual a tinha aprendido em sua mocidade. Gil Vicente, compondo o romance, tinha talvez em mira alludir á partida da infanta D. Brites para Saboya e reanimar saudades do passado na alma de D. João III, irmão da princesa, em cuja côrte e presença se representou o auto de Dom Duardos.

Fôra ao jardim de seu pae,
Ella chorava e dizia:

— «Ficade embora mil flores,
Meu jardim d'agoa fria,
Qu'eu te não tórno a vêr
Senão hoje, n'este dia.
Se meu pae te perguntar
Pelo bem que me queria,
Diz-lhe que o amor me leva,
Que me venceu uma porfia;
Não sei p'ra onde me leva
Nem que ventura é a minha.» -

Respondeu Dom Duardos
Que escutava o que dizia:

— «Calae-vos bella infanta,
Calae-vos pérola minha!
Em portos de Inglaterra
Mais claras agoas havia,
Mais jardins e arvoredos
Para vossa senhoria;
Tambem isto quero donzella
Para vossa companhia.» —

Chegados são as galleras
Que Dom Duardos trazia;
A mar lhe catava honra
E as ondas cortezia!
Ao dóce remar dos remos
A menina adormecia
No collo do seu amor,
Pois assim lhe convencia.

2.

Lição do Cavalheiro de Oliveira.[1]

Era pelo mez d'abril,
De maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no céo podia,
Quando a formosa infanta
Flérida já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia:

— «Com Deos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe que amor me leva,
Que eu por vontade não ía;
Mas tanto ateimou commigo,
Que me venceu co'a porfia.
Triste não sei onde vou,
E ninguem m'o dizia! ...» —

Alli falla Dom Duardos:

— «Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas

[1] Almeida-Garrett, Rom. T. III. p. 137—149. Th. Braga, Cont. do Archip. Açor. p. 333—334. A lição do cavalheiro de Oliveira foi achada n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo de Gil Vicente, circumstancia que leva a suppor que o poeta se serviu d'uma lição popular.

De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacintos,
E ouro fino da Turquia,
Com letreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déste n'esse dia,
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Matastes-me vós, senhora,
Que eu a elle não temia.» —

Suas lagrimas enchuga
Flérida, que isto ouvia.
Já se foram as galleras
Que Dom Duardos havia;
Cincoenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princeza adormecia
Nos braços de Dom Duardos
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varía:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valía.

VI.

DOM RODRIGO.[1]

Versão do Algarve.

Enfermo el-rei de Castella
Em cama de prata estava;
Des que seu mal o turgíra,
Sete doutos consultava,
Qual d'elles de mais sabença,
Quasi todos de Granada.
Uns e outros lhe diziam
Que o seu mal não era nada,
Mas o mais velho de todos
Outras fallas lhe fallava:

— «Confessai-vos, Dom Rodrigo,
Fazei bem por vossa alma;
Sete horas tendes de vida,
E uma já quasi passada.» —

— «Fazer quero testamento
N'esta hora atribulada;
Deixo a Dom Ramiro o burgo,
A Dom Gaifeiros a barra;
A Dona Aimansa, a formosa,
Minha riqueza contada.» —

A isto acode a princeza
Muito triste e magoada:

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 16—22. O collector dos romances algarvios obteve duas lições do romance de Dom Rodrigo, uma d'uma mendiga da cidade de Tavira e outra d'uma pobre mulher da Fuzeta. O romance é pouco sabido no Algarve nem consta que tenha apparecido em outras provincias. O assumpto é castelhano e parece-me que andam n'elle confundidos dois factos historicos: o testamento de Sancho III, rei de Navarra, e o celebre cerco de Zamora de 1072, onde foi assassinado D. Sancho II de Castella e em que tomou parte o Cid Campeador.

— «Que Deus vos salve, ó meu pae,
E a mim, filha abandonada,
Que assim daes a minha herança
A quem a vós não é nada!
Uma só filha que tendes,
Bem que a deixaes desherdada!
Ái, pobre de minha vida,
Pobre de mim, malfadada!
Para as portas de Sevilha
Irei demandar pousada;
Ganharei com triste pranto
Para ser alimentada!» —

— «Mulher que taes fallas resa,
Devéra ser degollada;
Eu só te deixo em Zamora
Uma torre por coutada;
E a quem lá fôr procurar-te
Seja a cabeça cortada. [1]
Não tenho mais que deixar
A uma filha deshonrada.» —

Ao romper do novo dia
Zamora estava cercada.

— «Que parta já Dom Ramiro,
Leve em punho a minha espada
Que parta já Dom Gaifeiros,
Commandando a minha armada,
E que em Zamora não fique
Uma torre alevantada.» —

— «Lesto, lesto, Dom Ramiro,
Com vossa real espada;
Lesto, lesto, Dom Gaifeiros
Com a vossa nobre armada;
Que não fique uma só torre,

---

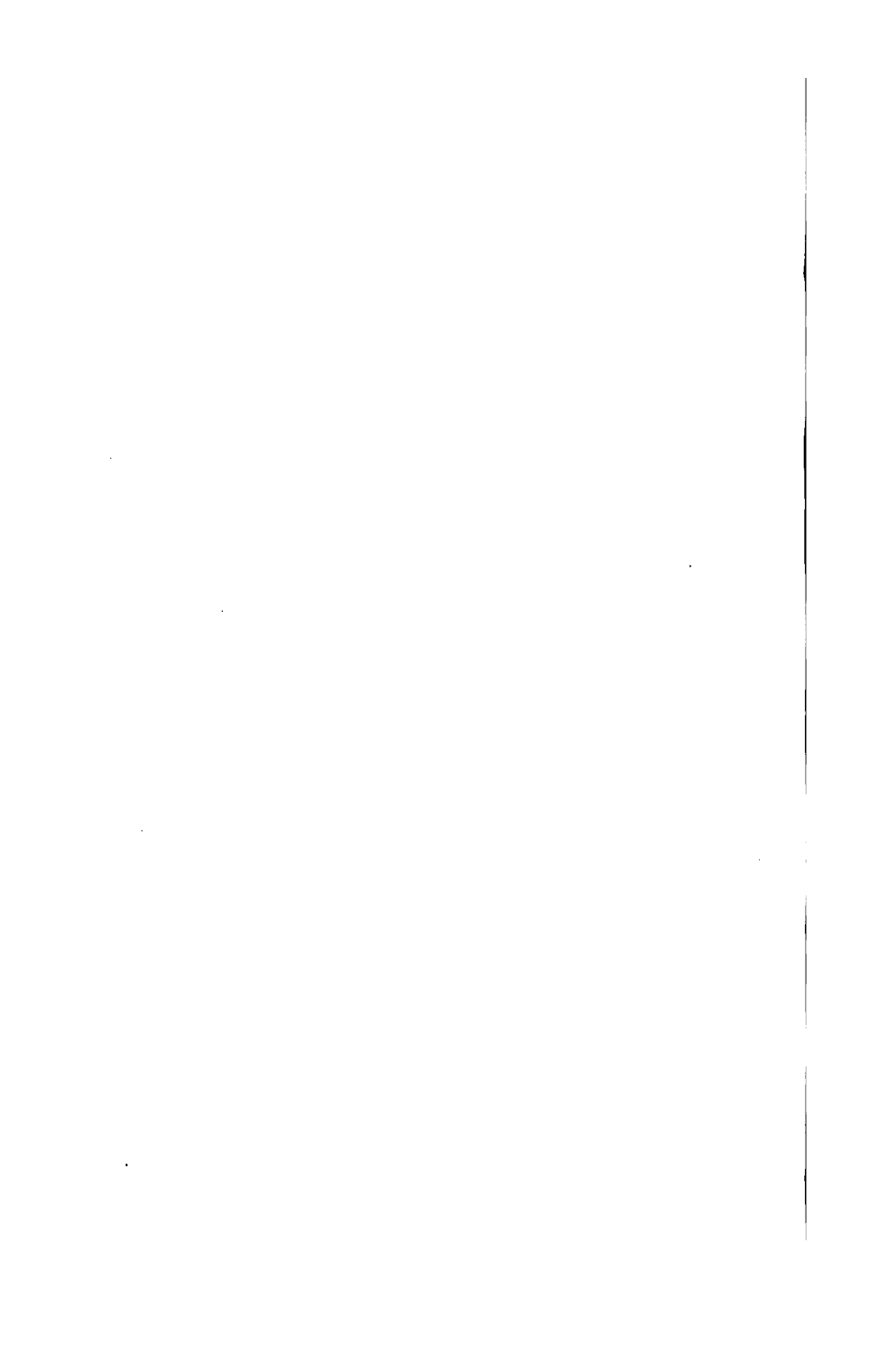
1 Que minha maldição haja — Variante.

Zamora fiqué arrazada!
Dom Ramiro, avante, avante
Com vosso cavallo e malha;
Minha mãe vos deu vestidos,
Meu pae dá-vos sua espada,
E eu vos dou esporas de ouro,
Pendão de seda encarnada
Que de um lado leva o sol,
De outro a lua prateada.
Vencei com esta bandeira
Por minha mão só lavrada;
De ha muito que eu vol-a déra,
Se essa mão não fôra dada...
Hojé é de Ximena Gomes,
Filha do conde Lousada.
Não m'importára que o fôra,
Se me não devesseis nada.» —

— «Pois como assim é senhora,
Vai ella ser degollada.» —

— «Não o queira Deus bemdito,
Nem a virgem consagrada,
Que união que o céu permitte,
Seja por mim apartada!
Adiante, ó Dom Ramiro,
Com vossa real espada,
Que já lá vai Dom Gaifeiros
Commandando nobre armada.
Eu só nasci n'este mundo
Para infanta desgraçada.» —

B.

ROMANCES MARITIMOS.

I.

ROMANCES DA NAU CATHERINETA.[1]

1.

Versão de Lisboa.

Ora da nau Cath'rineta
D'ella vos quero contar,
Sete annos e mais um dia
Andou nas aguas do mar.
Não tinham lá que comer,
Nem mais que para manjar,
Deitaram solas de môlho
Para o domingo jantar.
A sola era tão dura
Não a puderam tragar.
Deitam sortes á ventura
A vêr quem se ha de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— «Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Ou praias de Portugal.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 58—60. O romance da Nau Catherineta, nome que Th. Braga julga se referir ao celebre galeão Santa Catherina do Monte Synai que levou a infanta D. Beatriz para Saboya, anda em muitas versões e variantes por quasi todas as provincias do reino. Os horrores da antropophagia ameaçaram muitas vezes aquelles intrepidos marinheiros que navegavam para as Indias ou o Brazil.

— «Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.» —

— «Acima, acima, gageiro,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.» —

— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha
E praias de Portugal.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Oh quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas,
Comtigo a hei de casar.» —

— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.» —

— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.» —

— «Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.» —

— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»

— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de eu dar?» —

— «Eu quero a Nau Cath'rineta
Para n'ella navegar.» —

— «A Nau Cath'rineta, amigo,
É de el-rei de Portugal;
Mas ou eu não sou quem sou
Ou el-rei t'a ha de dar.

2.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Lá vem a nau Cathrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de môlho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de mattar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. III. p. 97—106. Th. Braga diz que a lenda da Nau Catherineta «não tem uma determinada origem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios», mas Almeida-Garrett é de opinião que se refere ao naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565. Na versão de Almeida-Garrett, que é uma das algarvias, o gageiro apparece na figura do diabo.

— «Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.» —

— «Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas,
Que estão para te matar.»

— «Acima, acima, gageiro,
Acima ao topo real,
Olha se inxergas Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais inxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas,
Está no meio a chorar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.» —

— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»

— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»

«Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual.» [1]

— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a insinar.» —

— «Dar-te-hei a nau Cathrineta
Para n'ella navegar.» —

— «Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.» —

— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?»

— «Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.» —

— «Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.» [2] —

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar;
Deu um estouro o demonio,
Accalmaram vento e mar,
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar. [3]

---

[1] Para n'elle campear. — Ribatejo.
[2] O corpo da agua do mar. — Ribatejo.
[3] A bom porto foi parar. — Ribatejo.

3.

Versão do Algarve. [1]

Nau Cathrineta, tão linda,
Que anda nas voltas do mar,
Manda el-rei que se aparelhe
Para de manhã largar.
O conde se aparelhára,
Nem mais tinha que esperar.
Ao sair da barra em fóra
Tudo era arrebicar.
Por um lenho cacilheiro
Amarras manda levar;
Para navegar em cheio
Manda as velas desfraldar.
Salva a torre de Bogio
Quando a nau ía a passar.

— «Adeus, marinheiros velhos
Adeus, que vamos largar!» —

Nau Cathrineta, tão linda
Já vai nas voltas do mar;
Tres annos e mais um dia
Era a nau a navegar;
Já de beber não havia,
Nem havia que manjar.
Deitaram sola de môlho,
Que a fome vinha a apertar;
Mas a sola era tão dura,
Que a não podiam tragar.
Dizem todos á porfia
Que um se havia de matar,
Mas as sortes só caiam
No capitão-general.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 45—52. Na versão do Algarve, o romance da Nau Cathrineta anda amalgamado com outro de Dom oam de Austria e contem alguns versos do romance da bella Infanta. Estacio da Veiga obteve onze licões, das quaes nem duas eram identicas.

— «Arriba, arriba, gageiro,
Áquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Não vejo terras de Hespanha
Nem praias de Portugal,
Só vejo uma grande armada
Que além cobre todo o mar;
Dentro d'ella vem um turco
Pelas barbas a jurar,
Que o conde, nosso almirante,
Ha de elle vir degollar.» —

O conde que tal ouvíra,
De rastos se foi prostrar
Abraçado a um santo lenho
E gritando a bom gritar:

— «Valei-me, senhor do céu,
Vinde-me aqui ajudar;
Não permittaes, vós senhor,
Que á moirama eu vá parar.» —

Palavras não eram ditas,
E as balas de par a par;
O sangue ja era tanto
Que ensanguava todo o mar;
Pelos imbernaes corria,
De continuo, sem cessar;
Umas naus já trebucavam
Outras íam a escapar.
Ganhára o conde a batalha,
Não mais havia a ganhar;
Tocam-se logo os apitos,
Tudo corre a manobrar.
Nau Cathrineta, tão linda,
Faz-se nas voltas do mar.

— «Arriba, arriba, gageiro,
Áquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo tres espadas nuas,
Que vos são a ameaçar.» —

— «Mira, mira, marujinho,
Sóbe esse tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Se alviçaras me trouveres,
Melhores t'as hei de eu dar.» —

— «Alviç'as, meu capitão,
Alviç'as meu general!
Alviç'as tenho ganhadas,
Se vós m'as quizerdes dar.
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma está fiando ouro,
Outra na téla a bordar,
E a mais pequena de todas
Com sua mãe a brincar.» —

— «Todas tres são minhas filhas,
Meu é esse laranjal;
As meninas que lá viste
Todas eu te quero dar:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a que mais formosa fôr
Para comtigo casar.» —

— «Eu não quero as vossas filhas,
Que não tenho onde as guardar;
Só quero a Nau Cathrineta,
Que anda nas voltas do mar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Não a dou, não posso dar;
Dar-te-hei tamanha terra
Que a não possas avistar.» —

— «Eu não quero a vossa terra
Que por mim não sei lavrar;
A Nau Cathrineta quero
Que anda nas voltas do mar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Não me venhas attentar,
Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas tu contar.» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Que me faz afugentar;
Só quero a Nau Cathrineta
Para no mar navegar.» —

— «Não dou a Nau Cathrineta,
Que é d'el-rei de Portugal;
Não tens mais que me pedir
Nem eu tenho mais que te dar.
Vai-te d'aqui, inimigo,
Ou te vou a esconjurar.» —

— «Não quero a Nau Cathrineta
Que ella ahi se vai talar.
Este mar será a terra
Que vos ha de sepultar,
Os peixes serão os homens
Que vos hão de acompanhar,

Os mastros serão as velas
Que vos hão de allumiar!» —

Muito não era passado
E a nau em terra a varar!
Não creiam, não, em feitiços
Lá mesmo em meio do mar!

4.

Versão da Ilha de S. Jorge (Rosaes). [1]

Lá vem a Nau Catherineta
Que tem muito que contar;
Ha sete annos e um dia
Sobre as aguas do mar!
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Botaram sola de môlho,
Para ao domingo jantar;
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar.
Botam sortes á ventura,
A qual haviam matar;
A sorte caiu em preto
Ao capitão general.

— «Assobe acima gageiro,
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 285—287 offerece cinco variantes do romance da Nau Catherineta, todas recolhidas na Ilha de S. Jorge, das quaes me limito a reproduzir uma, porque não divergem muito.

— «Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Vejo tres espadas nuas
P'r'a cabeça te cortar.» —

Pensando que era verdade
As sortes botou ao mar;
Tanta cutilada deram,
Sem nenhuma lhe acertar.

— «Assobe acima, chiquito,
Áquelle tópe real;
Senão poderes assobir
Pois Deos te hade ajudar.» —

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu ao mar;
Eram botes, e escaleres
Sem o poder agarrar.

— «Assobe, acima, gageiro,
Acima, á gávea real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.» —

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma está lavrando ouro,
Outra fio de crystal,
A mais mocinha de todas
Anda buscando um dedal.» —

— «Essas são as minhas filhas,
Todas tres t'eu quero dar,

Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.» —

— «Não quero as tuas filhas,
Deus vol-as deixe criar;
O que te quero pedir,
Se vós me quizeres dar,
É a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.» —

— «Essa Nau já não é minha,
É do Rei de Portugal,
Elle, assim que lá chegar,
Elle a mandará queimar.» —

II.

ROMANCE DE DONA MARIA. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Eu era a filha de um rei,
Chamada Dona Maria;
Amava a um capitão
Pelo bem que me elle queria.
Meu pae tanto que o soube
Dava-me muito má vida,
Dava-me o pão por onça,
E a agua por medida;

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 302—304. Braga é de opinião que no Romance de Dona Maria ha uma reminiscencia da poesia do tempo dos godos. Os povos do norte tinham uma lei que mandava embarcar os traidores n'um navio sem remos e sem leme abandonando-os assim á mercê dos ventos e das ondas.

Mandou botar um pregão
Por toda a cidade acima,
Calafates, carpinteiros
Se ajuntassem n'esse dia
Para fazer uma nau
Para ir Dona Maria.
Calafates eram muitos,
Deram-na feita n'um dia;
Metteram-lhe mantimentos
Para sete annos e um dia,
Deitaram-na n'esses mares
Sem velas, sem remaria;
Dona Maria foi n'ella,
Só sem a mais companhia.
Chegou lá á uma terra
Onde gente não havia,
Senão um ermitão santo
Que vida santa fazia.

— «Quem te trouxe aqui, mulher,
A fazer perder minha vida?» —

— «Vá d'aí, ermitão santo,
Mais a sua santa vida,
Que o vento que aqui me trouxe
Outra vez me levaria.
Carrega, vento, carrega,
Obedece marezia,
Levae-me á minha terra,
Que isso era o que eu queria.» —

Estando o rei á janella,
Á hora do meio dia,
Víra entrar uma nau
Sem vela nem remaria.

— «Dizei-me que nau é aquella,
Que entra sem licença minha?» —

— «É vossa filha, senhor,
Chamada Dona Maria.» —
— «Pois se ella é minha filha,
Quero-a ir visitar:

— «Dize-me tu, filha minha
Como passastel-o mar?» —

— «Os mares me cataram honra,
E os ventos cortezia,
E os anjos iam de noite,
Para minha companhia;
Iam com uma hora de sol,
E vinham com outra de dia,
E a virgem me chamava
Sua donzella Maria.» —

III.

ROMANCES DE DOM JOÃO DA ARMADA. [1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira do Nabo).

Sua Alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para de noite largar.
Dom João se aparelhou
N'uma fragata mui bella,

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 304—307. Dom João da Armada é Dom João d'Austria, o vencedor na batalha de Lepanto. Esta celebre victoria fez uma profunda impressão sobre todas as nações do Meio-Dia da Europa e tornou-se thema predilecto dos cantos populares.

Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vella.
Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companha se ajuntar
Que queria dar á vella.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

— «Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior idade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.» —

Á partida da galera
Houve taes gritos e choros!
Capitão e commandantes
Todos se encheram de dores.
Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram mestres, contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fóra
Ouviram tinos de prata:
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata!
Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não viam,
Chegou a armada uma á outra
Lá em pinos do meio dia.

— «Dize-me alferes da bitante
Que na recta-guarda vinha,
Dize-me alferes habitante
Galeras que traz Turquia?» —

— «Se me perdôas a morte
Dom João, eu t'o diria;
Nove centas e oitenta
Galeras que traz Turquia.» —

Pegára em Jesus nas mãos,
De pôpa á prôa dizia:

— «Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós, Senhor, não permittaes
Que eu vá parar á Turquia,
Nem permittaes que alperros
Se encham de valentia;
Nem os fracos portuguezes
Se encham de cobardia.» —

Chegou a armada uma á outra
Lá em pinos do meio dia!
As ballas que lhe atiravam
Tornavam-se mosquetaria;
As que Dom João lhe atirava
Eram de grande valia.
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobriam.
Oh Jesus! oh tanto sangue!
Nem um pingo d'agua havia!
Mandou o gageiro acima
Para vêr que descobria.
O gageiro lá de cima
Que em altas vozes dizia:

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia.
Leva a bandeira de rasto,

A pôpa a traz rendida, [1]
E rendida traz a pôpa
Só para desprezar Turquia.» —

Ainda a Nau não apontava
Lá na barra de Lisboa,
Já diziam: vem a armada
Com o sceptro mais a corôa.

— «Dize-me alferes da bitante
Que na recta-guarda vinhas,
Quem venceu esta batalha
Que era de tanta valia?» —

— «Foi Dom João rei da armada,
Que é o rei da valentia.» —

— «Capitão e commandantes
Vamo-nos para a Turquia,
Vamos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias). [2]

Dom João se preparou
N'uma fragata mui bella!
Atirou peça de leva
Que queria gente n'ella.

— «Oh homens do mar mais velhos,
Não vos queiraes embarcar;
Deixae ir a mancebia
P'r'o meio do mar brigar!» —

---

1 Th. Braga tem:
Á pôpa atraz rendida.

2 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 307—310.

Oh que choro vae no porto,
Apartamento no caes;
Choram os paes pelos filhos,
Não os tornam a ver mais.
Oh que choro vae no porto
Ao partir dos mareantes;
Choram as mães pelos filhos,
As secias pelos amantes.
Oh que choro vae no porto,
Ao embarcar dos soldados;
Choram os paes pelos filhos
As secias p'los namorados.
Ao ir das lanchas a bordo
Ouviu-se grandes terrores:
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus amores,
A içar panos acima
Com seus apitos de prata!
Oh que ricos mandadores
Traz esta real fragata!
Já estavam em mar largo
Onde terras não havia:

— «Acima, acima, gageiro
Vai vêr o que descobria!» —

— «Gageiros da nossa Nau
Alimpem a artilheria,
Que aqui para a nossa Nau
Vem uma combataria.» —

Aonde vinha um belchor
Que na recta-guarda vinha:

— «Dize-me tu, oh belchor,
Que navios traz Turquia?» —

— «Se Dom João me perdôa,
Eu tudo lhe contaria!

Novecentas e oitenta
Galeras traz a Turquia.
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.» —

Pegára em Jesus nos braços
Da ré p'r'a prôa dizia:

— «Vós sois neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós não permittaes, Senhor,
Que morra tal christandia!
Morram esses mouros perros
Bem cheïos de phantazia.» —

O que elles de lá botavam
Tornou-se em mosquetaria;
O que elle de cá botava,
Lindo emprego fazia.
Pelas duas horas da tarde,
Passado do meio dia:

— «Acima, acima, gageiro,
A vêr o que descobria!» —

O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

— «Tanto sangue derramado,
Já nenhuma agua havia!
Cabeças por esses ares
Sol e lua encobriam.
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Leva seus mastros quebrados,
Suas vellas vão rendidas,
Leva bandeira de rastos
Só p'ra desprezar Turquia.

Leva novas, leva novas,
Micheriqueira afamada,
Leva novas a el-rei Turco
Que sua armada é tomada.» —

— «Eu não se me dá dos navios,
Eu outros de pau fazia;
Dá-se-me da gente d'elles
Que era a flor da bizarria.» —

Dom João mal apontava
Contra a barra de Lisboa:
— «Já lá vem Dom João da Armada,
Traz o sceptro mais a corôa.» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge (Vellas). [1]

Sua Alteza, a quem Deos guarde
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.
O Conde se aparelhou
De uma maneira tão bella!
Pela meia noite em ponto
Atirou peça de leva.
As lagrimas eram tantas
Em riba d'aquelle caes;
Choram as mães pelos filhos
Que vão para nunca mais.
Chegando á dita Nau
Ouviram grandes terrores:

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 310—313.

Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus valores.
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata,
Tocando novos apitos
Encastoados em prata!
Oh que rico commandante
Leva este real thesouro,
Tocando novos apitos
Encastoados em ouro!

Caminhára Dom João
Na sua viagem seguida;
Era meio dia em ponto,
Mandou gageiro acima.
O gageiro subiu logo
Para vêr que descobria,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

— «Safa, safa Dom João,
Safa a tua artilheria,
Que aqui vem tamanha armada
Que o sol e a lua encobria.» —

Dentro da mesma armada
Um arrenegado vinha;
Empenhando as suas barbas,
Dom João que lh'o pagaria!
Dom João que tal ouvíra
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

— «Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!

Não permittaes que os mouros
Se encham de phantazia;
Não queiras que os vossos filhos
Se encham de cobardia!» —

Chegou a armada uma á outra
Em pino do meio dia;
A fumaria era tanta,
Nem nns, nem outros se viam.
Bala que Dom João botava,
Era de ferro, rendia;
Bala que elles deitavam
Tornava-se em mosquetaria.
A sangreira era tanta
Que p'los embornaes corria.
Era tanta a gente morta,
Os navios empeçariam.
De setecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Com os seus mastros quebrados,
Os seus garupés rendidos;
Com a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.
Chegando á sua terra
Ancoram em francaria;
O seu rei que o ouvíra
Pergunta que succedia.

— «Foi o Dom João da Armada
Que a todos meteu a pique.» —

O rei lhe respondeu:

— «Não se me dá dos navios:
Eu outros melhores faria;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flor da Turquia.» —

— «Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?» —

— «Foi o Dom João da Armada,
Que era o rei da valentia.» —

4.

Versão do Algarve. [1]

Sua Alteza, que Deus guarde,
Aviso ao mar mandaria;
Que se aparelhasse a armada
Para largar no outro dia.
A armada se aparelhára
Com extrema galhardia.
Meia noite que era em ponto,
Dom Joaquim já não dormia.
Mas o sol vinha raiando,
Tudo já manobraria;
Tirára peças de leva
Em signal de que saía.
Saindo de barra em fóra,
Quando já terra não via,
Forte armada avista ao longe,
Que em todo o mar se estendia.
Uma á outra se chegára,
Pelo pino do meio dia,
A batalhar se pozeram
Cada qual com mais porfia;
A salva que o perro dava,
Tudo era mosqueteria;
Muito tempo já durava,
Nem um nem outro vencia;
Dom Joaquim quasi perdido
Sem saber o que faria,
A um Santo Christo abraçado,
De pôpa á prôa dizia:

---

1 Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 53—57.

— «Deus do céu, que me estaes vendo,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes, Deus bemdito,
Que vamos dar á Turquia!» —

Palavras não eram ditas,
Sua voz o céu ouvia,
Pois passado pouco tempo
O rei moiro se perdia.
As galés que elle trouvéra
Todas lo mar engolia;
De quatrocentas e oitenta
Uma só lhe escaparia,
Essa co'o leme quebrado,
E a pôpa em grande avaria,
Com a bandeira de rastos
Em desprezo da Turquia.

— «Que nobre armada era aquella,
Que tão briosa vencia?» —

— «Commandava-a Dom Joaquim,
Mais valente não havia.» —

Já voltava ás suas praias
Com soberba galhardia.
O perro moiro vencido
Com muita magoa dizia:

— «Não se me dá das galeras,
Nem do que n'ellas havia;
Dá-se-me da minha gente,
Que era flor de Turquia,
E mais de uma filha moça,
Que era a estrella do meu dĩa!»

C.

ROMANCES DE AVENTURAS.

I.

ROMANCE DO CAÇADOR. [1]

Versão de Almeida-Garrett.

O caçador foi á caça,
A caça como sohia; [2]
Os cães já leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite [3]
Por uma mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada
Uma donzella tam linda!
Dos cabellos da cabeça
A mesma árvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 17—30. O romance do Caçador, chamado nas collecções hespanholas da Infantina, é, segundo a opinião de Almeida-Garrett, de origem portugueza, porque os hespanhoes não se lançaram no maravilhoso das fadas e incantamentos da eschola celtica de França e Inglaterra.

[2] Á caça de montaria. — Alemtejo.
Á caça de altanaria. — Tras-os-Montes.

[3] Fez-se noite no caminho. — Beiralta.

Alli fallou a donzella,
Já vereis o que dizia:

— «Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tammanha frima;
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemdita rainha.
Sete fadas me fadaram,
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia;
Hoje se acabam n'os annos,
Ámanhã se conta o dia.
Leva-me, por Deos t'o peço,
Leva em tua companhia.» —

— «Espera-me aqui, donzella,
Té ámanhã, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia.» —

Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia:

— «Oh, mal haja o cavalleiro
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto [1]
Sem lhe fazer companhia!» —

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Já voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,

---

[1] Deixa a menina no monte. — BEIRABAIXA.
Souto parece mais minhoto, mais assim vem n'uma cópia da Extremadura.

A enzinha não descubria.
Vai correndo e vai chamando,
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia.
Levavam n'a linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada mettia:

— «Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.» —

II.

ROMANCES DA INFEITIÇADA.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Vai correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:

---

1 ALMEIDA-GARRETT, Rom. II. p. Tudo leva a suppor este romance de origem franceza. Existe tambem na Hespanha (DURAN, Rom. Gen. IV. 1); mas o texto portuguez é superior á versão hespanhola.)

— «Que fazeis aqui, donzella,
Que fazeis, ó donzellinha?» —

— «Vou-me á córte de París [1]
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Puz-me a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,
Se te praz, ó cavalleiro, [2]
Leva-me em tua companhia.» —

Respondeu-lhe o cavalleiro:

— «Pois que me praz, vida minha.» —

Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito inchuta [3]
Lhe disse com ousadia:

— «Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal villania;
Que, antes que me baptisassem
Me deram feitiçaria:
Sete bruxas me imbruxaram
Antes que eu fosse á pia;
O homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.»

---

1 Vou-me á côrte de França. — Extremadura.

2 — «Quereis vós, ó cavalleiro,
Que eu va em vossa companhia?» —
Respondeu-lhe o cavalleiro:
— «Pois não quero, minha vida:» — Ribatejo.

3 A donzella mui sisuda,
Sem ter medo, lhe dizia. — Beiralta.

Não responde o cavalleiro, [1]
Todo na sella tremia.
Lá para o fim do caminho [2]
A donzella que surria.

— «De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua fittaria,
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das môças
E bruxas velhas temia.» —

— «Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebemos
Deixo uma espora perdida.» —

— «Cavalleiro, adeante, adeante,
Que eu atraz não tornaria.
Se a sua espora é de prata,
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que ás portas de meu pae [3]
Se mede oiro cada dia.» —

— «Dizei-me vós, ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha?» —

— «Sou filha d'el-rei de França
E da rainha Constantina.» —

---

[1] O cavalleiro com medo
Tremendo lhe respondia. — ALEMTEJO.
[2] Passado largo caminho. — BEIRALTA.
[3] Que ás portas de meu palacio. — EXTREMADURA.

— «Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!
Cuidei de levar amante
Levo uma irman minha.» [1] —

2.

Versão da Covilhã. [2]

Dom João foi para caça,
Foi á caça á porfia,
Anoiteceu-lhe n'um bosque,
Era o que elle mais temia;
Seus cavallos por ferrar,
Era o que elle mais sentia!
Lá pela noite adiante
Um lindo cantar ouvia,
Deitou os olhos ao largo
Viu lá estar uma donzilla,
Penteando o seu cabello
Em um tanque de agua fria.

— «Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de madre minha,
Fadaram-me por sete annos,
Por sete annos e um dia.
Hoje se acabam os annos,
Á manhã por noute o dia;
Bem podera o cavalleiro
Levar-me na companhia.» —

---

[1] Depois d'estes versos a lição do Minho accrescenta, em fórma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalleiro:

Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!

[2] TH. BRAGA, Rom. p. 26—28. N'esta versão como em todas as seguintes ha uma combinação do romance do Caçador com o da Infeitiçada.

— «Desde já, minha senhora,
Eu tudo isso lhe faria;
Dizei-me, oh minha senhora,
Se ides de anca ou de silha?» —

— «Eu vou de anca, oh cavalleiro,
Que isso é da honra minha.» —

La pelo caminho adiante
Ella se pôz a sorrir.

— «De que rides vós, senhora?
De que rides vós, donzilla?» —

— «Eu rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia,
Achar donzilla no campo
E guardar-lhe cortezia.» —

— «Tornemos atraz, senhora,
Tornemos atraz, donzilla,
Que deixei a minha espora
No tanque de agua fria.» —

— «Adiante, oh cavalleiro,
Eu atraz não tornaria,
Se a espora era de prata
Meu pai de ouro lh'a daria.» —

— «Dizei-me, oh minha senhora,
De quem é que vós sois filha?» —

— «Sou filha do rei de França,
Neta do rei de Castilla.»

— «Pelos signaes que me daes,
Vós sois uma mana minha!
Mal hajam todos os homens,
E quem em mulheres se fia;

Cuidando que levo esposa
Levo a uma irmã minha!
Abram-se esses palacios,
Venha toda a fidalguia,
Trago aqui uma mana,
Ha sete annos que a não viram.
Venha cá, senhora mãi,
Ande vêr a sua filha,
Cuidei trazer nóra sua
E trago uma mana minha.» —

Levantou-se a sua mãi
Da cadeira aonde estava:

— «Se tu és a minha filha,
Anda cá para os meus braços,
Se tu es a minha nóra
Aí tens os teus palacios.» —

3.

Variante da Foz. [1]

Indo um cavalleiro á caça,
Á caça de altanaria,
Lá chegando ao alvoredo
Viu estar uma donzilla.

— «Que fazeis ahi, senhora?
Que fazeis aqui, donzilla? —

— «Sete fadas me fadaram
No ventre d'uma mãi minha:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 28—29. No outumno de 1874 ouvi cantar esta variante pelas banheiras de S. João da Foz (Foz do Douro), praia predilecta dos portuenses.

De eu aqui estar sete annos,
Sete annos e mais um dia.
Sete annos são acabados,
Hoje se acaba o dia;
Se quereis, oh cavalleiro,
Levai-me por companhia,
Não me leveis por senhora,
Não me leveis por donzilla;
Levai-me por estrangeira
Que achaes na terra perdida.» —

— «Montai-vos aqui, senhora,
Montai-vos aqui, donzilla,
Ou nas ancas ou na sella,
Onde fôr mais honra minha.» —

Montou-se logo a donzella,
Foi seguindo o seu caminho,
Lá chegando á estrada,
De risos o accommettia.

— «De que se ri, oh menina?
De que se ri, oh donzilla?» —

— «Rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia
De achar menina na serra
E lhe guardar cortezia.» —

— «Deixai-me agora chorar,
Olhae a minha mofina!
O quem perdeu o que eu perco
Grande pena merecia.» —

4.

Variante do Algarve. [1]

A caçar andava Almendo,
A caçar, como sohia,
Mas seu perro tão cançado
Que já correr não podia;
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia,
Em que não houvera gente
Nem tampouco abrigo havia;
Tão só um grande arvoredo
O campo todo cobria.
Deita olhos a um loureiro,
Vê um rosto que sorria;
Seu fino cabello de ouro
Toda la rama cobria;
O lindo olhar de seus olhos
Em todo o monte lumbria.

— «Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?
Ái quem veiu aquí leixar-vos
N'esta chaparra sombria?
Contai-me la vossa historia,
Que eu por gosto a escutaria.» —

— «Sou filha d'el-rei de França,
Neta sou d'el-rei de Hungria;
Aqui me trouxeram moiros
Com sua feitiçaria;
Encantada me leixaram
Até ver quem me queria.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 38—44. Existe no Algarve em muitas lições, com o nome de Almendo, Dom Almendo ou de Alberto promiscuamente intitulado.

Se o cavalleiro quizéra,
Minha sina quebraria,
Montára-me em seu cavallo
E d'aqui me levaria.» —

— «Levára, sim vos levára,
Já vos déra companhia,
Mas tenho atraz de voltar
Pelo perro que trazia,
Que a taes horas, de cançado
Para ahi se estenderia.» —

— «Adiante, ó cavalleiro,
Não useis descortezia,
Leixando uma dama infanta
Por um perro que dormia.
Se me leixaes pelo perro,
Tem elle bem mais valia.» —

— «Não é sómente por elle,
Que eu ahi o leixaria;
Mas é tambem pela caça
Que me deteve este dia,
Que me ficou resguardada
N'uma longe penedia.» —

— «Adiante, ó cavalleiro,
Não useis de villania,
Não leixeis por pennas mortas
Minhas penas em porfia;
Ora comvosco levai-me,
Que meu pae por vós seria.» —

— «Não se me dá d'essa caça,
Que por hi me ficaria;
Mas a sêde agora é tanta,
Que já me causa agonia.

Quedai-vos, senhora, um pouco,
Que eu á fonte correria;
De volta fôra comvosco
Antes que raiasse o dia.» —

— «Ái cavalleiro, escutai-me
Por Deus e a Virgem Maria;
Eu vos matarei a sêde
Que ora matar-vos queria;
Eu vos darei a beber
Prantos de minha alegria!»

Captiva-se o cavalleiro,
Quem se não captivaria?
N'isto la enfeitiçada
Do loureiro se descia.

— «Vamos, cavalleiro, a Roma
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Sancto que lá seja,
Absolvição nos daria.» —

— «Não iremos lá tão longe,
Que em vós não ha maladia,
Ireis á minha albergada,
Lá tereis albergaria.» —

A caminhar se pozeram
Quando a lua mais lumbria,
E dava o clarão no rosto
De la infanta que fugia,
Quando ao meio do caminho
Perro moiro lhe saía,
Que era quem a vigiava
Que era quem a guardaria.

— «Tem-te, tem te, cavalleiro,
Se a vida não te agonia;

Se la poncella me levas,
Levas a luz do meu dia.» —

— «Só m'importa o que te levo,
De ti não m'importaria.» —

— »Se a dona tu me roubáras,
Logo aqui te mataria.» —

Para elle avança o moiro,
Pensando que o deteria,
Mas ao puxar pela infanta
A mão aos pés lhe caía.
Quêda-se elle pensativo,
Sem saber o que faria.
Em quanto o moiro pensava,
Em quanto elle se doria,
O christane com la infanta
Voava que não corria! [1]

5.

Versão da Ilha de S. Jorge. [2]

A caçar se foi Dom Jorge,
A caçar como solia;
Seus perros leva cansados,
Seu falcão perdido havia.
Anoutecéra na serra,
N'uma escura montilla;

---

1 Algumas lições terminam com a seguinte estrophe, que não adoptei, por me parecer um mal cabido enxerto:

Quem não quizer ver mulher
Em outros braços rendida,
Não a deixe um só momento,
Por toda a parte a persiga.

2 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 183—185.

Víra estar um arvoredo
Bem alto á maravilha;
No pé lhe tinia o ouro,
Na rama a prata fina.
Lá no mais alto dos galhos
Víra estar uma menina,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.

— «Que fazeis aqui, donzella,
Que fazeis aqui, menina?» —

— «Sete fadas me fadaram
Nos braços de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos
Sete annos e um dia.
Hontem se encerraram annos,
Hoje se acaba o dia!
Leva-me tu, cavalleiro,
Leva-me por tua vida!
Não me leves por mulher,
Nem mais pouco por amiga;
Leva-me por tua moça,
Por tua escrava captiva,
Que eu sou filha de um malato,
Da maior malataria,
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.» —

Puzera-a na sua sella,
Nas andilhas não cabia.
Indo mais para diante
A donzella se sorria.

— «De que vos rides donzella,
De que vos rides, menina?» —

— «Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria,

Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

Indo mais para diante
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella,
De que vos rides, menina?» —

— «Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia.» —

— «Torna atraz meu cavallinho,
Que a espora é perdida.
Na fonte aonde estivemos
Ella lá nos ficaria.» —

— «Tate, tate, cavalleiro,
Não façaes tal tyrannia;
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro t'a daria.
O meu pae lavra no ouro,
Minha mão na prata fina:
Sou filha do rei de França,
Da rainha Constantina.» —

— «Valha-me Deos, Deos me valha,
Valha-me a Virgem Maria!
Cuidei que trazia amores,
Trago uma irmã minha.» —

— «Se meu pae tal soubera
Que sua filha aqui ia,
Mandára correr cavallos,
Mandára tanger manilha.» —

6.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Caçador que foi á caça
Na caça lhe foi o dia;
Anoutecéra na serra
Onde casas não havia.
Víra estar um arvoredo
De uma alta françaria;
No pé lhe tinia o ouro,
E na rama a prata fina,
E nos galhinhos mais altos
No derradeiro de cima,
Víra estar uma donzella,
Víra estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.
O cabello da cabeça
Todo o arvoredo cobria,
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria.
Da maçã do seu rosto
Arrubim bello corria;
Os dentes da sua bocca
Crystaes bellos pareciam.
Dos beiços da sua bocca
Sangue vermelho corria.

— «Que fazeis aqui, donzella?
Que fazeis aqui, donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e um dia;

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 185—188.

Hontem se acabaram annos,
Hoje se encerra o dia.[1]
Quer me levar, cavalleiro,
N'essa sua companhia?
Sem me levar por mulher,
Nem tampouco por amiga;
Leve-me por sua serva,
Por sua escrava captiva.» —

— «Dize-me, por a tua alma,
Dize-me de quem és filha?» —

— «Sou filha de um malato,
Da maior malataria!
Quem no meu corpo tocar
Malato se tornaria.» —

— «Dize-me a minha menina
Se quer ancas ou andilhas?» —

— «Quero ancas, cavalleiro,
Que eu na sella não regia.» —

Indo em meio da serra
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella,
De que vos rides, donzilla?
Ou vos rides do cavallo,
Ou da sua sellaria.» —

— «Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria.
Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

---

1 Th. Braga tem:
Hontem se encerra o dia.

Avistando a cidade,
A donzella se sorria.

— «Valha-te Deos, oh donzella
Oh valha-te Deos, donzilla;
Tu ou te ris do cavallo,
Ou da sua sellaria?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua sellaria:
Rio-me do cavalleiro,
Da sua má covardia:
Achou a ninha no campo,
Não a quiz por sua amiga...» —

— «Volta p'ra traz meu cavallo,
Que a espora é perdida!» —

— «Tenha-se em si, cavalleiro,
Não faça tal tyrannia!
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro lh'a daria;
Que em casa de meu pae
Lavra-se ouro todo o dia.» —

— «Dize-me, pela tua alma,
Dize-me, de quem és filha?» —

— «Sou filha do rei de França,
Minha mãe Dona Maria!» —

— «Valha-te Deos, oh donzella,
Valha-te Deos, donzilla.
Disseste que eras malata,
Tu és uma mana minha!» —

7.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Caçador que ia á caça,
Caçador que á caça ia
Seus cães leva cansados,
Sua furôa perdida;
Se sentára a descançar
De tão cansado que ia,
Debaixo de um arvoredo
Bem alto da françaria.
Levantou olhos p'ra cima,
Viu estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear se queria.
O cabello da cabeça
Todo o arvoredo cobria;
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria;
Os dentes de sua bocca
Marfim bello pareciam.

— «Que fazeis aqui donzella,
Que fazeis aqui donzilla?» —

— «Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Para estar aqui sete annos,
Hoje se atima o dia.
Bem podias, cavalleiro,
Levar-me na companhia;
Não me leveis por mulher
Nem tampouco por amiga,
Levae-me por vossa serva,
Que eu tambem vos serviria.» —

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 188—191.

— «Espera-me aqui donzella,
Té ámanhã, que é dia;
Que eu vou a tomar conselho
De uma mãe que me pariu.
Resposta que me mandar
Essa mesma vos daria.» —

— «Não a tragas por criada,
Nem tambem por tua amiga,
Tral-a por tua mulher,
Tua mulher toda a vida.» —

Puzera-a no seu cavallo,
Pois nas ancas a trazia;
Lá no meio da estrada
De amores a accommettia.

— «Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal tyrannia;
Que eu sou filha de um malato,
Da maior malataria:
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.
A fonte aonde eu beber
Sangue lá correria.» —

Indo mais para diante.
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella?
De que vos rides, donzilla?» —

— «Não me rio do cavallo
Nem da sua sellaria;
Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.» —

Á entrada da cidade
A donzella se sorria.

— «De que vos rides, donzella?
De que vos rides, donzilla?» —

— Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria;
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua phantasia;
Achou menina na serra
E logo a accommettia!» —

— «Torna atraz meu cavallo,
Temos uma espora perdida!» —

— «Adiante, cavalleiro,
Adiante, paz em guia!
Se a espora é de prata,
Meu pae de ouro t'a daria,
Eu sou filha do rei Cosme,
Da rainha Constantina.» —

— «Mais tolo é o menino
Que de meninas se fia!
Cuidei de levar mulher,
Levo uma irmã minha.» —

D.

ROMANCES CAVALHERESCOS E NOVELLESCOS.

I.

ROMANCES DA BELLA-INFANTA. [1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada,
Capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava. [2]

— «Dize-me, ó capitão [3]
D'essa tua nobre armada,
Se incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava.» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. 1—16. O romance da Bella-Intante é talvez o mais sabido e cantado pelo povo portuguez. Almeida-Garrett introduziu este romance no quinto acto do ,Alfageme', fazendo-o cantar por um coro de mulheres do povo, á hora do trabalho, o que foi calorosamente applaudido pelo publico. A Bella-Infanta é o unico romance que allude ao tempo das Cruzadas; versões mais modernas substituiram a terra sagrada pelo Brasil ou pela França. O assumpto da Bella-Infanta devia-se tornar muito popular n'um paiz onde Fr. Luiz de Sousa tinha voltado da batalha de Alcacer-Kivir e todo o povo esperava ainda a reapparição de D. Sebastião.

[2] Muito bem que a guiava. — Lisboa.

[3] Dize-me, ó cavalleiro,
Os signaes que traz. — Ribatejo.

— «Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.» —

— «Levava cavallo branco
Sellim de prata doirada,
Na ponta da sua lança [1]
A cruz de Christo levava.» —

— «Pelos signaes que me deste
Lá o vi n'uma estacada [2]
Morrer morte de valente,
Eu sua morte vingava.» —

— «Ái triste de mim viuva,
Ái triste de mim coitada!
De tres filhinhas que tenho
Sem nenhuma ser casada!» —

— «Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

— «Dera-lhe oiro e prata fina
Quanta riqueza ha por hi.» —

— «Não quero oiro nem prata,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

---

[1] Nos punhos da sua espada. — EXTREMADURA.
[2] Lá o vi morto ás lançadas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça passada. — VARIAS.
Lá morreu ás cutilladas
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada. — VARIAS.

— «De tres moinhos que tenho
Todos tres t'os dera a ti,[1]
Rica farinha que fazem!
Tomára-os el-rei p'ra si.» —

— «Os teus moinhos não quero
Não n'os quero para mi:
Que darias mais senhora,
A quem t'o trouxera aqui?»

— «As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.» —

— «As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
Aquem t'o trouxera aqui?» —

— «De tres filhas que eu tenho,[2]
Todas tres te dera á ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.» —

— «As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:

---

[1] Almeida-Garrett traz aqui dois versos:
Um móe o cravo e a cannella,
Outro móe do gerzerli
que são visivelmente uma interpolação moderna.

[2] De tres filhas que eu tenho
Todas tres te hei de dar:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais formosa de todas
Para comtigo casar. — EXTREMADURA.
Esta variante assás vulgarizada é comtudo uma pruderie moderna da linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na falla que faltava nos costumes.

Dá-me outra coisa senhora,
Se queres que o traga aqui.» —

— «Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.» [1] —

— «Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.» —

— «Cavalleiro que tal pede,
Que tam villão é de si, [2]
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo
Á volta do meu jardin.
Vassallos, os meus vassallos,
Acudi-me agora aqui!» —

— «Este annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti...
Que é d'elle a outra metade?
Pois a minha vê-la ahi!» —

— «Tantos annos que chorei
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias matando aqui.» [3] —

---

[1] Quanto tinha, offereci. — Beira-Alta.
[2] Que pede e torna a pedir. — Extremadura.
[3] Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.

2.

Variante da Beira-Baixa.[1]

Andando a Dona Infanta
No seu jardim passeava;
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma grande armada.

— «Dizei-me, oh meu capitão,
Dizei-me por vossa alma,
Marido que Deos me deu,
Se ahi vem na vossa armada?» —

— «Diga-me, minha senhora,
Que signaes é que levava?» —

— «Levava cavallo branco,
Cavallo branco levava,
Levava sella amarella
Por cima sobredourada;
E adiante de si levava
A cruz de Christo pregada.» —

— «Eu o lá vi, oh senhora,
Elle na guerra ficava,
Com tres chagas bem abertas,
E todas eram mortaes.
Por uma se via o sol,
Por outra o bello luar;
Por outra tambem se via
Rica bola de jogar.»[2] —

— «Ái triste de mim viuva,
Ái triste de mim coitada!

---

1 TH. BRAGA, Rom. pag. 1–4.
2 Esta descripção das feridas parece-se muito com a do romance do Passo de Roncesval.

Ir-me-hei por este mundo
Chamando-me desgraçada.
Ái triste da só viuva,
De mim que nem já de si.» —

— «Quanto dereis vós senhora
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-lhe ouro e prata,
Fôra mais rico que mim.» —

— «O vosso ouro e a vossa prata
Não me servem para mim.
Eu sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui.
Mas quanto davas, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Tres laranjaes que tenho
Todos tres os dera assim.» —

— «Não quero os seus laranjaes
Não me servem para mim;
Que sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui.» —

— «Os tres moinhos que tenho
Todos tres os dera a si:
Um que móe pau de canella,
Outro móe pau do Brazil;
Outro móe rica farinha
Que el-rei me manda pedir.» —

— «Eu não quero os seus moinhos,
Não me servem para mim;
O que dereis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Essas tres filhas que tenho,
Todas tres quizera dar:
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.» —

— «Eu não quero as vossas filhas,
Não me servem para mim.
O que dereis mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?« —

— «Não tenho mais que lhe dar,
Nem você mais que pedir.»

— «Inda tem mais que me dar,
E eu tambem que lhe pedir:
Esse corpo delicado
Para commigo dormir.» —

— «Merece ser arrastado
O marôto que tal diz
Ao rabo do meu cavallo,
Á roda do meu jardim.» —

— «Não se amofine, senhorà,
Que eu comsigo já dormi.
O anel de cinco pedras
Que eu comvosco reparti,
Que é da vossa metade,
Pois a minha eil-a aqui?» —

— «Pois a minha ametade
Esqueceu-me no jardim.
Vão-me já chamar meus manos,
Que o venham conhecer;

Se elle o meu marido fôr,
Eu o quero receber;
E se algum marôto fôr,
Veja como se ha de haver.» —

3.

DONA CLARA.[1]

Variante do Minho.

Dona Clara, dona infante,
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De veludo cramezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava,
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle só
Com a vizeira callada,
Vem saudar a dona infante
Que assim triste lhe fallou:

— «Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?» —

— «Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.» —

— «Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. pag. 12—14.

Na ponta da sua lança
Uma fitta encarnada;
Um cordão do meu cabello
Que lhe prendia a espada.
Se porém o tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,
Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada!» —

— «Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.» —

— «Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi,
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «Dera-te as minhas joias
Que não tem pezo e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.» —

— «Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida;
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?» —

— «De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.» —

— «Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer,
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?» —

— «Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.»

— «Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino,
Onde eu quizera dormir.» —

— «Cavalleiro que tal diz,
Merece ser arrastado
Em roda de meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigai este soldado.» —

— «Não chames os teus criados,
Que criados são de mi.» —

— «Se tu es o meu marido,
Porque me fallas assim?» —

— «Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quando eu d'aqui sahi,

O anel de sete pedras,
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.» —

— «Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pai é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe,
Ha tanto tempo fechado;
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é dom infante a meu lado.» —

4.

DONA CATHERINA. [1]

Variante da Beira-Baixa.

Stando Dona Catherina
No seu jardim assentada,
Com um pente de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Deitou os olhos ao largo,
Viu vir uma grande armada,
Capitão que n'ella vinha,
Trazia-a mui bem guiada.

— «Catherina, Catherina,
Catherina de Menezes,
Sabbado vou para França,
Catherina que quereis?» —

— «Saudae-me o meu marido,
Que por lá o achareis.» —

---

1 Th. Braga, Rom. p. 4—7.

— «Diga-me, minha senhora,
Que signaes levava elle?» —

— «Levava cavallo branco,
E espada de Marquez;
Capote de camelão,
Forrado de setim verde.» —

— «Pelos signaes que me daes,
Não o vi senão uma vez;
Vi-o morrer em França,
Enterral-o em Santa Inez.» —

Já Catherina chorava
Lagrimas de tres a tres.

— «Calae-vos, oh Catherina,
Casae commigo outra vez.» —

— «Senhoras da minha laia
Não casam mais que uma vez.» —

— «Quanto déreis vós, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Dera-lhe armas e cavallos,
Que cresceram de Dom Luiz.» —

— «Suas armas, seus cavallos
Não me servem para mim;
Que eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?»

— «Dera ouro, dera prata,
Fôra mais rico que mim.» —

— «O seu ouro e sua prata
Não me servem para mim;
Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «As tres azenhas que tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma móe cravo e canella,
A outra móe serzelim,
Outra móe rica farinha
Para el-rei, mais para mim.» —

— «Vossas azenhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Uma pereira que eu tenho,
No meio do meu jardim,
Pois quando ella dá peras,
O rei m'as manda pedir.» —

— «Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Essas tres filhas que eu tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comtigo dormir.» —

— «As suas filhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?» —

— «Não tenho mais que vos dar
Nem vós mais que me pedir.» —

— «Ainda não me offereceu
Esse seu corpo gentil.» —

— «Cavalleiro que tal falla,
Cavalleiro que tal diz,
Merece a lingua arrancada,
Cortada pela raiz. [1]
Levantae-vos, meus criados,
Vinde lh'o fazer assim,
Ao rabo do meu cavallo
Ao redor do meu jardim.» —

— «Os criados que a servem,
Já me serviram a mim,
As suas filhas, senhora,
Tambem são filhas de mim.
Suas azenhas, senhora,
Tambem pertencem a mim,
Sua pereira, senhora,
Tambem me pertence a mim;
Suas armas e cavallos
Tambem pertencem a mim.
O anel que vos eu dei,
Quando eu d'aqui sahi;
Mostrae-me a vossa metade,

---

[1] Theophilo Braga traz:
Cortada pelo nariz.

Pois a minha eil-a aqui!
O anel que vos eu dei,
Que se nos partiu no chão,
Mostrae-me a vossa metade,
Aqui está o meu quinhão.» —

5.

Versão da Ilha de S. Jorge (Rosaes.) [1]

Estando a bella Infanta
No seu jardim assentada,
Com pentes de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Corréra os olhos ao mar
Víra vir tão linda armada;
Capitão que n'ella vinha
Tanto bem a governava.

— «Dize-me tu, capitão,
Dize-me pela tua alma,
Marido que Deos me deu
Se o trazes na tua alçada?» —

— «Não o vi, nem o conheço,
Dae-me os signaes, que levava.»

— «Levava cavallo branco,
Com sua sella dourada,
Na ponta da sua sella
Um Christo d'ouro levava;
Na copa do seu chapeu
Laço de fita encarnada.» —

— «Bem o vi, bem o conheço!
Com vinte e cinco facadas,

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 298—300.

Lá ficou morto na guerra
De outras tantas estocadas:
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.» —

— «Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Tres filhinhas que eu tenho
Sem nenhuma ser casada!» —

— «Sou soldado, ando na guerra,
Não habito por aqui;
Que darieis vós, senhora
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Dera-lhe tanto dinheiro,
Que no contar não tem fim!» —

— «Não quero o vosso dinheiro,
Que não me convem a mim!
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim;
Tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti:
Um é de moer canella,
Outro de moer farinha;
Dos tres moinhos que tenho
O outro móe gerzelim.» —

— «Não quero as vossas telhas,
Não quero os vossos moinhos;
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Tres filhinhas que eu tenho,
Todas tres t'as dera a ti:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.» —

— «Não quero as vossas filhas,
Que me não convem a mim!
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui,
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?» —

— «Valha me Deos! Deos me valha,
Isto já não leva fim!
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.» —

— «Vós tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir:
Vosso corpo bem gentil
Para com elle dormir.» —

— «Cavalleiro que tal diz,
Hade mister arrastado
Á roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
Abaixo, pretos, abaixo,
Matem-m'o agora aqui;
Que eu abaixarei meus olhos,
Farei que o não vi.» —

— «Alto, alto meus criados,
Que criados são de mim!» —

— «Se tu és o meu marido,
Ai não zombavas commigo.» —

— «Se o queres saber ao certo,
Anda, vamos ao jardim,
O anel de sete pedras
Que eu comtigo reparti,
Mostrae-me a vossa ametade,
Pois a minha eil-a aqui.» —

— «Se tu és o meu marido
Que me vem experimentar,
Se eu a morte mereci,
Podes-me agora matar.» —

— «A morte me não merecestes,
Sempre me foste leal.» —

II.

ROMANCES DE D. MARTINHO DE AVIZADO.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

— «Já se apregôam as guerras[2]
Entre França e Aragão:
Ai de mim que já sou velho,
Não nas posso brigar, não![3]

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. III. p. 71—89. Este romance foi citado por Jorge Ferreira de Vasconcellos na Aulegraphia (Sc. I. A. III.) e publicado pela primeira vez por José Maria da Costa e Silva nas notas ao poema Isabel ou a heroina de Aragão, em 1832.

[2] Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão.
Como as faria triste,
Velho, cano e peccador? — Lição em JORGE FERREIRA.

[3] As guerras me acabarão. — LISBOA.

De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!» —

Responde a filha mais velha [1]
Com toda a resolução:

— «Venham armas e cavallo,
Que eu serei filho varão.» —

— «Tendes los olhos mui vivos, [2]
Filha, conhecer-vos hão.» —

— «Quando passar pela armada, [3]
Porei os olhos no chão.» —

— «Tendes los hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.»

— «Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaterão.» [4] —

— «Tende'-los peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos hão.» —

— «Venha gibão apertado, [5]
Os peitos incolherão.» —

— «Tende'-las mãos pequeninas, [6]
Filha, conhecer-vos-hão.» —

---

1 Responde Dona Guiomar. — LISBOA.
2 Tendes las tranças compridas . . .
Venham já umas tesouras,
As tranças irão ao chão. — MINHO.
3 Quando passar pela hoste. — BEIRALTA.
4 Incolherei os meus peitos
Dentro do meu coração. — MINHO.
5 Venha já um alfaiate,
Faça-me um justo gibão. — ALEMTEJO, ALGARVE.
6 Tendes las mãos delicadas. — ALEMTEJO, BEIRALTA.

— «Venham já guantes de ferro,[1]
E compridas ficarão.» —

— «Tende'-los pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Calçarei botas e esporas,
Nunca d'ellas sahirão.» —

— «Senhor pai, senhor mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros[2]
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar.[3]
Que se elle mulher fôr,
Á maçan se hade pegar.»[4] —

A donzella por discreta,
O camoez foi apanhar.[5]

— «Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçans para damas:
Quem lh'as podéra levar!» —

— «Senhor pai, senhora mãi,
Grande dor de coração;

---

1 Venham manapolas de ferro. — TRAS-OS-MONTES.
2 Dom João. — AÇORES.
Dom Marcos. — EXTREMADURA.
Dom Claros. — MINHO.
3 Para ir comvosco ao jardim. — MINHO.
4 Co'as rosas se hade tentar. — LISBOA.
Com flores se hade armar. — MINHO.
As rosas o hão de buscar. — AÇORES.
5 Á lima se foi pegar.
— «Oh que bella lima é esta!» — LISBOA.
Uma cidra foi mirar. — ALGARVE, MINHO.

Que os olhos do conde Daros [1]
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o-vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Que, se elle mulher fôr, [2]
No estrado se hade incruzar.» —

A donzella, por discreta,
Nos altos se foi sentar.

— «Senhor pai, senhor mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar;
Que, se elle mulher fôr,
Ás fitas se hade pegar.» —

A donzella, por discreta,
Uma adaga foi comprar. [3]

— «Oh que hella adaga ésta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas:
Quem lh'as podéra levar!» —

---

1 As mesmas variantes respectivas.

2 Porque no partir do pão
Se virá a delatar:
Que se elle o partir no peito,
Por mulher se hade mostrar. — Açores.

3 N'uma adaga foi pegar. — Lisboa.
Foi uma espada apreçar. — Minho.
Oh que lindas fitas verdes
Para môças inganar! — Açores.

— «Senhor pai, senhora mãi,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Davos
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco nadar;
Que, se elle mulher fôr,
O convite hade escusar.» [1] —

A donzella, por discreta,
Começou-se a desnudar..
Traz-lhe o seu page uma carta,
Pôz-se a ler, pôz-se a chorar:

— «Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar:
De que minha mãi é morta,
Meu pai se está a finar,
Os sinos da minha terra,
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmãs que eu tenho,
D'aqui as oiço chorar.» —

— «Monta, monta, cavalleiro!
Se me quer acompanhar.» —

Chegavam a uns altos paços, [2]
Foram-se logo apear.

— «Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quizer acceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...

---

[1] Desculpa vos hade dar. — LISBOA.
Já se hade acovardar. — ALEMTEJO.
[2] Chegam juntos do castello. — LISBOA.

Se ainda me quer agora,
Com meu pai hade fallar.
Sete annos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.» —

2.

Versão da Beira-Baixa. [1]

— «Grandes guerras 'stão armadas
Entre França e Aragão!
Mal o hajas tu mulher,
Mais a tua criação;
Sete filhas que tiveste
Sem nenhuma ser varão!» —

Respondeu logo a mais velha
Com todo o seu coração:

— «Dê-me armas e cavallo,
Que eu irei por capitão.» —

— «Tendes o cabello louro,
Filha, conhecer-vos-hão!» —

— Dê-me cá uma thezoura,
Verei-o cahir no chão.» —

— «Tendes os olhos fagueiros,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

---

1 Th. Braga, Rom. p. 8—11.

— «Quando passar pelos hombres,
Eu os ferrarei no chão.» —

— «Tendes os peitos crescidos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mande fazer um justilho
Que me aperte o coração.» —

— «Tendes as mãos mui mimosas,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Dê-me cá as suas botas,
Encherei-as de algodão.» —

— «Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.»

— «Quando passar pelos hombres,
Farei passo de ganhão.» —

— «Filha, se fores á guerra,
Como te lá chamarão?» —

— «Dom Martinho de Avizado,
Filho do Rei Dom João.» —

— «Ái minha mãi que me morro,
Morro-me do coração;
Os olhos de Dom Martinho,
Mi madre, matar-me-hão,
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— »Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco jantar,

Se então elle fôr mulher,
Em baixo se hade assentar.» —

Dom Martinho de Avizado
Cadeira mandou chegar,
Com o seu capote em cima
Para mais alto ficar.

— «Ái minha mãi que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão.
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Que vá comvosco enfeirar,
Elle então se fôr mulher
Ás fitas se hade pegar.» —

— «Oh que espadas finas estas
Para hombre guerrear!
Oh que fitas para damas:
Quem lh'as pudera mandar.» —

— «Ái minha mãi, que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão!
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.» —

— «Convidai-o vós, meu filhô,
Que vá comvosco dormir,
Que se elle fôr mulher,
Não se hade querer despir.» —

— «Tenho feito juramento,
Espero de o cumprir,

De emquanto eu andar na guerra
As ceroulas não despir.» —

— «Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco nadar;
Que se elle fôr mulher,
Certo, se hade acovardar.» —

Dom Martinho de Avizado
Primeiro o mandou entrar:

— «Ide vós mais adiante
Para me ires ensinar!
Cartas me vêm da terra,
Cartas de muito pezar;
Meu pai que já é morto,
Minha mãi está a acabar.
Tenho seis irmãs mais novas,
Quero as ir amparar;
Venha á casa de meu pai
Se commigo quer casar.
Sete annos andei na guerra,
Sete annos por capitão,
Sem ninguem me conhecer
Se eu era mulher ou não.» —

3.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira do Nabo.) [1]

— «Hoje se apregôam guerras
Entre França e Aragão;
Ái de mim! um pobre velho,
As guerras me acabarão;
De tres filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 211—215.

Responde a filha mais moça
Por ter grande discreção:

— «Venham-me armas e cavallo,
Quero ser filho varão!
Quero ir vencer as guerras
Entre França e Aragão.» —

— «Tendes o cabello grande,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Venha-me pente e tesoura,
Que o vereis cahir ao chão.» —

— «Tendes os olhos bonitos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Quando fallar c'os soldados,
Hei de inclinal-os p'r'o chão.» —

— «Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Venham-me armas carregadas,
Meus hombros abaixarão.» —

— «Tendes os peitos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Vou-me á casa do alfaiate
Fazer apertado gibão.» —

— «Tendes as mãos fidalguinhas,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mettel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.» —

— «Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.» —

— «Mettel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sairão.» —

Foi p'ra casa do alfaiate
Fazer apertado gibão;
Montou logo para a guerra
A brigar como varão.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar,
Que se elle mulher fôr,
Á maçã se ha de apegar.» —

Dom Varão como discreto
A uma cidra foi mirar:

— «Oh que rica cidra esta
Para Dom Varão cheirar!
Oh que ricas maçãsinhas
P'ra uma secia merendar.» —

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar,

Pondo-lhe cadeiras altas
E baixas p'ra se sentar,
Que se elle mulher fôr,
Nas baixas se ha de assentar,
E quando fôr a partir pão
Ao peito o ha de levar.» —

Dom Varão como discreto
Nas mais altas se assentou:
E quando foi a partir pão
Sómente ao punho o levou.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica,
Que se ella mulher fôr,
Ha de se apegar ás fitas.» —

Dom Varão como discreto
Ás espadas se apegou:

— «Oh que rica espada esta
Para Dom Varão brigar;
Mas que lindas fitas estas
Para moças enganar.» —

— «Minha mãi eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco dormir;
Que se elle mulher fôr,
Não se ha de querer despir.» —

Dom Varão como discreto
Começou a descalçar;
Naquella noite seguinte
As guerras a começar.

— «Minha mãi, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.» —

— «Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco nadar,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer botar.» —

Dom Varão como discreto
Começou-se a descalçar:

— «Oh que novas, oh que novas
Me acabaram de chegar!
Que meu pae que era morto
Minha mãi para acabar.
Acompanhe-me, acompanhe-me,
Se quereis-me acempanhar;
Sete annos servi el-rei
Em palacio a brigar!
Virgem vim, e virgem vou,
O filho do rei como asno ficou;
Se quizer casar commigo,
Siga-me por onde eu vou.

III.

ROMANCES DE GERINALDO.[1]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

— «Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem de el-rei mais querido,
Queres tu, oh Gerinaldo,
Tomar amores commigo?» —

— «Vós como sois ama minha,
Senhora, zombais commigo?» —

— «Eu não mango Gerinaldo,
Que eu bem de véras t'o digo.» —

— «Diga-me, minha senhora,
Quando hei de ir no promettido?» —

— «Lá da uma para as duas,
Que meu pae esteja dormindo.» —

Inda bem não era a uma
Gerinaldo ao postigo,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 18—20. Gerinaldo, no Minho e Porto Girinaldo o atrevido, no Alemtejo Generaldo, em outras partes Reginaldo, na Beira Eginaldo, é o nome aportuguezado de Einhard ou Eginhart, o celebre secretario de Carlos Magno. O romance de Gerinaldo, que se acha tambem nas collecções hespanholas (Duran, Rom. nº. 220) conta admiravelmente o amor romantico do secretario e da filha do Imperador, a bella Infanta Emma, o castigo que Carlos Magno impõe aos amantes e finalmente o perdão que o coração generoso e bondoso do Soberano não lhes póde negar.

— «Oh quem bate á minha porta,
Oh quem é o atrevido?» —

— «É Gerinaldo, senhora,
Que aqui vem ao promettido,
Descalço de pé e perna,
Para não fazer trupido.» —

— «Pousa ahi as tuas armas
E deita-te aqui commigo.» —

El-rei sonhava um sonho
Que bem certo lhe sahia:
Ou deshonram a Infanta,
Ou me roubam o castillo.
Levantou-se el-rei da cama
Com desgraçado sentido,
Pegou em a sua espada
E foi dar volta ao castillo;
Achou-os ambos na cama
Como mulher e marido:

— «Eu se mato a Gerinaldo,
Criei-o de pequechinho!
Eu se mato a dona Infanta,
Fica o reino perdido.
Metto-lhe a espada no meio
Para que sirva de aviso.» —

Acordou o Gerinaldo,
Ficou mais morto que vivo.

— «Não te assustes, Gerinaldo,
Que meu pai o tem sabido,
Se nos quizera matar
Poder estava comsigo.
Não te assustes, Gerinaldo,
Vem ter com o rei ao castillo.» —

— «D'onde vens, oh Gerinaldo,
D'onde vens espulverido?» —

— «Venho de matar caça,
Senhor, da borda do rio.» —

— «Não me mintas Gerinaldo,
Que nunca me tens mentido.» —

— «Venho de regar as flores,
Que ellas o estavam pedindo.» —

— «Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido.» —

2.

Versão da Ilha de S. Miguel.[1]

— «Gerenaldo, Gerenaldo,
Pagem do Rei bem querido;
Porque não fallas de amores,
Que estás aqui só commigo?» —

— «Por eu ser vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo?» —

— «Gerenaldo, eu não zombo,
Fallo de véras comtigo.» —

— «Vós quando quereis, senhora,
Que vá ao vosso serviço?» —

— «Das dez horas para as onze,
Quando o rei 'stiver dormindo.» —

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 265—267.

Ainda não eram dez horas
Gerenaldo já erguido,
Sapatinho descalçou
A fim de não ser sentido;
Foi á sala da Infanta
Deu um ái mui dolorido.

— «Quem é esse cavalleiro
Das armas tão atrevido?» —

— «É Gerenaldo, senhora,
Que vem ao vosso serviço.» —

— «Levanta os cortinados,
Vem-te aqui deitar commigo.
De beijinhos e abraços
Has de ser mui bem servido!
Nada mais t'eu não prometto
Que entre nós será sentido.» —

D'alli mais a poucochinho
O rei andava erguido,
Chamando por Gerenaldo,
Que lhe désse o seu vestido.
Andou de sala em sala,
De postigo em postigo:

— «Gerenaldo não me falla
Gerenaldo é fallecido!
Ou Gerenaldo é morto,
Ou traição tem commettido,
Ou me está com a Infanta,
A prenda que eu mais estimo.» —

Alevantou-se o bom rei,
O seu vestido vestiu;
Seus sapatos na mão,
P'ra o passo não ser sentido.

Fôra de paço em paço, [1]
De castillo em castillo!
Foi á cama da princeza,
Aonde elle nunca ia;
Estavam cara com cara,
Como mulher com marido!

— «Para matar Gerenaldo
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Fica meu reino perdido.» —

Pegára do seu punhal,
Entre elles ficou mettido.

— «Acordae, senhora Infanta,
Que o nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae,
Entre nós está mettido.» —

— «Cal'-te, Cal'-te, Gerenaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Se elle te mandar matar
Applico que és meu marido;
Se elle te mandar prender,
Não has de ser mal servido.
Se elle te perguntar,
Não lhe negues o partido.» —

— «Donde vens, oh Gerenaldo,
Que vens tão descolorido?» —

— «Venho de regar a horta
Pela manhã do rocio.» —

---

[1] Th. Braga tem:

Fôra de passo em passo

mas parece-me que quadra melhor com o verso seguinte a lição que adoptei.

— «Não me mintas Gerenaldo,
Que nunca me has mentido.» —

— «Venho de caçar a rôla
Da outra banda do rio.» —

— «A rôla que tu caçaste
Já t'a tinha promettido,
Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido;
Se queria outro mais alto
Tivera ella juizo!» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

— «Girinaldo, Girinaldo,
Pagem d'el-rei tão querido!
Porque não tractas de amores
Quando te achas só commigo?» —

— «Porque sou vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo!» —

— «Girinaldo, Girinaldo,
Pois eu de véras t'o digo.» —

— «Vós quando quereis, senhora,
Que eu vá ao vosso serviço?» —

— «Das dez horas para as onze,
Quando meu pae está dormindo.» —

Inda as dez não eram dadas,
Girinaldo já erguido:
Foi á porta da Infanta,
Deu um ái muito sentido.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 268—270.

— «D'onde vindes, cavalleiro,
Das armas tão atrevido?» —

— «Elle não é cavalleiro,
Nem traz armas atrevido;
É Gerinaldo, senhora,
Quem vem ao vosso serviço.» —

— «Aferra-te a essas cortinas,
Vem-te cá deitar commigo.» —

Ainda não eram bem onze
Já o rei andava erguido;
Andava de sala em sala,
De postigo em postigo
A chamar por Girinaldo,
Que lhe désse o seu vestido.

— «Girinaldo não me falla,
Que lhe terá succedido?
Ou Girinaldo é morto,
Ou d'amores está rendido.» —

Foi-se á camara da Infanta,
Aonde nunca tinha ido,
Com seu calçado na mão,
Para menos ser sentido;
E os achára estar dormindo
Que nem mulher com marido.

— «Para matar Girinaldo,
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Fica o meu reino perdido.» —

Pegára do seu cutello,
Deixa-o entre ambos mettido,
Com a ponta para a filha,

Que a morte tinha merecido!
Despertára Girinaldo
Do somno adormecido:

— «Acorda, oh bella Infanta,
Já nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae
Entre nós está mettido,
Com a ponta para vós,
Que a morte tens merecido.» —

— «Cal'-te, cal'-te, Girinaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Vae-te botar aos seus pés,
Que elle te dará o castigo.
Se te elle mandar matar,
Carpir-te-hei por marido;
Se elle te mandar prender,
Canta que has de ser ouvido.» —

— «Erguei-vos bella Infanta,
Vindo ouvir lindo cantar;
Ou são os anjos no céu,
Ou as sereias no mar.» —

— «Pois não são anjos no céu,
Nem as sereias no mar;
É um triste prisioneiro
Que meu pae manda matar.» —

— «Dizei-me, bella Infanta,
Se com elle queres casar?» —

— «Esse é o melhor dote
Que meu pae me póde dar.» —

— «Girinaldo, Girinaldo,
Tu fôste bem atrevido!
Hontem eras meu vassallo,
Hoje és meu genro querido;
Hontem comias de parte,
Hoje é á meza commigo.» —

4.

Lição de Almeida-Garrett. [1]

— «Reginaldo, Reginaldo,
Pagem d'el-rei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo, [2]
Te chamam o atrevido.» —

— «Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.» —

— «Não fôras tu tam covarde
Que já dormíras commigo.» —

— «Senhora zombais de mim,
Porque sou vosso captivo.» —

— «Eu não n'o digo zombando,
Que de véras te lo digo.» —

— «Pois quando quereis, infanta,
Que va pelo promettido?» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 163—173. Na lição de Almeida-Garrett o final pertence visivelmente ao romance da Enganada (Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 129—133).

[2] A lição da Extremadura e muitas outras ommittem estes seis versos, e completam a primeira copla com est' outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

— «Entre las dez e las onze [1]
Que el-rei não seja sentido.» —

Inda não era sol pôsto,
Reginaldo adormecido;
As dez não eram bem dadas,
Reginaldo já erguido;
Calçou çapato de panno
Que d'el-rei não fôsse ouvido;
Foi-se á camara da infanta,
Deu-lhe um ái, deu-lhe um gemido.

— «Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?» —

— «É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.» —

— «Levantae-vos minhas aias,
Que Deus assim vos dê marido!
E ide abrir mansinha a porta
Que el-rei não seja sentido.» —

Vela o pagem toda a noite...
Por manhã é adormecido;
Chamava o rei que chamava [2]
Que lhe désse o seu vestido:

— «Reginaldo não responde,
Alguma tem succedido!
Ou está morto o meu pagem,
Ou grande traição ha sido.» [3] —

---

[1] Entre la uma e as duas
Quando el-rei esteja dormindo. — Alemtejo.

[2] Lá por sôbre a madrugada
Pede el-rei o seu vestido. — Alemtejo.

[3] Ou traição tem commettido. — Extremadura.
Ou traição me ha commettido. — Beiralta.

Responderam os vassallos [1]
Que tudo tinham sentido:

— «Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.» —

Vestiu-se el-rei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo, [2]
Vai correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Entrou sem fazer ruido.
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido,
De nada do que se passava,
De nada davam sentido.
Accudiram os vassallos,
Que viram a el-rei perdido:

— «Nunca vossa majestade
Mate um home' adormecido.» [3] —

Tira el-rei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio:

— «Acorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido!

---

1 Accode d'alli um pagem
Que é de Reginaldo amigo:
— «Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.» —
— «Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo.» — Beirabaixa.
2 Leva um traçado comsigo. — Extremadura.
3 Dê n'um home' adormecido. — Minho.

Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.» —

— «Cal'-te d'ahi, Reginaldo,[1]
Não sejas tão dolorido;
Vai já deitar-te a seus pés,
Que el-rei é bom e soffrido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo;
Mas se el-rei mandar matar-te,
Eu hei de morrer comtigo» —

— «D'onde vens, oh Reginaldo?»[2] —

— «Senhor, de caçar sou vindo.» —

— «Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?» —

— «Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago commigo;
Que o trazer caça real
A vassallo é defendido.
Só vos trago uma cabeça,
A minha: dae-lhe o castigo.» —

— «Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.» —

Vêdes ora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:

---

[1] Vai-te deitar, Reginaldo,
A seus pés muito rendido,
Que el-rei tem bom coração
E te ha de casar commigo. — BEIRABAIXA.

[2] Estas tres coplas são ommissas em todas as lições, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

— «Se mato a bella infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para matar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Mettê-lo-hei n'uma tôrre [1]
Por principio de castigo.
Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
N'este pagem atrevido?» —

Respondem os condes todos
E muito bem respondido:

— «Pagem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido.» —

Já o mettem n'uma tôrre, [2]
Já o vão incarcerar,
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãi de Reginaldo
O seu filho a visitar:

— «Filho quando te pari
Com tanta dôr e pezar,

---

[1] A lição do Alemtejo termina o romance com esta copla:

Levanta-te, oh Reginaldo,
Reginaldo atrevido
O castigo que te dou
É que sejas seu marido.

Quereria o perfido menestrel pôr um epigramma na bôcca de sua real majestade? Outra lição da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
Que tudo tinham sentido:
— «Oh! quem teria a fortuna
Que Reginaldo tem tido!
Atéqui pagem d'el-rei,
Agora filho querido!» — Alemtejo.

[2] Só as versões do Ribatejo trazem este episodio da tôrre.

Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas dos olhos,
Filho, te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar.[1]
E teu pae já na agonia,
Que me estava a incommendar:
Emquanto fôsses piqueno
De bom insino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te intregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar![2]
A el-rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vais dormir co'a infanta
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que el-rei t'a manda costar!...
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.» —

— «Como hei de eu cantar, mi madre,[3]
Se me sinto já finar?» —

— «Canta, meu filhinho, canta,
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.
Canta-me o que elle cantava
Na noite de San João;
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.» —

---

1 Pensamento favorito dos menestreis populares, que se incontra repetido em muitos romances portuguezes.

2 Que te não soube ensinar. — Ribatejo.

3 Mãi minha. — Ribatejo.

— «Um dia antes do dia,
Que é dia de San João,
Me incerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Mettido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.» [1] —

De suas varandas altas
El-rei estava a escutar;
Já se vai onde a princeza
Pela mão a foi buscar:

— «Anda ouvir, oh minha filha,
Este tam lindo cantar,
Que ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar.» —

— «Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura
A quem mandais degollar.» —

---

[1] Em uma lição ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apezar de se conhecer n'ella visivel interpolação e desharmonia do estylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga, como tantos que se incontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dous passarinhos
Que me trazem alcanfôres;
Elles vão e elles vêem
Com novas dos meus amores.

Alcanfôres? e trazer alcanfôres? quid?

Assim pergunta A. Garrett, mostrando, a difficuldade que offerece o entendimento d'estes versos. Th. Braga (Epopêas da Raça Mosarabe, p. 135) baseando se n'uma noticia de Frei João de Sousa (Vestigios da lingua arabica, p. 27) opina que o prisioneiro quer dar a entender que estava perto da morte. Supponho que o alcunfôr tinha, entre a população mosarabe, uma significação symbolica, talvez d'amor, de origem arabica, mas hoje desconhecida.

— «Pois já revogo a sentença
E já o mando soltar;
Prende-o tu, infanta, agora,
Pois comtigo ha de casar.» —

VI.

ROMANCE DO ALFERES MATADOR.[1]

Versão da Covilhã.

Indo eu por quelha abaixo,
Topando por quelha acimà,
Olhei para uma janella,
Onde vi 'star trez donzillas.
Aquella de azul claro
É linda em demasia,
Tenho de a ir buscar
Inde que me custe a vida.

As dez horas eram dadas
E elle á porta batia.

— «Quem bate á minha porta,
Deshoras á porta minha?» —

— «É um grande cavalleiro
Que vem buscar sua filha.» —

— «Minha filha não 'stá em casa,
Foi para a de sua tia,
Que a mandou cá buscar
Para uma funcção que havia.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 22-24. O romance do Alferes matador foi recolhido pela primeira vez por Theophilo Braga; veio da Covilhã, «a mina mais rica d'estas preciosidades, e aonde se encontram as versões mais puras.»

Deitou os hombros á porta,
Não uzou mais cortezia;
Entrou pela casa dentro
Com toda a sua ousadia,
E foi direito a um quarto
Aonde a filha dormia.

— «Oh filha faz, pela honra
Antes que te custe a vida;
Honra as barbas a teu pae,
Que brancas na cara as tinha.» —

Pegou-lhe pelos cabellos,
Foi-a arrastar pela villa,
E depois de a ver morta
Á sua mãi a trazia.

— «Aqui tendes oh D. Anna,
Oh Dona Anna, vossa filha,
Honrada e virtuosa,
Mas porém custou-lhe a vida.» —

— «Antes a quero ver morta
Que a sua honra perdida,
Justiça venha do céo
Que na terra não a havia,
E caia sobre um alferes,
Matador da minha filha.» —

V.

ROMANCE DA ROMEIRINHA.[1]

Versão de Trás-os-Montes.

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia:
Tão honesta e formosinha
Não vai outra á romaria.
Sua saia leva baixa,
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapellinho cahido
Que os lindos olhos cobria.
Cavalleiro vai traz d'ella
Alcançal-a não podia;[2]
Alcançou-a descançando
Á sombra da arvore benta[3]
Que está no adro da ermida.

— «Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.» —

---

1 TH. BRAGA, Rom. p. 24—25. O romance da Romeirinha, um d'aquelles que tiveram origem nos perigos que corriam os romeiros e sobretudo as romeiras em suas peregrinações, é conhecido em Trás-os-Montes e no Minho. ALMEIDA-GARRETT, Rom. III. p. 9—14 traz uma lição apurada pelas duas versões d'estas provincias e pouco differente da versão de Trás-os-Montes. Por isso limito-me a notar as variantes mais importantes.

2 De má tenção que a seguia!
Não a alcánça, por mais que ande,
Alcançal-a não podia. — A. GARRETT.

3 Senão juncto a essa oliveira. — A. GARRETT.

Cavalleiro de malvado
De amores a accommettia; [1]
Pegaram de braço a braço,
Qual de baixo, qual de cima. [2]
A romeira por mais fraca
Logo debaixo cahia. [3]
No cahir lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia,
Com toda a força o arranca,
No coração lh'o mettia. [4]

— «Da vingança que tomaste
Eu te peço romeirinha, [5]
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha.» [6] —

— «Hei de dizel-o em tua terra,
Hei de-me ir gabar á minha
Da vingança que tomei
Da affronta que me fazias;
Que matei um vil cobarde
Com as armas que elle trazia.» —

Tocou a campa da ermida
A campa que retinia:

— «Eu te peço, ermitão,
Por Deos e Santa Maria,

---

[1] Nem Deos nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto . . . — A. Garrett.
[2] Lucta de grande porfia! — A. Garrett.
[3] Emfim rendida cahia. — A. Garrett.
[4] O sangue negro saltava,
O negro sangue corria. — A. Garrett.
[5] Por Deos te peço, romeira. — A. Garrett.
[6] Da vingança que tomaste
Da affronta que te eu fazia. — A. Garrett.

Que enterres esse traidor
Lá na tua santa ermida.» [1] —

VI.

ROMANCES DO CONDE PRÊSO.[2]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por home' haver matado.
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago.
Não bastou dormir com ella,
Se não dal-a ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado;
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.

---

[1] Ermitão, por Deos vos peço,
Bom ermitão d'esta ermida,
Tenhais dó d'essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deos lhe perdoaria. — A. Garrett.

[2] Th. Braga, Rom. p. 60—62. «Um facto notavel se dá n'estes romances: como tres provincias, Trás-os-Montes, Beira-Baixa e Beira-Alta se apoderaram de uma mesma tradição, e dos diversos modos como a bordaram. A versão de Trás-os-Montes é simples, não admitte a intervenção do maravilhoso, que repugna ao genio dos romances carolinos; a versão da Beira-Alta foi tomando uma côr religiosa, traz o milagre do romeiro, que era San' Thiago vindo proteger sua devota. Garrett (Rom. II. p. 301—305) confundiu as duas versões.»

Foi á presença do rei
Onde o conde era levado:

— «Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollada;
Não ha fôro ou privilegio
Onde Deos é o aggravado.» —

Disse o rei aos do conselho
Com semblante carregado:

— «Sem mais detença este feito
Quero já desembargado!» —

— «Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado;
Ou ha de casar com ella,
Ou senão... ser degollado.» —

— «Pois que me praz, disse o rei,
O algoz seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.» —

— «Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Antes morrerei mil vezes,
Antes que ser deshonrado!
Não me enterrem na egreja
Nem tão pouco em sagrado:
Naquelle prado me enterrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado;

De cabeceira me ponham
A pelle do meu cavallo,
Que digam os passageiros:

— «Triste de ti, desgraçado;
Morreste de mal de amores,
Que é um mal desesperado!» —

2.

DOM GARFOS.[1]

Variante da Beira-Baixa.

Lá abaixo vem o conde,
Prêso vem, arreatado,
Não por furtos que haja feito,
Nem por homens que ha matado;
Foi por zombar da romeira
Que vinha de Sanctiago.
A romeira era nobre,
A el-rei se ha queixado.
Manda que case com ella,
Ou que seja enforcado.

— «Não hei de casar com ella,
Nem hei de ser enforcado;
Quem me dera aqui meus pretos,
Ou meus velozes cavallos,
Ou meu sobrinho Dom Garfos,
Que eu me víra bem vingado.» —

Palavras não eram ditas,
Dom Garfos era chegado:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 62—64.

— «Quem vos trouxe aqui, meu tio,
Tão prêso e arreatado?
Não por furto que haja feito,
Nem por homens que ha matado?» —

— «Foi por zombar com a romeira
Que vinha de Sanctiago,
A romeira era nobre,
A el-rei se ha queixado.
Manda que case com ella,
Ou que seja enforcado.
Vai tu fallar com el-rei,
A vêr se me ha perdoado.» —

Entrou por palacio dentro:

— «Deos vos salve, meu bom rei!
Mandae-me soltar meu tio,
Se não eu o soltarei.» —

— «Vai Dom Garfos para casa,
Dorme um somno descançado;
Das onze p'r'a meia noite
Teu tio será soltado.» —

Lá pela noite adiante
Acordou sobresaltado!
Disse p'ra sua mulher
Que um sonho tinha sonhado:

— «Lá no Terreiro do Paço [1]
Está meu tio enforcado.» —

— «Não digas isso zombando,
Que esta noite ouvi um brado.» —

---

[1] Terreiro do Paço, assim chamado do paço real que se achava n'aquelle sitio até o grande terremoto de 1755, é hoje conhecido sob o nome de Praça do Commercio e chamado pelos inglezes *Black Horse Square* por causa da estatua equestre de D. José I. O povo, porém, conserva a antiga denominação.

Com uma mão veste a capa,
Com outra sella o cavallo;
A um pretinho que tinha
Uma lança lhe ha dado.
Foi-se ao Terreiro do Paço
E viu seu tio enforcado!

— «Deos te perdôe, meu tio,
Deos te tenha perdoado.» —

Sete condes caminharam
A verem o enforcado;
A um mata, outro degolla,
Só um lhe ha escapado;
E esse mesmo que escapou
Foi á unha de cavallo.

— «Oh Dom Garfos, oh Dom Garfos,
Não sejas desatinado,
Mataste-me já seis condes,
Os melhores do meu reinado.» —

— «E a vós tambem proprio Rei,
Se cá estivesses em baixo;
Mas como estaes de ventana,
Palraes nem um papagaio!
Mas n'uma filha que tendes,
Eu me verei bem vingado.» —

Vai Dom Garfos para casa,
Quatro facadas lhe ha dado:

— «Uma é á honra de tu padre,
Outra á honra de tu madre;
Outra por minha saúde
Que te as haja mui bem dado!
Outra por seres traidora,
Que me não has acordado.» —

3.

JUSTIÇA DE DEOS. [1]

Variante da Beira-Alta.

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por homem ter matado,
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado.
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado:
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, nem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deos sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
As barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado;
Vieiras traz na esclavina,
O chapeo d'ellas coroado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:

— «Não chores mais, filha minha,
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro
Prêso vai a bom recado.» —

Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado

1 Th. Braga, Rom. p. 65—67. Almeida-Garrett, Rom. p. 301—305.

Vão á presença d'el-rei
Onde o conde era levado.

— «Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta tua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguia
Onde Deos é o aggravado.» —

Disse el-rei aos do conselho
Com semblante carregado:

— «Sem mais detença, este feito
Quero já desembargado.» —

— «Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou ha de casar com ella,
Ou senão, ser degollado.» —

— «Pois que me praz, disse o rei,
O algoz que seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.» —

— «Venham algoz e cutello,
Respondeu o accusado:
Mas antes morrer mil vezes
Que viver envergonhado.» —

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:

— «Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado;

Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.» —

Palavras não eram ditas,
A espada tinha arrojado;
Despe o gaivão de romeiro,
Despe as armas do soldado,
Nos trajos de um santo Bispo
Apparece transformado!
Sua mitra de pedras finas,
De ouro puro o seu cajado;
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado.
O santo Bispo o absolvia
Contricto do seu peccado.
D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado;
Justiça de Deos foi n'elle:
Antes de uma hora é finado.[1]

---

[1] A lição de Almeida-Garrett acrescenta:

Mas acudiu áquella alma
O apostolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado

dando assim a entender que o bispo mysterioso era o apostolo San' Thiago.

VII.

ROMANCES DA SYLVANA.[1]

1.

Versão da Lisboa.

Passeava-se Sylvana
Pelo corredor acima;
Viola de ouro levava,
Oh que bem que a tangia!
E se ella bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a accommettia.

— «Atreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?» —

— «Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?» —

— «Penal-as hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia.» —

Foi-se d'alli a Sylvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida:

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 30—34. O romance da Sylvana é um dos mais sabidos em Portugal. Já foi citado no seculo XVII por D. Francisco Manuel de Mello no seu «Fidalgo aprendiz» (Ed. de Leão de França, 1663, p. 247). O mesmo romance encontra-se nas Asturias e foi publicado na versão asturiana por Amador de los Rios no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, T. III. p. 284 com o titulo de Delgadina.

— «Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, oh filha minha?» —

— «Oh quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores,
Oh minha mãi, cada dia.» —

— «Vai, filha, vai para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de ouro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria....
E ha de valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa Maria.» —

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accommettia:

— «Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria...» —

— «Esta não é a Sylvana,
É a mãi que a paria;
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor da cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infanteria,
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae a accommettia.» —

— «Oh mal haja, que haja a filha
Que seu padre descobria!» —

— «Oh mal haja, que haja o padre
Que sua filha accommettia!» —

Manda-a metter n'uma tôrre
Que nem sol nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça
E agua por medida.
Ao cabo de sete annos
Eis a torre que se abria...
Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com sua madre
Lavrando n'uma almofada:

— «Estejaes embora, madre,
Oh madre da minha alma;
Peço-vos por Deos do céo,
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma:» —

— «Dera-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sete para outo annos
Que por ti sou mal casada.
Que teu padre tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te désse agua,
Tinha a cabeça cortada!» —

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mui alta;
Foi-se encontrar com os irmãos,
Que estavam jogando as cannas:

— «Estejaes embora irmãos,
Meus irmãos já da minha alma,

Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.» —

— «Dera-t'a eu, irmã minha,
Se a tivera empeçonhada:
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te désse agua
Tinha a cabeça cortada.» —

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar com seu pae
A jogar a imbocada:

— «Estejaes embora, padre,
Padre meu já da minha alma:
Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma ..
E de hoje por diante
Serei vossa namorada.» —

— «Alevantem-se, meus pagens,
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de ouro,
Outros com jarros de prata:
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada,
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.» —

Os criados que chegavam,
Sylvaninha que finava,
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada.

— «Vai-te embora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma,
Tua alma vai para o céo,
A minha fica culpada.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

Passeava-se Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae estava mirando
Paços d'onde ella vivia:

— «Bem puderas tu, Sylvana,
Gosar minha companhia!» —

— «E as penas do inferno
Pae meu, quem as passaria?» —

— «Passava-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.» —

— «Mas deixae-me ir a palacio
Vestire outra camisa;
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.» —

Chegára d'onde a mãe estava,
Justiça do céo pedia,
Justiça do céo á terra,
Que no mundo não havia.

— «Um pae que Deos me déra
De amores me commettia.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p 193—196.

— «Despe esses trajos, Sylvana,
Que d'elles me vestiria;
Irei aonde o rei estava,
Pois muito bem no sabia.»

Tanto cego estava o pae,
Cuidava que era a filha.

— «Se eu sabia, tal peccado
Pois d'elle não commettia.» —

— «Não tive senão dois filhos,
Dom Pedro e a Sylvaninha!» —

— «Filha que chocalha o pae,
Que castigo merecia?» —

— «O pae que accommette a filha
Mil infernos merecia.» —

Mandou fazer altas tôrres
A fim d'ella lá não ir;[1]
Ao cabo de sete annos
A mãi as mandou abrir,
Chegára onde o pae estava,
Estava o pae p'ra acabar:

— «Oh meu pae da minha alma,
Vós estaes para acabar!
Lembrae-vos da grande conta
Que a Deos tendes para dar!
A Dom Pedro deixaes tudo,
Só a mim nada deixaes.» —

— «Que mulher é esta aqui,
Que tanto está de enfadada?» —

---

[1] Th. Braga tem: A fim d'ell*e* lá não ir. Parece-me que se deve ler: d'ell*a*, pois se tracta da mãi a quem o pae quer prohibir a communicação com a filha. A mãi solta a filha quando o pae estava para acabar.

— «É vossa filha Sylvana,
Que a deixaes desherdada;
A Dom Pedro deixaes tudo,
A ella não deixaes nada?» —

— «Deos se não lembre de mim,
Se tal filha me lembrava!
Aqui tem um punhal de ouro,
Para seu brio sustentar;
Agora que a tua mãi
Que te acabe de herdar.» —

3.

ALDINA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Vellas).

Um rei tinha tres filhas,
Alvas como prata fina;
Namorou-se da mais moça
Por lhe chamarem Aldina:

— «Bem podias tu Aldina,
Fazer-me a cama um dia!» —

— «Padre Santo não confessa
Peccados de pae com filha.» —

— «Bem puderas vós, Aldina,
Ser a minha namorada;
Eu te vestiria de ouro,
De prata fina lavrada.» —

— «Não o permitta Jesus,
Nem a hostia consagrada

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 193—196.

Que eu sendo vossa filha
Fôsse vossa namorada.
Nem meu pae por amor d'isso
Não condemne a sua alma.» —

— «Pois as penas do inferno
Eu por ti as passaria.» —

— «Deixae-me ir á minha sala
Vestir uma alva camisa,
Que esta que eu tenho vestida
Tal peccado não faria.» —

Indo para a sua sala
Com sua mãi se encontrou:

— «Oh rica mãi da minha alma
Casae-me hoje n'este dia,
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.» —

— «Dae-me cá os teus vestidos
De semana cada dia,
Que eu por ti, Dona Aldina,
Faço essa romaria.» —

— «Se eu soubera, Dona Aldina,
Que estavas tão corrompida,
Eu as penas do inferno
Por ti as não passaria.» —

— «Quando zombáras commigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.» —

— «Maldição cubra a Aldina
Que a seu pae foi descobrir.» —

— «Maldição cubra seu pae
Que de amores a commettia.» —

Mandou fazer altas tôrres
De prata fina lavrada,
Para lá metter Aldina
Sete annos degradada
A comer a carne crua,
A beber agua salgada!
Ao cabo de sete annos
Aldina fôra soltada,
Fôra ter a uma varanda
Onde sua mana estava:

— «Rica mana da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.» —

— «Rica mana da minha alma,
Eu não te posso dar agua,
Que meu pae me tem jurado
Pela ponta da sua espada,
Quem a ti agua désse
Que a vida lhe tirava.» —

Chegou a uma varanda
Onde sua mãi estava:

— «Oh rica mãi da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta

De comer a carne crua,
De beber agua salgada.» —

— «Guar'-te tu d'aí, Aldina,
Triste filha mal fadada;
Que ha sete annos, vai em outo,
Que eu por ti sou mal casada.» —

Chegára a uma varanda
Aonde seu pae estava:

— «Oh rico pae da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua;
Hei de ser a vossa filha,
Mais a vossa namorada.» —

— «Corre, corre, cavalleiro,
Á Aldina buscar agua,
Em garafinhas de prata,
Em taça sobredourada!
O primeiro que chegar
Será Rei de Portugal.» —

O Rei como mais esperto
Foi o primeiro a chegar;
Quando elle cá chegou,
Já Aldina era passada,
Com sete tochas accesas
A cabeça arrodeada.
Estava no céo a cantar
N'uma rosa encarnada!
O pae estava no inferno
Com sua alma condemnada;
Mandára forrar as ruas
De preto e tafetá,
Não quiz a boa fortuna
Que as chegasse a lograr.

Ajuntaram-se os anjinhos,
Logo em Aldina pegaram,
Ajuntaram-se os garrazes,
Logos em seu pae agarraram.

4.

SYLVANA DESAMPARADA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

Passeava Dona Sylvana
Por o corredor acima,
Viola de ouro no peito,
Pois ella bem retinia,
Pois se ella bem retinia
Melhor romance fazia;
Com sua viola á cinta
Melhor balanço trazia.
Seu pae a estava mirando
Da sala onde assistia.

— «Bem me pareces, Sylvana,
Em vestias de cada dia
Do que tua mãi rainha
Com quanto ouro havia.
Bem puderas tu, Sylvana,
Ser o meu amor um dia?» —

— «Pois as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria?» —

— «Passaria-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.» —

---

1 TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 197—200.

— «Deixae-me, senhor, deixae-me
Com honra e cortezai;
Quero ir á minha sala
Vestir uma alva camiza,
Pois esta que tenho no corpo
Com ella não peccaria.» —

«Que tendes, bella Sylvana,
Que vindes tão assustada?» —

— «Um pae que Deos me deu,
Quer que eu seja sua amada.» —

— «Dae-me cá os teus vestidos,
Vestidos de cada dia,
Quero ir a esse logar
Cumprir essa romaria.» —

— «Se eu soubera, oh Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
As penas lá do inferno
Por ti não as passaria.» —

— «Eu não sou Dona Sylvana,
Sou a mãi que a paria;
Emquanto fallei comtigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.» —

— «Maldição cubra a filha
Que o seu pae descobria.» —

— «Maldição cubra o pae
Que tal filha commettia.» —

Mandára-a metter n'um carc r
D'onde sol nem lua havia,

Dava-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida;
Ao cabo de nove mezes
Corredores ella corria.
Encontrára sua mãi,
Pediu-lhe um pinguinho d'agua.

— «Oh rica mãi da minha alma,
Dae-me um pinguinho d'agua,
Que eu trago os meus bofes seccos,
Minha alma se desaparta
De comer a carne crua,
De beber agua salgada,
De comer pão bolorento
Que o senhor pae me mandava.» —

— «Rica filha da minha alma,
Eu não te posso dar agua,
Pois teu pae me tem jurado
Pelo fio da sua espada,
Que a quem te désse agua
Sete vidas lhe tirára!
Vai ter com o teu irmão
Que te dê uma pinga d'agua.» —

— «Oh rico irmão da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua.» —

— «Rica irmã da minha alma,
Quem vol-a pudesse dar!
O rei meu pae, se o sabe,
Logo me manda matar;
Mas vai ter ao senhor pae
Que te dê uma gotinha d'agua.» —

— «Oh rico pae da minha alma
Dae-me uma gotinha d'agua;
Que eu d'hoje por diante
Serei sempre a tua amada.» —

— «Inda me appareces diante
Sylvana desamparada?
Deos se lembre da minha alma,
Se tu filha me lembravas.
Andem moços, corram moços
Depressa á buscar agua;
O que mais depressa fôr
Será rei de Portugal.» —

— «Oh rico pae da minha alma,
Já não quero a vossa agua,
Que a minha alma está no céo,
Está n'uma rosa pintada;
A vossa está no inferno,
Pois bem o tendes ganhado.» —

— «Andem moços, corram moços
Depressa a forrar palacio,
A minha alma está no inferno,
Pois ella o tinha jurado.» —

5.

FAUSTINA. [1]

Variante de Coimbra.

O conde da Villa Flor,
Por ser o conde maior,
De tres filhas que elle tinha
Clarinhas como o sol,
Uma se chama Amada,
Outra se chama Querida,
Outra se chama Faustina
Por ser a mais fidalgada.

---

1 Th. Braga, Rom. Notas p. 181—183.

— «Queres tu, filha Faustina
Ser a minha namorada?» —

— «Não permitta Deos do céo
Nem a Virgem consagrada
Que eu, sendo sua filha,
Seja sua namorada.» —

— «Deixa vir a mãi da missa,
Que eu, lh'o o saberei dizer.
Ora vinde mulher minha
Ver o que aconteceu:
A nossa filha Faustina
De amores me prometteu.
Dizei lá, oh mulher minha,
O que Faustina mereceu?» —

— «Tôrre de pedra lavrada
Para metteres Faustina!
Deras-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida.» —

Alli tiveram Faustina
Por sete annos encerrada:
Davam-lhe agua por onça,
E da carne mais salgada.
Ao cabo de sete annos,
Faustina sem ser findada,
Foi-se d'alli a Faustina,
Tristinha e desconsolada,
Assobindo uma ventana
Outra ventana mais alta,
D'ahi viu estar suas manas
Cosendo em uma almofada.

— «Deos vos guarde, manas minhas,
Manas minhas da minha alma;
Peço-vos pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua.» —

— «Deos te guarde, oh Faustina,
Oh mana da minha alma,
O nosso pae nos jurou,
P' los cópos da sua espada,
Que quem désse agua á Faustina
Sua cabeça é cortada.» —

Foi-se d'alli a Faustina
Tristinha e desconsolada,
Assobiu a uma ventana mais alta,
Outra ventana mais alta,
D'onde viu estar sua mãi
Lavrando a ouro e prata:

— «Deos vos guarde, oh minha mãe,
Mãe minha da minha alma!
Peço pelo amor de Deos
Que me dê uma pinga de agua.» —

— «Deos te guarde, oh Faustina,
Oh filha da minha alma
Ha sete annos que eu vivo
Com o teu pae mal casada.» —

Foi-se d'alli a Faustina,
Tristinha, desconsolada,
Assobiu a uma ventana,
Outra ventana mais alta,
D'onde viu andar seu pae
Passando n'uma sala:

— «Deos vos guarde, oh meu pae,
Oh pae meu da minha alma;
Peço pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua.» —

— «Deos vos guarde, oh Faustina,
Minha filha mal fadada.

Eu pedi-te a mão direita,
Tu não m'a quizeste dar.» —

— «Aqui tem a mão direita,
A esquerda se a quizer!» —

— «Venham as jarras de prata,
De ouro se as houver;
Quero dar agua á Faustina,
Que já é minha mulher.
Corram, corram, cavalleiros,
A dar agua á Faustininha;
O que primeiro chegar
Ha de ter uma prenda minha.» —

A agua era chegada,
Era findada Faustina!
No meio d'aquelle largo
Um tanque d'agua apparecia.
Vieram sete senhoras
Domingo de madrugada
Para levarem Faustina
Para o céo em corpo e alma.
Nossa Senhora do Pranto
É que a pranteava,
Tu morreste, Faustininha,
P'la honra de seres honrada.
Nossa Senhora do Pranto
Era quem a pranteava;
No seu pranto, que dizia:
— «Domingo de madrugada
Vieram sete demonios,
Dormiram em tua casa
Para levarem teu pae
Pr'o inferno em corpo e alma.» —

VIII.

ROMANCES DO CONDE ALBERTO.[1]

1.

Versão do Porto.

Indo Dona Sylvaninha
Pelo corredor acima,
Tocando sua guitarra,
Muito bem que a tangia;
Accordou seu pae da cama
Com o estrondo que fazia.

— «Que tendes, Dona Sylvana,
Que tendes, oh vida minha?» —

— «Raparigas do meu tempo
São casadas, têm familia,
Eu por ser a mais formosa
Para o canto ficaria?» —

— «Não tenho com quem te case
N'este reino, minha filha;
Só se fôr o conde Alberto,
É casado e tem familia.» —

— «Mandae-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha,

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 68—71. O bello romance do Conde Alberto, ou Conde Yanno, Conde Alves, Conde Alarcos, Conde Anarcos como o povo lhe chama promiscuamente, anda no principio amalgamado com o romance da Sylvana. Encontra-se tambem na Hespanha (Duran, Rom. No. 365) e suppõe-se que se refere ao assassinato de Dona Maria Telles pelo Infante Dom João para casar com a filha da rainha Dona Leonor. É um dos romances mais populares em Portugal e tornou-se tão popular talvez porque as angustias da condessa, o adeos a tudo o que mais queria têm alguma similhança com o fim tragico de D. Ignez de Castro.

Que mate sua condessa,
E case com vossa filha;
Que traga a cabeça d'ella
N'esta dourada bacia.» —

Eis manda chamar o conde
Da sua parte e da filha;
Matasse a sua condessa,
Casasse com Sylvaninha.
Veio o conde muito depressa,
Mais depressa que podia:

— «Quero mates a condessa,
Que cases com minha filha.» —

— «Como matar a condessa
Se ella a morte não merecia?» —

— «Mata, mata, conde Alberto;
Antes de uma Ave-Maria
Me traz a sua cabeça
N'esta dourada bacia.» —

Foi o conde para casa,
Muito triste que elle ia;
Mandou fechar seus palacios,
Cousa que nunca fazia.
Mandou vestir seus criados
De luto á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa
Para fazer que comia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria;
Os suspiros eram tantos
Que o palacio estremecia.
Desceu a condessa abaixo
A vêr o que o conde tinha:

— «Que tens tu, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha?
Conta-me as tuas tristezas
Como contaes alegrias.» —

— «Minhas tristezas são tantas
Que contar-vos não queria.» —

— «Conta, conta, conde Alberto,
Conta, conta, vida minha.» —

— «Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

— «Cale-te lá, conde Alberto,
Que isso remedio teria:
Metter-me-has n'um convento,
Que não veja sol nem dia;
Deras-me o pão por onça,
Agua por uma medida.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa da minha vida?
Diz que te leve a cabeça
N'esta maldita bacia.» —

— «Cala-te d'ahi, oh conde,
Que isso remedio teria:
Matarias a donzella
Que se parece commigo.» —

— «Cala-te d'ahi, mulher,
Que isso não é honra minha.» —

— «Vou para casa de meu pae,
Nunca mais apparecia.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei á porta batia:

Se a condessa era morta,
Senão elle a mataria.

— «A condessa não é morta,
Anda n'essas agonias.» —

— «Deixe-me dar um passeio
Da sala até á cosinha:
Adeos moças, adeos aias
Com quem eu me divertia,
Adeos espelho real,
Onde me via e vestia;
Que ámanhã por estas horas
Já estarei na terra fria.
Dá-me cá esse menino
Que o quero pentear;
Dá-me cá o outro mais novo,
Quero-lhe dar de mammar:
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de paixão,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi no caixão.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de pesar,
Que ámanhã por estas horas
Vae tua mãi a enterrar.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de amargura,
Ámanhã por estas horas
Está tua mãi na sepultura.» —

Tocam sinos em palacio,
Ái Jesus! quem morreria!

Morreu a filha do rei
Pela soberba que tinha,
Descasar os bem casados,
Cousa que Deos não queria.

2.

Versão de Vianna do Castello. [1]

Indo Dona Sylvaninha
Pelo corredor acima,
Pelo corredor abaixo,
Tocando n'um cravo d'oiro,
Muito bem que o tangia.
Acordou seu pae da cama
Com o estrondo que fazia.

— «Oh que tens, Dona Sylvana,
Oh que tens, oh filha minha?» —

— «De sete irmãs que tinha
Casadas e têm familia
Eu que sou a mais formosa,
A um canto me deitaria?
Manda chamar o conde Alberto
Da sua parte e da minha.» —

— «Conde Alberto é casado,
É casado e tem familia.» —

— «Manda, manda, meu pae,
Da sua parte e da minha.» —

Veio o conde Alberto:

— «Aqui me tens, real senhor,
Que me quereis agora?» —

---

1 Encontrei esta versão em Vianna do Castello, quando percorria as incantadoras paisagens do Minho. Foi-me dictada pela senhora Lopes. Esta versão é importante, porque contem o maravilhoso de uma criança que falla no peito da mãi, que se encontra tambem na lição de Garrett mas falta nas outras versões do continente portuguez, reapparecendo na Ilha de S. Jorge.

— «Quero que mates a condessa
Para casares com minha filha.» —

— «A condessa, não a mato,
A morte não merecia.» —

— «Mata, mata, mata, conde,
Antes que eu te tiro a vida
Deita o rosto aqui n'esta bacia.» —

Indo o conde para casa
Muito triste á maravilha,
Mandou fechar seus palacios
Cousa que elle não fazia.
Mandou pôr na sua mesa
Cousa que elle não queria,
Mandou vestir seus criados
Do lucto mais pesado que havia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria.
Mandou fazer a sua cama
Para ver se dormia.
Os ais eram tantos,
O palacio estremecia.
Bate a condessa á porta
Para ver que o conde tinha.

— «Conte-me as tuas tristezas,
Que eu te conte alegrias.» —

— «Foi o rei que mandou
Deitar o rosto n'esta maldita bacia.» —

— «Deita-me n'aquella convento,
Convento das recolhidas,
Dá-me agua por medida
E o pão por pêso,

Dareis-me carne salgada
Que me arranca a vida.
Deixa ver uma toalha,
Das mais finas que eu tinha
Para deitar no pescoço,
Para acabar com minha vida.
Deixa-me dar quatro passadas
D'aqui até a cosinha.
Adeos aias, Adeos moças,
Com que eu me servia,
Adeos palacio real,
Onde eu passava o dia,
Adeos papagaio verde,
Com que eu me divertia,
Adeos jardim das flores,
Aonde passava as agonias.» —

Bate o rei á porta
Para ver se a condessa estava morta.

— «A condessa não está morta,
Mas está n'essas agonias.» —

— «Deixa ver o meu menino,
Quero dar-lhe de mammar.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de paixão,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi no caixão.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite da amargura,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi na sepultura.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de terror,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãi a enterrar.
Mamma, mamma, meu menino,

Este leite da condessa,
Que ámanhã por estas horas
Mammarás o da princessa.» —

Tocam n'os sinos na Sé...
Ái Jesus! quem morreria?

Responde o menino do peito:

— «Morreu a Dona Sylvana
Por a traição que fazia,
Descasar os bem casados
Cousa que Deos não queria.» —

3.

CONDE ALVES. [1]

Variante da Beira-Baixa.

Estando a princeza a chorar,
Filha do rei de Castilla:
Seu pae se foi ter com ella
Ao estrondo que fazia:

— O que é isso, oh Sylvana,
Que é isso, oh filha minha?» —

— «De tres manas que eu tenho
São casadas, têm familia;
Eu por ser a mais formosa
Solteirinha ficaria?» —

— «Não tenho com quem te case
Na mais alta senhoria,
Só sendo com o conde Alves,
É casado e tem familia.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 71—74.

— «Com esse, meu pae, com esse,
Com esse é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha.» —

— «Ála, ála, meus criados,
O conde Alves vão chamar.» —

— «Ainda agora de lá venho,
Já para lá hei de voltar?» —

Entrou pelo paço dentro
Fazendo mil cortezias:

— «Que me quer Vossa Alteza,
Vossa Alteza Senhoria?» —

— «Quero que mates a condessa,
E cases com minha filha!» —

— «A condessa não a mato,
Que ella a morte não merecia.
Mando-a deitar aos matos,
Que os bichos a comeriam.» —

— «Mata, mata, conde Alves,
Não me tornes demasia;
A cabeça me ha de vir
N'esta dourada bacia.
Não m'a troques lá por outra,
Que eu bem a conhecia;
Que ao seu lado direito
Um sinal preto teria.» —

Foi-se d'alli o bom conde,
Cheio de melancholia;
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia;

Mandou pôr a sua meza,
Nem um, nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria.

— «O que é isso, oh bom conde,
Que é essa melancholia?
Conta-me as tuas tristezas
Que eu te conto alegrias!» —

— «Se eu te contasse tristezas,
Morta para trás cahirias:
Mandou o rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

— «Isso não, bom conde, não,
Que eu a morte não merecia;
Manda-me deitar aos mares,
Que os peixes me comeriam.» —

— «Isso não, condessa, não,
Que o rei logo o sabia,
A cabeça te ha de ir
N'aquella negra bacia,
Que te não troque por outra
Que elle bem te conhecia;
Que ao teu lado direito
Um sinal preto teria.» —

— «Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.
Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;
Deixa-me dar de mammar
Ao filho que tanto queria.

Mamma filho, mamma, filho,
Este leite amargurado,
Ámanhã por estas horas
Já teu pae está coroado.
Mamma, filho, mamma, filho,
Este leite de amargura;
Ámanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar
A tua mãi a rainha
Como lhe haveis de chamar,
Com o joelho no chão,
O chapeosinho no ar.» —

Estando n'estas razões,
El-rei á porta batia:
A condessa já é morta,
Senão ella a mataria.

Tocam os sinos na côrte,
Ái, Jesus! quem morreria?
Morreu, foi Dona Sylvana,
Por crimes que commettia;
O pae morreu ás dez horas,
E a filha ao meio dia.
Apartar os bem casados
Era o que Deos não queria.

4.

CONDE YANO.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias).

Passeava-se a Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae a estava mirando
Da cama d'onde jazia;
Se ella mui bem passeava
Melhor romance fazia.

— «Bem me pareces, Sylvana
Em trajo de cada dia,
Que a madre de vossa mãi
Com quanto ouro havia.
Bem podias vós, Sylvana,
Dormir commigo um dia!
Que as penas do inferno
Eu por vós as penaria.» —

— «Deixae-me ir ao meu quarto
Vestir um novo vestido,
Que este que agora tenho
Tal cousa não commettia.» —

— «Case-me, senhora mãi,
Hoje n'este santo dia;
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.» —

— «Vosso pae é homem velho,
Isse foi em zombaria.» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açoriano p. 259—264. Na versão da Ilha de S. Jorge a fusão dos dois romances da Sylvana e do Conde Yano é evidente. Em outros logares da Ilha chamam ao Conde Yano Conde Delpho e Conde Dalvos.

— «Renego do seu zombar,
Mais da sua zombaria;
Case-me, senhora mãi,
Hoje n'este santo dia.» —

— «Filha, já não ha na côrte
Um que vos merecia.» —

— «Eu mereço-me de um conde,
Marido de minha tia.
Mandae vós cá chamar
Para cá jantar um dia;
Que depois da sobremeza
Eu propria lhe fallaria.» —

A razão não era dita,
Criado á porta batia:

— «Senhor conde está em casa?
El-rei o manda chamar.» —

— «Isso não é p'ra meu bem,
Certo será p'ra meu mal.» —

Indo pela côrte dentro
Mil cortezias fazia;
Mandaram-lhe pôr a mesa,
Puzeram-lhe graves comidas.
Atimante a sobremeza
O seu prato de alegria:

— «Alembra-te conde, alembra-te
O que fizestes um dia?» —

— «Eu tal cousa não me lembra,
Nem isso me parecia.» —

— «Anda, vae para casa,
Vae matar Dona Maria.»

— «Saiba o senhor rei conde
Que ella a morte não merecia.» —

— «Pega por agua dos pés,
Por outras cousas que tal;
Se ella não a tiver prompta
Rasão tens; vae-a matar.» —

Foi-se o conde para casa,
Bem triste, bem anojado:

— «Contae-me, conde, contae-me,
Contae-me das vossas magoas.» —

— «Como hei de contar magoas,
Senhora Dona Maria?
Se ella a ceia está prompta
Eu ceiar quereria.» —

— «A ceia já está prompta
Como d'antes succedia;
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.» —

Foram-se assentar á mesa,
Nem um, nem outro comia:

— «Como heide contar magoas
Senhora Dona Maria?
Se a agua dos pés está prompta
Eu lavar-me quereria.» —

— «A agua dos pés está prompta
Como d'antes succedia.
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.» —

— «Se a cama está feita
Eu deitar-me quereria.» —

Foram-se deitar na cama,
Nem um, nem outro dormia;
As lagrimas de um e outro
Toda a cama alagariam.

— «Contae-me das vossas magoas,
Como contaes alegrias.» —

— «Como vos contarei magoas
Senhora Dona Maria?
O rei vos manda matar
Para dar honra á filha.» —

— «E vós não lhe perguntastes
Isso que remedio tinha?» —

— «Isso lhe preguntei eu,
Disse elle que não sabia.» —

— «Esse rei de mil diabos
Que raiva me tomaria?
Já me matou pae e mãi,
E tres irmãos que havia.» —

Estando n'esta affliçäo
O rei á porta batia:
A condessa não é morta?
Senão elle a mataria.

— «A condessa não é morta,
Mas já está n'essa agonia.» —

— «Mata, conde, mata, conde,
Antes de uma Ave-Maria.» —

— «Deixa-me dar um passeio
Da sala para o quintal;
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do laranjal!
Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim,
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.
Deixem-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;

Venham-me cá os escravos.
Que tanto bem me serviram,
Ámanhã servirão outra
De mais alta senhoria.
Venham-me cá os meus filhos,
Que os quero abraçar;
As palavras da má madrasta
Nunca os hão de accalentar;
Quando lhe pedirem pão
Agua fria lhes ha de dar;
Quando lhe pedirem vinho
Com um viminho lhe ha de dar!
Mamma, mamma, meu menino,
N'este leite derradeiro;
Nunca tornarás a achar
Uma mãi como a primeira.
Chamem-me o filho mais velho
Que eu o quero aconselhar,
Que conselhos da madrasta
M'o hão de escandalisar.
Venha cá uma toalha
D'essas mais finas que houver,
Para apertar a garganta
Que o nosso rei assim quer.» —

Tocam os sinos na côrte,
Ái Jesus! quem morreria?
Responde o infante do berço
Que ainda fallar não sabia:

— «Alviçaras, senhor pae,
Que eu as dou com alegria:
Morreu a Dona Sylvana
Pela traição que fazia;
Quiz descasar um casal,
Cousa que Deos não queria.» —

5.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Chorava a infanta, chorava, [2]
Chorava e razão havia,
Vivendo tam descontente,
Seu pae por casar a tinha.
Acordou el-rei da cama [3]
Com o pranto que fazia:

— «Que tens tu, querida infanta,
Que tens tu, oh filha minha?» —

— «Senhor pae, o que hei de eu ter
Senão que me pésa a vida?
De tres irmãs que nós eramos,
Solteira eu só ficaria?» —

— «Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Ca vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia; [4]
Nem ouvil-as não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
Só se fôsse o conde Yanno [5]
E esse já mulher havia.» —

— «Ái! rico pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.

---

1 Almeida-Garrett, Rom. II. p. 43—73.

2 Chorava a infanta Solisa,
Razão de chorar havia. — Alemtejo.
Chorava Dona Sylvana — Extremadura.

3 Despertou el-rei seu pae. — Beiralta.

4 De Leão e de Castilla. — Tras-os-Montes.

5 Só se fôsse o conde Albano. — Minho.
Só se fôsse o conde Alarcos. — Beirabaixa.

Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia;
Que me não soube guardar
A fé que me promettia.» —

Manda el-rei chamar o conde,
Sem saber o que faria,
Que lhe viesse fallar...
Sem saber o que lhe diria.

— «Inda agora vim do paço,
Já el-rei lá me queria!
Ái! será para meu bem?
Ái! para meu mal seria?» —

Conde Yanno que chegava,
El-rei que a buscar o vinha:

— «Beijo a mão a Vossa Alteza;
Que quer Vossa Senhoria?» —

Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:

— «Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.» —

Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia.

— «Senhor rei, que sou casado,
Já passa mais de anno e dia.» —

— «Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.» —

— «Senhor, como hei de mata-la
Se a morte me não mer'cia?» —

— «Calae-vos, conde, calae-vos,
Não vos quero demazia;

Filhas de reis não se inganam
Como uma mulher captiva.» —

— «Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me matar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas matar uma innocente,
Com tamanha aleivozia,
N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria.» —

— «A condessa ha de morrer
Pelo mal que cá fazia,
Quero ver sua cabeça
N'esta doirada bacia.» —

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia.
Adeante um pagem d'el-rei
Levava a negra bacia,
O pagem ia de luto,
De luto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os appertos da agonia.
A condessa, que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçal-o corria.

— «Bem vindo sejais, meu conde,
Bem vinda minha alegria!» —

Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;[1]

---

1 O que d'antes não fazia. — MINHO.

Mandou logo pôr a cea
Como quem lhe appetecia. [1]
Sentaram-se ambos á mesa
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram um rio
Que pela mesa corria. [2]
Foi a beijar o filhinho
Que a mãi aos peitos trazia,
Largou o seio o innocente,
Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tamanho chôro
Que em toda a casa se ouvia:

— «Que tens tu, querido conde,
Que tens tu, oh vida minha?
Tira-me já d'estas âncias,
El-rei o que te queria?» —

Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:

— «Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Dá-me da tua tristeza,
Dar-te-hei da minha alegria.» —

Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia.
Deitaram-se ambos no leito,
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada,
Ouvide ora o que dizia:

---

1 Como quem comer queria. — Lisboa.

2 As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam. — Várias.

Todas as versões lêem assim; só a de Lisboa como vai no texto.

— «Peço-te por Deus do ceo
E pela Virgem Maria,
Antes me mates, meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia.»

— «Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!» —

— «Ái! não te intendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta
Que entre nós está mettida?» —

— «Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina!
Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.» —

Palavras não eram ditas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.
Não quiz Deus que alli morresse..
Triste que alli não morria!
Maior dor do que a da morte
A torna a chamar á vida.

— «Cala, cala, conde Yanno,
Que indo remedio haveria;
Ái! não me mates, meu conde,
Eu um alvitro te daria: [1]
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-hei castidade
Como sempre t'a mantia.» —

---

[1] Um conselho te daria. — Beirabaixa.

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?» —

— «Cala, cala, conde Yanno,
Que inda remedio teria,
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu la morrerei de pena
E a infanta o não saberia.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?» —

— «Fecharás-me n'uma tôrre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas de minha vida
Por meus ais as contaria.» —

— «Ái! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?» —

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia:

— «Se a condessa não é morta,
Que então elle a mataria.» —

— «A condessa não é morta,
Mas está na agonia.» —

— «Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.» —

— «Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.» —

— «Ái! quem podéra rezar,
Oh Virgem Sancta Maria![1]
Que eu não me peza da morte,
Peza-me da aleivozia:
Mais me peza de ti, conde,
E te tua covardia.
Matas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria!
Ái! Deus te perdoe, conde,
Lá na hora da contia.
Deixa-me dizer adeos
A tudo o que eu mais queria:
Ás flores d'este jardim,
Ás aguas da fonte fria.
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor da Alexandria!
Guardae-me vós meus amores
Que outrem me não guardaria.
Dêm-me cá esse menino,
Intranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mammará por despedida.
Mamma, meu filhinho, mamma,
D'esse leite da agonia.
Que ategora tinhas mãi,
Mãi que tanto te queria,
Ámanhã terás madrasta
De mais alta senhoria.» —

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho as peito,
Respondeu — que maravilha!

---

[1] Na versão castelhana a condessa reza — e não é feia a sua *preghiera*: mais bonito e mais poetico é o pensamento do cantor portuguez, que lhe não dá nem animo para rezar.

— «Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.» —

IX.

ROMANCES DO CONDE D'ALLEMANHA.[1]

1.

Versão da Beira-Baixa.

Já o sol nasce na serra,
Já lá vem o claro dia,
Inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabia o rei,
Nem quantos na corte havia,
Sabia-o só a princesa
Juliana, sua filha.

— «Juliana, se o sabes,
Não o queiras descubrir;
Porque o conde é muito rico
De ouro te ha de vestir.» —

— «Não quero seus fatos d'oiro,
Já os tenho de damasco;
Inda meu pae não é morto,
Já me querem dar padrasto!

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 75—77. Braga traz duas versões, uma da Beira-Baixa e outra de Trás-os Montes que porém não offerecem differenças fundamentaes. O mesmo romance encontra se em quatro versões na Ilha de S. Jorge e é conhecida na Hespanha (Duran, Rom. no. 305). Se este conde d'Allemanha ou d'Aramenha é um ente historico, não se sabe; Duran diz: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del conde Garci Fernandez; pero un y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.»

As pregas d'esta camisa
Eu não as chegue a fazer,
Quando meu pae vier da missa
Se eu lh'o não fôr dizer.
As pregas d'esta camisa
Não as chegue eu a acabar,
Em meu pae vindo da missa
Se lh'o eu não fôr contar.» —

Estando n'estas razões
O pae á porta batia:

— «Oh que razões serão essas
Entre uma mãi e a filha?» —

— «Com bem venha, senhor pae,
Com Deus seja a sua vinda;
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha:
Estando eu no meu tear,
Tecendo cambraia fina
Veio o conde de Allemanha...» —

— «Algum fio te quebraria,
Não te zangues, minha filha,
Nem me faças tu zangar,
Porque o conde é divertido,
Talvez fôsse por brincar.» —

— «Mal o hajam os seus brincos,
Mais o seu negro brincar;
Que me pegou por um braço,
E á cama me quiz levar.» —

— «Accomoda-te pois, filha,
Não me faças mais zangar,
Ámanhã por estas horas
Vae o conde a degollar.» —

«Levante-se, minha mãi,
Venha vêr a bizarria!
E o conde da Allemanha
Tambem vae na companhia,
Com a cabeça n'um prato,
E o sangue n'uma bacia.» —

— «Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste;
Sendo o conde tão bonito
A morte que lhe causaste.» —

— «Accomode-se, minha mãi,
Não me faça mais zangar,
A morte, que o conde leva,
Não lh'a faça eu levar.» —

— «Bem hajas, oh minha filha,
Mais o leite que mammaste;
Menina de doze annos
Da morte que me livraste.» —

2.

Lição de Almeida-Garrett. [1]

Já lá vem o sol na serra, [2]
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido,
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta, [3]
A infanta sua filha.

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. II. p. 77—87.

[2] Já o sol dá na vidraça. — RIBATEJO.

[3] Sabia-o Dona Sylvana. — MINHO.
Sabia-o Dona Bernarda. — BEIRALTA.

— «Não nas chegue eu a romper
Mangas da minha camisa,
Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.» —

— «Cal'-te, cal'-te la infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde d'Allemanha
De oiro te vestiria.» —

— «Não quero vestidos d'oiro,
Mau fogo em quem n'os vestíra!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca o eu consentiria.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia.

— «Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.
Estando eu no meu tear
Seda amarella tecia,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios d'ella me tira.» —

— «Cal'-te d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde d'Allemanha
É menino, quer brincar.» —

— «Arrenego dos seus brincos
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
Á cama me quiz levar.» —

— «Cala-te já, minha filha,
Ninguem te oiça mais fallar;

Que em antes que o sol se ponha
Vai o conde a degollar.» —

Veis-lo conde d'Allemanha,
Veis-lo vai a degollar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

— «Venha cá, senhora mãi,[1]
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vai a degollar.» —

— «Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tão bonito
A morte foste causar.» —

— «Cal'-se d'ahi, minha mãi,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar.»[2] —

---

[1] Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os ingenhos d'aldea se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á rhyma certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permittem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

[2] Algumas copias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cabo* ou *fym*: remate que todavia se incontra quasi pelas mesmas palavras em outras muitas xácaras e romances:

N'uma campa raza e triste
Já o deixam interrado;
Pozeram-lhe á cabeceira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar que diga:

— «Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal d'amores,
Que é mal desesparado.» —

X.

ROMANCES DE DOM ALEIXO. [1]

1.

Versão da Foz.

Na cidade de Madrid
Na melhor que el-rei tenia,
Havia um cavalleiro,
Dom Aleixo se dizia,
O cujo tal cavalleiro
Namorava uma donzilla;
Ella lhe pediu tres cousas,
Que ao seu corpo convenia:
Uma, que fôsse sósinho
Sem mais outra companhia,
Outra pela meia noite
Quando a gente dormia.
Inda as dez não eram dadas,
Dom Aleixo se vestia,
Seu capacete de grana,
Seu chapeu á bizarria.
Pegando na sua espada
Foi para vêr sua amiga;
Chegando a um alvoredo
Penhascos o cobririam:

— «Não me atireis com pedras
Que pedras é cobardia;
Pucha pela tua espada,
Que eu tambem trago a minha

---

1 TH. BRAGA, Rom. p. 40—42. Apesar de que o primeiro verso parece indicar origem hespanhola do romance, não se encontra nas collecções hespanholas. Nas Ilhas dos Açores Castella é substituida pela Hungria. A versão de Almeida-Garrett é composta de varias lições provincias e o collector confessa que algumas palavras foram conjecturalmente substituidas por elle.

Cessae, cassae, oh villões,
Não useis de mais porfia,
Quero fazer testamento
Da fazenda que tenia:
A minha alma dou a Deos,
E á Virgem Sancta Maria;
O meu corpo tão valente
Já o dou á terra fria,
Coração á minha dama,
Discreta Dona Maria.» —

Rescordou Dona Maria
De somno em que jazia.

— «Quem te matou, Dom Aleixo?
Quem te matou, vida minha?» —

— «Os ladrões de teus irmãos
Já me tiraram a vida.
Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia;
Perde quem tem seus amores
Que d'elles se não retira.» —

Puchou por um faquim de ouro
Que á sua cinta trazia:

— «Quero sacar a minha alma,
Quero levar companhia.» —

2.

Versão do Algarve. [1]

Lá na côrte de Castella,
Entre los grandes vivia
Nobre e altivo cavalleiro,
Que era a flor da fidalguia.
Dom Aleixo lhe chamavam,
Dom Aleixo se dizia;
Secretario era d'el-rei,
E el-rei mui bem lhe queria.
De amores elle tractava
Com dama de alta valia;
De dia andava-lhe á porta,
E de noite a perseguia.

— «Sete annos tenho de amores,
Sete annos e mais um dia;
Vai ser cumprida a palavra
Jurou que não faltaria,
Que esta noite á meia noite
Aos meus braços se daria.» —

— «Tres cousas te peço, Aleixo,
Que á tu' honra pretendia;
A uma que venhas só,
Que não tomes companhia;
A outra que tragas armas
Como é uso e cortezia,
E que o teu pagem não saiba
O que saber não devia.» —

Dom Aleixo que tal ouve,
Muito altivo ficaria;
Inda o sol ia correndo,
Elle já se deitaria,

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve, p. 23—28.

Meia noite quasi a pino,
Da cama logo se erguia.
Vestíra saia de malha,
Seu capacete lumbria;
Na mão espada levava,
No cinto adaga escondia.
Ao sair encontra o pagem
Que os passos lhe já seguia.

— «Eu só me vou esta noite,
Eu só, sem mais galhardia;
De volta serei comvosco
Antes que amanheça o dia.» —

Rua abaixo caminhava,
Rua acima se volvia,
Víra vir um penitente
Que mui de perto o vigía.

— «Diz-me se és alma que pena
Pelas ruas d'agonia,
Que se vens buscar confôrto,
Salvação se te daria.» —

— «Penando de ha muito estava,
Porque ainda te não via.
Eu sou teu anjo da guarda,
O anjo da tua guia,
Que venho aqui avisar-te
Que te esperam á porfia
Sete espadas d'embuscada
Contra a tua bizarria.» —

— «Outras tantas que ellas fôssem,
Atraz eu não voltaria;
Com um só palmo de ferro
Minha vida guardaria.» —

Desapparece o phantasma,
Que um anjo bem parecia.
Volta abaixo o cavalleiro
E acima logo volvia;
N'isto as pedras eram tantas,
Que até o ar se movia.

— «Guarte, guarte, oh meus villões,
Não useis de villania;
Arrancae melhores armas,
Que eu por mim não fugiria;
Ao que espada não trouxesse,
A minha lhe eu já daria;
Com um só palmo de adaga
Todos sete mataria.» —

Avança, e todos por terra,
Bem mortos os julgaria,
Mas um dos sete que escapa
Fundo golpo lhe daria.
Aos gritos do cavalleiro
A dama logo acudia.

— «Quem te mata, Dom Aleixo,
Quem matar-te mandaria?» —

— «Mandaste-lo vós, senhora,
Com traição e covardia!
Não se me dá de morrer,
Que vida assim mal servia.
Por minha mãi, que é velha,
Eu só gritava e gemia!
Bem certo dizer é esse,
Que desde infante eu ouvia:
Perde quem anda de noite,
Ganha quem logra de dia,
Perde quem tem seus amores
Quando em donzellas se fia.
Se dellas não me fiára,
Tão cedo não morreria!» —

3.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

Nós eramos tres irmãs,
Todas tres de um igualar;
Uma ensinava á outra
A cozer e a bordar: [2]
A mais pequena de todas
Se foi, de noite, a folgar [3]
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal. [4]
Vestiu vestido de pagem,
Que lhe ficava a matar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:

— «Das tres irmãs que aqui moram,
A qual hei de eu namorar?» —

Nós de dentro do balcão
A rirmos de seu brincar. [5]
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi abaixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 91—100.

[2] É visivel o erro e corrupção das lições que, faltando á rhyma obrigada, lêem como n'esta:

Nós eramos tres irmãs
Todas tres de um parecer;
Uma ensinava a outra
A bordar e a cozer.

[3] Andava pelo pomar. — Lisboa.

[4] Ao redor do laranjal. — Beiralta.

[5] A rirmos do seu folgar. — Beiralta.

— «Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este lugar?» —

O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar...
Tam alto em demazia,
Alto, alto, de pasmar.[1]

— «Se tu es a coisa má
Eu te quero esconjurar,
Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar.» —

— «Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar,
Tambem não sou alma em penas
Para tu me incommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo
Que aviso te venho dar:[2]
Sete te estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hão de tirar.» —

— «Pois eu por esse lhe juro
E pela Virgem Maria,
Que outros sete que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu ésta lhe imprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.» —

---

[1] Que era coisa de pasmar. — LISBOA.
[2] Que te venho avisar. — LISBOA.

Palavras não eram ditas,
O ermitão se descubria,
Foi a tomal-a nos braços
Com sobeja demazia.
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos
Que alli por morto cahia.

— «Quem te matou, Dom Aleixo,
Quem te matou, vida minha?» —

— «Mataste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.» —

Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.

XI.

ROMANCES DE DONA AUSENDA.[1]

1.

Versão de Almeida-Garrett.

Á porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada,[2]
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. II. p. 179—186. É pouco conhecido este romance em Portugal; segundo Garrett, duas provincias (Extremadura e Alemtejo) apenas o conservam, nem ha vestigios d'elle no resto da peninsula.

[2] Cresce uma herva fadada. — Alemtejo.

Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que pôz a mão n'ella.
Logo se sentiu pejada.[1]
Vinha seu pae para a mesa,
Veio ella muito appressada
Para lhe dar agua ás mãos
Como filha bem criada.
Pôz-lhe elle os olhos direitos,
Ella fez-se muito corada.

— «Que é isso, Dona Ausenda;
Voto a Deus que estás pejada.» —

— «Não diga tal, senhor pae,
É da saia mal talhada;
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.» —

Mandou chamar os dois xastres
Que tinham mais nomeada?» —

— «Vejam-me esta saia, mestres;
Adonde está ella errada?» —

Olharam um para o outro:

— «Ésta saia não tem nada;
O erro que ella tem
É a menina estar pejada.» —

— «Confessa-te, Dona Ausenda,
Que ámanhã serás queimada.» —

— «Ái triste da minha vida,
Ái triste de mim coitada!

---

[1] Sentiu-se logo prenhada. — ALEMTEJO.

Sem nunca ter tido amores
Vou a morrer deshonrada!» —

Foram chamar o ermitão [1]
Da ponte da Alliviada;
Era um fradinho velho
Que o incontraram na estrada.
Mal o frade chega á porta,
Deitou-se á herva fadada,
Cortou-a pela raiz, [2]
Na manga a leva guardada.

— «Ajoelhae, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessae vosso peccado
A Deos e á Virgem sagrada.» —

— «Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demonio
Ver-me eu donzella e pejada!» —

— «Ha quanto tempo, senhora,
Vos sentis imbaraçada?» —

— «Os nove mezes faz hoje
Que alli n'aquella ramada
Na noite de San João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da herva rociada,
Sentia-me eu tam ditosa,
Tam feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veio a madrugada.» —

---

1 Foram buscar confessor
Á ermida da Alliviada. — EXTREMADURA.

2 Arranca raiz e tudo. — ALEMTEJO.

— «Tomae agora esta herva,
Que é uma herva fadada:
Com a benção que lhe eu deito [1]
Ficará herva sagrada.» —

— «Ái! este cheiro, meu padre,
É o que eu senti na ramada.» —

Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella herva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque [2]
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Metteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Já desperta Dona Ausenda,
Já se sente alliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um mau sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem talhada;
Foi-se encontrar com seu pae
Que estava na alpendorada
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada.

---

[1] Com as rezas que eu lhe rezo. — EXTREMADURA.

[2] Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada. — ALEMTEJO.

— «Senhor pae, aqui me tendes
Já disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.» —

O pae que a mira e remira
Tam esbelta e bem pregada,
O seu corpo tão gentil,
Sua saia tão bem talhada:

— «Que feitiço era este, filha,
Com que estavas imbruxada?
Como se desfez o incanto,
Que te vejo tam mudada?» —

— «Fôsse elle poder de incanto,
Ou condão de herva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.» —

— «Metade de quanto eu tenho,
A metade bem contada,
A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.» —
Palavras não eram ditas
O ermitão que chegava:

— «Acceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a dais por desposada.» —

Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o habito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e espada.[1]

---

[1] Vestido de capa e espada. — EXTREMADURA.

Era o conde Dom Ramiro
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôz a mão na herva fadada.

XII.

DONA ALDONÇA. [1]

Versão do Algarve.

Á porta de Dona Aldonça
Corre um cano d'agua clara;
A mulher que d'ella bebe,
Logo se sente pejada;
Dona Aldonça bebeu d'ella
Em má hora desgraçada;
Indo assentar-se á mesa,
Seu pae que bem lhe olhára:

— «O que é isso, Dona Aldonça,
Que me pareces pejada?» —

— «Ái não é, não, senhor pae,
Sim a saia mal rodada;
Do mal vestida que foi,
Me ficou alevantada.» —

— «Como a falta é só da saia,
Que seja logo queimada..

---

1 Estacio da Veiga, Rom. do Algarve, p. 75—80. O collector obteve differentes lições algarvias, uma em Portimão, duas em Tavira, e outra que de Lagos lhe foi enviada por uma senhora. O romance offerece notavel similhança com o romance de Dona Ausenda e no fim lembra o romance de Gerinaldo.

Recolhe-te, Dona Aldonça,
Recolhe-te á tua sala;
Nunca mais tu me appareças
Com saia tão mal talhada.» —

Retirou-se Dona Aldonça
Muito triste e magoada;
Indo pela escada acima,
Dor de parto que apertava.

— «Anda já, criada minha,
Anda cá, minha criada,
Corre, corre, vai ligeira,
Vê quem passeia na praça.» —

— «Senhora, minha senhora,
Não vos deis por malfadada,
Só passeia Valdivinos,
Rico primo de voss' alma;
Já de cá lhe fiz aceno
Elle pôz-se de abalada.» —

Tal razão não era dita,
Valdivinos que chegava.

— «Deus vos salve, minha prima,
Que já estaes descançada!» —

— «Anda cá, ó Valdivinos,
Rico primo da minh' alma,
Toma lá esta menina,
A criar irás leval-a;
Despeza que ella fizer,
Eu sómente hei de pagal-a.» —

Indo pela escada abaixo
Com seu tio se encontrára.

— «Que Deus vos salve, oh meu tio,
Rico tio da minh' alma.» —

— «Anda cá, oh meu sobrinho,
Meu sobrinho da minh' alma;
Ái dize-me, oh Valdivinos,
Que levas n'ala da capa?» —

— «Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada.» —

— «Vai convidar tua prima,
Que ella n'esse estado estava.» —

— «Mesmo agora de lá venho,
Já ficou bem convidada.» —

— «Dá-me uma, dá-me duas,
Deixa ver se estão qualhadas.» —

— «Não posso, senhor meu tio,
Não posso, que vão contadas.» —

Ao dizer estas palavras,
A menina que chorava.

— «Foge d'aqui, Valdivinos,
Perdição da minha casa;
Se meu sobrinho não fôras,
Aqui mesmo te matára;
Dona Aldonça, tua prima,
Depois tambem a queimára.» —

— «Não se me dá que me matem,
Nem que ella seja queimada,
Dá-se-me d'esta innocente,
Que me fica desgraçada!» —

— «Eu se mato Dona Aldonça,
É minha filha adorada,
Eu se mato Valdivinos,
Ella fica deshonrada.
Casará elle com ella
N'esta hora aventurada.» —

Voltam ambos — Dona Aldonça,
Que em suspiros se finava,
Quando o pae lhe a filha entrega
Para que bem a criára,
Tal foi seu contentamento,
Que, de alegria, chorava.

XIII.

ROMANCES DE DOM CARLOS DE MONTEALBAR.[1]

1.

Versão do Porto e Beira-Alta.

Estando Dona Sylvana,
Mais Dom Carlos Montealbar,
Debaixo de uma roseira,
Debaixo de um rosal,
Passou por alli um pagico,
Que nunca elle passasse:

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 79—83. Depping julga que este romance derivado da tradição hespanhola (DURAN, Rom. no. 364) pertence ás aventuras de Eginhart e da filha de Carlos Magno. Quadra muito bem com esta opinião a circumstancia de que o pagem delator vae contar o succedido ao rei á casa dos estudantes, onde estava a estudar, o que revela uma reminiscencia de que Carlos Magno como rei ainda apprendia as primeiras letras.

— «Pagico, do que has visto
A el-rei não vás contar,
Que eu te dou a minha chave,
Quanto puderes levar;
E da parte da senhora
O que ella te quizer dar.» —

— «Não quero ouro, nem prata,
Se ouro e prata me heis dar;
Quero guardar lealdade
A quem a devo guardar.» —

Pagem, como ignorante,
A el-rei o foi contar,
Á casa dos estudantes
Onde estava a estudar.

— «Deos vos salve, senhor rei,
E a vossa corôa real;
Lá deixei o conde Claros
Com a princesa a folgar.» —

— «Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto fallaste,
Alto has de ir a enforcar.» —

— «Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar.» —

— «Ganhei a morte, senhora,
E a vida me podeis dar.» —

— «Se ella está na minha mão,
A vida não te hei de dar;
Para outra não fazeres
Já irás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.» —

Aos sete para outo mezes
Seu pae que a estava a mirar:

— «Que me mira, senhor pae,
Que tanto me está a mirar?» —

— «Eu miro-te, minha filha,
Que me pareces pejada.» —

— «Cale-se d'ahi, meu pae,
Que é das saias mal talhadas.» —

Mandou chamar dois obreiros
A quem elle mais amava,
Olharam um para o outro:

— «Estas saias não tem nada!» —

— «Cal'-te, cal'-te, minha filha,
Ámanhã serás queimada!» —

— «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real.
Ái quem me dera um pagico
Que me fôra bem mandado,
Que me levára uma carta
A Dom Carlos Montealbar.» —

— «Escreva, minha senhora,
Emquanto eu vou jantar.» —

— «Se elle estiver a dormir
Façam-no logo acordar,
Se elle estiver a comer
Não o deixem acabar.» —

— «Aqui lhe trago, senhor,
Novas de grande pesar,
Que a sua bella menina
Ámanhã vai a queimar.» —

— «Jornada de trinta leguas
Temol-a nós para andar.» —

Era meia noite em ponto
Dom Carlos a repousar;
Chamou um dos seus criados,
O que lhe era mais leal,
Lhe aparelhasse um cavallo
Dos que tem melhor andar;
Doze campainhas d'ouro
Lhe puzesse ao peitoral.
Onde vás tu, oh Dom Carlos,
Sósinho por esse andar?
Vestiu-se em trajos de frade
Ao caminho foi esperar.

— «Cesse, cesse, senhor conde,
Cesse, se ha de cessar,
Que a menina que aí vae
Inda está por confessar.» —

— «Confesse-a, senhor padre,
Em quanto eu vou jantar.» —

— «Diga-me, minha menina,
Verdade me ha de fallar:
Se algum dia teve amor
A leigo, crelgo, ou a frade?» —

— «Nunca tive amor a crelgo,
Nem a leigo, nem a padre;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.» —

No primeiro mandamento
O padre nada lhe disse;
No meio da confissão,
Um beijinho lhe pediu.

— «Cesse, cesse, senhor padre,
Cesse, se ha de cessar,
Onde Dom Carlos beijou
Ninguem mais ha de beijar.» —

— «Esse sou, minha senhora,
Que a venho aqui buscar.» —

Tomou-a logo nos braços
Puzeram-se e caminhar;
Correm d'além os criados
E puzeram-se a gritar:

— «Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar!» —

— «Pois vão dizer a seu pae
Que a venha d'aqui tirar.» —

2.

Variante de Ribeira de Areias. [1]

Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar;
Seu tio a veiu vêr,
Seu primo a visitar.

— «Muito me pésa, prima,
Muito me pésa o seu mal.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 246—249.

— «Assim elle me não pese,
E não me póde pesar,
Que o que anda em meu ventre
É filho de bom pae.
Não se me dá de morrer,
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me do meu filhinho,
Que outra mãi não ha de achar.
Não haver anjo no céo,
Para carta me levar,
A portos da Inglaterra,
A Dom Carlos Montealvar!» —

Appareceu um pombinho
Na janella foi poisar:

— «Dae-me cá essas cartas
Que eu quero-as ir levar
A portos de Inglaterra
A Dom Carlos Montealvar.
Viagem de oito dias
N'uma hora se ha de passar.» —

Entrando pelo palacio
Senhores á mesa a jantar:

— «Aprompem-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.» —

— «Não se aprompem as cadeiras
Que eu não me venho assentar;
Aqui tendes estas cartas
Tractae já de as passar.
Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar.» —

Entrou de lêr logo as cartas
Entrou de as passar;

As lagrimas eram tantas
Que eram par a par.
Respondeu a sua mãi
Lá da sala onde estava:

— «Anda filho, anda filho,
Se tem remedio, vae dar.» —

— «Como póde ter remedio,
Se elle já não tem lugar?» —

— «Mette-te pelo convento,
Veste-te em trajo de frade,
Que ella é moça, é menina
Ha de ter que confessar;
Debaixo da confissão,
Nada se póde negar.» —

— «Oh justiça, oh justiça,
Vós podeis bem descansar;
Claralinda é menina
Ha de ter que confessar!
Diga-me minha menina,
A quem deve de amar?» —

— «Eu amo a Deos no céo,
E a Dom Carlos Montealvar;
Lá lhe mandei umas cartas,
Não lhe puderam chegar.» —

— «Diga-me a minha menina
A quem deve de amar?
Debaixo da confissão
Se um beijo me póde dar?» —

— «Não permitta Deos do céo,
Nem os santos do altar,

Onde o conde pôz os beiços
Que os ponha nenhum frade;
Nem vos posso dar um beijo,
Porque eu vou a matar.» —

— «Dê-me a menina um beijo,
Que já não vae a matar.» —

Puzera-a no seu cavallo,
Tractou já de caminhar;
Passára por uma rua,
A mãi á janella estava:

— «Deus te guie, cavalleiro,
Deos te queira guiar;
Que livraste Claralinda
D'ella não ir a queimar.» —

3.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias.)[1]

— «Claralinda está doente,
Vejo-a tão descorada?» —

— «Foi de um pucarinho de agua
Que bebeu na madrugada.» —

Seu pae tanto que o soube
Logo a mandou sangrar;
Mandou chamar tres donzellas
P'ra com Claralinda estar.
D'onde vinha uma d'ellas
Mui liberal no fallar:

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 243—246. O principio d'esta versão parece-se muito com o de Dona Ausenda.

— «Claralinda está pejada,
Já o não póde negar.» —

Seu pae quanto que o soube,
Logo a mandou matar;
Todos os primos e primas
Lá a foram visitar.

— «Todos os primos e primas
Aqui me vem visitar;
Só não ha um primo de alma
Que se dôa do meu mal,
Que me vá levar uma carta
A João de Gibraltar.» —

Respondeu-lhe o mais môço,
O mais môço que alli estava.

— «Oh prima, apromptae a carta,
Quero vol-a ir levar;
Se a jornada é de dez dias
N'uma hora a quero andar.» —

Quando elle lá chegou
'Stavam á mesa a jantar,
Arrojaram-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

— «Venho aqui com uma carta,
Não me quero assentar;
Claralinda está doente,
Seu pae a manda matar.» —

— «Eu não se me dá que a mate,
Nem que a mande matar
Dá-se-me do ventre d'ella
Que é filho de tão bom pae.» —

Respondéra sua mãi,
A sua mãi que alli estava:

— «Se isso tem algum remedio
Filho, tracta de lh'o dar.» —

— «Eu não lhe sinto remedio
Que remedio lhe hei de dar?» —

— «Despe o vestido de seda,
E veste habito saial,
Dize que és um clerigo
Que a queres confessar.» —

Quando elle lá chegou
Já estavam p'r'a matar.
Já o theatro está feito
Para ir a degolar.

— «Tate, tate, bons algozes,
Que eu quero aí chegar;
Que ella é menina e moça
Terá de que se accusar.» —

Primeiro lhe perguntou:

— «Vós a quem deveis amar?» —

— «Primeiro a Jesus do Céo,
E a João de Gibraltar.» —

— «Os senhores dão licença,
Deixem-m'a ir confessar;
Ella péde sacramentos,
Tem tempo de se emendar.» —

Entram pela porta travessa,
Sairam pela principal...

— «Embarque-se, senhora, embarque-se,
Vamos para Gibraltar!
Fica-te embora, meu sogro,
Aqui não quero tornar;
Toda a filha da fortuna
Commigo queira embarcar,
A nossa cama está feita
Sobre as ondas do mar.» —

4.

DONA LIZARDA. [1]

Variante da Beira-Baixa.

— «Oh Lizarda, oh Lizarda,
Oh Lizarda meus amores,
Quem dormíra uma só noite
Comvosco n'esses alvores.» —

— «Dormireis uma ou duas
Se não vos fôsses gabar.» —

— «Tenho feito juramento
Na folhinha do Missal,
Menina com quem dormir
De eu a não ir diffamar.» —

Ainda não era manhã
Ao jogo se foi gabar:

— «Dormi esta noite com uma...
Não ha na côrte uma egual!» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 83—86. N'esta variante ha fusão com o romance de Albaninha. Vid. no. XIV.

Puzeram-se uns para os outros:
Quem seria? quem será?
Aonde estava um irmão
Á mãi o veio contar;
A mãi assim que o soube
Logo a mandou fechar.
O pae perdeu confiança,
Lenha lhe mandou cortar.

— «Oh Lizarda, oh Lizarda,
O pae te manda queimar.» —

— «Não se me dá que me queime,
Nem que me mande queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que leva sangue real.» —

Chegou a uma janella,
Mui triste do coração:

— «Haverá por' hi um pagem
O qual queira do meu pão,
Que esse levasse uma carta
Ao conde de Montalvão?» —

Appareceu-lhe um menino
De sete annos e mais não:

— «Eu lh'a levarei, senhora,
Escripta no coração.» —

— «Se o achares a dormir,
Deixa-o primeiro acordar;
Se o achares á janella,
Cartas lhe vás entregar.» —

Foi fortuna do menino
Á janella o ir achar:

— «Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar;
Menina com quem dormistes
Ámanhã a vão queimar.
Não se lhe dá que a queimem
Nem que a levem a queimar;
Dá-se-lhe só do seu ventre,
Que leva sangue real.» —

— «Ala, ala, meus criados,
Cavallos ide ferrar,
Com ferraduras de bronze
Que não se hajam de gastar,
Jornada de outo dias
Esta noite se ha de andar.» —

Vestiu-se em trajos de frade,
Começou a caminhar;
Quando chegou ao pé d'ella
Então já a iam queimar.

— «Quéde, quéde, essa justiça,
Se não a farei quedar;
A menina que aí levam
Ainda vae por confessar.» —

— «Confessae-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar;
A confissão é de um anno,
Ella ha de-se demorar.» —

— «Venha cá, minha menina,
Faça confissão geral,
No meio da confissão
Um beijinho me hade dar.» —

— «Tenho feito juramento
No folhinha do Missal,

Bocca que beijou o conde,
Frade não ha de beijar.» —

— «Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No meio da confissão
Um abraço me ha de dar.» —

— «Não permitta Deos do céo
Nem os santos do altar,
Braços que o conde abraçaram
Frades não hão de abraçar.» —

Começa-se elle a sorrir
No meio da confissão:

— «Pelo rir estás parecendo
O conde de Montalvão!» —

— «Esse sou, minha senhora,
Criado para a salvar.» —

Montou-a no seu cavallo,
Foi á pressa a caminhar,
Quando veio a justiça
Não a puderam alcançar.

— «Digam agora a seus manos
Que a venham cá accusar;
Digam agora a sua mãi,
Que a venha cá fechar;
Digam tambem a seu pae
Que a mande agora queimar.»
Vae na minha companhia
Para com ella casar.» —

5.

DONA ARERIA.[1]

Variante de Coimbra.

A cidade de Coimbra
Tem uma fonte de agua clara;
As moças que bebem n'ella
Logo se vêem pejadas.
Dona Areria bebeu n'ella
Logo se viu occupada.
Estando com seu pae á mesa
Seu pae que muito a mirava:

— «Dona Areria, Dona Areria,
Parece que estás pejada?» —

— «A culpa é dos alfaiates
Que talharam mal a saia.» —

Chamaram-se os alfaiates
Á sua salla fechada,
Olharam uns para os outros:

— «Esta saia não tem nada,
Ao cabo de nove mezes
Ella será abaixada.» —

Arrecolheu-se ao seu quarto
Muito triste, desmaiada.

— «Dona Areria, Dona Areria,
Ámanhã serás queimada.» —

— «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;

---

[1] Th. Braga, Rom. pag. 87—89.

Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de mui nobre linhagem.
Oh quem me dera um criado
Que me coméra o meu pão;
Que me levára uma carta
Ao conde de Montalvão.» —

— «Escreva, menina, escreva,
Escreva do coração,
Que eu lhe levarei a carta
Ao conde de Montalvão.» —

— «Aqui tem, oh senhor conde,
Carta de muito pesar;
Menina com quem dormiu
Ella aí vem a queimar.» —

— «Se tu me dizes devéras,
Cavallos mando apromptar;
A jornada de oito dias
Ainda hoje se ha de andar.» —

— «Lá ao fim de nove leguas
Liteiras se hão de encontrar.» —

Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi fallar.

— «Pára, pára, oh da liteira,
Que eu te farei parar,
A menina que vem dentro
Ella vem por confessar:
Diga-me, minha menina,
Verdade me ha de fallar,
Se teve amores com clerigos
Ou com frades, mal pesar?» —

— «Não tive amores com clerigos,
Nem frades de mal pesar;
Tive amores com Dom Carlos
Por isso vou a queimar.» —

— «Lá no meio da confissão
Um beijinho me ha de dar.» —

— «Onde o conde pôz a bocca
Padre algum lhe ha de tocar.» —

— «Pois Dom Carlos sou eu mesmo
E comtigo hei de casar.» —

XIV.

ROMANCE DA ALBANINHA.[1]

Versão de Almeida-Garrett.

— «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te víra Albaninha
Tres horas a meu mandar!» —

— «Pouco tempo são tres horas
Mas vem depois o contar.» —

— «Usança de maus villões
Nunca a eu soubeira usar.

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 25—29. Almeida-Garrett encontrou o romance de Albaninha sómente na provincia de Tras-os-Montes. Diz que não ha variantes que mereçam a pena de se conservar nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

Com esta espada me cortem
Com outra de mais cortar;
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me fôr gabar.» —

Inda bem manhã não era,
Já na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:

— «Esta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tam fina
Que nunca vi tal saltar:
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar!» —

— «Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmãs nos quer fallar?» —

Responde agora o mais môço,
Discreto no seu pensar:

— «Não vêdes que é de Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?» —

Foram-se os tres para um canto,
Poseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos,

— «Vamo'-lo nós a matar?» —

E o mais môço respondia:

— «Vamo'-la nós a casar? —

— «Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.» —

Vão ao quarto da Albaninha,
De voda a foram achar;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a toucar.

— «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste guardar!» —

— «As barbas de meu pae conde
Tractae vós de as honrar,
Pagando-me já meu dote,
Que agora me vou casar.» —

XV.

ROMANCES DE BERNAL-FRANCEZ.[1]

1.

Versão da Foz.

— «Oh quem bate á minha porta,
Quem bate, oh quem está ahi?» —

— «São cravos minha senhora,
Flores lhe trago aqui?» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 34—36. O romance de Bernal-Francez anda na tradição oral da Beira-Baixa e da Extremadura, veio de Hespanha onde é conhecido sob o titulo da Bella mal maridada (OCHOA, Tesoro, p. 490). A lição de Almeida-Garrett (Rom. II. p. 129), tirada dos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira, é muito aperfeiçoada.

— «Eu não abro a minha porta
A taes horas de dormir.» —

— «Ái se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir...
Ao abrir a minha porta
Se apagou o meu candil;
Ao subir a minha escada
Me cahiu o meu chapim.
Peguei-n'elle nos meus braços,
Levei-o pelo jardim,
Mandei lavar pés e mãos
Em aguinha de alecrim;
Vestir camiza lavada,
Deital-o ao par de mim.» —

Era meia noite dada:

— «Não te víras para mim?
Se tu temes a meu pae
Elle longe está de ti;
Se temes meus criados
Elles estão a dormir;
Se temes o meu marido,
Más novas venham aqui.» —

— «Eu não temo a teu pae,
Que elle sogro é de mim;
Não me temo dos criados
Que mais me querem que a ti;
Não me temo da justiça
Que a justiça é por mim.
A teu marido não temo
E d'elle nunca temi...
Teme tu falsa traidora
Pois o tens ao par de ti.
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir,

Te darei saia de gala,
Roupinha de cramesi;
Gargantilha colorada,
Pois que tu a queres assi.» —

— «Deixa-me ir por' qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada,
Se é morta ou se inda viva.» —

— «Que fazeis, oh cavalleiro,
A taes horas por aqui?» —

— «Venho vêr a minha amada
Que ha dias que a não vi.» —

— «A tua amada, senhor,
É morta que eu bem n'a vi!
Os sinaes que ella levava
Eu te los direi aqui:
Levava saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois o ella o quiz assim.» —

— «Monta, monta, meu cavallo,
Quanto podéras montar,
Só n'aquella sepultura
É que eu posso descançar:
Abre-te, oh penha sagrada,
Esconde-me ao par de ti!» —

Do fundo da sepultura
Uma triste voz ouvi:

— «A mulher com quem casares
Seja Anna como a mim;

E as filhas que tu tiveres,
Tem-as sempre ao pé de ti,
Para que não aconteça
O que aconteceu a mim.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge (Urzelina). [1]

— «Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.» —

— «Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.» —

— «Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.» —

— «Se é outro no seu lugar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal-Françoilo,
Descalça lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua do alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 202—205. Na Ilha de S. Jorge o romance de Bernal-Françez foi encontrado com o titulo de Dom Pedro de França e de Dom Pedro Françoilo.

E vós Bernal-Françoilo
Sem vos virares p'ra mim?
Ou tendes dama em França,
A quem queiraes mais que a mim?» —

— «Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti..» —

— «Não te temas de meu pae
Que é velho, não vem aqui;
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui.
Não temas o meu marido,
Longas terras está d'aqui:
Oh, maus mouros o captivem,
Novas me venham a mim.» —

— «Eu não temo a teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com' a mim:
Teme-te do teu marido
Que o tens a par de ti!» —

— «Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?» —

— «Trago-te saia de grana,
E bajú de carmezim;
Gargantilha de cutello
Pois a mereceste assim. —

— «Oh lua que vás tam alta,
Que não quer amanhecer,
Para esta triste coitada
Acabar de padecer.» —

— «Nem com essas, nem com outras
Pois tu me has de vencer;

Antes da manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.» —

— «Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?» —

— «Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.» —

— «Tua dama já é morta,
É morta, eu bem a vi.
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim.
Sete cirios accenderam,
Todas sete eu accendi.» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.» —

Chegando ao pé de uma ermida
Lá um vulto preto víra:

— «Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si;
Beiços com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não têm forças em si;
A mulher com quem casares,
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim;
Quando para ella olhares
Para te lembrares de mim.» —

— «Quer eu case, quer não case,
Hei de me lembrar de ti;
Abre lá já essa campa,
Quero-me enterrar comtigo.» —

— «Vive, vive, cavalleiro,
Por amor de ti morri.» —

3.

Variante da Ilha de S. Jorge (Rosaes). [1]

— «Alecrim bateu á porta,
Manjerona quem está aí?» —

— «É um cravo d'Arrochela,
Oh Rosa, mandae-lhe abrir!» —

— «Se elle é Dom Pedro de França,
Descalça lhe vou abrir.» —

Pois se erguéra d'onde estava,
Descalça lhe fôra abrir,
Lhe pegára pela mão
O levára ao seu jardim;
Lhe lavára pés e mãos
Com bella agua de alecrim;
Uma gota que ficára
Lavára tambem a si,
Vestíra-lhe uma camisa
Como quem vestíra a si,
Fizera cama de rosas,
O deitára a par de si.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 205—208.

— «Era meia noite em ponto,
Outra meia para dormir,
E tu, Dom Pedro Françoilo,
Sem te virares para mim?
Se temes o meu marido,
Longes terras 'stá d'aqui;
Más balas frias o passem,
Novas me venham aqui.
Se tu temes meus irmãos
Inda agora vão d'aqui.» —

— «Eu não temo o teu marido,
Que o tens ao par de ti,
Eu não temo os teus irmãos
Que te venham a carpir,
Manda chamar thesoureiro
Que dobre os sinos por ti!
Manda chamar o coveiro
Que a cova te venha abrir.
Antes da manhã nascida
Eu quero voltar d'aqui,
Tenho navio no porto
E n'elle me quero ir.» —

— «Oh que sonho sería este
Que agora sonhei aqui?
Se tu és o meu marido
Que me trazes para mim?» —

— «Trago saia de brocado,
Vestido de carmezim.
Tambem trago um punhal de ouro,
Que o quizestes assim;
Quando vier a manhã
Tu já morta jazerias.» —

— «Matae-me, senhor, matae-me,
Poi a morte mereci.» —

Quando viu coisas tão bellas,
E o sangue pelo chão,
As mãos tivera quebrado
As cordas do coração.
Elle que vinha saindo
O cavalleiro encontrou:

— «Onde vás tu, cavalleiro?
Tão penoso vás em ti?» —

— «Eu vou vêr a minha amada,
Que ha dias que a não vi!» —

— «Tua dama já é morta,
É morta que eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim!
Com sete tochas accezas,
Todas sete lhe accendi;
Sete missas lhe disseram,
Todas sete eu as ouvi.
Aqui levo pá e enchada
Com que de terra a cobri!» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.
Abre-te campa sagrada,
Quero vêr quem está em ti:
Francisquinha da minha alma,
Tu já moras por aqui?» —

Indo pelo adro dentro
Víra um vulto para si.

— «Não temas tu, cavalleiro,
Não tenhas medo de mim;
Que eu sou a tua dama,
Sete annos te servi!

Pernas com que te aguentava
Já calor não teem em si;
Braços com que te abraçava
Já fôrça não teem em si;
Bocca com que le beijava
Já de terra a enchi!
Olhos com que te mirava
Já de terra os cobri!
Mulher com quem tu casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome como a mim;
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim.
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti,
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal-a por ti mais por mim;
Quando puzeres a meza
Resa-me uma Ave-Maria,
Para bem de me pagares
Sete annos que te servia.» —

XVI.

ROMANCES DO CONDE NIÑO.[1]

7.

Versão de Tras-os-Montes.

Vae o conde, conde Niño,
Seu cavallo vae banhar;
Emquanto o cavallo bebe
Cantou um lindo cantar.

— «Bebe, bebe, meu cavallo,
Que Deus te ha de livrar
Dos trabalhos d'este mundo,
E das areias do mar.» —

— «Esperta, oh bella princeza,
Ouvide um lindo cantar;
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar!» —

— «Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
É o conde, conde Niño
Que commigo quer casar.» —

— «Se elle quer casar comtigo
Eu o mandarei matar.» —

— «Quando lhe deres a morte
Mandae-me a mim degollar;
Que a mim me enterrem á porta,
A elle ao pé do altar.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 37—38. O romance do Cende Niño ou Conde Nillo, como lhe chama Almeida-Garrett (Rom. T. III. p. 7—9) encontra-se na provincia de Tras-os-Montes, no Algarve, onde foi recolhido por Estacio da Veiga sob o titulo de Dom Diniz, e nas Ilhas dos Açores onde lhe chamam Dom Duardos. Não existe nas collecções hespanholas.

Morreu um, e morreu outro,
Já lá vão a enterrar;
D'um nascêra um pinheirinho,
De outro um lindo pinheiral;
Cresceu um e cresceu outro,
As pontas foram junctar,
Que quando el-rei ia á missa
Não o deixavam passar.
Pelo que o rei maldito
Logo as mandava cortar;
D'um corréra leite puro,
E do outro sangue real!
Fugíra d'um uma pomba
E do outro um pombo trocal,
Sentava-se el-rei á mesa
No hombro lhe iam poisar:

— «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar;
Nem na vida, nem na morte
Nunca os pude separar.» —

2.

DOM DINIZ.[1]

Versão do Algarve.

Já se lá vai Dom Diniz
Manhanita de natal
Ver dar agua ao seu cavallo
Lá para as ribas do mar;
Dom Diniz morre de amores
Pela infantina real;

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 64—67.

Assim que el-rei tal soubéra
O mandára desterrar.
Em quanto o russo bebia,
Elle se pôz a cantar;
El-rei que á janella estava [1]
Mal o acaba de escutar,
Vai-se a ter com sua filha,
A linda infanta real:

— «Anda cá, oh filha minha,
Ouvir um doce cantar,
Que ou é dos anjos do ceu,
Ou das sereias do mar.» —

— «Não é, não, senhor meu pae,
É bem outro esse cantar...
É Dom Diniz com saudades
Que se está a delatar!
É Dom Diniz, Dom Diniz,
Que de amor me vem fallar.» —

— «Se é Dom Diniz, minha filha,
Eu o mando já matar,
É bem que pague co'a vida
Desterrado que tal faz.» —

— «Na fogueira em que elle arder,
Me quero eu logo queimar,
E na cova em que o metterem
Tambem me quero enterrar.» —

Todos os sinos dobravam;
Dom Diniz ia a queimar;
Mal que a infanta ouvíra os sinos
Se deixa logo finar.

---

[1] El-rei que estava dormindo,
Accordou ao seu cantar.

Mortos que eram os amantes
Já os lá vão a enterrar,
Elle no meio da igreja,
Ella mesmo ao pé do altar.
Tres dias eram passados
Na igreja o mesmo cantar,
O cantar que el-rei ouvíra
Lá para as ribas do mar.
Passados outros tres dias,
Então é que era pasmar;
Da campa da linda infanta
Nasce um formoso rosal,
Da campa do cavalleiro
Um viçoso canaveal,
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda el-rei cortar as canas
Mais as rosas do altar;
Da infanta nasce uma pomba,
D'elle um gavião real;
Mas el-rei de enraivecido
Laços lhes mandou armar.
Voavam azas com azas [1]
Para no ar se beijar;
E tanto, tanto voaram,
Que ao ceu fôram a parar.

---

[1] A rainha, de raivosa,
Maldição lhes foi deitar:
— «Maldição te deito, filha,
Para que vás fazer ninho
Lá sobre as rochas de mar.» —

D'ella se forma uma igreja,
D'elle um portentoso altar,
Para quem de amor morresse
Alli se fôsse enterrar.

; assim que acaba a lição de Faro, que não adoptei por me parecer mais
ennino o acabamento que preferi, o qual é commum a todas as mais
ções que d'este romance correm no Algarve.

3.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

— «Escutae, se qu'reis ouvir
Um rico, doce cantar!
Devem de ser as marinhas,
Ou os peixinhos do mar?» —

— «Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar.» —

— «Elle se fôr Dom Duardos
Eu o mandarei matar!» —

— «Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.» —

Quando Dom Duardos chegou
O rei o mandou matar;
E tambem o rei mandou
A princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;
Ella se formou em arvor'
Elle n'um pinho real;
Um cresceu, outro cresceu,
Ao ár foram-se abraçar.
Seu pae tanto que o soube
Os mandou logo cortar.
Nunca houve ferramenta
Que com elles podesse entrar;
Ella se tornou em pomba,
Elle n'um pombo real;

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 271—272.

Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.
Ella se formou em ermida,
Elle n'um altar real.
Seu pae tanto que o soube,
Logo os foi visitar.

— «Ajoelhae, pae da minha alma,
E começae a resar;
Que eu sou a filha Maria
Que não quizestes casar;
Alimpae as vossas lagrimas
Não caiam a este mar.
Nunca haja pae nem mãi,
Que tal torne a augmentar:
Apartar o matrimonio
Que Deos tem para ajunctar.» —

DOM DUARDOS.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

— «Chegae, Infanta, á janella,
Ouvi um doce cantar;
Ouvi cantar as sereias
No meio d'aquelle mar.» —

— «Elle não são as sereias,
Nem o seu doce cantar;
Elle é o Dom Duardos,
Que a mim me vem visitar.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 272—274.

— «Se elle é o Dom Duardos,
Hei de mandal-o matar!» —

— «Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.» —

Mataram a Dom Duardos
Á noite pelo luar;
Degollaram a princeza
Antes do sol arraiar.
Enterrou-se um na capella,
Outro á porta principal;
D'ella nasceu oliveira,
E d'elle um pinho real;
Cresceu um e cresceu outro,
Ao ár foram-se abraçar.
O pae quando tal soube,
Logo os mandára cortar!
Da oliveira corre leite,
Do pinho sangue real.
A rainha com inveja
Mandára-os botar ao mar!
Foram os barcos ao peixe,
Nada de peixe pilharam;
Viram estar uma Ermida
C'uma Santa no altar!
Chamaram os padres todos
Que a fôssem baptizar,
Que lhe fôssem pôr por nome
Sam João de Baixa-mar;
Que a Senhora que está n'ella
Fôsse a Virgem do Pilar.
Ajunctou-se muita gente
Onde ia tambem seu pae;
Seu pae, quando lá chegou
Começára de chorar.

— «Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais;

Não haja pae, nem mãi
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deos tem para ajunctar.» —

5.

A ERMIDA NO MAR.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

Maria, pondo a meza,
Para seu pae vir jantar,
Viu vir uma nau á vela,
Á vela por esse mar.
São os amores de Maria
Que a vem enamorar!

— «Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar!» —

Ella não se dá d'isso,
O mandou apregoar;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.

— «Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.» —

Mandou-o matar a elle
E a ella degollar.
O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 274—276.

Um se enterrou na capella,
Outro ao pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar;
Da mais alta rocha que havia
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fôssem baptisar.
Ajunctou-se muita gente,
Na companhia ia o pae;
Seu pae, quanto que a viu,
Começou de prantear.

— «Que tendes pae da minha alma,
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deos fez
Não os faças desmanchar;
Tudo o que tendes resado
Seja á Virgem do Pilar,
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar.» —

XVII.

ROMANCES DA DONZELLA QUE SE FINA DE AMOR.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Vellas.)

A fortuna convidou-me
P'ra ir com ella jantar,
Em meza de sentimentos,
Toalhinha de pesar:

— «Dize-me tu, oh fortuna,
Quando me has de deixar?» —

— «Quando se seccarem fontes,
E rios que correm ao mar.» —

— «Fica-te embora, fortuna,
Que bem te podes ficar;
Eu vou-me de terra em terra,
E de lugar em lugar,
Vêr se encontro um cavalleiro,
O meu amor natural.» —

Indo por uma praça acima
Tres senhoras víra estar:

— «Beijo-vos as mãos, senhoras,
Cada qual no seu lugar;
Não pergunto por ermida,
Nem por contas de resar,

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 219—223. Além das versões açorianas ha uma da Beira-Baixa, mas inferior em belleza á lição de Almeida-Garrett (Rom. T. III. p. 22), formada segundo o costume d'este poeta, de varios fragmentos.

É só por um cavalleiro,
Freguez do meu natural.» —

— «Namoremos a donzella
Discreta no seu fallar;
Não pergunta por ermida,
Nem por livros de resar;
É só por um cavalleiro
Freguez do seu natural.» —

— «O senhor Dom foi p'ra caça,
Aqui não póde tardar;
Mas se a pressa é muita
Eu o mandarei chamar.» —

— «Elle a pressa não é muita,
Tambem posso esperar.» —

Palavras não eram ditas
O senhor Dom a chegar.

— «Que fazeis aqui, donzella,
Terra do meu natural?» —

— «Meus suspiros c'os teus ais
Me fizeram cá chegar!
Dize-me tu, cavalleiro,
Que dia vamos casar?» —

— «Quando te eu mandava prendas
Não m'as quizeste acceitar;
Quando t'eu fallar queria
Não me quizeste escutar.
Quando eu quiz não quizeste,
Agora que vens buscar?
Agora, bella donzella,
Está outra no teu lugar;
Tenho mulher mui gentil,
Meninos para criar.» —

— «Bem a vejo acolá
Com filhinhos de criar;
Dae-me licença, senhora,
Que eu o quero abraçar.» —

— «A licença vós a tendes,
Não vol-a posso negar.» —

Palavras não eram ditas,
Donzella o foi abraçar;
Ella caiu para traz
Alli se deixou finar.

— «Jesus! tamanha é a dôr,
Jesus, tamanho o pesar;
Cavalleiro, dá-lhe um beijo
Que torna a ressuscitar.» —

— «Nem com beijo, nem sem beijo
Não torna a ressuscitar,
Ella já está tão fria,
Como o ferro natural.
Venha cá minha mulher,
Conselho quero tomar;
Que faremos á donzella
Da ermida, para a enterrar?» —

— «O conselho que te dou
É que a mandes arrastar,
Arrastar pelo cabello,
E lança-a n'aquelle mar.
Vae andando, vae rolando
Irá ter ao seu logar.» —

— «Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Eu inda tenho dinheiro
Para a mandar enterrar.» —

— «Carregae-a d'ouro e prata,
Mandae-a deitar ao mar;
Para que aonde ella chegue
Ter com que a enterrar.» —

— «Esse conselho não tomo,
Esse não hei de tomar;
Ainda tenho uma ermida
Para n'ella se enterrar.
Esse ouro, essa prata
Para com ella gastar.
Hei de fazer-lhe um enterro
Como seja pae e mãi,
Mandarei fazer uma cova
Para a mandar enterrar;
Os seus cabellos dourados
Por fóra hão de ficar,
P'ra todos os namorados
Alli irem acabar.» —

Palavras não eram ditas,
Cavalleiro se finára;
Enterrou-se um na capella,
Outro ao pé do altar;
A rainha com inveja
Se mandára degollar;
Aqui vereis vós menina
O que é amor natural.

2.

ROSAL-FLORIDO.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira de Areias).

— «Rosa que estás na roseira,
Manda-me um vintem de rosas;
As abertas não as ha,
Fechadas são mais formosas.» —

— «Vá-se embora, cavalleiro,
Não me queira attentar,
Que o rosal é muito alto
Não as posso apanhar.» —

— «Rosinha, dê-me licença
Que eu as irei apanhar!» —

— «Vá-se embora, cavalleiro,
A má ida vá comtigo;
Pelo bafo que me botas
Cheiras-me a lodo pudrido.» —

— «Volta, volta, meu cavallo,
A boa ida vá comtigo!
Pelo bafo que me cheira
É rosal enflorecido.» —

Ao cabo de sete annos
Rosinha d'alli partia,
N'uma lanchinha de prata
A par da Virgem Maria.
Fôra ter a uma terra
Onde gente não havia,
Senão só duas senhoras
Cada uma em seu lugar.

[1] Th. Braga, Cant. Pop. do Archip. Açor. p. 223—225.

— «Senhora, dae-me noticia
Do que vos vou perguntar
Por um senhor estrangeiro
Do meu paiz natural?» —

— «Esse senhor foi p'ra caça,
Aqui não póde tardar.» —

— «Senhora, dê-me licença,
Que eu me quero assentar.» —

Palavras não eram ditas,
O senhor alli a chegar.

— «Que fazeis aqui, donzella,
De mi terra natural?» —

— «A vossa vinda, senhor,
É que me fez aqui chegar.» —

— «Quando eu quiz tu não quizeste,
Está outra no teu logar,
Aí tens a par de ti
Um filhinho para criar.» —

Ella quando tal ouviu
Logo ficou passada.

— «Pega-lhe pelo cabello
E bota-a n'aquelle mar.» —

— «Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar,
Ainda tenho prata e ouro
Para com ella gastar.» —

Mandou fazer um moimento,
Para o mandar enterrar;
O seu cabello de fóra
Para por elles chorar.

3.

Versão da Covilhã. [1]

— «Oh menina da mantilha
Guarde-me esse lindo rosto,
Que eu vou para a minha terra,
Em vindo caso comvosco.
Lá dos quatro para os cinco,
E dos cinco para os seis,
Menina se eu não vier,
Menina casar-vos heis.» —

— «Filha eu quero te casar
Que é o teu tempo vindo.» —

— «Senhor pae, estou casada,
Não tenha duvida n'isso.» —

Agarrou no seu fatinho
Abalou por aí alem,
E ia de terra em terra
E de lugar em lugar.
Já levava a bocca secca
De por elle procurar;
Os seus olhos como punhos
De por elle ir a chorar.

— «Móra aqui um cavalleiro
Da minha terra natural?» —

— «Aqui móra, sim senhora,
Anda na caça a caçar;
Se elle é de muita pressa
Eu o mando lá chamar.» —

— «Elle a pressa não é muita
Que por elle hei de esperar.» —

[1] Th. Braga, Rom. p. 38—40.

Elle á noite quando veio
Começou-se a admirar.

— «Quem vos trouxe aqui, senhora,
Á minha terra natal?» —

— «Foram as suas saudades
Que fizeram cá chegar.» —

— «Tenho os meus filhos pequenos,
Que Deos m'os deixe criar,
Tenho a minha mulher moça
Que Deos m'a deixe gosar.» —

A menina que isto ouviu
Cahiu morta por traz.

— «Que farei aqui, senhora,
Que farei a tanto mal?» —

— «Pegue-lhe pelos cabellos
E manda-a deitar ao mar!» —

— «Não farei isso, senhora,
Na mi terra natural
Mando fazer um caixão
Com a tampa de crystal,
E na pia da agua benta
A mandarei sepultar.» —

XVIII.

ROMANCES DE DONA HELENA.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge.

Chorava Dona Helena,
Chorava que razão tinha.

— «Que tendes, Dona Helena,
Que estaes pósta a chorar?» —

— «As saudades me apertam
Pela casa de meu pae.» —

— «Se isso é assim, Dona Helena,
Cavallo mando sellar.» —

— «Se o homem vier da caça,
Quem o ha de ir visitar?» —

— «Vou eu, vou eu, Dona Helena,
Vou eu em vosso lugar;
Em elle vindo da caça
Na caça lhe irei pegar.» —

Quando ella tal ouvia
Tractou sim de caminhar;
Dona Helena caminhando
Seu marido a chegar:

— «Que é da minha esposa Helena,
Que me não vem visitar?» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 225—227. Almeida-Garrett bteve o romance, em Maio de 1843, de uma saloia velha das visinhanças e Lisboa; ha outra lição da Beiralta. O mesmo romance existe na traição oral das Asturias e da Catalunha.

— «A tua esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti filho de mau pae.» —

— «Se assim é, minha mãi,
Tracto sim de caminhar;
Viagem de outo dias
Faço-a até ao jantar.» —

Mette esporas ao cavallo,
Tractou sim de caminhar;
Chegou á casa do sogro,
Seu cunhado a montar:

— «Dou-vos novas, cunhado,
Que tendes filho varão.» —

— «Pois a mãi que o teve
Ou o criará ou não!» —

N'aquelle mesmo tempo
Mandou-a logo montar.

— «Ái Jesus, vou tão fraquinha,
Quem me dera confessar.» —

— «A quem deixas teus vestidos
Que tu deixaste de usar?» —

— «Á minha irmã mais velha,
Que Deus lh'os deixe gosar.» —

— «A quem deixas tuas joias,
Que tu deixas de usar?» —

— «Á minha irmã mais moça,
Que Deos lh'as deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu filho
Que tu deixas de criar?» —

— «Á perra de tua mãi,
Causadora de meus males.» —

— «Antes o deixes á tua,
Que a minha t'o ha de matar.» —

— «Oh que ermida é aquella
Que a vejo alvejar?
Chama-me um padre d'ella
Que me quero confessar.» —

— «Confessa-os a mim Helena,
Que elles serão perdoados.» —

— «Confesso-te os mais miudos,
Que os grandes não têm logar.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

Passeava Dona Helena
Por um corredor acima;
Cantares que ella cantava,
Ouvidos que a sogra ouvia.

— «O que tens, oh Dona Helena,
O que tens, oh nora minha?» —

— «As saudades me matam,
Que a casa de meu pae via!» —

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 227—330.

— «Se as saudades te matam,
Caminha, caminha, e vae
No cavallo andaluz
Que é ligeiro no andar.
Viagem de outo dias
N'uma hora a ides passar.» —

— «Se meu marido vier
Quem lhe porá de cear?» —

— «Se teu marido vier
Eu lhe porei de cear,
A caça que elle trouxer
Eu a saberei guardar.» —

— «Que é da minha esposa Helena,
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «A vossa esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti, filho de mau pae!
Se quereis ir ter com ella,
Caminha depressa e vae
No cavallinho andaluz,
Que é ligeiro no andar;
Viagem de outo dias
Fáze-la até ao jantar.» —

Elle por escada acima
Cunhado por ella abaixo:

— «Dou-te novas, meu cunhado,
Tendes um filho varão.» —

— Essas novas que me daes
Tanto me dá como não;
Porque a mãi que o teve
Ou o criará ou não.

Levanta-te, mulher minha,
Vamos para nossa casa.» —

— «Pois doentinha de uma hora
P'ra onde hei de caminhar?» —

— «A viagem é d'outo dias,
N'uma hora a vamos passar.
O cavallinho andaluz
É ligeiro no andar.» —

— «Olha para esse cavallo
Como em sangue vae banhado;
Vae banhado com o sangue
Que d'este meu corpo sae!
Pois que ermida é aquella
Que eu vejo branquejar?
Chamae-me um padre de missa
Que me quero confessar.» —

— «Confessa-te a mim, Helena,
Que Deos te ha de perdoar,
Dos peccadinhos miudos,
Que os grandes não têm logar.
A quem deixas o teu fato
Que t'o haja de estimar?» —

— «Á minha irmã mais velha,
Que Deos lh'o deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu ouro,
Que t'o haja de estimar?» —

— «Á minha irmã mais moça
Que Deos lh'o deixe gosar.» —

— «A quem deixas o teu filho
Que t'o haja de estimar.» —

— «Á perra de tua mãi,
Causadeira de meus males.» —

— «Tu não o deixes á minha,
Que ella t'o ha de matar;
Deixa-o antes á tua,
Que ella t'o ha de criar;
Com as lagrimas dos olhos
É que t'o ha de levar,
Com a coifa da cabeça
É que t'o ha de limpar.» —

3.

Versão de Almeida-Garrett. [1]

— «Ái! que saudades me apertam
Pela casa de meu pae!
Tambem me apertam as dores,
E minha mãi sem chegar!» —

— «Se as saudades te apertam,
Bem n'as podes ir matar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho — e andar!» —

— «E á noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?» —

— «Da caça que elle trouzer,
Eu lh'a farei amanhar.
Do meu pão e do meu vinho
O que elle quizer tomar.» —

— «Onde está mi' esposa Helena
Que me não dá de cear?» —

[1] Almeida-Garrett, T. III. p. 51—58.

— «Tua esposa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não póde aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãi tal.» —

— «O meu cavallo andaluz [1]
Já e já m'o vão sellar.
Essa mulher, por Deus juro
Que ella m'as tem de pagar.» —

— «As boas novas, meu genro, [2]
Que tenho para vos dar!
Filho varão, e tam lindo,
Um anjo de pôr no altar!» —

— «Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãi que o pariu
Não é que o ha de criar.
Ergue-te d'ahi, Helena,
Que me tens de accompanhar.» —

— «Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?» —

— «Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.» —

— «Ande elle, que não ande,
Onde a quereis levar?» —

---

[1] Que me sellem meu cavallo,
Depressa, não devagar. — EXTREMADURA.

[2] Alviçaras, meu irmão,
Que já m'as devias de dar. — BEIRALTA.

— «Cal'-se d'ahi, minha mãi,
Já se havia de calar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a ha de mandar.
Que me dêm a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dêm-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ái! d'estes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembrae-lh'o vós, minha mãi,
Quando elle souber fallar.» —

— «Que dizes filha, que dizes?» —

— «Minha mãi, isto é folgar;
Que é tam perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.» —

O cavallo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,
Elle ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro fallar,
Ella já tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegada ao alto da serra [1]
Deu um ái, quiz desmaiar.

— «Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?» —

[1] Lá no mais alto da serra. — EXTREMADURA.

— «É que se me acaba a vida,
É que me estou a finar:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.» —

Já se não tem a cavallo,
Alli a foi apear:
Era a agonia da morte
Que já lhe estava a apertar.

— «A quem deixas o teu oiro
Que t'o hajam de estimar?» —

— «Deixo-o a minhas irmãs,
Se tu lh'o quizeres dar.» —

— «A quem deixa• essa cruz
E as pedras do teu collar?» —

— «A cruz, deixo-a á minha mãi
Que por mim lhe ha de rezar.
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.» —

— «Tua fazenda a quem deixas,
Que t'a saibam grangear?» —

— «Deixo-t'a a ti, marido,
Que t'a deixe Deus gosar!» —

— «A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?» —

— «Á tua mãi, que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!» —

— «Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o matar.

Ái! deixa-o antes á tua
Que bem n'o ha de criar.
Com lagrimas de seus olhos
Bem n'o ella ha de lavar;
Toucas de sua cabeça [1]
Tirará para o pençar.» —

De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A bocca não póde achar. [2]
Inda lhe disse c'os olhos
Que lhe estava a perdoar.

— «Não me perdoes, Helena,
Que Deus não te ha de escutar.
Ái! as penas do inferno
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céo
O meu anjo tutelar.
Mal hajam linguas traidoras [3]
E ouvidos que lhe eu fui dar.
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a matar!
Sete annos e mais um dia
Me-irei a peregrinar
Á porta sancta de Roma
Me quero ajoelhar;
E aqui um sancto convento
Fundarei n'este logar,

---

1 E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar. — EXTREMADURA.

2 Não póde á bocca chegar. — BEIRALTA.

3 Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más linguas
Meu amor vim a matar. — EXTREMADURA.

Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
Aqui foi seu mal-peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdoar.» —

XIX.

ROMANCES DE JOÃOSINHO.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Vellas).

Joãosinho foi jogar
Uma noite de Natal,
Ganhou cem dobras d'ouro,
Marcadas e por marcar;
Matou um padre de missa,
Revestido no altar;
Enganou sete donzellas
Que estavam para casar;
E furtou sete castillos
Todos do paço real.
O seu pae quando tal soube
Quizera-o mandar matar;
A mãi como triste mãi,
Começou de prantear:

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 230—231. Este romance muito interessante foi recolhido em duas diversas variantes por Th. Braga. É o unico documento da poesia popular portugueza em que encontramos antiga tradição germanica do banido, tantas vezes empregada na penadade foraleira.»

— «Não mateis o nosso filho,
Que bem custou a criar;
Mandae-o p'ra terras longes
Fóra do céo natural.» —

Andando por terras dentro
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá pão,
P'ra este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha pão,
Nem padeira p'r'o guizar.» —

Andando mais por diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá vinho
Para este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha vinho,
Nem se usa cultivar.» —

Andando mais para diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá agua
P'ra este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha agua,
Nem Deos destina a mandar.» —

Andando mais para diante
Começou de perguntar:

— «Aqui onde haverá herva
Para este pobre mercar?» —

— «N'esta terra não ha herva
Nem se usa a semeiar.» —

Foi tal a dor que lhe deu
Que logo sancto acabára.

2.

FLORES E VENTOS.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias).

Caminhou Flores e Ventos
Uma noite de natal,
Deshonrou sete donzellas
Todas de sangue real!
Arrasou sete cidades
Que o pae tinha p'ra lhe dar;
Matou seis padres de missa,
Revestidos no altar!
Jogou cem dobrões de ouro
Marcados e por marcar.
Sua mãi quando tal soube
Logo ao rei foi fallar:

— «Não o mateis, senhor rei,
Que é o nosso filho carnal,
Desterrae-o para longe,
Longe do vosso reinado;
Que não tenha pão nem vinho,
Nem comida o seu cavallo!» —

— «Se lhe eu não der castigo
Ou outro qualquer extranho,
Já não sou imperador,
Sou imperador de engano.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 232–233.

Andando de terra em terra
Começou de perguntar:

— «A senhora vende pão
P'ra ajuda do meu jantar?» —

— «Eu não, senhor cavalleiro,
Não o ha n'este logar.» —

— «Senhora, vendeis cevada,
Para dar ao meu cavallo?» —

— «Eu não, senhor cavalleiro,
Não a ha n'este cerrado.» —

— «A senhora me disculpe,
Que eu sou um pobre vassallo.» —

— «Deos o encaminhe, senhor,
Não tenho que desculpar.» —

Sete annos andou em sella,
Outros sete andou em pé,
Foi acabar sanctamente
No adro de Nazareth.

3.

DONA BRANCA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Urzelina).

Deos me dera ter a graça
Além das ondas do mar,
Que teve Flores e Ventos
N'uma noite de Natal.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 233—235.

Deshonrou sete donzellas
Que o rei tinha p'ra casar!
Abrazou sete cidades,
Que o rei tinha para lhes dar.
Jogou cem dobrões de ouro
Que o rei tinha p'r'as dotar.
Tambem matou sete padres,
Revestidos no altar.
O Rei quando o soube,
Logo o mandou matar.
Sua mãi, que lh'o disseram,
Por elle foi apellar:

— «Se deshonrou as donzellas,
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se abrazou sete cidades,
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se elle matou sete padres,
Deos lhe queira perdoar.
Vem-te cá, oh filho meu,
Que te quero amaldiçoar!
Que a mulher com quem casares
Nunca te seja leal.» —

Caminha Flores e Ventos,
Longes terras foi casar;
Foi casar com Dona Branca,
A mais linda do logar.
E d'alli a sete mezes
Tractára de caminhar,
Foi p'r'as partes de Aragão,
Longes terras foi caçar.

Caminhára Dona Branca
Para o jardim passear;
Com agua n'um copo d'ouro,
Para o seu rosto lavar.
Passavam dois cavalleiros
Jam por lá a passar.

— «Oh que rica Dona Branca,
Deos m'a dera namorar.» —

— «Vinde, vinde, cavalleiros,
Uma noite e outra não,
Que o meu homem foi caçar
Ás partes de Aragão.» —

Mas d'alli a quinze dias
Já para casa viera:

— «Quem eram aquelles pombos
Que 'stavam na minha janella?» —

— «Aquelles dois pombos, vosso
Pae devia-os mandar.» —

— «De quem são os dois cavallos,
Que estavam no meu saguão?» —

— «Aquelles dois cavallos
Vosso pae cá os mandou.» —

— «Quem eram esses dois homens
Que estavam na minha sala?» —

— «Matae-me, homem, matae-me,
Que a morte tenho ganhado.» —

— «Não te mato, Dona Branca,
Mate Deos que te criou;
Que isto tudo foram pragas
Que a minha mãi me rogou.» —

4 2.

DOM ALBERTO.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge (Rosaes).

— «Dom Alberto foi á caça
Lá á terra dos Leões,
Lá lhe apodreçam os ossos,
Mais tambem os seus falcões.» —

Estando n'essas razões,
Dom Alberto a chegar.

— «Que tendes, Dona Maria,
Que estaes tam descorada?
Alguma traição se armou
Ou está p'ra ser armada!» —

— «Não é nada, senhor Alberto,
Traição nenhuma é armada;
Fui eu que perdi as chaves
As chaves do cadeiado.» —

— «Calae-vos, minha senhora,
Calae-vos, Dona Maria,
Que se ellas são de prata,
Eu de ouro vol-as daria;
Que cavallo é aquelle
Que na minha loja rinchou?» —

— «É o vosso, senhor Alberto,
Meu irmão vol-o mandou.» —

— «Pois que sellim é aquelle
Que no meu cabido está?» —

— «É vosso, senhor Alberto,
Meu irmão o mandou cá.» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 236—237.

— «Que espingarda é aquella
Que no meu quarto está?» —

— «É vossa, senhor Alberto,
Meu irmão a mandou já.» —

— «Que esporas são aquellas
Que na minha mesa estão?» —

— «São vossas, senhor Alberto,
Mandou vol-as meu irmão.» —

— «Que cavalleiro é aquelle
Que em meu logar se deitou?» —

— «Matae-me, senhor Alberto,
Gram traição se vos armou.» —

— «Não te mato, minha rosa,
Pelo muito que te quero!
Vou mandar chamar teu pae
P'ra de ti ser entregue.» —

— «Você se se não confessou [1]
Tracte de se confessar,
Que eu sou caçador do rei
E mato caça real.
Vim apanhar uma pomba
Que pousou n'este logar.» —

---

[1] Th. Braga tem: Você se *a* não confessou, mas parece-me que, nos ultimos versos, Dom Alberto se dirige ao cavalleiro adultero, annunciando-lhe a morte.

5.

FLOR DE MARILIA.[1]

Variante da Ilha de S. Jorge.

— «Marilia, flor das Marilias,
Mais bella que o sol e a lua;
Quizera dormir comtigo
Uma noite e mais nenhuma.» —

— «Suba, suba, cavalleiro,
Uma noite e mais nenhuma;
Meu marido foi p'ra caça
Para as partes de Aragão;
Disse que ia matar mouros,
Os mouros o matarão.» —

Estando ella n'estas praticas
Seu marido ao postão:

— «Que cavallo branco é aquelle
Que 'stá aqui no meu saguão?» —

— «Aquelle cavallo é vosso,
E meu pae vol-o mandou.» —

— «Que espada nova é aquella
Que está n'aquella janella?» —

— «Aquella espada é vossa
Para vós venceres guerras.» —

— «Que cavalleiro é aquelle
Que está no meu dormitorio?» —

— «Elle é um irmão meu,
Irmão meu, cunhado vosso.» —

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 237—239.

— «Se elle é um irmão teu,
Porque me não vem fallar?» —

Pegára no seu punhal
Logo para o ir matar.

— «Não n'o mateis, meu marido,
Não n'o mates, Dom João,
Matae-me antes a mim
Que vos ando com traição.» --

Pegára no seu punhal
Mettéra-lh'o no coração;
Sangue que d'ella corria
Fazia poças no chão.
Elle o mandou ajuntar
Com dor do seu coração,
E o mandou enterrar
Ao pé de um manjaricão.

— «Quebradas tivesse as mãos
E as cordas do coração!» —

Quando viu as carnes bellas
Derramadas pelo chão.

XX.

ROMANCES DE DOM PEDRO MENINO.[1]

1.

Variante da Ilha de S. Jorge.

O marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o marquez;
O rei os mandou chamar
Cada um por sua vez.
Do primeiro fez um bispo,
Do outro fez seu barbeiro;
Dom Pedro, por ser mais môço,
Ficou para dispenseiro;
P'ra servir o rei á mesa
Como triste maravilha;
A princeza que o viu
Logo d'elle se agradou.
Seu pae assim que o soube
Logo em carcere o fechou;
A rainha que o soube
Logo o mandou chamar:

— «Que fazes aqui, sobrinho,
Minha carne natural?» —

— «Estou preso por ter amores
Com a princeza real.» —

Puchára da sua manga
Esmola para lhe dar.

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 249—253. O romance de Dom Pedro Menino tem muita similhança com o romance de Gerinaldo sobretudo na versão de Almeida-Garrett.

— «Agradeço, minha tia,
Não posso esmola pegar;
Tambem me quitou os braços
Para amores não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar!
Tambem me quitou os olhos
Para amores não mirar;
Diga lá á minha mãi
Que me venha visitar,
Nos dias em que nós estamos,
Que é tempo de caminhar,
Com seu mantinho no braço
Sem o poder enfiar,
Sua viola na mão
Para seu filho tocar.» —

— «Que fazeis aqui, meu filho,
Minha carne natural?» —

— «Estou preso por ter amores
Com a princeza real.» —

Puchára de sua manga
Esmola para lhe dar.

— «Agradeço, senhora mãi,
Que não a posso acceitar;
Que o rei me quitou as mãos
Para esmola não pegar;
Tambem me quitou os braços
Para amor não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar.
Tambem me quitou os olhos
Para amores não olhar.

— «Tomae lá esta viola
Ide tocar um baixão!» —

— «Oh minha mãi tão cruel
Tão dura do coração!
Seu filho para enforcar
Manda tocar um baixão!
Deos me dera um portador
Que esta carta levára
Á minha esposa Leonor.» —

— «Dá-me cá essas cartas
Quero ser o portador.» —

Fôra bater-lhe á porta,
Mesa posta p'ra jantar:

— «Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero fallar!» —

— «Teu filho foi para a caça,
Aqui não póde tardar!» —

— «Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero fallar.» —

— «Valha-te Deos, mulher,
Mais o teu importunar;
Teu filho foi para a caça
Aqui não póde tardar.» —

— «Que mal te fez o meu filho,
Para o mandares matar?» —

— «Já os linhos enflorecem,
'Stão os trigos em pendão!
Ajuntem-se as moças todas
No dia de Sam João;
Uns com cravos e rosas,
Outros com manjarição;
Aquelles que o não tiverem
Tragam-me um verde limão.» —

— «Vinde, vinde, minha filha,
Ouvir tão doce cantar;
Ou são anjinhos no céo,
Ou são sereias no mar?» —

— «Não são anjinhos no céo
Nem são sereias no mar;
É o Dom Pedro Menino
Que o senhor pae manda matar.» —

— «Se elle é Dom Pedro Menino
Comvosco venha reinar!
Tragam tinta e papel,
Comvosco venha casar.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

O Marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o Marquez;
O rei os mandou pedir
Cada um por sua vez:
O mais velho p'r'o vestir,
O do meio p'r'o calçar;
O mais môço d'elles todos
Para o rei barbear.
A princeza que tal soube
D'elle se quiz namorar;
O rei que tal soubera
Quizera-o mandar matar;
Manda-o metter n'uma torre
Até elle ir degollar.

Passava um caçador
A caçar caça real:

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 253—257.

— «Que fazeis aqui Dom Pedro,
Minha carne natural?» —

— «'Stou com sentença de forca,
Ámanhã vou a matar,
Por uma falla de amor
Que á princeza qu'ria dar.» —

Foi-se embora o caçador
A caçar caça real:

— «Eu trago noticias novas
As quaes as não posso dar;
Vi vosso filho na forca,
Ámanhã vae a matar.» —

Ella que ouviu aquillo,
Tractou já de caminhar;
Suas aias e criadas
Não a podem alcançar!
Os seu vestidos no braço
Sem os poder enfiar.

— «Que fazeis aqui, meu filho,
N'este escuro hospital?» —

— «Estou com sentença de forca,
Ámanhã vou a matar,
Por uma palavra de amor
Que á princeza queria dar.» —

— «Tomae-lá n'esta viola,
Tocae-me n'ella um baixão,
Como vosso pae tocava
No dia de Sam João.» —

— «Dae vós a Deos tal mulher,
Tão dura do coração!
Tem o filho para morrer,
Manda tocar um baixão.» —

— «Oh dia, que eras um dia,
Oh dia de Sam João!
Quando todos os mancebos
Com as suas damas vão,
Uns levam cravos e rosas,
Outros um manjaricão;
Ái de mim, triste coitado,
'Stou n'esta escura prisão,
D'onde não vejo sair
O tão lindo claro sol.» —

O rei que ia passeando
Cavallo mandou parar:

— «Que vozes do céo são estas,
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar.» —

— «Não são os anjos no céo
Nem as sereias do mar,
É Dom Pedro Pequenino,
Que meu pae manda matar!
Eu o queria por marido
Se o pae m'o quizera dar.» —

— «Chama á pressa o carcereiro,
Que á pressa o vá soltar;
Aí o tens por marido,
Deos vol-o deixe gosar.» —

XXI.

ROMANCES DA FILHA DO IMPERADOR DE ROMA.[1]

1.

Versão de Trás-os-Montes.

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda,
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada,
Pedem lh'a duques e condes,
Homens de capa e de espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhe punha taxa:
A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas;
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada.
Dizia-lhe o pae sorrindo:

— «Inda has de ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.» —

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,
Soubiram a uma ventana
Uma ventana mui alta.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 45—47. Almeida-Garrett, Rom. T. III, p. 109—116. A lição da Beira tem muitas variantes obscenas; nos romanceiros hespanhoes o romance da filha do imperador de Roma não se encontra; nas provincias meridionaes do reino é completamente desconhecido.

O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava;
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
Alli estava a aia discreta
Em que toda se fiava:

— «Vês, aia, aquelle ceifeiro,
Que anda n'aquella cegada?
Condes, duques, cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.» —

— «Bom cegador, vem commigo,
Que te quer fallar minha ama.» —

— «Eu não conheço a senhora,
Nem tam pouco a criada.» —

— «Cegador de boa estreia
Trazes a vista mui baixa;
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.» —

— «Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.» —

— «Estrella ou sol, vens commigo?» —

— «Irei pois, quem póde manda.» —

Entraram por um postigo
Que a porta ainda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.

— «Senhora, que me quereis,
Pois venho á vossa chamada?» —

— «Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada.» —

— «Atrever? me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda!
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.» —

— «Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coutada;
Cegador é nos meus braços,
Que de 'ti estou namorada.» —

Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:

— «Dizei-me bom cegador
De quem eu fico pejada?» —

— «Eu sou filho de um porqueiro,
E meu pae porcos guardava.» —

— «Oh triste de mim, coitada!
Bem me dizia meu pae:
Tu has de ser castigada.
Pediram-me condes e duques,
Homens de capa e d'espada,
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada.» —

2.

O DUQUE DA LOMBARDIA.[1]

Variante da Beira-Alta.

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo
A infanta se assomava.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fitta que traz no chapeo
De ouro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vae ceifando..
Bem sabe elle o que ceifava.

— «Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Vae m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.» —

Entravam por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava:

— «Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?» —

— «Atrever? atrevo-me a tudo,
Trabalho não me acobarda.» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. T. III. p. 109—116.

— «Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coutada,
Cegador é nos meus braços
Que de ti estou namorada.» —

Passou todo aquelle dia,
O mais da noite passava,
Ceifando vae o ceifeiro..
Bem sabe o que elle ceifava.

— «Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada;
Vae-te que meu pae não venha
Antes de ser madrugada.» —

Palavras não eram ditas,
El-rei á cama chegava:

— «Com quem fallas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?» —

— «Fallo com esta minha aia,
Que me tem desesperada;
Uma cama tão malfeita
Que dormir-me não deixava.» —

— «É forte essa tua aia
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-se já a donzella,
Que antes de ser madrugada
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.» —

O cegador muito enchuto
Sua sentença escutava;
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava,
Saltou no meio da casa,
Como se não fôra nada.

— «Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao Duque da Lombardia,
Veremos quem faz a barba.» —

O imperador mui contente
Depressa alli os casava:
Não quiz senhores, nem condes,
Homens de capa ou de espada,
Senão só o cegador
Que andava em sua cegada;
Sahiu-lhe um duque reinante,
Senhor d'alta nomeada;
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

3.

O HORTELÃO DAS FLORES. [1]

Variante da Beira-Baixa.

— «Não venho por te vêr, nem por te dar valor,
Venho por erguer olhos e a vista no sol pôr.
Fallar quero á princeza, o amor me traz rendido,
A ti peço conselho, velha do tempo antigo.» —

— «Vista traje mudado, cante em seu bandolim,
Boquinha de crystal, faces de seraphim.» —

— «Um bom conselho, velha, me deste para mim;
Não farão de mim caso, se me virem assim.
Com Deos te fica, velha, mais a tua porfia,
Mas se eu a render, velha, tens tença cada dia.
Eu vou bater o mato, caçar altanaria,
Mas se ella me escapar, em ti me vingaria.» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 48—50. É um dos poucos romances em endechas, metro pouco usado na poesia popular portugueza.

— «Abri lá essas portas, oh hortelão das flores,
Venho em traje mudado fallar aos meus amores.» —

— «Senhor podeis entrar, que tendes sempre accesso,[1]
Senhor, sois Dom Duarte, que bem vos reconheço.» —

— «Oh que varandas altas, com cem palmos de alteza,
Diz velho do bom tempo se alli vem a princeza?» —

— «Para as varandas altas, para tomar a fresca,
Costuma vir sósinha quasi sempre a princeza.» —

— «Se ella te perguntar quem é o estrangeiro,
Dize que é um teu filho vindo lá d'outro reino.
Que varandas tão altas, que jardim bem planteado;
Soubera o que hoje sei, que o tinha passeado.» —

— «Oh regador dos cravos venha para mais perto
Conversar a princeza com prazer discreto.
Oh regador dos cravos venha para o mirante
Olhar para a princeza com olhos de diamante.» —

— «Mandaram-me cá vir, não sei se é verdade.» —

— «Tão verdade não fôra espelho bello e claro.» —

— «Tendes-me aqui, senhora, mandae como a vassallo,
Já estive em noite escura, agora é dia claro;
Dae-me, que tenho sêde, um pucarinho de agua!» —

— «Aqui vos mato a sêde, espelho bello e claro.» —

— «A mim não ha quem mate a sêde continuada.» —

— «Vem cá fallar commigo ámanhã de madrugada;
Aluga uma burrinha, que o não saiba ninguem,
Que eu quero para sempre ir d'aqui para alem.» —

---

[1] Th. Braga tem: que tendes sempre acerto, o que não dá nem rima nem sentido.

— «Como a levarei, senhora, com quem irá d'aqui?
Filho d'um corta-carne, que apregôa aqui!» —

— «Não se me dá que o sejas ou que apregôe aqui!» —

— «Aluguei a burrinha, vá-se despedir.» —

— «Adeos oh fontas claras e poços de agua fria,
Eu já não ouço aqui rouxinóes ao meio dia.
Se meu pae perguntar quem é que me queria,
Dizei que a desgraça não é a que me guia.» —

— «Cala-te, Magdalena, lagrimas de peregrina!
Nos reinos estrangeiros melhor agua haveria.
Tambem ha claras fontes, poços de agua fria,
E canta o rouxinol á hora do meio dia.» —

— «Pareces Dom Duarte! oh que fortuna a minha,
Tornemos ao palacio a dizel-o á rainha:
Rainha e mãi senhora, humildo-me ao castigo,
Aqui está Dom Duarte, que vem por meu marido.
Rainha e senhora mãi, que pena me acompanha,
De não achar meu pae senhor de toda a Hespanha.
Rainha e mãi senhora, humildo-me com dor,
Não tem a quem pôr culpa, é mui cego o amor.» —

XXII.

ROMANCE DE DONA AGUEDA DE MEXIA.[1]

Versão de Almeida-Garrett.

Era a menina mais linda[2]
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa e tam discreta
De outro egual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito demais lhe queria:
Seus amores, seus requebros,
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil môço
Ninguem tanto a merecia;
Senão que o pae da donzella[3]
Outro conselho seguia:
Casal-a quer muito rica
Com um mercador que ahi havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube,[4]
Por pouco se não morria:

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 127—134. Th. Braga, Rom. p. 53—55 traz uma versão alemtejana do mesmo romance que omitti, porque Garrett aponta as variantes mais importantes da lição do Alemtejo.

[2] Era uma menina bella
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia. — Alemtejo.

[3] Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal-a com um mercador
Que áquellas partes vivia. — Alemtejo.

[4] Dom João quando isto ouviu,
Fóra da terra se ia. — Extremadura.

Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava,
Soffrê-la já não podia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava,
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.
Á sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhã de maio,
Todo o campo florecia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde surria;
Lá-de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia:
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou á de sua dama, [1]
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é cuberto de preto,
Mais preto que ser podia. [2]

---

1 Veio-se a passeiar
Á rua de sua amiga. — ALEMTEJO.

2 Do mais preto que havia. — EXTREMADURA.

Mandou chamar uma dona
Que ella comsigo trazia:

— «Dizei-me por Deus, senhora,[1]
Dizei-me por cortezia,
Esse lucto tam pesado
Por quem trazeis, que sería?» —

— «Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia,[2]
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.»[3] —

Dom João quando isto ouvia,[4]
Por morto em terra cahia,
Mas a dor era tammanha[5]
Que á força d'ella vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama jazia:

— «Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Sancta Maria,
Eu te rogo que me ajudes
A erguer esta campa fria.» —

---

1 — «Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas.
2 Dona Agueda de Mexia. — ALEMTEJO.
3 Por vós foi sua partida. — EXTREMADURA.
4 Palavras não eram ditas. — EXTREMADURA.
5 Mas a dôr era tam forte. — EXTREMADURA.

Alli a viu tam formosa
Tal como d'antes a via;
Alli, morta, sepultada,
Inda outra egual não havia,
Pôz os joelhos em terra,
Os braços ao céo erguia,
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou de seu punhal de oiro,[1]
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte
Já que em vida não podia.
Mas não quiz a Virgem sancta,[2]
A Virgem Sancta Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juizo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defuncta a mão direita
Ao seu amante extendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua bocca surria;
Volta a vida que se fôra,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Véem amigos, véem parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças á Sancta Virgem
Cujo milagre sería;
E a Dom João dão a espôsa,
Que tam bem a merecia.

---

1 Puchou por um punhal de oiro
Por lhe fazer companhia. — Alemtejo.

2 Permittiu a Virgem Sancta,
A Virgem Sancta Maria
Que se não perdesse uma alma
Por um preceito que tinha. — Alemtejo.

XXIII.

ROMANCE DO CASAMENTO E MORTALHA.[1]

Versão do Minho.

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada;
Dom João que vem doente,
Mal pesar da súa amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que se algum lhe désse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:

— «Tendes tres horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento
Deixar a alma encommendada.
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada;
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.» —

Estando n'estas conversas
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 55—58. ALMEIDA-GARRETT, Rom. T. III. Foi pela primeira vez publicado por Almeida-Garrett n'uma versão que obteve do Minho; o romance é desconhecido na Hespanha. Garrett não o julga mais antigo do que o seculo XV ou principios do XVI.

— «Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada;
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada.» —

— «Tenho fé na Virgem Sancta
N'ella venho confiada,
Que me ha de ouvir e salvar-te
Que teu mal não será nada.» —

— «Oh que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com as bençãos de um Arcebispo,
E de agua benta regada,
Com a estóla da sancta egreja
Ao meu coração atada.» —

Estando n'estas conversas,
Sua mãi que era chegada:

— «Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?» —

— «Tenho mãi que estou morrendo,
Quc esta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.» —

— «Filho de minhas entranhas,
'N'esta hora mingoada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.» —

— «Minha mãi, que devo, devo,
E Deos me não peça nada!
Dona Isabel, que em má hora
Por mim fica diffamada.

Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.» —

— «Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.» —

— «Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãi, vos peço,
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar,
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não,
Tenha a cabeça cortada.» —

— «A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.» —

— «Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada;
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.» —

APPENDICE.

ROMANCES DO CONDE D'ALLEMANHA.

(V. p. 168—172.)

1.

Variante de Trás-os-Montes. [1]

Já o sol dava na côrte,
E já era o claro dia,
Inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não no saberia el-rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o a Dona Infanta,
Filha da mesma rainha.

— «Infantinha, se o sabes,
Não me queiras descobrir,
Que o conde é mui brioso,
De ouro te ha de vestir.» —

— «Não quero vestidos d'ouro,
Que os tenho de damasco,
Meu pae ainda é bem novo,
Já me querem dar padrasto.

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 77—79.

As mangas d'esta camisa
Não as chegue eu a romper,
Se quando vier meu pae
Eu lh'o não fôra dizer.
Venha, venha, senhor pae,
Sancta seja a sua vinda,
Um conto quero contar,
Um conto á maravilha.» —

— «Conta, conta, minha filha,
Que eu gosto de te ouvir!» —

— «Estando eu na minha cella
Dobando seda amarella,
Veio o conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.» —

— «Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que o conde é rapaz novo,
É menino, quer brincar.» —

— «Mal hajam os seus brinquedos,
Mal haja do seu brincar,
Que pegou em mim nos braços,
Á cama me foi lançar.» —

— «Dize pois, oh minha filha,
Que castigo lhe hei de dar?» —

— «Quero escadas dos seus ossos
Para no jardim passear.» —

— «Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que ámanhã por estas horas
Vai o conde a degollar.» —

— «Arrenego-te, Mariana,
Mais o leite que mammaste,
Oh que conde tão bonito,
E a morta que lhe causaste.» —

— «Minha mãi, minha mãisinha,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor conde
Todo vestido de branco.
Venha vêr, oh minha mãi,
Á janellinha do pôço,
Venha vêr o senhor conde
Com uma corda ao pescoço.
Venha, venha, minha mãi,
Venha p'r'a sala do meio,
Vêr o conde da Allemanha
Feito n'um cravo vermelho.» —

— «Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste,
Sendo o conde tão bonito,
A morte que lhe causaste.» —

— «Cale-se ahi, minha mãi,
Ninguem a ouça fallar;
Que a morte que leva o conde,
Não a vá você levar.» —

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

Já o sol dá na vidraça,
Ái Jesus! tão claro dia!
Ainda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia!
Não o sabia el-rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha.

— «Senhora Dona Bernarda,
Bem nos podeis encobrir;
Que este conde é mui rico,
De ouro vos ha de vestir.» —

— «Não quero vestido de ouro,
Que eu o tenho de damasco;
Ainda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
Mangas da minha camisa
Não as chegue eu a romper,
Se meu pae vier p'ra casa,
Se lh'o eu não fôr dizer.» —

Estando com este verso,
O pae á porta a bater:

— «Que tendes, Dona Bernarda,
Que tendes, oh filha minha?
Conta-me das tuas magoas,
Que eu contarei maravilhas.» —

---

1 TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 208—211.

— «Estando no meu tear,
Bordando ouro e tela,
Veio o conde de Allemanha
Dois fios me furtou d'ella.» —

— «Calae-vos, Dona Bernarda,
Andae p'ra meza jantar,
Que o conde é pequenino,
É menino, quer brincar,
Que me pegou pela mão,
Á cama me quiz levar.» —

— «Calae-vos, Dona Bernarda,
Vinde p'ra meza jantar,
Que o pagem de Allemanha
Ámanhã vai a matar.» —

— «Meu pai, se o mandar matar
Não o enterre em sagrado;
Enterre-o em campo verde
Onde se apastou o gado,
Com um letreiro na testa,
Um letreiro bem lavrado,
Que o letreiro vá dizendo:
Já morreu o namorado.
Senhora Dona Maria
Andae, chegae á janella,
Vêde o conde de Allemanha
A companhia que leva!
Oh minha mãi, vinde vêr
O conde da bizarria,
Elle acolá vai morto,
Leva toda a fidalguia.
Chegue-se, senhora mãi,
Chegue á janella do mar,
Vêr o conde de Allemanha
Como vai a desbancar.

Chegue-se, senhora mãi,
Chegue á vidraça do meio,
Vêr o conde de Allemanha
Como lhe fica o vermelho.» —

— «Eira-má te leve, filha,
Mais o leite que mammaste!
Era um conde tão perfeito,
A morte que lhe causaste.
Oh que corpo tão pequeno,
Maldito te seja filha;
Oh cadella que mataste
Minha leal companhia!» —

— «Calae-vos, senhora mãi,
Calae-vos por cortezia;
Se o senhor pai tal soubera
Outro tanto lhe faria.» —

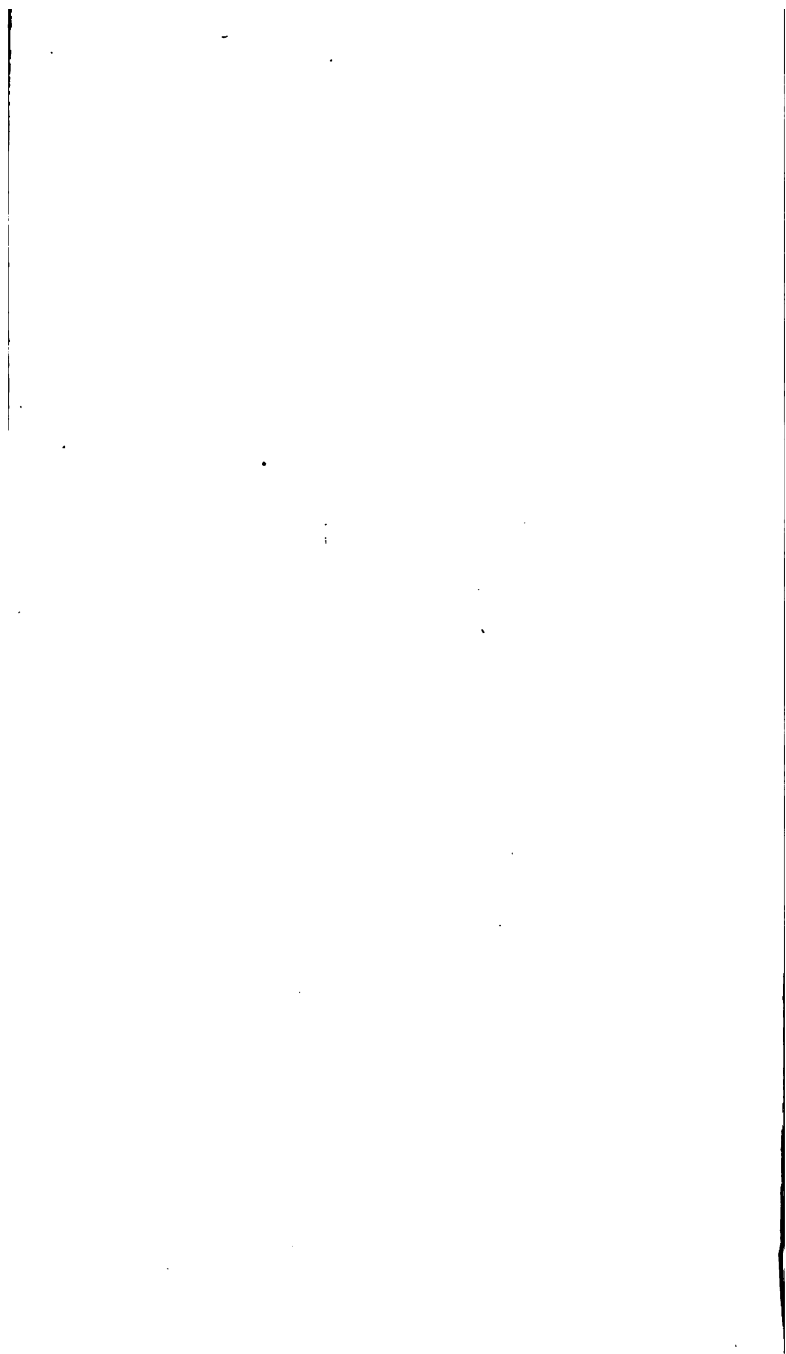
Impresso por F. A. Brockhaus, Leipzig.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
26	33	oam	Joam
61	18	mão	mãi
74	12	jardin	jardim
114	20	costar	cortar
115	36	suppтnho	supponho
115	36	alcunfor	alcanfor
167	31	as	ao

COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

Tomo VIII.

— 2 —

ROMANCEIRO PORTUGUEZ

COORDINADO, ANNOTADO

E

ACOMPANHADO D'UMA INTRODUCÇÃO E D'UM GLOSSARIO

POR

VICTOR EUGENIO HARDUNG.

TOMO SEGUNDO.

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.

1877.

INDICE.

E. ROMANCES MOURISCOS.

F. XACARAS.

G. ROMANCES SACROS E LENDAS CHRISTÃS.

H. ROMANCES COM FORMA LITTERARIA DOS SEC. XVI, XVII E XVIII.

J. ROMANCES MODERNOS.

E.

ROMANCES MOURISCOS.

I.

ROMANCES DE DOM GAYFEIROS.[1]

4.

Versão de Trás-os-Montes.

Sentado está Dom Gayfeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tabolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Se não quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:

— «Para isso es Gayfeiros,
Para os dados arrojar;
Tua esposa lá têm mouros,
Não es para a ir buscar.
Outrem fôra seu marido
Já lá não havia estar.» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 94—97. A. Garrett, Rom. II. 15. O romance de Dom Gayfeiros é um dos mais celebrados da Peninsula, citado por Cervantes (Don Quijote II. 26) e colligido por Duran (Rom. General II. 250, J. Grimm, Silva de romances viejos. Vienna 1831 pag. 10—28). Entrou em Portugal por meio do Cancioneiro de Romances de Anvers. Primeiro corria na sua linguagem nativa (Gil Vicente, Obras II. 27), sendo depois, em forma abreviada, trasladado a portuguez. E' corrente na tradição de Trás-os-Montes donde vieram as duas lições de Th. Braga (1 e 2). A versão de A.-Garrett (3) contem ambas estas lições, servindo-se além d'isso o poeta d'uma lição do cavalheiro de Oliveira e, em casos duvidosos, do texto hespanhol.

Palavras não eram ditas,
Os dados vão pelo ar,
A que não fôra o respeito
Da pessoa e do logar,
Tabolas e taboleiro
Tudo fôra espedaçar:

— «Sete annos a busquei, tio,
Sem a poder encontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres por cima do mar.
Andei por montes e valles
Sem dormir, nem descançar;
O comer de carne crua,
No sangue a sêde matar;
Sangue vertiam os pés,
Cansados de tanto andar;
E os sete annos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Ella estava em Salsonha [1]
Lá em palacio real.
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quizereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queiraes emprestar.
A minha esposa entre mouros,
Eu a quero ir buscar.» —

— «Minhas armas não te empresto,
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro,
Não o quero mal vezar.» —

Dom Gayfeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar:

---

[1] Salsonha, em hespanhol Sansueña, é denominação arabe da cidade de Saragoça. A versão de Almeida-Garrett tem Sansonha.

— «Bem parece Dom Roldão,
Bem parece mal pesar,
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.» —

— «Bem parece, Dom Gayfeiros,
Bem se deixa de mostrar,
Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar. [1]
Aquelle que mais te quer
Esse te ha de castigar.
Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal!
Porque sei que es bom, o disse,
E agora armar e sellar.
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão ao teu mandar,
E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar.» —

— «Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar;
Venham armas e cavallo,
Que já me quero marchar.» —

— «Oh que lindo cavalleiro
De tão gentil cavalgar!» —

— «Melhor sou jogando ás damas
Com mouros a batalhar.» —

1 TH. BRAGA tem: Em tudo vos faz falar.

— «Se sois christão, cavalleiro,
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar;
Pois me querem fazer moira,
E' de Christo renegar.
Com um rei mouro me casam
De alem das bandas do mar,
Dos sete reis da Moirama
Rainha me hão de coroar.» —

— «Esse recado, senhora,
Eu mesmo lh'o hei de dar,
Pois Dom Gayfeiros sou eu,
Que vos venho a buscar.» —

A fala não era dita
Puzeram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar.
Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa Moirama fóra
Sem mais temor nem pesar;
Fallando de seus amores
Sèm de mais nada pensar.
Em terras da christandade
Por fim vieram a entrar,
As festas que se fizeram
Não teem conta nem par.

2.

MELISENDRA. [1]

(Variante de Trás-os-Montes.)

— «Sete annos são cumpridos,
Bem n'os deves de contar,
Que a Melisendra é cativa
E a vida leva a chorar.
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estár.» —

A seu tio Dom Roldão
Tal resposta lhe foi dar:

— «Os sete annos são cumpridos
Sem a poder encontrar!
Agora a saber sou vindo
Que a Salsonha foi parar.
E eu sem armas nem cavallo
Com que a possa ir buscar!» —

— «Eu sempre te vi com armas,
Com cavallo a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?» —

— «As vossas armas meu tio,
Que m'as não queiraes negar;
A minha esposa cativa
Como hei de eu ir buscar?» —

— «Em Sam João de Latrão
Fiz juramento no altar
De a ninguem emprestar armas
Que m'as faça acovardar.» —

Saltam-lhe os olhos da cara,
De merencorio fallar:

---

1 Th. Braga, Rom. p. 97—103.

— «De covarde a mim! ninguem
Nunca me ha de appellidar!» —

— «Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal.» —

Dom Roldão a sua espada
Alli lhe foi entregar:

— «E mais terás o meu corpo
Para te ir acompanhar.» —

— «Mercês, meu tio, hei de ir só,
Só tenho de a ir buscar.» —

— «Pois se queres ir só, sobrinho,
Esta te ha de acompanhar;
Meu cavallo é generoso,
Não o queiras sopear;
Dá-lhe mais rédea que espora,
N'elle te podes fiar.» —

Andando vae Dom Gayfeiros,
Andando a bom andar;
Por essas terras de Christo
Té á Moirama chegar.
Ja triste e pensativo,
Cheio de grande pesar,
Para as portas de Salsonha,
Sem saber como ha de entrar;
Melisendra em mãos de mouros
Como lh'a ha de sacar?
Estando n'este cuidado,
As portas se abrem de par,
El-Rei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar.
Furtou-lhe as voltas Gayfeiros
Pelas portas foi entrar;

Deu com um christão cativo
Que alli andava a trabalhar:

— «Por Deos te peço, cativo,
E elle te venha livrar,
Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christã,
Senhora de alto solar,
Que anda cativa de mouros
E a vida leva a chorar?» —

— «Deos te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar!
E assim me dê outra vida,
Que ésta se vae a chorar.
Pelos signaes que me déste
Já bem te posso affirmar,
Que a dama que andas buscando
Em palacio deve estar.
Toma essa rua direita,
Que leva ao paço real,
Lá verás pelas janellas
Muitas christãs a folgar.» —

Tomou a rua direita,
Que no palacio vae dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar
Sentada áquella janella,
Tão entregue ao seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não as sentia folgar,
Rua abaixo, rua acima,
Gayfeiros a passear:

— «D'onde é o cavalleiro
De tão lindo passear?» —

— «O cavalleiro é christão,
Das bandas d'alem do mar.» —

— «Se o cavalleiro é christão
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar,
Em quanto eu presa e cativa
A vida levo a chorar.» —

— «Esse recado, senhora,
Vós mesma lh'o haveis de dar;
Dom Gayfeiros aqui o tendes,
Que vos vem a libertar.» —

Palavras não eram ditas
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balção abaixo
Se deitou sem mais fallar.
Maldito perro de mouro
Que alli andava a rondar,
Em altos gritos o mouro
Começava de bradar:

— «Accudam á Melisendra
Que se vae para alem-mar.» —

— «Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!» —

Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo,
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,
Que o corpo ergueu por l'ha dar.
Assenta a esposa á garupa
Para que a possa abraçar;

Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe faz saltar,
Os mouros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cercar,
Sete vezes deu a volta
Da cerca sem a passar,
O cavallo ás outo vezes
De um salto a foi saltar.
O rei que vinha da caça
La deitou a desfilar.
Sentiu logo Dom Gayfeiros
Como o iam alcançar:

— «Não te assustes, Melisendra,
Que é força aqui apear;
Entre estas arvores verdes
Um pouco me has de aguardar,
Em quanto eu volto a esses perros,
Que os hei de affugentar;
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.» —

— «Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!
Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar;
Só se fosse Dom Roldão,
O encantado sem par.» —

— «Calla-te d'aí, rei mouro,
Calla-te, não digas tal,
Sou o infante Dom Gayfeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mór de Paris,
Minha terra natural.» —

Gayfeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar:

— «Ái, se vens ferido, esposo,
E que ferido has de estar?
Eram tantos esses mouros,
E tu só a batalhar!
Mangas de minha camiza
Com ellas te hei de pençar,
Toucas da minha cabeça
Faxas para te apertar.» —

— «Calla-te d'aí, infanta,
E não queiras dizer tal,
Por mais que foram-n'os mouros
N'ão me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Estas armas de provar.» —

A Paris já são chegados,
Já sáem para os encontrar,
Sete leguas da cidade
A côrte os vae esperar;
Sahia o imperador
A sua filha a abraçar:
Grande honra a Dom Gayfeiros,
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade
Todas o estão a louvar,
Pois libertou sua esposa
Com valor tão singular.

3.

Versão de Almeida-Garrett.

Sentado está Dom Gayfeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tabolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Senão quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:

— «Para isso es, Gayfeiros,
Para os dados arrojar,
Não para ir tomar damas,
Com a Moirisma jogar.
Tua esposa lá teem moiros
Não a sabes ir buscar: [1]
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar.» —

Palavras não eram ditas,
Os dados vão pelo ar...
A que não fôra o respeito [2]
Da pessoa e do logar,
Tabolas e taboleiro
Tudo fôra espedaçar.
A seu tio, Dom Roldão,
Tal resposta lhe foi dar:

— «Sete annos a busquei, sete,
Sem a poder encontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres sobre aguas do mar. [3]

---

[1] Não es para a ir buscar. — TRÁS-OS-MONTES.
[2] Se alli não fôra o respeito. — MS. DE OLIVEIRA.
[3] Os tres por cima do mar. — TRÁS-OS-MONTES.

Andei por montes e valles,
Sem dormir nem descançar;
O comer da carne crua,
No sangue a sêde matar.
Sangue vertiam meus pés,
Cançados de tanto andar;
E os sete annos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Agora a saber sou vindo [1]
Que a Sansonha foi parar;
E eu sem armas nem cavallo
Com que a possa ir buscar:
Que a meu primo Montezinhos
Ha pouco os fui imprestar
Para esta festa de Hungria
Onde se foi a justar. [2]
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'as vós quizereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queirais imprestar.» [3] —

— «Sete annos são cumpridos,
Bem n'os deves de contar,
Que Melisendra é captiva
E a vida leva a chorar.
E sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
Minhas armas não te impresto
Que as não posso desarmar;

---

[1] Ella estava em Salsonha,
Lá em palacio real. — TRÁS-OS-MONTES.
[2] Onde foi a tornear. — MS. DE OLIVEIRA.
[3] A minha esposa entre moiros
Eu a quero ir buscar. — TRÁS-OS-MONTES.

Meu cavallo bem vezeiro,[1]
Não o quero mal vezar.» —

— «As vossas armas, meu tio,
Que m'as não queirais negar,
A minha esposa captiva
Como a hei de eu ir buscar?» —

— «Em San' João de Latrão
Fiz juramento no altar,
De a ninguem não prestar armas
Que m'as faça acovardar.»[2] —

Dom Gayfeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar,
Saltam-lhe os olhos da cara
De merencorio a fallar:

— «Bem parece, Dom Roldão,
Bem parece, mal pezar!
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.» —

Accorde alli Dom Guarino,
O almirante do mar,
Durandarte e Oliveiras,
Que os veem a separar;
Com outros muitos dos doze
Que alli succedeu de estar.
Dom Roldão muito sereno
Assim lhe foi a fallar:

---

1 Meu cavallo bem vezado. — Ms. de Oliveira.
2 Por m'as não incovardar. — Ms. de Oliveira.

— «Bem parece, Dom Gayfeiros,
Bem se deixa de mostrar,
Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar.
Aquelle que mais te quer,
Esse te ha de castigar:
Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal,
Porque sei que es bom, t'o disse... [1]
E agora, armar e sellar!
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão a teu mandar
E mais, terás o meu corpo [2]
Para te ir accompanhar.» —

— «Mercês, meu tio, hei de ir só, [3]
Só tenho de a ir buscar.
Venham armas e cavallo
Que já me quero marchar.
De covarde a mim! ninguem
Nunca me ha de appellidar.» —

Dom Roldão a sua espada
Alli lhe foi integrar:

— «Pois só queres ir, sobrinho,
Ésta te ha de acompanhar.
Meu cavallo é generoso,
Não o queiras sopear;
Dá-lhe mais redea que espora,
N'elle te podes fiar.» —

Andando vai Dom Gaifeiros,
Andando de bom andar,

---

1 Por tu seres bom, t'o disse. — Ms. de Oliveira.

2 E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar. — Trás-os-Montes.

3 Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar. — Trás-os-Montes.

Por essas terras de Christo,
Té a Moirama chegar.
Ja triste e pensativo,
Cheio de grande pezar:
Melisendra èm mãos de moiros,
Como lh'a ha de sacar?
Pára ás portas de Sansonha
Sem saber como ha de entrar:
Estando n'este cuidado
As portas se abrem de par.
El-rei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar;
Mui gallans iam de festa,
Mui ledos a cavalgar. [1]
Furtou-lhes as voltas Gayfeiros,
Pelas portas foi entrar;
Deu com um christão captivo
Que alli andava a trabalhar:

— «Por Deos te peço, captivo,
E elle te venha livrar!
Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christã,
Senhora de alto solar,
Que anda captiva entre moiros
E a vida leva a chorar.» —

— «Deos te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar;
E assim me dê outra vida,
Que ésta se vai a chorar.
Pelos signaes que me deste,
Já bem te posso affirmar
Que a dama que andas buscando
Em palacio deve estar.

[1] Mui guapos a cavalgar. — Ms. de Oliveira.

Toma essa rua direita
Que leva ao paço real;
La verás pelas janellas [1]
Muitas christãs a folgar.» —

Tomou a rua direita
Que no palacio vai dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar,
Sentada áquella janella
Tão intregue a seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não n'as sentia folgar.
Rua abaixo, rua acima
Gayfeiros a passear.

— «Oh! que lindo cavalleiro,
De tam gentil cavalgar!» [2] —

— «Melhor sou jogando ás damas
Com moiros a batalhar!» —

Melisendra que isto ouviu
Começava de chorar:
Não já que ella o conhecesse,
Nem tal se podia azar,
Tam cuberto de armas brancas,
Tam diff'rente no trajar;
Mas por ver um cavalleiro
Que lhe fazia lembrar
Aquelles dôze de França,
Aquella terra sem par,

---

[1] Lá verás pelos balcões. — Ms. DE OLIVEIRA.
[2] D'onde é o cavalleiro
De tam lindo passear?
O cavalleiro é christão
Das bandas d'além do mar. — TRÁS-OS-MONTES.

As justas e os torneios
Que alli sohiam de armar
Quando por sua belleza
Andavam a disputar.
Com voz chorosa e sentida
Começou de o chamar:

— «Cavalleiro, se a França ides
Recado me heis levar [1]
Que digais a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar.
Se não é medo de moiros,
De com elles pelejar,
Já serão outros amores
Que o fizeram olvidar...
Emquanto eu presa e captiva
A vida levo a chorar.
E mais se este meu recado
O não quizer acceitar,
Dá-lo-heis a Oliveiros,
A Dom Beltrão o heis de dar,
E a meu pae o imperador
Que já me mande buscar,
Pois me querem fazer moira
E de Christo renegar.
Com um rei moiro me casam
De além das bandas do mar,
Dos sete reis de Moirama
Rainha me hão de coroar.» —

— «Esse recado, senhora,
Vós mesma lh'o haveis de dar; [2]

---

[1] Ésta é a memoravel copla citada por Cervantes no Don Quijote e que d'ahi obteve sua celebridade europea.

[2] Eu mesmo lh'o hei de dar;
Pois Dom Gayfeiros sou eu
Que vos venho a buscar. — Trás-os-Montes.

Dom Gayfeiros aqui o tendes
Que vos vem a libertar.» —

Palavras não eram ditas,
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balcão abaixo
Se deitou sem mais fallar.
Maldito perro de moiro
Que alli andava a rondar!
Em altos gritos o moiro
Começava de bradar:

— «Accudam á Melisendra,
Que a veem os christãos roubar!» [1] —

— «Melisendra, minha espôsa,
Como havemos de escapar?» —

— «Com Deus e a Virgem Maria
Que nos hão de acompanhar.» —

— «Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!» —

Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo,
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura
Que o corpo ergueu por lh'a dar;
Assenta a espôsa á garupa
Para que o possa abraçar, [2]
Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vai, acolá voa...
Ninguem n'o póde alcançar.

---

[1] Que se vai para além-mar. — TRAS-OS-MONTES.
[2] Ella o foi abraçar — MS. DE OLIVEIRA.

Os moiros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cerrar.
Sete vezes deu a volta
Da cêrca sem a passar,
O cavallo ás oito vezes
De um salto a foi saltar.
Já os moiros da cidade
O não podem avistar:
Accode o rei Almançor
Que vinha de montear,
Com todos seus cavalleiros
Lá deitam a desfilar.
Sentiu logo Dom Gayfeiros
Como o iam alcançar:

— «Não te assustes, Melisendra,
Que é fôrça aqui apear.
Entre éstas árvores verdes
Um pouco me has de aguardar,
Em quanto eu volto a esses cães [1]
Que os hei de affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.» —

Apeou-se Melisendra,
Alli ficava a rezar.
O cavallo, sem mais redea,
Aos moiros se foi voltar;
Cançado ia de fugir
Que já mal podia andar,
Cheirou-lhe ao sangue maldito
Todo é fogo de abrazar.
Se bem peleja Gayfeiros
Melhor é seu pelejar;

[1] Em quanto eu volto a esses perros. — TRAS-OS-MONTES.

A qual dos dois anda a lida
Mais moiros ha de matar.
Já cahem tantos e tantos
Que não teem conto nem par;
Com o sangue que corria
O campo se ia a alagar.
Rei Almançor que isto via,
Começava de bradar
Por Alá e Mafamede
Que o viessem amparar:

— «Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!
Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar.
Será este Urgel de Nantes,
Oliveiros singular,
Ou o infante Dom Guarim
Esse almirante do mar?
Não ha nenhum d'entre os dôze
Que bastasse para tal...
Só se fôsse Dom Roldão
O incantado sem par!» [1] —

Dom Gayfeiros que o ouvia,
Tal resposta lhe foi dar:

— «Calla-te d'ahi, rei moiro,
Calla-te, não digas tal,
Muito cavalleiro em França
Tanto como esses val.
Eu nenhum d'elles não sou,
E me quero nomear:
Sou o infante Dom Gayfeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mór de Paris
Minha terra natural.» —

---

1 O incantado sem egual. — Ms. de Oliveira.

Não quiz o rei mais ouvir
E não quiz mais porfiar,
Voltou redeas ao cavallo,
Foi-se em Sansonha incerrar.
Gayfeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar.

— «Ái! se vens ferido, espôso?
E que ferido has de estar!
Eram tantos esses moiros
E tu só a batalhar.
Mangas de minha camiza,
Com ellas te hei de pençar;
Toucas de minha cabeça
Faxas para te appertar.» —

— «Calla-te d'ahi, infanta,
E não queiras dizer tal;
Por mais que foram n'os moiros,
Não me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Éstas armas de provar;
Cavalleiro que as trouxesse,
Nunca póde perigar.» —

Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa Moirama fóra
Sem mais temor nem pezar;
Fallando de seus amores
Sem de mais nada pensar.[1]
Em terras de christandade
Por fim vieram a entrar.

---

[1] Sem de outro al não pensar. — Ms. de Oliveira.

A Paris já são chegados,
Já saem para os incontrar,[1]
Sete leguas da cidade
A côrte os vai esperar,
Sahiu o imperador
A sua filha a abraçar;
Palavras que lhe dizia,
As pedras fazem chorar.
Sahiu toda a fidalguia
Clerezia e secular,
Os dôze pares de França,
Damas sem conto nem par.
Dona Alda com Dom Roldão,
E o almirante do mar,
O arcebispo Turpim,
E Dom Julião de além-mar,
E o bom velho Dom Beltrão,
E quantos sohem de estar
A redor do imperador[2]
Em sua mesa a jantar.
Grande honra a Dom Gayfeiros!
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade[3]
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua espôsa
Com valor tam singular.
As festas que se fizeram
Não teem conto nem par.

---

[1] A Paris a natural. — Ms. de Oliveira.

[2] É sempre a idea fixa da mesa redonda, do circulo formado pelos pares emtôrno do imperante.

[3] Bondade é valor, e bom valente, em stylo do tempo.

II.

O CAVALLEIRO DA SILVA.[1]

Versão do Algarve.

— «Chega-te cá, minha filha,
Linda filha da minh' alma,
Vai-te por esses sobrados,
Sóbe além aquella escada,
Verás um lindo moirinho
Quando estejas debruçada;
Ái, detem-n'o alli, detem-n'o
Com tuas doces palavras;
Antes que ellas sejam poucas,
Que sejam arrazoadas:
Filha, lá de quando em quando
Que vão de amores tocadas.» —

— «Irei por esses sobrados,
Subirei aquella escada;
Mas que hei de dizer, meu pae,
Se de amores não sei nada?» —

Moriana sóbe ao balcão
Muito bem ataviada,
Logo víra o tal moirinho,
Que por outra não andava;
Assim que assoma seu rosto,
Muito bem que elle a saudava.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve pag. 11—15. Os guerreiros esforçados que luctavam com os sectarios do alcorão, não combatiam sómente com a espada no campo de batalha, sabiam tambem vencer seus adversarios no campo dos amores. Assim o Cavalleiro da Silva ou Dom da Silva, como indifferentemente lhe chama o povo algarvio, trespassa seu adversario e conquista uma linda moira. E' mais uma victoria da cruz sobre a meia lua, de Christo sobre Mafoma.

— «Que Deos te salve, oh bom moiro,
Lindo encanto da minh' alma!
Bons sete annos ha que eu ando
Por ti louca, enamorada!» —

— «Por ti deixei minha terra
E aqui vim fazer pousada.» —

— «Se cuidára que assim fôra,
Por ti tudo abandonára.» —

— «Se assim é, ái mesmo agora
Nos meus braços te aparára.» —

Ditas eram taes blandicias,
Lá muito ao longe assomava
Cavalleiro todo armado,
Que sobre a areia voava;
Montava rijo alazão,
Que pela bocca escumava;
E com elle tambem vinha
Uma nobre cavalgada.

— «Ái, corre d'ahi, bom moiro,
Não digas que te eu fallava,
Que além vem um cavalleiro
Com espada, lança, e malha.» —

O cavallo inda era longe,
E já bem que relinchava; [1]
O cavallo todo branco,
Dom da Silva é que o montava.

— «Bem conheço o cavalleiro
E tambem quem o 'sperava...
Dom da Silva não m' importa
Nem da sua gente armada;

---

[1] E muito bem que rinfava. — ALGARVE.

Se por aqui me não queres,
É que és sua apalavrada,
É que por elle tu andas
De amores toda tocada.» —

— «Tem-te, tem-te, oh moirinho,
Escuta-me uma palavra.» —

— «Como te hei de ouvir, senhora,
Se do cavalleiro a espada
Já me atravessa este corpo,
E a lança me entra n'alma!» —

Era por manhã de maio,
Cavalleiro alli chegava:
Moriana ama o christane
Como ao moiro não amava;
Nem seu pae com seus conselhos
D'aquelle amor a voltava.
Inda meio dia não era,
Remedio ninguem lhe dava,
Co' o Cavalleiro da Silva
Já Moirana se apartava.

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

— «Vesti-vos vós, minha filha,
Vesti-vos d'ouro e prata;
Detende-me aquelle moiro
De palavra em palavra.

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 314—316. A versão açoriana tem o titulo de Moiro atraiçoado e é segundo Th. Braga a perola dos cantos insulanos. Com effeito, a ingenua composição não desmerece d'este appellido.

As palavras sejam poucas,
Sejam bem arrematadas,
Essas poucas que lhe deres
Sejam de amores tocadas.» —

— «Bem vindo sejas, bom moiro,
Melhor a vossa chegada!
Ha sete annos, bom moiro,
Que sou tua namorada.» —

— «Ha sete annos, vae em oito,
Que eu por vós cinjo a espada!» —

— «Se por mim cingís a espada
Comvosco quero ir de casa.» —

— «Se o fizerdes, senhora,
Não sereis mãi avisada;
Sereis rainha dos moiros
Em minha terra estimada.» —

— «Se por mim cingís a espada
Não digas que te fui falsa;
Que eu vejo vir cavalleiros,
Sinto-lhe tocar as armas.
Lá vejo vir uma armada,
N'ella vejo vir um homem
Que se parece meu pae.» —

— «Eu não temo cavalleiros,
Nem armas que elles tragam;
Não temo senão Gabello,
Filho da minha egua baia,
Que o perdi em pequenino
Andando n'uma batalha.» —

Chegando os cavalleiros
Elle se foi na desfilada.

— «Valha-me o Deos dos moiros,
Em tão comprida lavrada.» —

— «Essa lavrada, perro moiro,
Fôra lavrada em Maio,
Quando os bois andavam gordos,
E os mancebinhos em bragas;
Eram bois de cinco annos,
Mancebos de vinte e quatro.» —

— «Oh mal haja o barqueiro
Que não tem a barca n'agua;
Que a hora da minha morte
Já para mim é chegada.» —

III.

RAINHA E CAPTIVA. [1]

Versão da Extremadura.

— «Á guerra, á guerra, moirinhos,
Quero uma christã captiva!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-m'a christã captiva,
Que é para a nossa rainha.» —

1 ALMEIDA-GARRETT, Rom II. p. 189—197. TH. BRAGA, Rom. p. 103—106. O romance da Rainha e Captiva veiu da Hespanha onde é conhecido sob o nome de Las dos hermanas (Primavera y flor de Romances T. II. p. 30). Segundo Almeida-Garrett é um dos romances mais antigos da Peninsula e sua origem pertence, segundo elle, ao seculo XII. Confirma esta opinião a circumstancia de que os moiros extendem ainda suas correrias até a Galliza onde captivam os peregrinos. Os poetas populares, como diz Almeida-Garrett, não compunham em geral as suas rhapsodias senão sobre factos recentes. O que passou da historia escripta para os versos é já feito pelos poetas lettrados de uma civilisação — superior não sei, porém mais adiandata. A base do romance é o conto grego de Flos e Blankflos que veiu para o Occidente no tempo das cruzadas. HARTUNG, Die byzantinische Novelle, no *Archiv f. d. Stud. d. n. Spr.* L, 1.

Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não incontraram captiva;
Os que foram terra acima,
Tiveram melhor atina;
Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago de Galliza;
Mataram o conde Flores,
A condessa vai captiva;
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe sahia:

— «Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe intrego éstas chaves
Da dispensa e da cosinha;
Que me não fio de moiras,
Não me deem feitiçaria.» —

— «Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha...
Hontem condessa jurada, [1]
Hoje môça da cozinha!» —

A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha:
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das commadres,
Para ganharem alviçaras, [2]

---

[1] Hontem condessa de Flores. — Ribatejò.
[2] Trocaram n'as á nacida. — Beira-Baixa.

Deram á rainha o filho,
Á escrava deram a filha.

— «Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria?
As lagrimas de meus olhos
Te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria, [1]
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florída,
Andando apanhando rosas [2]
N'um rosal que meu pae tinha.» —

Éstas lástimas choradas
Veis-la rainha que ouvia,
E co'as lagrimas nos olhos
Muito depressa accudia:

— «Criadas, minhas criadas,
Regalem-me ésta captiva;
Que se eu não fôra de cama,
Eu é que a serviria.» [3] —

Mal se levanta a rainha
Vai-se ter com a captiva:

— «Como estás, oh minha escrava,
Como está a tua filha?» —

— «A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.» —

---

1 Rosa flor d'Alexandria. — Minho.
2 Quando andava a apanhar rosas. — Extremadura.
3 Eu é que a regalaria. — Extremadura.

— «Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?» —

— «Chamára-lhe Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria; [1]
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florída,
Andando apanhando rosas [2]
N'um rosal que meu pae tinha.» —

— «Se víra-la tua irmã,
Se tu a conhecerias?» —

— «Assim eu a víra nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um signal preto ella tinha.» [3] —

— «Ái triste de mim coitada,
Ái triste de mim mofina! [4]
Mandei buscar uma escrava,
Trazem-me uma irmã minha!» —

Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãi,
Que o coração lh'o dizia. [5]
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:

---

1 Rosa flor d'Alexandria. — MINHO.
2 Quando andava a apanhar rosas. — EXTREMADURA.
3 Um lunar preto ella tinha. — EXTREMADURA.
4 Triste de minha mofina. — BEIRALTA.
5 Que o coração lh'o pedia. — RIBATEJO.

A mãi, c'o filho nos braços,
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:

— «Quem se víra em Portugal,
Terra que Deus bemdizia!» —

Junctaram muita riqueza,
De oiro e pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da Moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Sancta-Maria; [1]
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.

---

[1] Terra de Sancta-Maria é o districto entre o Douro e o Vouga, hoje chamado Terra da Feira. É uma das regiões mais incantadoras de Portugal, já pelas paisagens risonhas, já pela belleza e genio poetico do povo. O Porto ufana-se com o titulo de Cidade da Virgem.

IV.

ROMANCE DA MOIRA ENCANTADA.[1]

Versão do Algarve.

Meia noite alem resôa
Cerca das ribas do mar,
Meia noite já é dada
E o povo ainda a folgar.
Em meio de tal folguedo
Todos quedam sem fallar,
Olhos voltam ao castello
Para ver, para avistar
A linda moira encantada,
Que era triste a suspirar.

— «Quem se atreve, ái quem se atreve
Ir ao castello e trepar
Para vencer lo encanto
Que tanto sabe encantar?» —

— «Ninguem ha que a tal se atreva
Não ha que em moiras fiar;
Quem lá fôsse a taes deshoras
Para só desencantar,
Grande risco assim corrêra
De não mais de lá voltar.» —

— «Ái que linda formosura,
Quem a podéra salvar!

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 29—37. TH. BRAGA, Rom. p. 107—109. O lindo romance da Moira encantada, recolhido por Estacio da Veiga em Tavira, é a expressão pura do genio algarvio. O romance allude á antiga crença de que na cidadella mourisca de Tavira, da meia noite da vespera para a madrugada do dia de S. João, apparece sobre o terrado da muralha uma formosa moira, requerendo de amores um cavalleiro que possa quebrar o seu encantamento.

O alvor dos seus vestidos
Tem mais brilho que o luar!
Dôces, tão dôces suspiros
Onde ouvil-os suspirar?» —

Assim um bom cavalleiro
Só se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito,
Em desejos seu olhar.
Tres horas eram passadas
N'este continuo anciar.
Cavalleiro de armas brancas
Nunca soube arreceiar:
Invoca a linda moirinha,
Mas não ouve o seu fallar.
Nada importa a D. Ramiro
Mais que a moira conquistar;
Vai subir por muro acima,
Sente os pés a resvalar!
Ái que era passada a hora
De a poder desencantar!

Já lá vinha a estrella d'alva
Com seus brilhos a raiar;
No mais alto do castello
Já mal se via alvejar
A fina branca roupagem
Da linda filha de Agar.
Ao romper do claro dia;
Para bem mais se pasmar,
Sobre o castello uma nuvem
Era apenas a pairar.
Jurava o povo, jurava,
E teimava em affirmar,
Que dentro d'aquella nuvem
Víra a donzellinha entrar.
Dom Ramiro d'enraivado
De não poder-lhe chegar,

D'alli parte, e contra os moiros
Grande briga vai armar.
Por fim ganha um bom castello
Mas ... sem moira para amar.

V.

A SENHORA DOS MARTYRES. [1]

Versão do Algarve.

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria,
Estrella do céu fulgente,
Clara luz do claro dia!
Contar todos seus milagres,
Quem contal-os poderia?
De todos o mais patente
Acha-se ahi n'essa villa
De Castromarim chamada,
Que já foi de mouraria.
É este santo milagre
De tal poder e valia,
Que em Portugal e Castella,
E lá mesmo em Barbaria,
A quantos bem o conhecem,
Faz espanto e maravilha!

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 163—173. A Senhora dos Martyres venera-se em Castromarim, sendo sua festa em 15 d'agosto uma das romarias mais populares e mais concorridas do Algarve. Os romeiros bebem agua da fonte milagrosa e trazem como reliquia, até o anno seguinte, uma folha do freixo bemdito. A egreja da Senhora dos Martyres não vai de certo mais além do principio do XVI seculo, data que nos póde ajudar a fixar a origem da lenda e do romance. A lição de Estacio da Veiga é composta de muitas versões differentes que o collector alcançou com grande trabalho. Entre tantas pessoas que lhe deram copias, havia apenas duas que sabiam o romance com mais plausivel precisão.

Era um christão que passava
Negra vida, que soffria
Debaixo de duros ferros
Lá para as bandas de Arzila.
Captiveiro mais penoso
Outro christão não havia.
O perro moiro infiel,
Que o comprára em Almeria,
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria.
Sempre o maldito do perro
Que receoso vivia,
Maltratar o pobre escravo
Com ferrenha mão soía.
Já invenção lhe faltava
De como elle o guardaria.
Mandou fazer um caixão
Muito forte em demazia,
E nelle sem mais detença
O triste christão mettia;
Mas por certo inda o não dava
Apesar do que fazia;
Aquella mente maldita
De mil receios ardia.
Nova idea de tormento
Alma lhe enche de alegria;
Com uma grossa corrente
De pés e mãos o prendia,
E ainda sobre o caixão
O indigno perro dormia!
Negro pão e agua turva
Era o manjar que teria;
Mas uma ardente esperança
Que na Virgem Santa havia,
Vida nova lhe apontava
Sobre a que lhe já fugia.
A Virgem Mãi Soberana
Invocava noite e dia

Para que lhe désse n'alma
Vigor, que se lhe extinguia,
E que de todo o livrasse
De tão dura escravaria.
A Santa Virgem dos Martyres,
Que todo seu rogo ouvia,
D'aquelle espirito afflicto
Muito bem se condoia.
O caixão que em terra estava,
Cercado d'agua se via,
E com o perro do moiro
Que em cima d'elle dormia,
Á tona d'agua boiando
Tres dias assim corria.
Já despontava a manhã,
A manhã de um claro dia;
Novas areis se mostram,
Novos céus, outra alegria!
Da torre o gallo tres vezes
Este milagre annuncia;
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia,
Sem que ninguem os tangesse
Porque tudo inda dormia.
O ladrar de muitos cães
Em todo o mar percutia.
Quando o perro ouvira os sinos
Sobre tudo se doria,
Que junto de terra estranha,
Terra que não conhecia,
Por sua desaventura
Com seu escravo se via!
Encalhado em fina areia,
O mesmo caixão se abria.
Com rosto mais que magoado
O moiro ao escravo dizia:

— «Christão, que paiz é este
De tão alta senhoria?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães
Logo ao despontar o dia?» —

— «Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia.
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia.» —

Assombrado o sarraceno
Do que do christão ouvia,
Sem mais pergunta fazer-lhe,
Da corrente o desprendia.

— «Ergue-te, christão, perdôa-me
Todo o mal que te eu fazia;
Até hoje eras meu 'scravo
Teu 'scravo sou n'este dia!» —

Para ver este milagre
Toda a gente alli corria;
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem
Caminho da santa ermida;
O moiro com viva crença
O baptismo já pedia;
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria,
Tão cristallina e tão pura
Que a todos pasmar fazia.
Com esta agua bemdita
Agua de tanta valia,

Foi logo alli baptisado
O moiro de Barbaria.
Baptisado o sarraceno,
Ao pé da fresca fontinha
Se formava um lindo mar
D'aquella agua que corria;
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias
Mesmo no meio das aguas
Um verde freixo nascia,
Que o que mais maravilhava
Era o ver como crescia!

Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria:
De Portugal e Castella
Tudo alli corre em seu dia.

VI.

A CAPTIVA.[1]

Versão do Algarve.

Eu na terra fui gerada,
Nas ondas do mar nascida,
Do meu triste nascimento
Minha mãi foi fallecida,
A mim para me criarem
Á Italia me levariam;

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 58—63. Foi recolhido este romance pela primeira vez por Estacio da Veiga, que o dá como genuinamente portuguez e oriundo do Algarve. Não se incontra nas collecções hespanholas. «É indubitavel que este romance denuncia mui claramente que acordou em Portugal, quando este paiz já tinha navios que sulcavam as aguas do oceano.»

A ama que me criou,
Oh, que bem que me queria!
Commigo estava ella sempre,
De ao pé de mim não saía;
Chamava á luz dos meus olhos
A luz do seu claro dia.
De tudo ella me ensinava,
Que de tudo bem sabia;
A educar me mandára
Nas escolas de harmonia.
Ao cabo de sete annos
Era a triste fallecida.
Coitada de mim, coitada,
Que para sempre a perdia,
Que tão môça em terra alheia,
Tão sósinha que me via!
Eu por minha devoção
Á cova resar-lhe-ía;
Alli lhe prantava flores,
De suspiros a cobria;
As lágrimas dos meus olhos,
Olhos que eram o seu dia,
Sem que detel-as podesse,
Aquella terra bebia!
A filha do senador,
Que amisade me fingia,
A um escravo promettéra
Sua carta de alforria,
Se me elle degolára
Quando eu a resar ía.
Á sombra do cemiterio
O negro me apparecia;
Olhava-me elle de longe,
Que ao perto não se atrevia;
Um dia quiz degolar-me,
Mas eu d'elle me fugia;
Junto ao rei de Babylonia,
Que uma estatua alli hávia,

Por uns moiros que espreitavam
Muito bem fui soccorrida.
O que me então captivára
Mais que todos me queria;
De amor elle me fallava,
Mas eu não lhe respondia.
O negro alli o mataram,
Morto alli se quedaria;
Captiva então me levaram
Mais ao pranto que eu vertia.
Captivaram-me esses moiros
Para lhes ganhar a vida,
Cuidando que eu a ganhasse
Como mulher já perdida.
Instrumentos eu quizéra
Que assim bem a ganharia.
Commigo elles caminharam,
Commigo elles percorriam;
Tangendo minha viola,
Tristes cantos repetia;
Minha ama me lembrava,
Só por ella eu cantaria!
N'uma linda caravela
Sobre o mar meu pae corria;
Em toda Italia o mesquinho
A procurar-me andaria;
Sabendo o meu captiveiro
N'outros mares discorria;
Dia e noite navegava
Nas costas de Berberia.
Lá da sua caravela
O nome só eu sabia;
A minha ama, coitada,
Quantas vezes m'o dizia!
A caravela chegava
Ás areias de Tarifa;
Alli me levam os moiros
A pensar que ganhariam.

— «Abre-me a porta, meu pae,
Que hoje acaba a tua lida,
Abre tambem os teus braços,
Que aqui tens a tua filha!» —

— «Ha sete annos que andava
Sem saber de ti, mi vida;
Aqui tens estes meus braços,
Filha de mim tão querida!» —

Os moirinhos que tal ouvem,
Eil-os que vão de fugida.

VII.

O PALADIM CAPTIVO. [1]

Versão do Algarve.

Sendo em terra de Moirama
Surprendido um paladim,
Como escravo foi levado
Ao nobre Miramolim.
Tinha o rei moiro uma filha
Bem mais alva que um jasmim [2]

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 95—100. A heroica abnegação do famoso principe constante, o infante D. Fernando, celebrado por Calderon, fez tal impressão sobre o animo do povo que os trovadores não podiam deixar de apoderar-se d'este assumpto altamente poetico. Estacio da Veiga recolheu o romance pela primeira vez, obtendo d'elle muitas variantes que correm em diversas povoações do Algarve. Elle o julga um romance original do Algarve, porque não apparece vestigio d'elle nas outras provincias, nem nas collecções hespanholas.

[2] De estremada formosura. — ALGARVE.

Lindos eram os seus olhos, [1]
O seu corpo mui gentil, [2]
Certo dià olha Celima, [3]
Para as torres de Safim [4]
Viu estar o pobre escravo [5]
Pensativo andando alli. [6]
O que n'alma ella sentíra,
Bem o quizéra encobrir!
Chorava a triste, chorava,
Que se não podia ouvir.
Desde então seus passatempos
Não a pódem distrair,
Que lá estão seus amores
Que tanto a fazem sentir!
Sobre as torres do castello
Passa os dias té ao fim
Para ver o pobre escravo
Trabalhando no jardim.
A princeza mais não póde
Sua paixão comprimir;
Quanto amor sente em seu peito
Ao christão vai descobrir;
Porém elle não responde,
Á princeza nada diz,
Recorda só os amores
Que tinha no seu paiz.
Dado ao seu constante enojo,
De Celima nada quiz;
De rijo bronze é seu peito
Que não se deixa ferir!
Vendo que amor o não vence,
Ella então lhe falla assim:

---

[1] Lindos olhos, gentil corpo. — ALGARVE.
[2] Branca tez, dôce candura. — ALGARVE.
[3] Certo dia do seu quarto. — ALGARVE.
[4] Zulima viu o christão. — ALGARVE.
[5] De amores logo rendido. — ALGARVE.
[6] Teve a moura o coração. — ALGARVE.

— «Todo meu oiro e riquezas
O serão tambem de ti,
Para resgatar teu corpo
Que me captivou a mim:
Dize-me, christão, não queres?
Ái, dize-me, não, ou sim.» —

— «Eu não quero o vosso oiro,
Nem quanto ha por ahi,
Que do meu paiz, senhora,
Ha de elle chegar aqui.» —

— «Se não queres o meu oiro
Nem quanto vês por aqui,
Então serei tua escrava
Para em tudo te servir.
Dize-me, christão, não queres?
Ái, dize-me, não, ou sim.» —

— «Para escrava eu vos não quero;
Que Deus vos dê melhor fim.
Senhora, minha senhora,
Como erraes, e erraes por mim!» —

— «Se o meu Deus tu não quizeres,
Nem meu pae Miramolim,
Eu amarei o teu Deus,
Teu pae o será de mim:
Dize-me, christão, não queres?
Ái, dize-me, não, ou sim.» —

— «Não quero os vossos amores,
Nem as riquezas d'aqui,
Que mais amor e riquezas
Tenho eu no meu paiz.
Mal haja a hora, mal haja
Em que eu para aqui vim!
Perco um' alma para Deus,
Um coração para mim...

— «Como me tornarei Mouro,
E Mouro arrenegado,
Se eu já tenho en mi pecho
A Jesus crucificado?» —

— «Se eu soubera, Christiano,
Que eras assim avisado,
Em dias de tua vida
Nunca fôras resgatado.» —

— «Oh, mi padre, oh mi padre
Dexe ir el Christiano
Debe-me a flor de mi bocca,
Dou-lh'a por bem empregada.» —

2.

Variante de Lisboa. [1]

Eu vinha do mar de Hamburgo [2]
N'uma linda caravella;
Captivaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender me levaram [3]
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem blanca dera; [4]

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. III. p. 83—93. TH. BRAGA, Rom. Geral. 115—117.

[2] Meu pae era de Hamburgo
Minha mãi de Hamburgo era. — RIBATEJO.

[3] Me levaram a vender,
A Salé, que é má terra. — EXTREMADURA.

[4] Ni blanca é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros nossos escriptores se incontra. Dicto familiar que se introduziu então como hoje dizemos tanta palavra e phrase franceza ou ingleza, por termos com as coisas, livros e usos d'estas nações o mesmo tracto que então tinhamos com castelhanos.

Só houve um perro judio
Que alli comprar-me quizera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra,
De dia pisar esparto,
De noite moer canella,
E uma mordaça na bocca
Para lhe eu não comer d'ella.
Mas foi a minha fortuna,
Dar c'uma patrôa bella,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ella.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quizera,
Que nos braços da judia
Chorava — que não por ella.

Dizia-me então: — «Não chores,
Christão, vai-te á tua terra.» —

— «Como me hei de eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?» —

— «Se fôra por um cavallo,
Eu uma egua te dera;[1]
Se fôsse por um navio;
Dera-te uma caravella.»[2] —

— «Não fôra por um cavallo
Não fôra, senhora bella,
Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castella.
Nem por navio não fôra,
Que eu fugir não quizera,
Que era roubar a teu pae
Dinheiro que por mim dera.» —

---

1 Eu te daria uma egua. — RIBATEJO.
2 Dar-te-hia uma gallera. — LISBOA.

— «Toma ésta bolsa, christão,
Feita de seda amarella; [1]
Minha mãi quando morreu
Me deixou senhora d'ella.
Vai-te, paga o teu resgate,
E ás damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o d'ellas.» —

Palavras não eram ditas,
O patrão que era chegado.

— «Venhais embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenho recado,
Que o meu resgate é chegado.» [2] —

— «Christão, Christão que disseste!
Olha que é muito cruzado;
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?» —

— «Duas irmãs m'o ganharam,
Outra m'o tinha guardado; [3]
E um anjo do céu m'o trouxe,
Um anjo por Deos mandado.» —

— «Dize-me, oh christão, dize
Se queres ser renegado,
Que te hei de fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.» —

---

[1] Com mil dobrões dentro d'ella. — Ribatejo.

[2] Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando á força da lei da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.

[3] Que por mim estão a soldado. — Ribatejo.
Ésta phrase *a soldado* para dizer: estão servindo a soldado, a sôldo, como criados, etc. foi nova para mim, vê-se porém que é legitima portugueza. Não approveitei para o texto ésta variante por causa da amphibologia.

— «Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor
De todo esse teu estado,[1]
Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado.»[2] —

— «Que tens tu, filha Rachel?[3]
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo christão maldito[4]
Que ficaste desgraçada.» —

— «Meu pae, deixe o christão, deixe,
Que elle não me deve nada:
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.» —

Mandou fazer-lhe uma tôrre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:

— «A judia é deshonrada.» —

Viola, minha viola,
Fica-te aqui pendurada,[5]
Que lá vão os meus amores
Por essa agua salgada.

1 De todo esse teu reinado. — Extremadura.

2 Outro exemplo de acrescentar dois versos á redondilha, mas sem repetir a consoante senão em um d'elles.

3 Anda cá, oh filha Angelica. — Lisboa.

4 Se é pelo christão que choras,
Que te deixou deshonrada. — Ribatejo.

5 Aqui te deixo por mão,
Que os amores da judia
Pelas ondas do mar vão. — Ribatejo.

3.

Variante do Algarve.[1]

O meu pae era de Hamburgo,
Minha mãi de Hamburgo era;
Os moiros os captivaram
N'uma linda caravela,
E a mim me foram vender
Á fronteira de mi terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim dinheiro déra,
Apenas um vil judio,
Então comprar-me quizéra:
A vida que me elle dava
Já me parecia eterna;
Dia e noite trabalhava,
Dava-me uma vida perra;
De dia pisava esparto,
A noite moía canella,
C'uma mordaça na bocca,
Porque não provasse d'ella,
E que se d'ella tirasse,
Seis mil açoites me déra.
Deu-me Deus boa ventura[2]
De encontrar patrôa bella,
Que em o perro indo á caça
Da prisão me desprendéra;[3]

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve, p. 68—74. Em algumas terras do Algarve chamam a este romance o rei captivo. Estacio da Veiga o julga de origem algarvia, sendo transplantado para a Extremadura onde o incontrou Garrett. Suppõe, baseando-se nos versos: Hei de-me vestir de luto, Com saia de lana branca, que sua origem não fica aquém da primeira metade do seculo XVI; porque só depois da morte de uma tia do rei D. Manoel o luto principiava a ser indicado por tecidos pretos.

[2] Quiz Deus, e a Virgem Maria
Que achasse patrôa bella.

[3] Bom prezillo me trouvéra.

Dava-me a comer bom pão,
Melhor que o perro coméra;
Dava-me a beber bom vinho,
Melhor que o perro bebéra;
Catava minha cabeça [1]
Como mãi que me tivéra.
Deitava-me em sua cama,
O que ao perro não fizéra;
E sempre ella me dizia:

— «Christão vai-te á tua terra.» [2] —

— «Eu sim iria, senhora, [3]
Se la moeda tivéra.» —

— «Se la moeda te falta, [4]
Mil dobrões te dar quizéra;
Se é por falta de cavallo, [5]
Bem melhor egua te déra,
Que de sete em sete passos
Anda uma boa légoa;
Se é por falta de companha,
Ir-me comtigo podéra.» —

N'estas razões em que estavam,
O perro que era chegado.

— «Que é isto, filha, que é isto,
Que tem teu rosto mudado?
Que é isto na nossa casa,
Com o christane a teu lado?» —

---

[1] Tratava de mi cabeça
Como mãi que Deus me déra.
[2] Bom christão vai á tua terra.
[3] Como hei de eu ir, senhora,
Se não tenho la moeda?
[4] Se fazes pela moeda,
Seus mil dobrões eu te déra.
[5] Se fazes pelo cavallo,
Eu te daria uma egua.

— «Perdôe-me, senhor meu amo,
Ou eu seja castigado.» —

— «Valha-te Deus, bom christane,
Que a tanto me has obrigado;
Diz-me, christane, se queres
Ser judio, arrenegado?» —

— «Como hei de eu, senhor amo,
Ser judio, arrenegado,
Se tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado?» —

— «Valha-te Deus, bom christane,
Que a tanto me has obrigado;
Diz-me, christane, se queres
Ser judio, arrenegado?
Dar-te-hei tanta riqueza,
Que te forme um grande estado.» —

— «Como hei de eu, senhor amo,
Ser judio, arrenegado,
Se tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado?» —

— «Valha-te Deus, bom christane,
Que a tudo me has obrigado;
Diz-me, christane, se queres
Ser judio, arrenegado?
Dar-te hei um leito de oiro
Por cima com cortinado;
Já te não fallo na cama,
Que tu bem a tens mirado...» [1] —

— «Eu não quero ser judio,
Não quero ser renegado,

---

[1] Que tu bem a tens provado . . .

Pois tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado;
Se tal cousa hoje fizéra
Logo fôra castigado.» —

— «Treme então se isto não queres
Que irás a ser açoitado.» —

— «É tarde, senhor, é tarde
Para ser tão maltractado...
Já de ha muito vos espero,
Tenho por vós suspirado,
Que la moeda já tenho,
Por fazer-me resgatado;
Um anjo do céu m'a trouxe
Dentro de um vaso doirado.» —

— «Porque choras, filha minha [1]
Rica filha da minh' alma?
É pelo christane, filha,
Que te deixa deshonrada?» —

— «Deixe, meu pae, o christane, [2]
Que elle não me deve nada
Mais que a flor da minha vida,
Que a dou por bem empregada!
Hei de me ir vestir de luto
Com sáia de lana branca,
Quero ver o mar salgado
De cima d'essa muralha.» —

— «Que não digam perros moiros
Que tu ficas deshonrada!» —

---

[1] Anda cá, minha filha,
Dá-me aqui uma palavra;
Conta-me isso do christane,
Se acaso estás deshonrada.

[2] Pae, deixe ir, o bom christane.

— «Digam tudo; pouco importa [1]
N'uma hora tão mingoada!» —

— «As naos á vela já vejo
Para a cruel despedida;
Com que coração direi:
Adeos, oh alma, adeus, vida,
Espelho da claridade,
Clara luz onde me eu via!
Se a tua lei fôra outra,
De ti não me apartaria!» —

— «Viola, minha viola,
Mais te não quero na mão,
Que já vai de barra em fóra
A flor do meu coração!» —

4.

Variante da Ilha de S. Jorge (Vellas). [2]

Os mouros me captivaram
Entre a paz e a guerra;
Me levaram a vender
Para Argelim, que é sua terra.
Não houve perro nem perra
Que o comprar-me quizera;

---

[1] Corre em Tavira uma lição, cujo acabamento se faz com os seguintes versos:

Mas coitadinha d'aquella
Que cáe em boccas do mundo,
Que é como barca sem leme,
Que se anaga e vae ao fundo.

Nota-se n'este romance repetida mudança de rhytmo, cousa que não é vulgar n'este genero de poesia.

[2] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 323—325.

Só o perro de um mouro
A mim só comprar havéra.
Dava-me tanta má vida,
Tanta má vida me dera!
De noite a moêr esparto,
De dia a pisar canella;
Punha-me um freio na bocca
Para eu não comer d'ella;
Mas parabens á ventura
Da filha ser minha amiga;
Quando o perro ia á caça
Commigo se divertia;
Dava-me a comer pão branco
Do que o perro comia,
Deitava-me em catre d'ouro,
Junto commigo dormia.

— «Christiano, vai a tu terra,
Christiano, eu bem t'o digo.» —

— «Como posso ir a mi terra,
Se eu sou escravo e captivo?» —

Um dia pela manhã
Mil branquinhas me trouxera:

— «Toma lá, meu bom christiano,
Resgate para tu terra;
Pelo Deus que tu adoras
Tu não digas a meu pae.» —

Palavras não eram ditas,
O patrão era chegado.

— «Vem-te cá, oh meu bom turco,
Vem-me agora aqui ouvir,
Toma lá este dinheiro
Para me eu redimir.» —

— «Vem-te cá, meu bom christiano,
Dize-me aqui a verdade,
Quem te deu esse dinheiro
Para tua liberdade?» —

— «Meu pae é um pobre velho,
Por mim anda desterrado;
As manas que eu tivera
Por mim andam assoldadadas.
Um irmão que eu tivera
Sentou praça de soldado;
Me mandaram o dinheiro
Para minha liberdade.» —

— «Oh vem cá, meu christiano,
Vem agora aqui ouvir,
Eu te faria alferes,
Capitão d'este reinado,
Dera-te a cara mais linda
Que em Argel ha afamada.» —

— «Como posso eu ser alferes,
Capitão do teu reinado,
Se eu trago a Jesus Christo
No coração retratado?» —

— «Vem-te cá Angela, filha,
Dize-me aqui a verdade,
Se o bom do christiane
A ti deve a liberdade?» —

— «Deixae-o vós ir o bom christiano,
Que elle a mim não deve nada,
Se não a flor de mi bocca,
Que a dou por bem empregada.
Abre-me aquella janella,
Fecha-me aquelle postigo,
Deos que me fez tão bella
Deos me ha de dar marido.» —

5.

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias). [1]

Meu pae era de Hamburgo,
Minha mãi de Hamburgo era;
Captivaram-me os mouros
No canal de Inglaterra.
Foi fortuna, sorte minha
Dar com patrôa tão bella.
De dia moía pimenta,
Á noite cravo e canella;
D'aquella hora em diante
Dormia no collo d'ella.
Ella por vezes me disse:
Christiano, vai p'ra tu terra.

— «Como m'eu hei de ir, senhora,
Se me faltára a moeda?» —

Metteu a mão na algibeira,
Trinta mil d'oiro me déra.

— «Vai-te embora, christiano,
Vai-te p'ra tua terra.
Dize-me, oh christiano,
Se vas por mar ou por terra?» —

— «Por terra irei, senhora,
Por mar não póde ser,
O canal é mui comprido,
N'elle me posso perder.» —

— «Vem-te cá, oh christiano,
Monta aqui na minha egoa,
Se encontrares os soldados,
Diz-lhe que vas para a guerra;

---

1 Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 325—327.

Se encontrares a meu pae
Diz-lhe que vas para a herva.» —

Rasões não eram ditas,
Seu pae alli chegára:

— «Dize-me, oh christiano,
Dize-me, oh meu escravo,
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?» —

— «Tres irmãos que eu tinha
Todos para mim ganharam;
No primeiro paquete
Para aqui m'o enviaram.» —

— «Tu ou te hades tornar moiro,
Ou turco arrenegado.» —

— «Não me quero tornar moiro
Nem turco arrenegado,
Que aqui commigo trago
Um senhor crucificado;
Quem a mim me offender
D'elle será castigado.» —

— «Se casasses co'a princeza
Te faria rei coroado,
Te faria commandante
Das minhas tropas reaes.» —

— «Deixae ir o christiano
Que a mim não deve nada,
Senão a vista dos olhos,
Dou lh'a por bem empregada.» —

— «Vai-te embora, christiano,
Vai-te para a tua terra,
Dize a el-rei de Portugal
Que me não arme mais guerra.» —

— «Adeos, oh alta princeza,
Adeus, oh rei da Turquia;
Que eu vou-me d'aqui embora
Com Deus e a Virgem Maria.» —

— «Deixae-me ir para a janella
Tocar na minha guitarra;
Que não digam os mouriscos
Que eu fiquei anojada:
Por aquella mar abaixo
Vae o meu amor João;
Já não quero mais viola,
Nem mais guitarra na mão.» —

IX.

ROMANCES DE DOM FRANCO.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge (Rosaes).

Lá no mais alto da serra,
Em terra de massapez
Morava uma menina
Chamada Dona Inez;
Os seus paes a não davam
A duque, nem a marquez.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 316. O romance de Dom Franco, recolhido pela primeira vez por Th. Braga, é conhecido na Hespanha sob o titulo do Rico-Franco (Durán, Romancero General, T. I. p. 160). N'uma das versões da Ilha de S. Jorge, Dom Franco é substituido pelo Duque da Turquia o que justifica a classificação do romance como romance mourisco.

Passára um cavalleiro
Lhe pegára e a levára;[1]
Chegou ao meio da serra
A descansar se assentára.
Fôra olhar para ella,
A víra estar a chorar:

— «Que tendes Dona Inez,
Que tendes, que 'staes a chorar?
Se choraes por vossos paes
Vós os não tornaes a vêr
Se choraes vossos irmãos
Eu matei-os todos tres.» —

— «Eu não choro por meus paes,
Se os não torno a vêr;
Choro por meus irmãos,
Que um d'elles era marquez.
Emprestae-me a vossa faca,
Vosso cutello joanez,
Que eu quero desmanchar gallas,
Gallas que minha mãi fez.
Tomae lá a vossa faca,
Vosso cutello outra vez,
Que a morte de meus irmãos
Está vingada a todos tres.» —

---

1 Lhe pagára, que tem Th. Braga, parece erro typographico.

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

Lá por traz d'aquella serra
Vae uma serra Monez,
Onde vae uma menina
Chamada Dona Inez,
Que seu pae a não dava
A duque, nem a marquez,
Nem a dava por dinheiro
Que se contasse n'um mez.
Veiu o duque da Turquia
E furtou a Dona Inez.

— «Dê-me cá, senhor Dom Franco,
O seu punhal joanez,
Que eu quero desmanchar gallas,
Gallas que minha mãi fez.
Tome lá senhor Dom Franco
O seu punhal outra vez,
Que eu quero vingar a morte
De meus irmãos todos tres.» —

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 317.

X.

ROMANCES DE FLORBELLA.[1]

1.

Variante da Ilha de S. Jorge.

Estava uma triste viuva
Mettida em sua terra;
Ella tinha duas filhas
Como duas flores bellas.
Veiu um turco da Turquia
E lhe pediu uma d'ellas;
Elle pediu a mais moça,
Ella lhe deu a mais velha.
Mandou-lhe talhar vestidos
Ao uso da sua terra;
Puzera-a no seu cavallo
E caminhára com ella.
No fim de tres semanas
Á casa da sogra viera:

— «Deos 'steja comvosco, sogra.» —

— «Deos venha comvosco em bo'hora,
Como está Branca-flor
Filha minha e mulher vossa?» —

— «Muito doente na cama
Com mil saudades vossas;
Manda-vos pedir Florbella
Para sua companhia,
Que está lá na terra alheia
Onde ninguem a conhecia..» —

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 318—320. Estacio da Veiga encontrou o mesmo romance em diversas terras do Algarve, onde lhe chamam romance de Dona Branca (Rom. do Algarve p. 89—98).

— «A Florbella eu não a dou
Porque é menina donzella;
Da sala para a cosinha
Cuido que o vento m'a leva.» —

— «Florbella com seu cunhado
Mal nenhum lhe viera.» —

— «Pois aviae-vos, Florbella,
Ide com vosso cunhado.» —

Mandou sellar seu cavallo
Ao seu lado a puzera.
Indo no meio da serra
Rasões d'amor teve com ella.

— «Olha turco da Turquia,
Olha turco arrenegado,
Olha turco da Turquia,
Olha que és meu cunhado.» —

Elle que a razão ouviu
Logo alli se apeiára,
Tirou-lhe a lingua da bocca
E os olhos da sua cara.
Branca flor que tal ouviu
Começou de prantear:

— «Oh mãis que tendes filhas,
Casae-as em vossas terras,
Duas que minha mãi teve
Goso nenhum veiu d'ellas:
Uma morreu nos caminhos,
A outra em tão longes terras.
Foi um turco da Turquia
Que é que foi o senhor d'ellas.
N'esta terra não ha tinta
Nem papel, por meus peccados,

Nem aves que tenham penna
Para escrever meus cuidados.
Pastores que andaes aqui
Escrevei isto a mi madre
Se não tiveres papel,
No bastão d'esta bengala.» —

2.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

Sendo uma pobre viuva
Dentro em casa arrecolhida,
Tendo eu duas filhas bellas
Mais lindas que a prata fina;
Estando ellas á janella
Passa o duque da Turquia,
Me pedíra uma d'ellas,
Me pedíra a mais bonita.
Eu lhe dera a mais velha,
Se foi embora com ella;
Ao cabo de sete mezes
Não li tornára a apparecer.

— «Oh de fóra, oh de dentro,
Oh de dentro, quem está hi?» —

— «Senhora, é o vosso genro,
Senhora mandae-lhe abrir.» —

— «Se elle é o meu genro
Eu mesmo lhe irei abrir;
Como está Dona Angelica?» —

— «A minha mulher é viva,
Dona Angelica é doente

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 320—323.

Com as saudades que tinha,
Florinda mandou buscar,
Sua irmã para companhia.» —

— «A sua irmã não a dou,
Que ella é menina donzilla,
Cuido que o vento m'a leva
Da sala para a cosinha.
Mas como é com seu cunhado
Eu posso deixal-a ir,
Vão-lhe apromptar o cavallo
Que ella se irá vestir.» —

— «Requeiro de caminhar
Por terras de povoado,
Fôsse pelos quintaes d'ella
Não o attente o peccado.» —

Só com aquellas palavras
Mui assombrado ficou!
Cortou-lhe com a espada
A lingua com que fallou;
Tirou-lhe com a espada
Olhos com que ella mirou.

— «Põe a mesa, Dona Angelica,
Que eu trago já que jantar,
Lingua de tua irmã Florinda
E os olhos da sua cara.» —

Dona Angelica que ouvíra
Logo caíra por terra:

— «Toda a mãi que tiver filhas
Não as case fóra da terra;
Minha mãi que teve duas
Não viu mais nenhuma d'ellas,
Foi o duque da Turquia,
Que é que foi senhor d'ellas.» —

— «Oh de fóra, oh de dentro,
Oh de dentro, quem está aí?» —

— «Senhora é um pastor,
Má nova vos vem trazer.» —

— «Se ellas são ruins novas
Diga-m'as logo d'aí.» —

— «Florinda que já é morta
É morta, eu bem n'a vi!
Aqui trago pá e enchada,
Terra com que a cobri.» —

— «Toma lá tinta e tinteiro
Escreve n'essa bengala,
Já que se perdeu o corpo,
Que se lhe não perca a alma;
Toda a mãi que tiver filhas
Não case-as fóra da terra,
Que eu tive duas e dei-as,
Fiquei sem nenhuma d'ellas.
Foi o duque da Turquia,
Que é que foi o senhor d'ellas.» —

F.

XACARAS.

I.

XACARAS DA LINDA PASTORINHA.[1]

1.

Versão da Beira-Baixa.

— «Deos te salve, Rosa,
Lindo seraphim!
Linda pastorinha
Que fazeis aqui?

Que fazeis pastora
Por essa ribeira?
Tirae-vos do sol
Do sol que vos queima.» —

— «O sol não me queima,
Que estou calejada
Do rigor da chuva,
Do rigor da calma.» —

— «Tão gentil senhora
A guardar o gado,

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 133—138. A xacara da Linda Pastorinha, que não desdiz dos mais bellos idyllios ou pastourellas do genero provençal, é sabida e cantada por todo o reino, apparecendo numerosas variantes. Th. Braga julga a mais verdadeira aquella «que vem precedida de um preambulo em prosa, contando como um irmão chegado do Brazil á sua terra, antes de se dar a conhecer á sua irmã, começou a fallar-lhe de amores, por aposta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiva de todas as raparigas do lugar.»

Uma vez que quer
Que me vá embora,
Lá verá o gado
Que vae serra fóra.» —

— «Se vae serra fóra
Pois deixal-o ir;
Se o não matarem
Tornará a vir.» —

— «Por altas montanhas
Corre grande p'rigo;
Oh linda pastora
Queira vir commigo.» —

— «Não é de homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer que se perca
O gado alheio.» —

— «O gado alheio
Não quero se perca;
Quero que tenhamos
Uma hora de sésta.» —

— «Guardemos a sésta
Lá para depois;
Eu quero saber
Quem é que vós sois.» —

— «Sou filho da côrte,
Assisto em palacio;
Linda pastorinha
Dae-me um abraço.

Já me vou embora
Pela serra acima,
Linda pastorinha
Dae-me a despedida.» —

— «Venha cá, oh homem,
Venha aqui correndo;
O amor é cego,
Já me vai rendendo.» —

— «Se você me chama,
Eu me vou andando,
Que a aposta que fiz
Já a vou ganhando.» —

— «Bem sei o que queres,
Queres um abraço;
O abraço se o deres,
Dá bem apertado.

O abraço se o deres
Dá-m'o apertado,
Para apagar penas
Que commigo trago.» —

— «O abraço que der
Não tem má tenção,
Cala-te lá, Rosa,
Que sou teu irmão.

Quer ella a menina
Que demos um brado
Á gente do povo
Que açcudam aogado?

Oh gente do povo
Accudi ao gado,
Que foge a pastora
Com o seu namorado!» —

— «Eu quero fugir,
Que é ventura minha;
Depois de pastora
Irei ser rainha.» —

— «Se a pastora foge,
Deixal-a fugir,
Nem cravos, nem rosas
Lhe hão de accudir.» —

— «Digo-te a verdade,
Do meu coração:
Não sou teu esposo,
Mas sou teu irmão.» —

— «Digo-te a verdade,
Oh meu camarada;
A aposta que fiz
Ja cá vai ganhada.» —

2.

LINDA-A-PASTORA.[1]

Versão de Almeida-Garrett.

— «Linda pastorinha, que fazeis aqui?» —

— «Procuro o meu gado que por ahi perdi.» —

— «Tam gentil senhora a guardar o gado!» —

— «Senhor, já nascemos para esse fado.» —

— «Por éstas montanhas em tam grande p'rigo!
Diga-me oh menina, se quer vir commigo.» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 201—209. No logarejo de Linda-a-Pastora, nos suburbios de Lisboa, uma lavadeira deu a Almeida-Garrett a presente lição. Th. Braga, Rom. Not. 51 julga-a incompleta e mal classificada. O verso alexandrino que adoptou Garrett, é improprio do genio popular nos descantes ou desafios.

— «Um senhor tam guapo dar tam mau conselho [1]
Querer que se perca o gado alheio!» —

— «Não tenha esse medo que o gado se perca [2]
Por aqui passaremos uma hora de sésta.» —

— «Tal razão como essa não n'a ouvirei: [3]
Já dirão meus amos que de mais tardei.» —

— «Diga-lhe, menina, que se demorou
Co' esta nuvem de agua que tudo molhou.» —

— «Fallarei verdade, que mentir não sei:
Á volta do gado eu me descuidei.» —

— «Pastorinha, escute, que oiço ballar gado.» —

— «Serão as ovelhas que me têm faltado.» —

— «Eu lh'as vou buscar já muito depressa,
Mas que me espedace por essa charneca.» —

— «Ái como vai grave de meias de seda!
Olho não as rompa por essa resteva.» [4] —

— «Meias e sapatos, [5] tudo romperei [6]
Só por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.» —

— «Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.» —

— «Meu destino foi ser vosso criado.» —

— «Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena
Que ha de vir meu amo trazer-me a merenda.» —

---

[1] Não deve ser nobre quem dá tal conselho. — Minho.
[2] Eu não digo isso que o gado se perca,
Mas que descancemos uma hora de sésta. — Extremadura.
[3] Que dirão meus amos em que me occupei. — Beiralta.
[4] Por essas estevas. — Alemtejo.
[5] Meias e vestido. — Ribatejo.
[6] Romperém. — Coimbra.

— «Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.» —

— «Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
Já não quero vê-lo nem por pensamento.» —

— «Pois adeos, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fóra.» [1] —

— «Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...
Que o amor é cego, já me está rendendo.» —

Sentaram-se á sombra...tudo estava ardendo... [2]
Quando ellas não querem, então estão querendo.

---

[1] Vai guardar teu gado pela serra fóra. — BEIRALTA.

[2] Senta-te a ésta sombra que está o mundo ardendo.
— «Eu bem não queria, mas estou querendo.» —
— «Calla-te, pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz, já está ganhada.» —

— «Senhora, vou sentar-me não por má tenção,
Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.» — BEIRALTA.

— «Sente-se a ésta sombra, passemos a sésta,
Ja pouco me importa que o gado se perca.» —

Oh gente da casa, accudi ao gado
Que foge a pastora c'o seu namorado. — MINHO.

3.

A PASTORA.[1]

Versão do Algarve.

— «Que fazeis aqui, senhora,
Tão gentil e delicada,
Com chapelinho á malteza
Sáia de lã recortada?
Quem pelos endros da serra
Anda assim tão bem trajada,
Ou é a princeza dos bosques,
Ou donzella enamorada!
Dizei, dizei, donzellinha,
Onde é a vossa albergada?
Embora longe ella seja,
Lá mesmo sereis levada;
Se pae e mãi inda tendes,
Elles me darão pousada,
Que já minh' alma não póde
Andar de vós apartada!
Captivaram-me esses olhos
E as vossas faces rosadas,
Renderam-me os vossos cantos
Quando los eu escutava,
Junto ás margens da ribeira
Em que vos víra assentada.» —

— «Deixae-me, senhor deixae-me
Andar só por esta estrada,
Que a pastora que aqui vêdes
Anda alegre e bem cuidada,

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 143—147. Estacio da Veiga encontrou esta versão em Faro, em Portimão e em Tavira, pela feira de S. Francisco, onde uma camponeza lh'a recitou tal qual aqui se apresenta, mas o collector serviu-se tambem «dos bons fragmentos que já d'ella possuia.»

Não é princeza dos bosques
Nem donzella enamorada,
Vive feliz sem amores,
Com amores não tem nada.
Saí, saí; d'estas selvas,
Que aqui não achaes pousada...» —

— «Não me aparto, não, donzella,
Antes que venha a alvorada,
Já que vos vi tão louçana,
Haveis de ser adorada.» —

— «Não me enganam vossos olhos
Nem vossas doces palavras;
Amor assim não se cria
N'uma hora tão mingoada.
Ái, não vos quedeis, senhor,
Vos rogo por vossa alma!» —

A donzella assim pedia,
E a pedir bem que chorava!
Rendida, já tão rendida
Estava a triste, coitada!
Cavalleiro que isto ouvia,
Não mais que suspiros dava,
Até que mais não podendo
Em seus braços se estreitava.
Já não resiste a donzella,
Nem já pranto derramava...
Tudo é brandura...o receio
Todo em amor se tornava!
D'alli se parte o mancebo
Com pensar que inda voltava,
E do peito da donzella
Uma rosa lhe levára.
Indo pela estrada avante
Mal que via a mesma estrada,
Que a noite vinha tão negra
Que a muito custo enxergava.

Lá em meio do caminho
Grande traição era armada:
Perro villão sáe-lhe á frente,
De lado a lado o varava!
Cáe por terra o cavalleiro,
E morto alli se quedára;
O villão que morto o víra,
Atraz logo se voltára,
Trazendo na mão a rosa
Que o cavalleiro levára.
Acabada a negra noite,
O novo dia alvorava;
A pastora com amores,
Em vez de dormir, sonhava.
Mal o sol era a romper,
Já ella vinha toucada;
Desce á margem da ribeira,
E entre flores assentada,
Lembram-lhe alli as venturas
Que pouco antes gozára,
E a som d'agua que corria
Estas saudades cantava:

— «Onde estarás, cavalleiro,
Alma de mim tão cuidada,
Que não vens matar saudades
Que me cá deixaste n'alma?

Onde estão esses teus olhos,
Onde está tua palavra,
Que juraste ser voltado
Logo ao raiar d'alvorada?

Ái pobre da minha vida,
Ái pobre de mim coitada!
Mal começo a ter amores,
Eis-me triste e desgraçada!» —

Junto de uma alfarrobeira
O perro villão estava;
Quantas magoas mais ouvia,
Bem mais elle se enraiava.
Amava elle a pastora,
E como ella o não amava,
Por vingar-se d'elle e d'ella
Esta nova assim lhe dava:

— «Senhora, minha senhora,
Por que estaes tão magoada?
Se choraes só pela rosa
Que ha pouco vos foi roubada,
Eil-a aqui — no vosso peito
Seja de novo guardada.
Cavalleiro que a roubou
Já com a vida a pagára;
Mal lhe tocou este ferro,
Logo em terra se quedára.» —

Ella ouvindo uma tal nova,
Quer fallar, porém não falla,
Foge-lhe a luz d'ante os olhos,
Dá-se em terra desmaiada.
O villão que assim a víra,
Jurou de não mais amal-a;
Como em signal de despreso,
Eil-o que vai de abalada,
Deixando-lhe sobre o peito
A rosa, mas desfolhada...

Dizem que a triste donzella
Por morta logo ficára,
E que passado algum tempo
Mesmo alli a soterraram;
Que sobre a cova nascéra
Uma roseira encarnada,

E que as rosas, que eram muitas,
Toda a serra perfumavam.

4.

Variante da Ilha de S. Jorge.[1]

— «Deos vos salve, Rosa, se sois para mim,
Pastora tão bella, que fazeis aqui?» —

— «A fallar verdade, que eu mentir não sei,
Vigio o meu gado, que eu aqui deitei...» —

— «Pastora tão bella vigiando gado!» —

— «Sim, senhor; nasci para este fado.» —

— «Por altas montanhas corre grande p'rigo,
Diga-me a menina se quer vir commigo.» —

— «Rasão como essa nunca a ouvirei,
Perguntarão meus amos em que me occupei.» —

— «Se elles perguntarem em que se occupou,
Uma nuvem d'agua que a demorou.» —

— «A fallar verdade que eu mentir não sei,
Vou buscar meu gado que acolá deixei.» —

— «Vosso gado, senhora, aqui vol-o trago,
Venturoso môço ser vosso criado.
Deixe ir o gado lá por serra fóra,
Deixe ir o gado, deixe-o ir embora.
Perca-se o gado por serra adiante,
Perca-se o gado, não se perca a gente.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 373—375. O collector julga esta versão a mais completa e perfeita de todas as conhecidas.

— «Senhor vá-se embora, não me dê desgosto,
Não venham meus amos trazer-me o almoço.» —

— «Se os amos vierem, comeremos juntos
As boas alcatras, melhores presuntos.» —

— «Senhor vá-se embora, não me dê pesar,
Não venham meus amos trazer-me o jantar.» —

— «Pastora tão impertinente,
Homens não são lobos que comam a gente.» —

— «Homens não são lobos, que comam a gente,
Mas pelejarão por estares presente.
Senhor vá-se embora, não me dê mais pena,
Não venham meus amos trazer-me a merenda.» —

— «Pastora tão bella e tão rigorosa,
Como está ingrata, como está zelosa!» —

— «Se eu estou zelosa, faço muito bem,
Se estou ingrata, assim me convém.» —

— «Cá me vou, senhora, cá me quero ir,
Eu me vou chorando, vós ficaes a rir.» —

— «Senhor, vá-se embora, não me dê tormento,
Já o não posso vêr nem por pensamento.» —

— «Cá me vou, senhora, cá me vou andando,
Vós ficaes a rir, eu me vou chorando.» —

— «Como vae bandarro por essa resteva!
Não rompa o sapato, mem meia de seda.» —

— «Meias e sapatos, tudo romperei,
Só por lhe dar gosto eu tudo farei.» —

— «Sentae-vos á sombra que o mundo está vendo
Mulheres não querem e estarem querendo.» —

— «Bem sei que quereis de mim um abraço,
Não vol-o posso dar, tenho um embaraço.» —

— «Venha cá meu amo, venha cá correndo,
Que o amor é cego, já me vae rendendo.» —

— «Sentar-me-hei á sombra, não com má tenção,
Que a fallar verdade sou vosso irmão.» —

— «Irmão da minha alma, do meu coração,
D'aqui d'onde estou vos peço perdão;
Se sois meu irmão, não de geração,
Vós sois o amor do meu coçraão.» —

— «Cala-te, pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que fiz tenho-a ganhada;
A aposta que fiz tenho-a ganhada,
Metade d'um navio com a sua carga.
Vinde para baixo, dae cá vossa mão,
Vinde acceitar prendas de vosso irmão.» —

— «Se tu tens ganhado, eu tenho perdido,
Que essas tuas fallas já me tem rendido.» —

— «Já te tem rendido, isso mesmo quero,
Vai buscar teu gado, que eu aqui te espero.» —

Oh gente da Ilha acudi ao gado,
Que foge a pastora com o seu namorado.

II.

XACARAS DOS CONVERSADOS.[1]

Versão de Coimbra.

Fui indo áquella casa
Com pequena confiança,
Com o sentido apurado,
Já com a minha lembrança.

Fui indo alli aos domingos
E dias santos do anno;
Procurando a certeza,
Ou então o desengano.

Já n'isso lhe ia tocando
Com boa sinceridade;
Para vêr se ella me tinha
Parte de alguma amisade:

— «Oh que estado tão bonito
De solteiro bem logrado;
Mas pretendo a menina
Se quizer mudar de estado.» —

— «A resposta ao seu recado
Eu lh'a darei quando fôr,
Eu não lhe dou a certeza
Sem saber seu interior.» —

— «P'ra saber meu interior
Quinze dias lhe hei de dar;
Bem póde tirar inculcas
Para se certificar.» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 139—142. «Este idyllio tem um colorido tão delicado, que a mesma naturalidade quasi que faz passar desappercebido.

— «Vá indo e vá voltando,
A resposta eu lh'a darei;
Se você me fôr leal,
Eu sempre firme serei.» —

— «Que palavrinhas tão doces,
Com ellas me consolou;
Se você jura ser firme,
Eu tambem leal lhe sou.» —

— «Sou a mesma que aqui estou,
E lhe torno a affirmar,
Se você de mim pretende
Tracte de a meu pae fallar.» —

— «Se essa é a sua duvida
Eu já d'ella a vou tirar,
Fallando eu a seu pae
Quero com você casar.» —

— «Commigo póde contar,
A certeza eu lh'a darei,
Se meu pae lhe der o sim,
Eu sempre firme serei.» —

— «Eu já com seu pae fallei,
Elle me disse prudente:
Se você quizer ser minha,
Da sua parte é contente.» —

— «Não o diga a muita gente
Por murmuração não dar;
Que isto anda em segredo
Em quanto se não fallar.» —

— «Quero recommendar
Algumas recommendações,
Temos tractado de tudo
Faltam agora os pregões.» —

— «São boas recommendações
Com que se deve importar,
Tractemos de os fazer
E na egreja os ir prantar.» —

— «Já os banhos são corridos,
Estamos apregoados;
Vamos agora tractar
Do dia d'este noivado.» —

— «É bem dado esse recado,
Commigo póde contar,
Espere mais algum tempo
P'ra me poder arranjar.» —

— «Ora vamos lá com isso,
Deos lhe a saude conserve,
Eu tenho casa e vida,
Não tenho quem m'a governe.» —

— «Se não tem quem lh'a governe
Já não é por muito tempo;
É emquanto não arranjo
O fato do casamento.» —

Eu com isso fui contando,
Ella ficou descansada;
Estando na fonte um dia
Pedi-lhe um pucaro de agua:

— «Que pucaro tão formoso,
Que agua tão saborosa!
Tomára ser seu esposo
P'ra você ser minha rosa.» —

— «Se essa agua é gostosa,
É gosto que Deos lhe deu;
Sendo você meu esposo
Já sua rosa sou eu.» —

III.

A CONVERSADA DA FONTE.[1]

Versão de Penafiel e Coimbra.

— «Entre canas e canaes
Agua deve de nascer;
Menina que estaes na fonte
Dê-me agua, quero beber.» —

— «Por um pucarinho novo
E rodeado de flores;
Quem me fôra tão ditosa
Que désse agua aos meus amores.

Que désse aguas aos meus amores
Mais á Senhora da Guia;
Diga-me, senhor manata,
Se vem por alguma via.» —

— «A via por que aqui venho
Eu lhe digo na verdade,
Venho por passar o tempo
Que é cousa da mocidade.» —

— «Essa sua mocidade
Já me vieram dizer,
Que a sua sabedoria
Se occupava em saber ler.» —

— «Não sei ler, nem escrever,
Nem tambem tocar viola;
Eu desejava aprender
Na sua real eschola.» —

---

1 TH. BRAGA, Rom. p. 142–145.

— «Na minha real eschola
Você não ha de aprender,
Andam mestres mais bonitos
Desejosos de saber.» —

— «Oh minha gaia menina,
Que tão forte me fallaes,
Se até aqui mui vos queria,
Agora vos quero mais.» —

— «Ainda mais vos quero eu
Da raiz do coração;
Mas tambem com tudo isso
Não haveis de pôr a mão.» —

— «Oh que lindas, oh que lindas,
Pois ellas assim serão?
Dá-me licença, menina,
Para vêr como ellas são?» —

— «A licença vós a tendes,
Mas por ora ainda não;
Não haveis de ser o gabo
Que lhe haveis de pôr a mão.» —

— «Eu a mão não vol-a ponho,
Nem menos bulo comvosco;
Só de estar ao pé de ti
D'isso faço muito gosto.» —

— «Tendes gosto, desgostae,
Que não é por via vossa;
Esta rosa que aqui vêdes
Já é d'outro, não é vossa.» —

— «Se ella é d'outro e não é minha,
Inda o póde vir a ser;
Menina, diga a seu pae
Que nos mande arreceber.» —

— «Isso não lhe digo eu,
São palavras escusadas,
Que eu sou rapariga nova
Para ir governar casas.» —

— «Outras de menor edade
São casadas, teem marido,
Assim serás tu, oh Rosa,
Quando casares commigo.

Casarei, não casarei
Quando vier outra vez;
Diga, menina, a seu pae
Que elle tambem assim fez.» —

— «O recado está dado,
Vós, magano, vós o déstes;
Se já sabeis o caminho,
Tornae por onde viestes.» —

— «O caminho bem o sei,
Por elle hei de tornar,
Se vós me deres a prenda
Que eu aqui venho buscar.» —

— «Eu a prenda não a dou,
Que a tenho na janella,
Para dar ao meu amor,
Que faz grande gosto d'ella.» —

IV.

OS ESTUDOS DE COIMBRA.[1]

Versão de Penafiel.

— «Os estudos de Coimbra
Para te amar aprendi;
Com penas e saudades
Uma carta te escrevi.» —

— «Com penas e saudades
O meu coração chorou;
A carta que me escreveste
Ainda cá não chegou.» —

— «Antoninha, cara linda,
Eu queria te fallar;
A vergonha me retira,
O amor me faz chegar.» —

— «Eu fallar-te, fallaria
Do todo o meu coração;
Quem me dera adivinhar
Qual era a tua tenção.» —

— «A minha tenção é boa,
Mas é só para comtigo;
Se eu saír d'esta terra
Hei de-te levar commigo.» —

— «Eu comtigo não iria,
Que diria a minha gente?
Que ficava d'esta terra
Desterrada para sempre.» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 145—147. «Este canto foi recolhido em Penafiel; pertence ao genero de despique de conversadcs.»

— «Oh menina, não se assuste,
Não é caso de assustar;
Se eu em fama te metter,
Da fama te hei de livrar.» —

— «Eu a fama não a tenho,
Mas ella me póde vir;
Falle baixo, não acorde
Meu pae, que está a dormir.» —

— «Teu pae, que está a dormir,
Está em somno socegado;
Dize-me, oh minha menina,
Se eu serei do teu agrado?» —

— «Oh do meu agrado é,
Que mais o não póde ser;
Ausente da tua vista
Melhor me fôra morrer.» —

V.

OS DOIS AMANTES.[1]

Versão do Algarve.

— «Ausente de vós estava
Sem vos poder encontrar;
N'uma carta vos dizia,
Que já me sentia airar.» —

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 124—123. Esta xacara, de que andam muitas lições quasi todas uniformes pelas terras algarvias, se parece muito com a antecedente. Estacio da Veiga julga que não é muito anterior ao meiado do seculo XVII.

— «A vossa carta, mancebo,
Cá não pôde inda chegar;
O que quereis dizer-me,
Eis-me aqui, podeis fallar.» —

— «As fallas que vos eu devo
Já não as posso occultar;
Quero pois saber, senhora,
Se me quereis albergar.» —

— «Eu por mim não digo nada,
Não tenho razão que dar,
Dizei-me a tenção que tendes
Para vos bem contentar.» —

— «A minha tenção é boa,
Não tendes que duvidar;
Já d'esta casa não parto
Sem commigo vos levar.» —

— «Eu comvosco não irei,
Não vos devo acompanhar,
Que se meu pae tal souber,
Nunca mais me ha de abençoar.» —

— «Vosso pae não dirá nada,
Não tendes que arrecear;
A má fama que vos derem,
Eu vol-a hei de quitar.» —

— «Eu má fama não n'a tenho
Nem a quero procurar;
Quem uma vez perde a fama,
Não mais a póde ganhar.» —

— «Ninguem tracte de honrarias
Quando amor só quer folgar...» —

— «Ái, fallae, fallae baixinho,
Póde meu pae acordar.» —

— «Não se me dá que disperte,
Nem que me venha encontrar,
Mesmo que elle aqui viesse,
Sogro lhe havia eu chamar.» —

— «Se isso assim é, mancebo,
Eu o vou a dispertar,
Que venham já testemunhas
Para o poderem jurar.» —

— «Para jurar ha bom tempo,
Mais tarde, mais devagar,
Que eu a vossa geração
Inda não fui indagar.» —

— «Minha geração é boa,
A melhor de Portugal,
Minha mãi, nobre senhora,
Ella nos ha de ajudar.» —

— «Não vos agasteis, donzella,
Que eu não vos quero aggravar,
Se castigo vos mereço,
Vinde-me já castigar.» —

— «Aggravos vossos não tenho,
Não tenho que me agastar;
Se outro escripto me mandardes
Ainda o hei de acceitar.» —

— «Outro não vos mandarei,
Que bem mais vale o fallar;
O primeiro...em vós o tendes;
Deixae, deixae-m'o buscar...» —

— «Dou-vos licença, buscae-me,
Que o não haveis de encontrar.» —

— «Bem vejo que estaes buscada;
Como podêl-o eu achar!...
Pelo aivado da colmêa
Logo eu quiz desconfiar...
Pensei que crestava os favos,
Nenhum era por crestar!
O cortiço já não tinha
Do mel que eu ia provar!...» —

— «Mal hajam vossas palavras,
Mal haja tanto enganar;
Se boa tenção não tinheis,
Porque vir-me procurar?
Ái, pobre de mim, coitada,
Mais não vejo que esperar;
No bom pano cáe a nodoa,
E ninguem lh'a quer tirar!...
A cadeia te persiga,
Não te deixe respirar,
Tua espada se te quebre
Quando fôres batalhar;
A sepultura te falte
Quando vás a enterrar;
Quanto perdão me não peças,
Não possas no céu entrar!» —

VI.

XACARAS DA NOIVA ARRAIANA.[1]

1.

Versão de Almeida.

— «Deos vos salve minha tia,
Na vossa roca a fiar!» —

— «Venha embora o cavalleiro
Tam cortez no seu fallar.» —

— «Má hora se elle foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que já ninguem o conhece
De mudado que ha de estar.
Por lá o matassem mouros,
Se assim tinha de tornar.» —

— «Ái sobrinho de minha alma,
Que és tu pelo teu fallar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?» —

— «E meu pai e minha mãi,
Tia que os quero abraçar?» —

— «Teu pai é morto, sobrinho,
Tua mãi foi a enterrar.» —

---

1 Th. Braga, Rom. p. 20—22. Almeida-Garrett, Rom. T. III. p. 119 —123. Garrett tem esta xacara por bem antiga e originaria do Algarve: «O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas emprezas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar: não póde pois ser outra a raia senão a do Algarve.»

— «Que é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?» —

— «A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.» —

— «Que é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «O teu cavallo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar!» —

— «Que é da minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?» —

— «Tua dama faz hoje a boda,
Ámanhã se vai casar.» —

— «Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.» —

— «Sobrinho não digo, não,
Que te podem lá matar.» —

— «Não me matam, minha tia,
Cortezia eu sei uzar.
E onde faltar cortezia,
Esta espada ha de chegar.» —

— «Salve Deos, oh lá da boda,
Em bem seja o seu folgar!» —

— «Venha embora o cavalleiro,
E que se chegue ao jantar.» —

— «Eu não pertendo da boda,
Nem tam pouco do jantar;
Pertendo fallar á noiva,
Que é minha prima carnal.» —

Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.

— «Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.» —

— «Pagar devia com a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a boda,
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os ha de quitar.» —

— «Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que se aqui não ha justiça,
Co' esta espada a hei de tomar.» —

2.

Versão do Algarve. [1]

— «Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!» —

— «Bem haja o bom cavalleiro,
Tão discreto em seu fallar!» —

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve, pag. 106—111. Pela descoberta do senhor Estacio da Veiga foi provada a hypothese de Almeida-Garrett, de que a xacara da Noiva arraiana fôsse de origem algarvia.

— «Nunqua elle d'aqui se fôra,
Ou não chegasse a voltar;
Por lá o tragassem moiros,
Se havia assim de tornar, [1]
Que tão demudado veiu,
Que ninguem lhe vem fallar!» —

— «Ái, meu sobrinho, ái minh' alma,
Que és tu pelo teu olhar!» —

— «Eu mesmo, eu, minha tia,
Que volto d'além do mar.
Que é de meu pae, minha mãi,
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «Tua mãi... essa morreu,
Teu pae...foi a enterrar,
Vieram anjos do céu,
Ao céu os foram levar.» —

— «Bem lá me lembrava eu d'elles,
Por elles sempre a chorar!
Que é feito da minha armada
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «Essa tua rica armada,
O fronteiro a fez ao mar,
Para ir vencer a guerra
Com el-rei de Portugal.» —

— «Que é do meu cavallo branco
Que eu soía cavalgar?» —

— «Teu cavallo foi-se á guerra,
Foi-se á guerra a guerrear;
Outro melhor não havia,
El-rei o mandou tomar.» —

---

[1] Estacio da Veiga tem: Se havia*m* assim de tomar.

— «Que é feito da minha dama
Que eu aqui deixei ficar?» —

— «Tua dama... está de boda,
Ámanhã se vai casar;
De cuidar que estavas morto,
Muito levou a chorar!» —

— «Onde é que pára essa noiva,
Que eu tambem lá vou parar?» —

— «Ái, não, não vás, meu sobrinho,
Que te pódem lá matar;
Fica-te aqui, eu lá vou,
Eu por ti lá vou fallar.» —

— «Não me matam, que nem moiros
Me sabem a mim matar;
Onde faltar cortesia,
Não ha de a espada faltar.» —

— «Salve Deus tão grande boda,
E mais todo seu folgar!» —

— «Salve Deus o cavalleiro,
E que se chegue a manjar.» —

— «Eu da boda mais não quero
Do que á noiva já fallar;
Eu quero vêl-a e fallar-lhe,
Que é minha prima carnal.» —

Lá de dentro vinha a noiva
Ao ouvir o seu fallar,
Mal que vê o cavalleiro
Quasi se deixa finar;

O que dizer-lhe queria,
Diz-lh'o só em seu chorar.

— «Se tu choras, se desmaias,
De ti me vou apartar;
Se choras por estes gastos,
Todos los hei de eu pagar.» —

— «Pagar devêra co'a vida
Quem tanto me fez penar,
Quando te deram por morto
Para a isto me levar!» —

— «Volta, volta, minha prima,
Nós hemos melhor manjar;
Que todos ahi se quedem,
Se se quizerem quedar;
Os meus primeiros amores
Ninguem m'os ha de emprazar.» —

— «Vamos, vamos, oh meu primo,
Qu'isto é um recuscitar,
Que não ha quem dos teus braços
Me possa já arrancar.» —

— «Que venha lá de Castella
De justiça o maioral,
Ou que venham los fronteiros
E alcaides de Portugal,
Que só eu, com esta espada,
A todos hei de matar!» —

VII.

XACARAS DO CEGO ANDANTE.[1]

1.

Versão da Beira-Baixa.

— «Abre a porta, Anna,
Abre o teu postigo,
Dá-me um lenço, amor,
Que venho ferido.» —

— «Se vindes ferido,
Vinde muito embora;
Porque minha porta
Não se abre agora.» —

— «Abrí-me vós a porta,
Ao menos o postigo;
Venhām dar esmola
Ao pobre ceguinho.» —

— «Acorde, minha mãi,
Acorde de dormir;
Ande ouvir o cego
Cantar e pedir.» —

— «Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho;
E o pobre do cego
Que vá a seu caminho.» —

— «Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho,

[1] Th. Braga, Rom. p. 147—149.

Só quero que a menina
Me ensihe o caminho.» —

— «Pega, minha filha,
Na tua roca e linho,
Vae ao triste cego
Ensinar o caminho.» —

— «Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho,
Agora adiante, cego,
Lá vai o caminho.» —

— «Ande a menina
Mais até além,
Que eu ainda sou cego
E não vejo bem.» —

Ande a menina
Mais um bocadinho;
Ande mais até
Áquelle verde espinho.

Ande a menina
Por este carreiro;
Ande até áquelle
Verde centeio.» —

— «Ái, arreda, arreda
Para este altinho;
Que aí vem cavalleiros
Por esse caminho.

Adeos, minhas casas,
Adeos minhas terras,
Adeos minha mãi,
Que tão falsa me eras;

De condes e duques
Me vi pretendida;
Agora de um cego
Me vejo vencida.

Que gente é aquella
De cavalleria?
Ái, arreda, arreda
Para este altinho.» —

— «Se vem cavalleiros,
Vêm devagarinho,
Que ha muito me tardam
Por este caminho;

É a minha mãi
Mais sua madrinha,
Que a vêm buscar
Para a terra minha.» —

2.

Lição de Almeida-Garrett. [1]

— «Abre a porta, Anna, abre de mansinho,
Que venho ferido, morto do caminho.» —

— «Se vindes ferido, pobre coitadinho,
Ireis muito embora por outro caminho.» —

— «Ái! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tam cego venho, não vejo o caminho.» —

---

[1] Almeida-Garrett, Rom. III. p. 193—198. Almeida-Garrett baseando-se sobre o facto de que o mesmo assumpto é tractado n'uma ballada escocceza (Percy's *Reliques of Ancient English Poetry, Series II, book I, 10*) suppõe que os mareantes portuguezes trouxessem de Glasgow ou Aberdeen esta historia, e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar.

— «Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Vá-se na má hora pelo mau caminho!» —

— «Ái do pobre cego que anda sosinho
Cantando e pedindo por esse caminho!» —

— «Minha mãi acorde, oiça aqui baixinho
Como canta o cego que perdeu o caminho.» —

— «Se elle canta e pede, dá-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que vá o seu caminho.» —

— «O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas me ensine o caminho.» —

— «Toma a roca, Anninhas, carrega-a de linho
Vae com o pobre cego, pô-lo a caminho.» —

— «Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.» —

— «Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.» —

— «Ái! arreda, arreda para este altinho,
Que ahi veem cavalleiros por esse caminho.» —

— «Se veem cavalleiros, veem de vagarinho
Que ha muito me tardam por este caminho.» —

A cavalleria passou de mansinho
Cego, lo meu cego ja via o caminho.
Montou-me a cavallo com muito carinho
Um cego me leva...e vejo o caminho!

3.

Versão da Ilha de S. Jorge. [1]

Era meia noite quando o ladrão veiu,
Bateu tres pancadas á porta do meio:

— «Abre a tua porta, cerra o teu postigo,
Deita cá um lenço, que eu venho ferido.» —

— «Se tu vens ferido, ferido embora,
Que a minha portinha não se abre agora;
Qual é o vadio que a estas horas vem
Eu estava em anágoa para ir a Belem.» —

— «Se estavas em' nágoa, em' nágoa te quero,
Has ser meu amor, n'esse logar te espero.» —

— «Minha mãi, acordae do vosso dormir,
Escutae o cego a cantar e pedir.» —

— «Se o cego pede, dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego passar o caminho.» —

— «Não quero o seu pão, nem tambem seu vinho,
Quero que a menina me ensine o caminho.» —

— «Pega n'uma roca, carrega-a de linho,
Vae co' o pobre cego, ensina-lhe o caminho.» —

— «Minha roca espiada, acabou-se o linho;
Adiante, cego, que aí vai caminho.»

— «Ande a menina mais um bocadinho,
Sou curto da vista, não vejo o caminho;

---

1 TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 372—373.

Ande a menina, vamos mais além,
Que eu era ceguinho, mas já vejo bem.» —

— «Adeos minhas vinhas, adeos minhas terras,
Adeos minha mãi, que tão falsa me eras.» —

— «Adeos minha filha, que eu bem te dizia
Que ao cego fizesses uma cortezia.» —

— «Uma cortezia lhe quiz eu fazer,
O ladrão do cego me quiz commetter;
De fidalgos e duques eu fui commettida,
Agora de um cego me acho rendida.» —

VIII.

XACARAS DA MORENINHA. [1]

1.

Versão do Porto.

Frei João se levantou
N'uma bella madrugada,
Chega á porta da Morena,
Da Morena engraçada:

— «Abre-me a porta, Morena,
Morena da minha alma.» —

— «Como hei de abrir a porta,
Frei João da minha alma?

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 150—152. Esta xacara é sabida na Extremadura e na Beira. Almeida-Garrett recebeu uma versão de Castello-Branco mas alterou-a pela interpolação de versos de outras lições provinciaes; na Ilha de S. Jorge foram recolhidas duas variantes.

Tenho o menino nos braços,
O meu marido á ilharga.» —

— «Com quem fallas, mulher minha,
A quem dás as tuas falas?» —

— «Fallo com a padeirinha,
Se cozia ou amassava;
So cozia pão de trigo
Que lhe não botasse agua;
Se cozia pão de ló
Uma pinguinha bondava;
Levantae-vos, meu marido,
Levantae a vossa casa,
Mandae as moças á lenha,
E os criados buscar agua;
Que o melhor coelhinho
É o que sae de madrugada.» —

Seu marido que saía,
Ella muito se aceiava;
Seu sapato de setim,
Que de polido estalava;
Sua mantinha de seda,
Que o ventinho levantava.
Chega á porta do Convento
Por Frei João perguntava;
Frei João que tal ouvia
Por vir a correr saltava,
Pegou-lhe pela mãosinha
E para a cella a levava;
Deu-lhe muito de comer,
Deu-lhe muita marmelada,
Deu lhe um copinho de vinho
Do melhor que a Ordem dava:

— «Fica-te embora, Morena,
Morena da minha alma,

Vou á Egreja de Sam Pedro
Dizer a missa cantada.» —

No meio do Evangelho
O calix cahiu da mão;
Acudiu o Provincial
E toda a Religião.

— «O que é isto, meus peccados!
O que é isto, Frei João?» —

— «São amores da Morena
Que trago no coração.» —

Moreninha que tal viu,
Saiu muito apaixonada,
Já no meio do caminho
Seu marido encontrava:

— «D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão arreiada?» —

— «Venho de fazer visitas
A quem veio á nossa casa.» —

— «D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão insentada?
Que tu me temes a morte,
Ou tu não és bem fadada!» —

— «Eu a morte não a temo,
Pois d'ella hei de morrer;
Temo só os meus meninos
D'outra mãi podiam ser.» —

— «Confessa-te, mulher minha,
Faz acto de contrição,
Que te não tornas a vêr
Nos braços de Frei João.» —

2.

Versão de Castello Branco.[1]

Fui-me á porta da Morena,[2]
Da Morena mal casada:

— «Abre-me a porta, Morena,
Abre-m'a por tua alma!» —

— «Como te hei de abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito
E meu marido á ilharga?» —

Estando n'estas razões,
O marido que acordava:

— «Que é isso, mulher minha,[3]
A quem dás as tuas fallas?» —

— «Digo á môça do forno,
Que veio ver se amassava,
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca agua.» —

— «Ergue-te, oh mulher minha,
Vae cuidar da tua casa.
Manda teus môços á lenha,
Teus escravos buscar agua.» —

---

1 Almeida-Garrett, Rom. III, p. 61—68.

2 Ergueu-se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra,
Foi-se á porta da Morena,
A morena etc. — Extremadura.

3 Que é isso Morenita. — Alemtejo.

— «Ergue-te d'ahi, marido,
Vae ao monte pela caça,
Não ha coelho mais certo
Do que é o da madrugada.» —

O marido que sabia,
Morena que se infeitava;
Seu manteo de cochonilha [1]
De dôze tostões a vara,
Meia de seda incarnada
Que na perna lhe estalava,
Sua bengala na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direito ao convento,
Á portaria chegava.
O porteiro é frei João [2]
Que pela mão a tomava;
Levou-a á sua cella,
Muito bem a confessava...
Penitencia que lhe deu,
Logo alli mesmo a resava.

Á sahida do convento
O marido que a incontrava:

— «D'onde vens, oh mulher minha,
D'onde vens tam arriada?» —

— «Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre Frei João,
Que assim venho consolada.» —

---

[1] Com seu mantinho de lustro
Que o vento lh'o levava,
Seu sapatinho picado
Que no pé lhe rebentava. — EXTREMADURA.

[2] Frei João que a viu chegar,
Em vez de correr, saltava. — BEIRALTA.

— «Consolar-te hei de eu agora
Com a ponta d'esta espada...»[1] —

Deu-lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.

— «Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada;
Dá-se-me da minha filha,
Que a não deixo desmammada!» —

— «Fôras tu melhor mãi que és,
Não fôras tam mal casada,
Não havias de morrer
D'esta morte desastrada.» —

Levavam-n'a ao convento
N'uma tumba amortalhada:
Sorria-se o frei João,
E o marido...é quem chorava.

3.

Variante da Ilha de S. Jorge.[2]

Erguéra-se Frei João
Um dia de madrugada,
Atacando seu calção,
Tocando sua guitarra,
Chegou á porta da dama,
Um romance lhe cantára:

— «Abre-me a porta, Morena,
Abre-m'a pela tua alma.» —

---

1 Com o ôlho d'esta enchada. — BEIRALTA.
2 TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 375—379.

— «Como te hei de abrir a porta,
Meu Frei João da minha alma,
Se estou c'o meu filho ao peito
E meu marido á ilharga?» —

— «Dize-me tu, mulher minha,
A quem dás as tuas falas?» —

— «É ao môço da padeira,
Que vem saber se amassava;
Se o pão era de leite
Que lhe não deitasse agua.» —

— «Ergue-te d'aí, mulher minha,
Vae reger a tua casa,
Manda os captivos á lenha,
Manda os criados á agua!
Para mais descanço vosso
Vos irei varrer a casa.» —

— «Erguei-vos d'aí, homem meu,
Chamae os cães, ide á caça,
Que o mais certo coelho
É esse da madrugada,
Que não ha caça mais certa
Do que a da madrugada.» —

Assim que elle caminhou,
Ella toda se arreiára,
Com sua saia de seda
Pela cidade arrastava,
Com sua capinha nova,
Seu nó de fita rosada,
Com seu chapeu na cabeça
Que o seu ouro lhe abanava.
Chegára á portaria,
Por Frei João perguntava.
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;

Pegára-lhe pela mão,
Levára-a p'ra sua sala,
Com gallinhas e capões
Nada de comer faltava..
Dera-lhe pão e vinho
Do que a sua Ordem dava;
Comprou-lhe sáia de seda
De cem mil reis cada vara.

Ao sair da portaria,
Seu marido encontrára:

— «D'onde vens tu, mulher minha,
Que vens tanto arreiada?» —

— «Venho de ouvir missa nova,
Que venho bem regalada.» —

— «Qual foi o padre que a disse,
Qual foi o que a cantou?» —

— «Foi Frei João da minha alma,
Que tão bem me regalou.» —

— «Quem me te dera, mulher,
N'uma fogueira queimada,
Com cem carradas de lenha,
Todas cem t'eu atiçára» —

— «Quem me te dera, bem meu,
N'umas meias laranjadas,
Todas lavradas em sangue
Com duas mil adagadas.» —

4.

Variante da Ilha de S. Jorge. [1]

Erguéra-se Frei João
Uma manhã de geada,
Penteando o seu cabello,
Tocando sua guitarra,
Foi á porta da Morena
Da Morena mal casada.

— «Abre-me a porta, Morena,
Que estou c'o pé na geada,
Se me não abres a porta
Não és Morena, nem nada.» —

— «Como te posso abrir,
Frei João da minha alma,
Se eu tenho um filho ao peito,
E meu marido á ilharga?» —

— «Dizei-me, minha mulher,
A quem daes as vossas falas?» —

— «Dou á filha da padeira,
Que me veiu perguntar:
Se amassava pão de milho,
Que lhe deitasse pouca agua,
Se amassava pão de trigo
Qualquer gotinha bastava.» —

— «Levantae-vos, oh mulher,
Arranjae a vossa casa,
Chamae as vossas criadas
Para vos vir ajudar.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 379—380.

— «Levantae-vos, homem meu,
Ide p'ra caça caçar,
Que a caça da manhã,
É mais certa que a da tarde.» —

Seu marido caminhando,
A Morena se aceára,
Calçára meia de seda
Que na perna lhe estalava,
O seu vestido de seda
Que no corpo desbancava,
O seu lencinho de seda
Que o ventinho lhe abanava;
Chegou ao portão dos frades,
Por Frei João perguntára.
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;
Pegára-lhe pela mão,
Levára-a p'ra sua sala,
Deu-lhe um copinho de vinho,
Talhada de marmelada,
Deu-lhe um vestido de seda
De cem mil reis cada vara.

Chegou ao meio do caminho,
Seu marido encontrára:

— «D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão arreiada?» —

— «Venho de ouvir missa nova,
D'isso venho regalada.» —

— «Qual foi o padre que a disse,
Quem foi o que a cantou?» —

— «Foi o padre Frei João
Que muito me regalou.» —

— «Deixae estar, mulher minha,
Temos contas para ajustar.» —

— «Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar;
Importa-me os meus filhinhos
Que me ficam por criar.» —

— «Não te importes c'os teus filhos,
Que outra mãi lhe hei de dar.» —

— «Não se me dá de morrer,
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me da triste conta
Que a Deos tenho para dar.» —

— «Pega lá uma facada
Do lado do coração,
P'ra t'eu não tornar a vêr
Em braços de Frei João.» —

— «Se vires a Frei João,
Dizei-lhe que digo eu,
Que não ponha chapeu pardo,
Que a Morena já morreu.» —

IX.

XACARA DO SOLDADO.[1]

Versão de Trás-os-Montes.

Lá se vai o capitão
C'os seus soldados á guerra;
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva.
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa traz a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:

— «Porque vás triste, soldado,
Essa paixão por quem era?» —

— «Não é por pae nem por mãi,
Nem por irmão que eu tivera,
É pela esposa que deixo,
Lá tam só na minha terra.
Este cordão de ouro fino,
Que sete arrateis bem pésa,
Mais me pésa a mim leval-o,
Que ao partir lh'o não dera.» —

— «Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vel-a.
Se a encontrares chorando,
Fica sete annos com ella:

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 152—154. Almeida-Garrett, Rom. T. III. p. 183—189. Garrett recolheu pela primeira vez esta xacara da tradição oral de Trás-os-Montes em tres variantes. Garrett data sua origem pelos tempos da guerra da acclamação, isto é, por meado do seculo XVII. É um como *pendant* ao romance de Bernal-Francez.

Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.» —

Quem saltava de contente
O meu soldadito era;
Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettéra.
Inda não é meia noite
Á sua porta batéra.

— «Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?» —

— «É um soldado, senhora,
Que vos traz novas da guerra.» —

— «Mal haja as novas que traz
E mais quem veio trazel-as!
Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado,
Que a tam má hora aqui chega.» —

— «Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra;
Deixae-nos dormir em paz,
Que bem precisamos d'ella.» —

Foi-se d'alli o soldado
Mais prompto do que viera:

— «Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sete dias de aguardo...
Nem sete horas carecéra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomae-lá, meu capitão,
Os mimos da minha terra,

Este cordão de ouro fino
Que agora inda mais me pésa;
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantel-a.» —

— «Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó d'ella?» —

X.

XACARA DA TECEDEIRA.[1]

Versão da Beira-Alta.

— «Quero fazer uma aposta,
Ou eu não sei apostar:
De dormir com Mariana
Antes d'o gallo cantar.» —

— «Tal cousa não faças, filho,
Que não a has de ganhar;
Mariana é mui sisuda,
E não se deixa enganar.» —

Não quiz alli dizer nada,
Não quiz alli mais fallar;
Vestiu traje de donzella,
Ao jardim foi passear.

— «Quem é aquella donzella
Que além anda a passear?» —

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 156—157. Almeida-Garrett fundiu esta xacara dentro do romance de Dom Claros d'além-mar (Rom. T. II. p. 192.)

— «É a tecedeira, senhora,
Que vem das praias do mar;
Tem a sua têa urdida
E a falta vem-na buscar.» —

— «Essa falta eu a tenho,
Mas não a posso dobar.» —

— «Dobe-a já, minha senhora,
Tracte de a mandar dobar;
De noite pelo caminho
Donzellas não hão de andar.» —

— «Para a honra da donzella
Aqui ha de hoje poisar.» —

— «Tendes criados tão moços,
Mui atrevidos no olhar!» —

— «Para a honra da donzella
No meu quarto ha de ficar.» —

A donzella de contente
Á noite não quiz cear,
Estava a cahir com somno
Que se quiz logo deitar.
Lá por essa noite adiante
Mariana de gritar!

— «Cala-te, oh Mariana,
Não te queiras desgraçar;
Tinha a têa já urdida,
A falta vim a buscar.
Aos sete para outo mezes,
Sem o teu pae reparar,
Quando te vires pejada,
Eu comtigo hei de casar.» —

XI.

XACARA DO TOUREIRO NAMORADO.[1]

Versão da Beira-Baixa.

Lá acima em Catalunha,
Junto ao pé de Sevilha,
Correm os moços um touro
Que admirar se podia.
O touro era tam bravo,
Ninguem esperal-o queria!
Nomearam capitão
Um môço da mesma villa;
Calçava meia de seda,
Seu sapato de palmilha,
Com seu chapeo aprumado
Com tres plumas que tinha.
Volta pela rua abaixo,
Volta pela rua acima,
Ergue os olhos ao céo
A vêr a hora que sería.
Vai da uma para as duas,
Já passava do meio dia.

— «Álerta, álerta, soldados,
Álerta, nobre companhia;
Deitem o touro cá fóra,
Que já passa do meio dia.» —

O touro era tam bravo,
Ninguem esperal-o queria!
Esperava-o aquelle môço
Para mostrar valentia.

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 154—156. Foi recolhida pela primeira vez por Th. Braga. É entre todos os romances hespanhoes e portuguezes o unico que prende com o antigo costume peninsular das touradas.

Sete voltas deu ao curro,
Outras sete á mesma villa;
Metteu-lhe a chave direita
Entre a sóla e a palmilha.
Não lhe accudiu pae, nem mãi,
Nem irmã, que a não tinha;
Accudiu-lhe uma esposa
Pelo amor que lhe tinha,
Accudiu-lhe toda a gente
Pela lastima que via.

— «Se eu morrer d'esta morte,
Como d'ella estou esperado,
Não me toquem a campana,
Nem me enterrem em sagrado,
Enterrem-me áquella quina
Aonde foi o namorado.» —

XII.

XACARA DA CONFISSÃO DO PASTOR. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge (Ribeira d'Areias).

— «Meu padre cura, que eu resar não sei,
Fui á confissão não me confessei!» —

— «Não te confessaste onde não has de ir,
És um penitente, Deos ha-te accudir.» —

— «Deos ha-me accudir, não o sei dizer,
Que me não ensina que lhe hei de fazer.» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 380—382. Estara xacara, desconhecida no continente, é, como diz Th. Braga, um resto d'esses dialogos atrevidos e facetos da edade media, com que o povo parodiava os sacramentos.

— «Que lhe hades fazer, dizes muito bem;
Dize-me, pastor, dize d'onde vens.» —

— «Oh meu padre eu venho c'o suor em bica,
Tudo me ensinaram, eu nada me fica.» —

— «Não te fica nada, o teu corpo sente,
Já me está mentido este penitente;
Este penitente eu vou desculpando,
Tu d'hoje em diante já has-de ir resando.» —

— «Já hei de ir resando, palavra me déstes.» —

— «O que tu querias, é safar-te d'esta.» —

— «Safar-me d'esta, bem dizia eu;
Padre como este ainda cá não veiu.» —

— «Ainda cá não veiu tão bonito caso!
Dize-me, pastor, o mal que t' eu faço.» —

— «O mal que me fazes não é nada bom,
Confessar ao padre, direi que é bem bom.» —

— «Dirás que é bem bom, cabeça de vento,
Confessar as freiras dentro do convento.» —

— «Dentro do convento faço sentinella,
Meia noute á noute eu durmo com ella.» —

— «Dorme com ella, ninguem te acoite,
Dize-me, pastor que fazes á noite.» —

— «Meu padre cura, são cousas sem dono,
Deito-me na cama porque tenho somno.» —

— «Isso não é somno, é grande priguiça,
Dize-me, pastor, se assistes á missa.» —

— «Oh meu padre cura, qu'eu não te engano,
Assisto á missa uma vez no anno;
Uma vez no anno porque sou pastor,
Eu vigio o gado que é do meu amor.» —

— «Ajoelha, pastor, dize a confissão.» —

— «Frechada de leite, dentada de pão.» —

XIII.

XACARA DO GALANTE. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Foi-se o galantinho
Rondar pela vida;
Eu fui-me atraz d'elle
A ver para onde ia.
Eu vi-o entrar
P'ra casa da amiga,
Beijos que lhe dava
Na rua se ouviam,
Abraços lhe dava
Que os ossos rangiam;
Voltei para casa
Mais triste que o que ia,
Fechei minha porta
Melhor não podia.
Era meia noite,
Galante não vinha,
Os gallos cantavam,
Galante batia.

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 385—389. Esta xacara é puramente açoriana; no continente não se encontra.

— «Abre-me essa porta,
Abre-lá mi vida,
Que eu venho cançado
De rondar na vida.» —

— «Mentes, Dom velhaco,
Mentes, meu marido;
Se tu vens cansado,
É de casa da amiga,
Beijos que lhe davas,
Na rua se ouviam,
Abraços que davas
Ossos lhe rangiam.» —

— «Abre-me essa porta,
Abre lá que chove,
Que a capa é curta,
Não me encobre.
Já os canarinhos
Pelas faias cantam,
Já os meus visinhos
Por aqui se levantam,
Já os estudantes
Vão pr'os seus estudos
Com meias de seda
Calção de velludo,
Fivellas de prata
Que desbancam tudo.» —

XIV.

XACARA DA SERRANA.[1]

Versão do Algarve.

Ao campo se vai Jacintha
Manhanita de San' João,
Com seu borzeguim de seda
E sáia cor de limão.
Para a vêr se erguéra o sol,
As aves cantando vão;
Jacintha, a flor das campinas,
Sobre as flores corre a mão;
Uma capella tecéra
Das capellas-de-San' João,
Da cheirosa madre-silva,
Da verde murta em botão.
Não ha vêr melhor beldade,
Não ha vêr outro condão;
Mais formosa que Jacintha
Outras formosas não são.
Em bailes começa o dia,
Todos correm á funcção,
A villã deixa a cabana,
A fidalga o seu balcão;
De amores todas se tocam
Nos requebros que se dão,
Porém nenhuma aldeana
Inventa melhor canção;
Ao som da sua guitarra
Que ternos amores vão!

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 118—123. O collector julga que esta «xacara» prende com os successos do primeiro cerco de Mazagão ou Marzagão, como lhe chamam no Algarve.

Aquelles sons maviosos
Todos diziam paixão.
Ninguem sabe se Jacintha
A folgar por San' João
Da guitarra as cordas fere
Ou se as do seu coração.
Os festeiros que a rodeiam
Por ella morrendo estão,
Todos lhe deitam cantigas,
Ella a todos dá de mão,
Para os bem desenganar
Canta os versos que aqui vão:

— «Tenho o meu amor ausente
Nos campos de Marzagão;
Aqui só tenho saudades
Onde eu tinha o coração;
Outros amores não quero,
Que os meus amores virão.» —

Cantava a linda serrana
Estas falas e mais não,
Uma voz lhe respondéra
Com fingida discrição:

— «Os teus amores não voltam,
Captivos elles estão,
Lá nos campos da Moirama
Os moiros los matarão.» —

Treme Jacintha escutando
Este funesto pregão;
Sua mão, que era gelada,
Sente apertal-a outra mão;
Vai erguer seus lindos olhos,
Eis que dá com Dom Beltrão,
Que vinha de matar moiros
Dos campos de Marzagão.

A alegria que ella teve
Nem seus labios o dirão!
Assim se acaba a Jacintha
Este dia de San' João.

XV.

XACARA DA AUSENCIA.[1]

Versão do Algarve.

Triste era um cavalleiro,
Mais triste ser não podia;
Quêdo estava ao pé do mar,
Assentado em pedra fria;
Com lagrimas e suspiros
Amargamente dizia:

— «D'estas praias arenosas
Vi fugir minha alegria
Quando as fontes do meu pranto
Vos perderam tão asinha:
Que força póde apartar-me
De vêr-vos, senhora minha?
Como eu hoje vivo ausente
De quem tanto me queria,
Ausente de mim estaes
Não da minha fantasia;
Com os olhos de minh' alma
Vos contemplo noite e dia;

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 148—151. Esta como a seguinte «xacara» parece composição moderna apesar de o collector lhe achar «indicios de boa antiguidade.

Com estes que me não vêdes
Choro eu a flor da vida,
Que no mar da desventura
Vai sem rumo, já perdida.
Ái ausencia, triste ausencia,
Meu pesar, minha agonia,
Porque o meu amor me escondes
Que o não vejo onde soía?
Mal haja tão negra ausencia
E mais esta pena minha,
Que me faz camanha magoa,
Camanha merencoria,
Que tão longe me detem
De quem tanto vêr queria.
Dizem que ausencia é menor
Quando amor não tem valia,
Mas este amor de minh' alma
Me cresce de dia em dia,
E com elle meus cuidados
E um pesar que não havia.
Hoje tenho só tristeza
Onde só tinha alegria;
Descanço já não conheço,
Descançar não saberia;
Esperança se a tivera,
Eu ainda viviria.
Tudo se me acaba agora,
Menos vida tão mofina.
Que mais perderei, senhora,
A não ser esta existencia,
Que longe de vós não é,
Não é, não póde ser vida?» —

Dizem que o bom cavalleiro
Na viola assim tangia,
E que ao longe voz humana
A tudo lhe respondia.

Olhava o triste coitado,
Suspirava e nada via,
A não ser o rijo mar
Que contra a terra se abria.

XVI.

XACARA DO ENCARCERADO.[1]

Versão do Algarve.

Lá onde se acaba a terra
E o mar de Hespanha chegára,
Mil castellos em ruinas
Esse mar avassalára,
Em uma soberba torre
Que nas aguas se mirára,
Enamorado captivo
Bem triste vida arrastára;
Não comia nem dormia,
Dia e noite passeára;
Elle apenas alli tinha
Uma viola que levára.
Lá por essa noite velha
Suas saudades cantára;
O mar seus cantos sumíra,,
Que o céo não os escutára.
Rota barca aventureira
Pela praia se rolára
Em uma noite que a lua
Incerta luz espalhára.
Vendo a barca, um doce intento
Em su' alma então raiára.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Alg. p. 86—88.

Muro abaixo vai correndo,
Mas o mar como bramára!
Com o levante que havia
Contra a praia arrebentára.

— «Ondas do mar abaixae,
(Assim o triste clamára)
Deixae-me chegar agora
Á terra que tanto amára,
Donde trouve los cuidados
Que eu alta noite cantára.
Não me sepulteis, oh mar,
Dae-me o rumo que buscára.
Para que matar-me o corpo,
Se alma d'elle se apertára!
Para matar-me, sabei
Que esta ausencia me bastára.
Abaixae, ondas salgadas,
Que eu tantas vezes saudára!» —

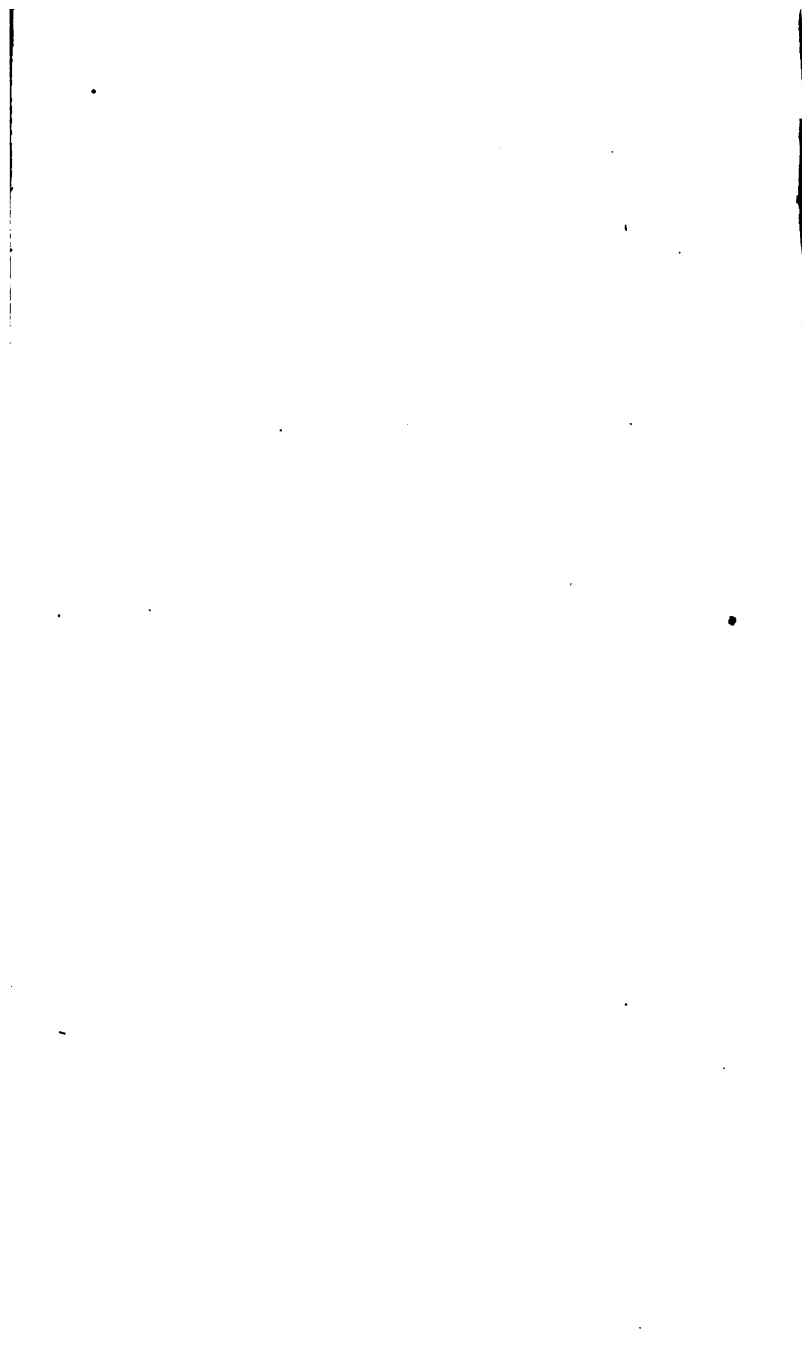
De repente á barca sóbe,
Com ambas as mãos remára;
Ja longe estava da terra,
A lua se sepultára.
Em meio do mar, sósinho,
Triste o captivo se achára,
Sem saber o que fizéra,
Que o trabalho o fatigára.
O vigia da menagem
N'isto do somno acordára;
E diz que ouvíra uma voz
Que no alto mar bradára.
Á torre logo subíra,
Que era já de manhã clara;
Mas só víra terra e mar
E uma barca que boiára,
Que o captivo sepultado
Lá nas vagas se quedára.

Meio dia que era em ponto,
A barca em terra varára;
O mar, como era mui rijo,
Logo alli a destroncára.
Quem perdeu foi o captivo
Que da prisão se soltára
Para ver os seus amores
Que n'outra terra deixára!

G.

ROMANCES SACROS

E

LENDAS CHRISTÃS.

I.

SANTA CECILIA.[1]

Versão do Algarve.

Acolá n'aquelle oiteiro
Ha uma linda ermidinha;
E junto d'ella morava
Uma gentil pastorinha.
Todos que a viam, pensavam
Que fôsse uma donzellinha.
Malquerenças não tivera,
Só de uma perra visinha,
Que bem jurou de perdel-a
Por inveja que lhe tinha.
Cecilia, assim se chamava,
Que assim lhe pôz su 'madrinha,
Do mundo nada quizera,
Nem tinha ella outra vida
Mais do que resar sus resas
Desde que alvorava o dia.
Uma vez sem mais nem menos
A traidora da visinha

---

1 Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 193—196. É este romance, segundo a opinião do collector, no genero de lendas christãs um dos mais antigos do Algarve. Estacio da Veiga obteve d'elle tres lições imperfeitas, de que produziu com muito custo esta que ainda considera incompleta. As versões chegaram-lhe á mão n'um estado muito alterado; andavam recheadas de refacimentos absurdos dos inventores de aldeia.

Vai-se a ter com seu marido,
Que ella d'elle gostaria.

— «O que vai por vossa casa,
Quem dizel-o poderia!
Ái, valha-me a mãi do Carmo
Valha-me a Virgem Maria!
Assim que vos ausentaes,
Não ha mais do que alegria;
A mulher que Deus vos deu
A fallar emprega o dia;
De amores toda se rende
Com um Dom de fidalguia.» —

O marido que tal ouve,
Á casa logo corria.

— «Bem te pódes confessar;
Confessa-te, mulher minha,
Que mulher que é tão errada
Pagar só deve co'a vida.» —

— «Quer me mates, quer me deixes,
Eu confessar-me queria.
Se me matares, enterra-me
Aos pés da Virgem Maria.» —

D'enraivado que elle estava,
Logo alli a mataria.
Ao cabo de sete mezes
Grande cantar lá se ouvia.
Foram chamar o marido
Para ver tal maravilha.

— «Mal haja todo o casado
Que acreditar em visinhas!
Perdoae-me, oh minha santa,
Perdoa-me, oh mulher minha!» —

— «Como te hei de eu perdoar,
Se tu' alma está perdida?
A minha, que hoje é dos anjos,
Pelos anjos foi remida.
No mundo andarás em penas,
No céu não terás cabida!» —

Dizem que elle ouvindo aquillo,
Morto logo alli caíra,
E que a soterral-o fôram
Lá baixo ao adro da ermida.

II.

A SENHORA DAS ANGUSTIAS.[1]

Versão do Algarve.

Estando Nossa Senhora
Na sua cella assentada,
Sobre as suas amarguras
A triste nova chegava
De que era morto seu Filho,
Rico penhor de su' alma.
Pelas ruas corre a Virgem
E a quem via perguntava,
Se morto era seu Filho,
Rico penhor de su alma.

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve, p. 197–200. É a mais antiga de todas as lendas algarvias; o collector a achou entre camponezes, que a sabiam imperfeitamente. D'este modo viu-se obrigado a servir-se de differentes lições para compor a presente.

Diziam uns que amarrado
A uma columna estava,
Outros que pela cidade
Sob uma cruz caminhava.
Indo a Virgem mais avante
Uma mulher encontrára;
Vai-se logo a perguntar-lhe
Pelo que ella não achava;
A mulher era judia
E assim mesmo a consolava:

— «Por aqui passou um homem
Com uma cruz que arrastava,
A cada passo que dera
Toda a terra se abalava;
O lenho como era verde
Até o chão tormentava;
Como fôsse grande o peso,
A cada instante ajoelhava;
O baraço na garganta
Era o que mais o magoava;
Elle me pediu um lenço
Para alimpar suas chagas,
Eu lhe dei a minha touca
Com que a cabeça toucava.» —

Tudo isto ouvia a Virgem
E cada vez mais chorava;
Indo a volver os seus olhos,
No chão caíu desmaiada.
San' João por bom sobrinho
Pela mão a levantava.

— «Levante-se, oh minha tia,
Que o que ouviu não será nada.» —

Indo lá mais adiante
Com o senhor se encontrava.

— «Porque chora, minha Mãi,
Oh minha Mãi da minh' alma?» —

— «Não choro as almas perdidas,
Que por ti serão ganhadas;
Choro por vêr tuas carnes
Tão dorídas e rasgadas;
Choro por vêr do teu sangue
Estas mãos ensanguadas!» —

— «Ái minha Mãi, minha Mãi,
Que esta gente vai ser salva!
Suba além áquelle outeiro,
Onde a cruz é já cravada;
Quando o meu sangue correr,
Toda a culpa será paga!» —

Fez o senhor testamento,
N'elle a todos se deixava;
E deixa a San' Pedro a chave
Para que as almas pesára,
A San João o deserto
Para que logo habitára;
O coração deixa á Virgem
Com que a elle adorava.
De todos já despedido,
Subindo á cruz, expirára.

Vendo a Mãi já morto o Filho
Com tamanha angustia d'alma,
De Angustias lhe dão o nome,
Por elle fica adorada.

III.

A FONTE DAS ALMAS. [1]

Versão do Algarve.

Era de maio uma tarde,
De taes flores perfumada,
Que a Virgem Mãi do Rosario
De tanto enlevo enlevada,
Junto á margem de um ribeiro
Céu e terra contemplava.
Nas aguas que alli corriam,
Via-se ella retratada,
E dos myrtaes e roseiras
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecéra
Para a Senhora da Orada.
Tecida que era a capella
Logo d'alli se ausentára,
Levando no seu regaço
O Filhinho de su' alma.
Indo em meio do caminho
Grande calor apertava;
Agua o Menino pedia,
Mas sua Mãi lh'a não dava,

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 201—204. O povo algarvio chama a este romance A fonte das almas, A fonte fadada, A fonte santa, e na unica lição que obteve o collector, Milagre da Senhora do Rosario. Não se sabe nada a respeito da localidade a que se refire este romance; ao não ser a fonte santa no concelho de Albufeira, que fica perto da capella dedicada á Senhora da Orada, para quem a Virgem tecéra uma capella antes de transformar um penhasco em fonte d'agua. O romance que Estacio da Veiga julga não anterior ao seculo XVII, andava muito desfigurado por additamentos; o collector, seguindo seu systema, apurou-o e apresenta-o tal qual lhe pareceu que mais se aproximaria da lição primitiva.

Que d'entre aquellas restevas
Olho d'agua não brotava.
Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parára.
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava de face
Com tal ardor, que crestava!
Palavras que a Virgem disse,
Logo pelo céu entraram,
E o rochedo que as ouvíra,
Em fonte se transformára.
O caso é que em bem pouco
Agua tão fresca jorrava,
Que aos pés da santa corria
Como quem lhe os pés beijava.
Bebendo que era o Menino,
Toda a fonte se cercava
De alecrins e mangeronas,
E rosas de toda a casta.
Desde então ficou a fonte
Chamada «A fonte fadada.»
Dera-lhe a Virgem tres chaves,
Uma d'oiro e as mais de prata,
Uma para ser aberta,
Outra para ser fechada,
E outra para alli guardar
Almas puras como a agua.
Das almas que a Santa Virgem
Muitas vezes lá guardava,
Ficou o povo chamando
Á fonte «A fonte das almas.» —

IV.

A SENHORA DA PIEDADE.[1]

Versão do Algarve.

Em nome de Deus bemdito
Saiba toda a christandade,
Que está o mundo assombrado
De ver um santo milagre,
Que a uma casta donzella
De seus quinze annos de idade,
Que n'uma serra morava,
Chamada serra do Algarve,
Por sua graça infinita
Fez a Virgem da Piedade.

Com seu pae e mãi estava,
Com elles ía á cidade,
Escrever e ler sabia
Desde tenra mocidade.
Sua mãi á Virgem déra
Um altar ao pé de um valle.
Estando alli a donzella
Naquella gruta uma tarde,
Offerecendo umas resas
Á sua divina imagem,
Passou, que não ao acaso,
Um fidalgo de linhagem,

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 159-162. O collector diz com referencia a este romance: «Esta lenda é manifestamente do Algarve, porque assim o dizem os seus versos. Como em todas, ou quasi todas as peças de poesia popular d'este genero, aqui apparece o divino maravilhoso para o desenlace da acção. Creio que do fim do seculo XVI até meiado do XVII se havia de compôr; e n'isto sigo a autoridade do grande Garrett, que dá como averiguado, que a poesia primitiva da peninsula rarissima vez admitte o maravilhoso para solução de suas ingenuas peripecias.»

Que havia muito mirava
Para a sua virginidade.
Ameigando a donzellinha
Com seu damnado semblante,
Estas palavras lhe disse
Com amorosa humildade:

— «Guarde Deus a ermitanita,
Nunca vi tanta beldade!
Entre as rosas que Deus cria,
Não ha uma que te iguale!
Se o meu amor te merece,
Ái, vamos para a cidade.
Vestir-te-hei de prata fina,
Terás quanto desejares,
Andarás entre senhoras
Que hão de vir a visitar-te;
Quando a passear tu fôres,
Levarás comtigo pagem.
Rosa linda, vem commigo,
Isto que te peço, faze.» —

— «Não gaste, senhor fidalgo,
Não gaste o tempo debalde,
Que o meu pensamento é outro
Mais proprio da minha idade.
A minh' alma só a entrego
Á Virgem Mãi da Piedade.» —

Elle quando aquillo ouvíra,
Bem que começou a airar-se;
Da gruta logo a arrancára,
Se lhe ella não gritasse.
Com pranto a triste pedia
Que d'alli a não levasse.
Torna-lhe inda em altas vozes,
Que se fôsse, que a deixasse,

Que pelo sangue de Christo
Mais pranto não lhe arrancasse.
Elle sem querer ouvil-a
Segue com seu rogo avante;
Quanto mais ella chorava,
Mais se lhe rendia amante;
Nem tinha já que pedir-lhe,
Que elle estava delirante.
N'uma volta que lhe déra,
Pôde a donzella escapar-lhe,
E aos pés do altar prostrada
Com fervorosa humildade,
Já não pede ao cavalleiro,
Pede á Virgem da Piedade,
Que outro tempo alli não tinha
Para a sua virgindade.
Encheu-se a gruta de flores
Da mais pura castidade;
Do céu desceram donzellas
Da sua mesma beldade,
Com palmas bentas na mão
Em signal de santidade,
E entre todas a levaram
Para a celeste cidade.
Elle que vê tal prodigio
Fica em grande anciedade;
D'alli se parte sósinho,
Vai-se logo a metter frade.
Dizem que o mundo esquecéra
Depois d'aquelle milagre,
E que morréra tão santo
Como a Virgem da Piedade.

V.

A SENHORA DA ORADA.[1]

Versão do Algarve.

Má sentença um homem teve,
Em hora triste e mingoada;
Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada.
Sentada estava chorando
Sua vida tão airada.
Quando seu pranto em torrentes
A falla lhe já tomava,
Uma voz ao longe ouvíra,
Que muito alto lhe bradava:

— «Caminha, vai a Lisboa,
Não temas essa jornada;
Que a sentença que tiveste
Foi por bem que te foi dada.» —

— «Como póde assim ter sido,
Se contra mim foi lavrada?» —

— «Corre á casa do notario,
Acharás que não é nada;
Vai-te á casa do juiz,
Onde se fez a ajuntada;

[1] ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 188—192. A antiga ermida da Senhora da Orada fica perto da villa de Albufeira, em logar deserto, sobre uma rocha á beira-mar. A festa da Senhora da Orada, em 15 d'agosto, é uma das romarias mais populares do Algarve. Muitos milagres se attribuem á Senhora da Orada os quaes, em parte, andam colligidos no Santuario Mariano de Fr. Agostinho de Santa Maria, T. VI. liv. II. tit. XIII. p. 435. Ediç. de 1718.

Depois volta á escrivania,
Verás a letra mudada.» —

Seguindo vai té Lisboa
Como quem bem caminhava;
Chega á casa do notario,
Ouviu que não era nada;
Chega á casa do juiz,
Onde se fez a ajuntada,
E procurando a sentença,
Achou-a toda riscada.

— «Homem, quem aqui te trouxe
A seguir esta jornada?» —

— «Mandou-me o Senhor da Pedra [1]
Mais a Virgem Mãi da Orada,
Que a consolar-me vieram
Quando los eu invocára.» —

— «Oh, quem tal dita tivéra,
Que para traz já voltára!» —

— «Eu por mim sim voltaria,
Mas não mais os encontrára.» —

Indo pelo seu caminho
Com a sentença mudada,
Uma mulher víra morta
N'um esquife amortalhada.
A mulher logo se erguéra,
Que a vida então recobrára.

---

[1] O Senhor da Pedra tem egualmente sua ermida sobre um rochedo isolado á beira-mar, em lugar arenoso, na freguezia de Gulpilhares a distancia de duas leguas ao sul do Porto. A romaria do Senhor da Pedra, que se festeja no domingo da S. Trindade, é talvez a mais interessante do reino. O Senhor da Pedra faz, no norte do reino, o mesmo papel que a Senhora da Orada no Algarve.

Vendo passar seu marido
Pelo nome lhe bradára:

— «Homem, se estás em peccado,
Confissão te seja dada,
Já que eu morri n'este mundo
Sem ver hostia consagrada.
Depois de te confessares
Tu' alma será ganhada!
Chega pois á confissão,
Que não precisas mais nada.» —

— «Tambem tu, oh mulher minha,
Que ora estás resuscitada,
Antes que recáias morta
Faze por ser confessada;
A Deus pede que te salve,
Mais á Virgem Mãi da Orada.» —

Em oração se pozeram
Anjos á terra baixaram;
Depois de oração fazerem,
Ambos para o céu voaram.

VI.

SANTO ANTONIO E A PRINCEZA.[1]

Versão do Algarve.

Achava-se em Realmonte
Com sua côrte real,
Casada uma dama infante,
Princeza de Portugal.
De Antonio, santo varão,
Do seu paiz natural,
Devota a princeza era
Por crença a mais singular.
Filha infante ella tinha
Mais formosa que o luar,
Mas a infante era um anjo,
E ao céu se foi a parar.

Toda a côrte se ajuntava
Para lhe o corpo levar;
Mas não consente a princeza
Que o levem a soterrar.
Tres dias eram passados,
E ainda por sepultar,
A mãi em continuo pranto,
Mas a infante a regalar;

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 174—178. O Santo Antonio de Lisboa é o santo mais popular e mais querido de Portugal. A lenda de Santo Antonio e a Princeza é exclusivamente algarvia. Não se sabe nada a respeito da villa de Realmonte onde aconteceu o milagre; variantes chamam-lhe Rel de Meão, Real de Meão ou Realmont. Será talvez a corrupção de Villa Real que fica no Algarve, á foz do Guadiana, e é dedicada ao Santo Antonio, chamando-se Villa Real de Santo Antonio? Na Chronica dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa transfere-se o milagre a Leão de Hespanha.

Sómente ella não chorava,
Que resava a bom resar;
Ao santo varão Antonio,
Que tanto soubéra amar,
Sua filha encommendava
Para lh'a resuscitar.
Com grande fé verdadeira
Assim começa a orar:

— «Santo que sois de mi terra,
Onde não ha outro igual,
Que por todo o mundo andaes
Dia e noite a milagrar;
A esta vossa devota
Vinde por Deus escutar;
Aquella que vêdes morta
Mandae-a resuscitar
Mais sete dias de vida,
Depois, fazei-a expirar.
Afugentae-me esta ausencia,
Que a não posso supportar.» —

Inda a oração era em meio,
Já no céu ia a entrar.

— «Sete dias tens de vida,
Pódes á terra voltar.» —

Disse Deus, e o santo padre
A vida lhe foi a dar.
Do ataúde se erguéra
A infante de Portugal,
E com divinal semblante
Á princeza foi fallar:

— «Senhora mãi, que choraes,
Sem saber, por meu pesar;
Aqui me tendes na terra
Onde já não posso estar.

D'entre as virgens me arrancastes,
Onde me quereis guardar?
Deixae-me, senhora mãi,
Que no céu tenho um altar,
Eu apenas vim ao mundo
Para só vos consolar.
Prometteis, senhora mãi,
De não mais por mim chorar?» —

— «Assim o prometto, filha,
Pódes para Deus voltar;
Ora por mim, tu que és anjo,
E que no céu tens altar.» —

Os sete dias findavam,
Ao resurgir do luar
A alma da bella infante
Para o céu se viu voar;
O corpo, que era da terra,
Á terra o foram levar,
Toda a côrte se espantava
De não ver a mãi chorar!

VII.

ROMANCE DA DEVOTA DA ERMIDA.[1]

Versão de Trás-os-Montes.

No alto d'aquella serra
Está uma bella ermida;
Uma devota está n'ella,
Serva da Virgem Maria.
Uma visinha da porta
Mau testimunho lhe erguia:
Ella que andava d'amores
Com um sacerdote de missa!
Sacerdote se agastava,
E ella pena não tinha.
Veio o marido de fóra.

— «Boa seja a vossa vinda,
Que vos quero perguntar
Que vae lá por essa villa?» —

— «Que te confesses, traidora,
Que te vou tirar a vida.» —

— «Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Eu confessar me queria.
Marido, se me matares,
Enterra-me na ermida
Aos pés de Nossa Senhora,
Aos pés da Virgem Maria.» —

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 128—129. Foi Th. Braga quem recolheu pela primeira vez esta lenda da tradição oral. «O cantar da criança, diz elle, que nasce na sepultura, faz lembrar aquella ballada bretã dos Tres Monges vermelhos, feita pelo povo contra os Templarios.»

Prenhadinha de oito mezes
Para os nove corria;
No cabo dos nove mezes
Um lindo cantar se ouvia.
Abriram a sepultura
Onde a encontraram parida,
Com uma menina nos braços,
Que se chamava Maria.

— «Perdoa-me, oh Mariquinhas!
Perdoa-me, oh mulher minha!» —

— «Como te hei de eu perdoar
Se tua alma está perdida?
A minha está na gloria
Dos anjos bem assistida.» —

VIII.

ORAÇÃO DO DIA DE JUIZO.[1]

Versão do Minho.

Por aquella noite escura
Morreu uma criatura,
Com grande arrependimento,
Sem receber sacramento!
Suas culpas e peccados
Foram á face de Christo.

— «Oh meu senhor Jesus Christo
Aqui visitar-vos venho;

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 129—131. Esta oração que mostra sua origem ecclesiastica nos versos finaes, é um d'estes romances sacros de que ha muitos exemplos similhantes nos Açores.

Sou a alma mais perdida
Que tem o vosso rebanho.» —

— «Escuta, oh alma zelosa,
Que primeiro te escutei;
Ensinei-te a benzer,
Não quizestes aprender;
Lá te deixei meus jejuns,
Sempre passaste comendo;
Lá te deixei meu Calvario,
Sempre passaste correndo.» —

— «Oh meu filho tão amado,
Oh meu filho tão querido!
Filho, salva-me aquella alma,
Pois que se me vai perdendo.» —

— «Pois a minha Mãi o mand
Faço o seu mando correndo;
Sam Miguel pesae as almas,
Ponde pesos na balança.» —

Os peccados eram tantos,
Foram com elles ao chão!
Pôz Nossa Senhora o manto
Ficaram pesos suspensos:
Com a graça de Maria
Ficou a alminha contente!
Quem esta oração disser
Um anno continuamente,
Terá por certo viver
Lá no céu eternamente.
Quem a sabe e não a diz,
Quem a ouve e não a aprende,
Lá no Dia do Juizo,
Saberá o bem que perde.

IX.

ROMANCE DO TERREMOTO DE VILLA FRANCA DO CAMPO.[1]

Lição de Gaspar Fructuoso.

Em villa Franca de Campo,
Que de nobre precedia
Na Ilha de Sam Miguel
A quantas villas havia,
Era de mil e quinhentos
E vinte e dois que corria,
Vinte e dois dias d'outubro
Quarto da lua seria;
Correu a terra de um monte
Que da alta serra pendia
E com ímpeto furioso
Sobre a villa se estendia.
Alli começa a dar gritos
A gente que se affligia;
D'elles chamavam por Deos,
D'elles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum d'elles perecia;
Todos cobertos de terra,
E de grande penedia,
Que correu d'aquella serra,
Que sobre a villa jazia.
Essa gente que escapára,
Como pasmada morria.

---

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 131—133. É este romance extrahido do manuscripto de Gaspar Fructuoso, intitulado Saudades da terra. Foi reproduzido por Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano, T. III. p. 415, na forma presente, sendo a lição de Gaspar Fructuoso mais extenso. Esta ultima acha-se impressa nes Cant. pop. do Archip. Açor. p. 335—345.

Outra que viva ficava,
Vivendo assi, não vivia.
Aqui chega Frei Affonso,
E com a tocha que trazia
Da Ordem de Sam Domingos
De Toledo reluzia,
Esse Padre glorioso
Que da gloria parecia.
Para consolar o povo
Assi fallava e dizia:

— «Confessae-vos, irmãos meus,
Em quanto vos tem o dia.
Resae todos o rosario
Da Virgem Santa Maria,
Edificae-lhe uma casa
Indo à ella em romaria.
Tomae-a por valedora,
Que ella por vós rogaria,
Tende n'ella confiança,
Que certo vos valeria.

Não acaba de fallar,
Quando a casa se fazia,
Uns acarretando pedra
Outros madeira á porfia.
Trabalham moços e velhos,
Pessoas de grão valia;
Até as nobres mulheres
Serviam sem fantazia.
Trazem telhas e telhados,
Que no arrabalde havia,
Como formigas ligeiras
Andam a quem mais faria
Tanto que em poucos dia
A ermida já servia,
Já celebram missa n'ella,
Já lá vão em romaria.

X.

JESUS MENDIGO.[1]

1.

Versão do Minho e Beira-Baixa.

Indo um lavrador p'ra arada
Ái Jesus!
Encontrou um pobresinho
Ái Jesus!
E o pobresinho lhe disse:
Ái Jesus!
Leva-me n'esse carrinho.
Ái Jesus!

Levantou-se o lavrador,
Ái Jesus!
A pôr o pobre no carro,
Ái Jesus!
Levou-o p'ra sua casa,
Ái Jesus!
Para a melhor sala que tinha;
Ái Jesus!
Mandou-lhe fazer a ceia
Ái Jesus!
Do melhor manjar que havia,
Ái Jesus!
E depois da meza posta
Ái Jesus!
O pobre nada comia,
Ái Jesus!

---

[1] Th. Braga, Rom. p. 118—200. É uma lenda commum a todos os povos do Meio Dia da Europa; encontra-se na Allemanha na vida de Santa Isabel de Thüringen.

Mandou-lhe fazer a cama
Ái Jesus!
Da melhor roupa que tinha,
Ái Jesus!
Por baixo damasco roxo,
Ái Jesus!
Por cima cambraia fina.
Ái Jesus!

Era meia noite em ponto,
Ái Jesus!
O pobresinho gemia;
Ái Jesus!
Levantou-se o lavrador
Ái Jesus!
A vêr o que o pobre tinha;
Ái Jesus!
Achou-o crucificado
Ái Jesus!
N'uma cruz de prata fina.
Ái Jesus!

— «Meu Senhor quem tal soubera
Ái Jesus!
Que em minha casa vos tinha
Ái Jesus!
Mandava fazer preparos
Ái Jesus!
Que a minha casa não tinha.
Ái Jesus!» —

— «Cala-te, oh lavrador,
Ái Jesus!
Não te enchas de phantasia,
Ái Jesus!
No céo te tinha guardado
Ái Jesus!

Cadeira de prata fina,
Ái Jesus!
Outra p'ra tua mulher
Ái Jesus!
Que tambem a merecia.
Amen Jesus!» —

2.

Versão da Ilha Terceira. [1]

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho,
O pobresinho lhe disse:

— «Leva-me no teu carrinho.» —

O lavrador se desceu,
E subiu o pobresinho,
Levou-o p'ra sua casa,
P'r'a melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a ceia
De capão e de gallinha;
Mandou-lhe fazer a cama,
Oh! que rica cama tinha,
Por cima lençoes de renda,
Por baixo cambraia fina!
Lá pela noute adiante
O pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador
A vêr o que o pobre tinha,
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 370—372.

— «Se eu soubera, oh meu Jesus,
Que em minha casa vos tinha,
Vos teria outros preparos
Que a minha casa precisa.» —

— «Cala-te, oh lavrador,
Deixa-te d'essa porfia;
Lá no reino de Deos Padre
Uma cadeira te tinha,
P'ra teu pae, p'ra tua mãi,
P'ra toda a tua familia.
Ámanhã por estas horas
Cá te mandarei buscar:
Sete anjos e nove archanjos
Te virão acompanhar.» —

IX.

ROMANCES DE IRIA A FIDALGA.[1]

1.

Versão de Santarem.

'Stando eu á janella co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada,
Meu pae lh'a negou, quanto me custava!

---

[1] O romance de Iria a Fidalga não foi publicado no Romanceiro de Almeida-Garrett que o achára em Santarem, mas sim nas Viagens na minha terra, T. II, p. 35 e reproduzido por TH. BRAGA, Rom. p. 132—125 : ESTACIO DA VEIGA, Rom. do Algarve p. 185—187.

— «Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.» —

Roguei e pedi — muito lhe pesava!
Mas eu tanto fiz que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

Ás mãos lhe dei agua, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me fallava,
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus lindos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceiava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
Tam má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite que me eu suffocava,
Sinto que me levam co'a bôcca tapada..

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Callei-me e chorei — elle não fallava.

D'alli muito longe que me perguntava
Eu na minha terra como me chamava.

— «Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria a cansada.»[1] —

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava...

Horas esquecidas commigo luctava;
Nem fôrça nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange...alli me matava,
Abriu uma cova onde me interrava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle oiteiro.

— «Minha Sancta Iria, meu amor primeiro.
Se me perdoares, serei teu romeiro.» —

— «Perdoàr não te hei de, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.» —

2.

Variante da Covilhã.[2]

Estando eu a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,

Veio o cavalleiro pedindo pousada,
Se lh'a meu pae dera, estava bem dada.

Deu-lh'a minha mãi, que mui me custava,
Fui fazer a cama no meio da sala.

[1] Outra lição, e talvez melhor, diz: a coitada.
[2] TH. BRAGA, Rom. p. 125—126.

Era meia noite, a casa roubada,
De tres que nós éramos só a mim levava.

Eram sete leguas, nem fala me dava,
Lá para as oito é que me perguntava:

— «Lá na tua terra como te chamavam?» —
— «Lá na minha terra era eu morgada,

Cá n'estas montanhas serei desgraçada.» —
— «Por essa palavra serás degollada,

Ao pé de um penedo serás enterrada,
Coberta de rama bem enramalhada.» —

No fim de sete annos por alli passava,
E a todos que via, lhe perguntava:

— «Dizei-me, pastores, que guardaes o gado,
Que ermida é aquella que além branquejava?» —

— «É de Sancta Iria bem aventurada,
Que ao pé de um penedo morreu degollada.» —

— «Oh minha Sancta Iria, meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte, serei teu romeiro.» —

— «Não te perdôo, ladrão carniceiro,
Que me degollaste, que nem um carneiro.

Veste-te de azul, que é a côr do céu
Se elle te perdoar, perdôo-te eu.» [1] —

---

[1] BRAGA tem a lição:
Se elle te perdoar, perdoar te quero.
N'uma copia que obtive da mesma versão da Covilhã achei o verso tal qual anda acima e pareceu-me preferivel assim, já por causa da rima.

3.

Variante do Algarve. [1]

Achava-se dona Iria
Na sua sala assentada
Bordando de agulha de oiro
E com seu dedal de prata;
Bate á porta um cavalleiro,
Que lhe pedíra pousada;
Dona Iria lhe responde
Muito triste e magoada,
Que sua casa não era
Estalagem de acoitada,
Que se sua mãi lh'a désse,
Estava muito bem dada.
Elle quando aquillo ouvíra
Muito triste que ficára;
Picando no seu cavallo
Sósinho se retirára.
Ella de compadecida
Do seu balcão lhe acenava,
Que a sua mãi foi pedir
Para lhe dar acoitada.
Volve atraz o cavalleiro
Com má tenção que levava;
Mandára-lhe a pôr a mesa,
Muito bem que elle ceiava;
Mandou a fazer-lhe a cama
Para que se elle deitára.
Negro somno ella dormia,
Elle sómente velava;
Pesado corria o somno,
Meia noite era já dada.
Lá por essa noite velha,
Cavalleiro em pé na casa. [2]

---

[1] Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 179—184.
[2] Elle da cama saltava.

Já sellado é seu cavallo,
Que á luz da lua alvejava;
Á cama de dona Iria
Corria que não andava;[1]
Pouco tempo era passado,
Já com ella cavalgava,
Levando a triste donzella[2]
Em seus braços desmaiada.
Longo caminho corrido,
Nem um nem outro fallava,
Mas a donzella em seus braços
A chorar se delatava.
Ao cabo de sete légoas
Para amor a requestava,
Mas só pranto eram as vozes
Com que lhe ella tornava.
Cavalleiro com brandura
Suas falas lhe voltava:

— «Como vos chamar, donzella,
Como vos chamaes, minh' alma?» —

— «Eu lá pela minha terra
Fui dona Iria a fidalga,
Agora n'estes montios[3]
Sou Iria a desgraçada.» —

Elle que aquillo ouvíra,
Alma lhe ficou damnada,
E quer já vencer por força
O que não vence a palavra;
Mas a Virge' era do céu,
Pelo céu era guardada.
Com a espada que trazia,
Logo alli a degollára,

---

[1] Prestes d'alli se marchava.
[2] Levando a donzellinha.
[3] Agora cá por montanhas.

E lá mesmo abre uma cova
Em que mal a soterrára;
Pois co'a pressa seus cabellos
Fóra da cova deixára.
Alli se fórma uma ermida,
Que a todos bem que pasmára,
C'um letreiro que dizia:
«A Sancta Iria — a fidalga.»

Ao cabo de bons sete annos
Cavalleiro que passava;
Vendo aquella linda ermida
A um pastor perguntava:

— «Dize-me, oh pastor da serra,
Pastorinho da minh' alma,
Ái que ermidinha é aquella
Que além vejo tão armada?» —

— «Aquella é de Sancta Iria,
De Sancta Iria a fidalga,
Que por mão de um cavalleiro
Alli fôra degollada:
A ermida cresceu, cresceu
Sem de ninguem ser tocada.» —

Cavalleiro que tal ouve
De joelhos se prostrára.

— «Minha linda Sancta Iria,
Sancta Iria da minh' alma,
Perdoae-me a dura morte
Que vos fiz com esta espada,
Que já partida aqui fica,
Para sempre sepultada.
Eu serei vosso romeiro
Em longe peregrinada.» —

— «Ergue d'ahi, cavalleiro,
Mais a tua dura espada,
Que a tua alma n'este mundo
Não póde ser perdoada;
Tua alma não é do céo,
Pelo céo foi condemnada.» —

D'alli parte o cavalleiro,
Vai fazer longa jornada;
Chegando ás portas de Roma,
Víra a santa degollada.

— «Atraz, atraz, cavalleiro,
Tua alma é já perdoada.» —

4.

SANCTA HELENA.[1]

Variante do Minho.

'Stando sancta Helena
Á porta assentada,
Cosendo mui linda
Na sua almofada,
Sua agulha de ouro,
Seu dedal de prata,
Veio um cavalleiro
Pediu-lhe pousada.

— «Se meu pae lh'a dera
Está mui bem dada.» —

Entrou para dentro,
Logo se assentou;

[1] TH. BRAGA, Rom. p. 126-128.

Fizeram-lhe a ceia,
Elle não ceiou;
Fizeram-lhe a cama,
Então se deitou.
Lá por meia noite
Se alevantou;
De tres irmãs que eram
Só n'ella pegou.
Levou-a p'r'o monte
E lhe perguntou,
Como lhe chamavam
E como a tractavam.

— «Em caz' do meu pae
Helena fidalga,
Agora na tua
Serei desgraçada.» —

Puchou pelo alfange
E logo a matou,
Cobriu-a de ramos,
Alli a deixou.
Findos sete annos,
Por alli tornou:

— «Pastorinhos novos,
Que guardaes o gado,
Que ermida é aquella
Que está n'aquelle adro?» —

— É de Sancta Helena,
Morreu degollada.» —

— «Minha sancta Helena,
Meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte,
Serei teu romeiro.» —

5.

Versão da Ilha de S. Jorge. [1]

Estando cosendo na minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,
Chegára um cavalleiro a pedir pousada,
Meu pae lh'a dera, a mim bem pesára.
Entrára para dentro, elle ceiára,
Fizera-lhe a ceia, elle ceiára,
Botára-lhe agua, elle se lavára,
Fizera-lhe a cama, elle se deitára.
Lá por meia noite elle se levantára,
De tres que nós éramos só a mim levára.
Lá por terras longas a mim perguntára:

— «Como te chamavam em casa de teu pae?» —

— «Chamavam-me Iria, Iria fidalga...
Por terras alheias Iria coitada.» —
Ao pé de um pinheiro a mim degollára,
Fizera uma cova, a mim me enterrára.
D'alli a sete annos por alli passára:

— «Que ermida é aquella, ou casa caiada?» —

— «Não é ermida, nem casa caiada,
É a sancta Iria bemaventurada.» —

— «Oh sancta Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro.» —

— «Não te perdôo, a um cão carniceiro,
Que me degollastes que nem um cordeiro;
Da minha garganta fez um picadeiro,
Da minha cabeça fez um machadeiro.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 314—365.

Entrára p'ra dentro mui apaixonado,
Saíra p'ra fóra já bem perdoado:

— «Vestiste-te de verde, tambem de amarello,
Assim Deos me queira, como eu te quero.» —

XII.

ROMANCE DO POBRE PRESO. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

— «Senhora sancta Catherina,
Senhora Catherina sancta,
Que era tanto cantadeira,
E porque agora não canta?» —

— «Não canto, nem cantarei,
Tenho o meu marido preso
No Limoeiro do Rei! [2]
Talhei-lhe sete camizas,
Todas sete lh'as mandei;
Acceitou-as e beijou-as
E tornou-m'as a mandar:» —

— «Para que quero eu camisas,
Se as não posso eu lograr?
Dizei-lhe aos meus filhinhos,
Que orfãos se podem chamar.
E dizei aos meus visinhos
Que me podem perdoar.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 367—368. É, segundo o sabio collector, das strophes mais bellas da poesia popular.

[2] Limoeiro é o nome da cadeia de Lisboa.

Dizei á minha mulher
Que se tracte de casar;
E dizei ao thesoureiro
Que me toque o meu signal,
E dizei aos padres sanctos
Que venham-me acompanhar;
Que tragam as cruzes todas
Mais o habito saial.» —

— «Cavalleiros vão por terra
E as cartas pelo mar.
Dar novas a el-rei que mande
O meu marido soltar!
Irão pelo mar as cartas,
Cavalleiros vão por terra;
Que me solte o meu marido,
Senão que eu lhe armarei guerra.» —

XIII.

ROMANCE DE SANCTA THEREZA. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Dae Altissimo Senhor
Vossa graça com presteza:
Do céo desceu uma estrella,
A madre Sancta Thereza.
Sancta que era procedida
De uma illustre geração,
Por ser por Deos escolhida
Para mestra da oração.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 368—370.

Esta era a gloriosa,
Que tinha amor verdadeiro;
Sancta que era esposa
De trinta e dois mosteiros.
Com humildade e mór fé,
Fez voto de castidade,
Era esposa divina
Da Sanctissima Trindade.
Appareceu-lhe o Senhor,
N'um velho se convertéra,
A pedir esmola a Thereza,
Sancta Thereza lhe dissera:

— «Ái muito, muito me peza,
Peza-me na alma e na vida
Já ter dado a comida,
Não lhe fazer caridade.» —

Mas no coração lhe pediu
Que ao refeitorio tornasse,
A ver se achava algum pão
Que áquelle irmão offertasse.
Achou o refeitorio cheio,
A comida em quantidade,
Com excessiva alegria
Enchia o seu arregaço,
D'esta maneira dizia:

— «Irmão, irmão, tomae lá;
Pois já que Deos vol-a deu,
Peço-vos que aqui venhaes;
Quero-vos em cada dia
Fazer uma caridade.» —

— «Eu a esta portaria
Por ter occasião e luz
Por quem hei de perguntar?» —

— «Por Thereza de Jesus.» —

Em breve se foi o pobre,
Ao outro dia tornou,
Com caridade e certeza,
Thereza lhe perguntou:

— «Meu velho, como se chama?» —

— «Chamo-me Jesus de Therèza.» —

Quem d'isto tiver memoria
Receberá divina alteza.

XIV.

ROMANCES DOS TRES REIS.[1]

1.

Versão da Ilha de S. Jorge.

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achou o mar em bonança
Em Belem descarregou.
Ella parece que é pobre,
Traz fazendas excellentes,
Para ir vender á India,
As partes do Oriente.
Marinheiros que vão n'ella,
Levam um tão doce cantar,
As aves dos altos céos
Nos mastros lhe vêm poisar!
Os peixinhos do mar fundo
A bordo vêm escutar.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 350.

Os tres Reis do Oriente,
Todos tres em romaria,
Foram visitar Deos-homem,
Filho da Virgem Maria;
Guiados por uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam ver outra mais bella
Que era o menino Jesus.

2.

Versão da Ilha de S. Jorge.[1]

Partiram os tres Reis Magos
Das partes do Oriente,
Visitaram a Deos-homem,
Nosso Deos omnipotente.
Em caminho de um anno
Gastaram só treze dias,
Com favor muito soberano
Do infante rei Messias.
Guiados d'uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz
Iam ver outra mais bella,
Que era o menino Jesus.
Elles ouviram dizer:
Ha presepio em Belem
Onde estava Deos nascido
Remedio p'ra nosso bem.
Herodes como malvado,
Como perverso inimigo
Ás avessas ensinou
Aos tres Reis o caminho.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 351—352.

A estrella se escondeu
Chegada a uma cabana,
Logo os tres Reis adoraram
A Jesus, neto de Anna.
Oh meu menino Jesus
Em que palhas 'staes deitado,
Sendo vós um Creador
Que o mundo tinhas creado!
Offereceram-se ao menino,
Cada um por sua vez,
Por a lapinha ser pequena
Não couberam todos tres.
Offereceram-lhe ouro fino
Como rei oriental,
Incenso como divino,
E myrrha como a mortal.
Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o rei de gloria,
Filho da Virgem Maria,
Que nasceu pobre em Belem
Para a todos nos salvar
Entre a mula e o boi bento,
Que o estava a bafejar.
Patriarcha Sam José
Pegae no vosso menino,
Que entre palhas 'stá deitado,
A chorar que é pequenino.
Os anjos com alegria
Musicas lhe vão cantando,
É o rei dos altos céos
Que na gloria está reinando.

XV.

ROMANCE DA FUGIDA PARA BELEM.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

P'ra Belem párte a Senhora
Com o seu espôso amado;
Sempre foi e ha de ser
O seu rosto delicado.

— «Oh Belem tão rigoroso
De gente tão desastrada!
Nem á Rainha da gloria
Vós quizestes dar pousada.
Não tiveram dó da Virgem,
Da Virgem n'aquella hora!
Não quizeram obrar com Deos
As obras de Misericordia.
A Virgem se recolheu
A um curral de animaes,
Para haver as estalagens
Que o logar não deu p'ra mais.
Sam José muito sentiu
De ver tão fraco amparo...» —

— «Quem será este menino,
Qual será pae que se atreva
Não deitar esta senhora
Na mais amorosa cama?
Senão dê-m'o cá, que o levo,
Minha mãi lhe dará mama.
Tambem me offereço, senhora,
Para o embalar no berço:

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 353—354.

O Senhor é mui poderoso,
Não sei se será travesso.
Essas vossas travessuras,
Senhor bem vol-as entendo:
Vós viestes dar allivio
A quem estava padecendo.» —

XVI.

ROMANCE DO PRESENTIMENTO DA PAIXÃO.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Senhora Sancta Maria,
Seu cabello de ouro fino,
Perguntou seu bento filho,
Se velava ou dormia.
Respondeu Nossa Senhora:

— «Filho perguntas se velo?
Eu não velo e não durmo,
Pela vossa vinda espero,
Sonhei esta noite um sonho,
Mais valéra não sonhal-o:
Que o meu filho era morto
N'uma cruz crucificado!
Seus sagrados pés e mãos
N'uma cruz estão pregados!
A sua sagrada bocca
Cheia de fel e vinagre!» —

— «Calae-vos oh minha mãi,
Senhora Sancta Maria!

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 354.

Não valéra não sonhar,
Que isso verdade sería!» —

Quem esta oração souber,
Quando este mundo largar,
As portas do céo abertas
De par em par achará,
Pelas portas do inferno,
Nunca por lá passará.

XVII.

ROMANCE DA VESPERA DO SACRIFICIO.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Fallou a Senhora a Christo,
Grande pranto lhe fez ter:

— «Oh meu filho tão amado,
Parece que ouvi dizer,
Que andavam os phariseus
Meu filho, p'ra vos prender!
Assim andaes demudado...
Filho, a semana que vem,
Vos hão de vir buscar preso
P'ra ir a Jerusalem.
Meu filho, não vades lá,
Filho de minha alegria!
Eu não posso estar no mundo
Sem a vossa companhia.» —

[1] H. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 356—358.

— «Lagrimas de minha mãi,
Que bem as vejo correr!
Antes da festa chegar
Tambem vos quero dizer:
Que terei crueis martyrios
Pelas ruas e caminhos,
Na cabeça me porão
Uma corôa de espinhos,
E a corôa é toda feita
Feita de juncos marinhos.
Corra verdadeiramente,
Corra o sangue do meu lado
Para abrandar o meu povo
Que vae tão atormentado.» —

Quem esta oração souber,
E por um anno a rezar,
Jesus lhe manda dizer
A hora em que ha de acabar.

XVIII.

ROMANCE DA PAIXÃO.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Estando a Virgem Maria
N'uma sancta sexta feira,
Esperando Sam João
Com grande nova tristeza:

— «Que fazeis aqui, Senhora,
N'este triste desamparo?

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 356—358.

Os judeus e gentios
'Stão cegos por seus peccados.
Já o vosso bento filho
Já o têm crucificado!
Se o quereis achar vivo
Começae de caminhar.» —

A logar de mau quebranto,
Chegando a um tal logar,
Víra estar o seu filho
Estando elle semelhado,
Com chagas e açoutes
Que os judeus lhe tinham dado.
Abraçou-se n'uma cruz
Que era de pau de limo;
Por uma banda corre agua,
Por outra sangue divino.

— «Oh Jesus que fico só
Em tristes enganadores,
Que é que foram causantes
De haverem veadores;
Peço ao meu bento filho
Por todos os peccadores.» —

Quem minha oração souber,
A sua alma será salva,
Com cem annos de perdão
Para sua mãi e seu pae.

XIX.

ROMANCE DO PRANTO DA SENHORA.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Alto Deos omnipotente,
Rei dos céos e flor da palma,
Toda a vida andei cuidando
De salvar a nossa alma.
Em nome de Deos, amen,
E a Virgem Sancta Maria,
Ella chorava dizendo
Que o seu filho abrandaria:

— «Oh meu filho mui amado,
Que mal fizeste aos judeus?
Rei dos judeus vos chamaram
Antes do gallo primeiro!
Cavalleiros traz comsigo
Judas, vosso dispenseiro!
Entre bispos e escrivães
Vos levaram a dinheiro.
Que mal fizeste aos judeus
Que tanto mal vos julgaram?
O ataram á columna,
Seus cabellos arrancaram,
Cordas lhe fiaram d'elles
Com que de rasto o levaram.
Sentaram-n'o n'uma cadeira
Á morte o condemnaram.
Antes do gallo primeiro
No vosso rosto escarraram!
Já vem a mulher Veronica:
Que é que por aqui buscaes?» —

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 358—361.

— «Busco a esse homem que está preso
Amarrado á columna!» —

— «Quanto sangue por hi está,
Olha bem por essa rua.» —

— «Vosso sangue derramado,
Meu Deos, sem culpa nenhuma!
Oh Jesus que leva a Cruz,
Tão pezada que ella é!
Nem sete homens a levaram,
Filho sósinho é que a levas.» —

Passos que dava Jesus
Todo o chão ajoelhava.
Logo o Senhor se alevanta
Com açoutes que lhe davam.
Lá vem a nossa Senhora
Toda cheia de tristura,
Que ella no pranto dizia
Pela rua da Amargura:

— «Oh sangue tão precioso
Gerado em minhas entranhas!
Um pingo d'elle bastava
P'ra remir culpas tamanhas.» —

— «Onde vás por essa rua,
Onde vás, mulher tão pura?
Fartae-vos bem de me ver
Pela rua da Amargura.
Morto me vereis levar
Ámanhã á sepultura.
Aí fica Sam João
Que é vosso sobrinho,
Ell' vos tomará por mãi,
Vós o amareis por filho.» —

— «Como é que posso trocar,
Fazendo o vosso mandado,
Filho de Deos verdadeiro
Pelo filho de um vassallo?» —

Foi-se a Senhora embora,
A andar de rua em rua,
Com o pranto que fazia
Té chegar á da Amargura,
Quando viu estar seu filho
Preso e atado á columna:

— «Oh falsos, enganadores,
Que escrevestes aos phariseus!
Soltem a Christo por nós
Que não fez mal aos judeus.
Oh mulheres, oh mulheres
Que tendes filhos criado,
Que sabeis a dor que é
A morte de um filho amado,
Ajudae-me a carpir
Que o meu pranto é acabado.
Quem o meu pranto souber
E escripto o trouxer tambem,
Ganhará tantos perdões
Como areias o mar tem;
Como hervas tem o campo,
Como areias tem o prado.
Quem o souber que o diga,
Quem o ouvir que o aprenda,
Lá no Dia do Juizo
Verá o que elle defende.
Quem minha oração souber
Todo o anno a dirá,
Se no sentido a trouxer
Má morte não morrerá,
Nem d'agua será vencido,
Nem terá medo ou pavor;

E nem dos Mouros captivo,
E quando do mundo fôr
Um côro de anjos o guia
Ao pé de Nosso Senhor.» —

XX.

ROMANCE DOS PASSOS DO SENHOR.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

Ái Jesus da minha alma,
Senhor do meu coração,
Quem soubera imitar
Passos da vossa Paixão!
Quinta feira d'Endoenças
Vos deram sacramentado,
P'ra livrar do captiveiro
O que está em peccado.
Tambem lavastes os pés
Áquelles judeus malvados,
Vos déstes por convencido
De vos terem condemnado.
Ái Filho, não me deixeis
Em tamanho desamparo:
Fico coberta de lucto
Á falta de sol mais claro.
Filho haveis de morrer,
O que se não póde escusar;
As prophecias sagradas
Se não hão de quebrantar,
Filho haveis de viver
Para o mundo se salvar!

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 361—363.

Pedro e João enleiaram
Que dormiam descansados;
Accordae amigo meu,
Accordae, tende cuidado,
Vêde que lá vem Judas
C'os judeus acompanhado,
P'ra fazer uma prisão
A este innocente culpado.
Já la vem o Senhor preso
Em tão injusta prisão;
Vem preso por nos livrar
Do captiveiro de Adão.
Já lá vem o Senhor preso,
Meu verdadeiro Jesus!
Por amor de nós o cravam
No alto d'aquella cruz.
E os judeus lhe fizeram
A justiça com rigor,
Jogaram a pata-cega
Com meu Deos, pae e senhor:
O levaram a Caiphás,
Foi a primeira estação
Onde padeceu sem culpa
O senhor do coração.
Oh lenço mais inferior
Ditoso rosto coberto!
Grande é o vosso amor,
Maior o vosso affecto.
Rigorosa bofetada
Levou o ditoso rosto,
Bemdita e louvada seja
A paixão do Redemptor.
Já que te dizes Messias
Que és só um Deos verdadeiro,
Dizem que és adivinhão
Adivinha quem te deu?
O levaram a Annaz,
Para tanto padecer,

Feiticeiro lhe chamaram
Por maior desprezo ser.
O levaram á varanda,
Botaram capa de louro,
Na mão uma cana verde
Lhe puzeram em desdouro.
Lá vem o Senhor preso,
Pela rua da Amargura,
Elle era o sol mais brilhante,
Mas já vem sem luz nenhuma.
Lá vem Simão Cyreneu
Que á cruz o vem ajudar,
Vem a dispor nos seus hombros
Para o não mortificar.
Lá vem os dois varões sanctos
Que á cruz o vem despregar,
Nos braços da mãi magoada
Para o irem lançar.
Que encontro tão cruel
Tiveram dois corações,
Quando a mãi viu o filho
Mudado em suas feições:

— «Isto não é o meu filho,
Alguem aí o trocou;
Quem isto fez a meu filho
Minha alma traspassou.» —

Lá vem mulher valorosa
Cheia de todo o valor,
Com a mais alva toalha
Para alimpar o Senhor.
Muito vos custa, Senhor,
Lograr o vosso thesouro;
Descançar já no sepulchro
Que é mais fino que o ouro.
Filhas de Jerusalem
Chorae por vossos peccados,

Permitta o Padre eterno
Que torne a recuscitar,
Para na vida eterna
Comnosco ires cantar.
Quem esta oração souber,
E a disser com attenção,
No meu reino seja salvo
E toda a sua geração.

XXI.

ROMANCE DA NOITE DO NATAL.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

O gallo bateu as azas
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram
Glorias ao céo descendeu.
Deus andava pelo mundo,
Mas Sam Pedro assim dizia:

— «Quem não quer pobres em casa
Tambem me não quereria?» —

Vinte quatro de Dezembro
Foi a noite do Natal,
Que rompeu a primavera
Meia noite do signal.
Vamos, vamos nossa gente,
Que aqui não fique ninguem,
Vamos visitar Maria,
Teve o Menino em Belem.

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 348.

Em Belem nasce o Menino,
O bom Jesus verdadeiro,
Que desceu do céo á terra
A livrar do captiveiro.

XXII.

ROMANCE DO NATAL. [1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

A Virgem nossa Senhora
Está ao portal de Belem,
C'o seu menino nos braços,
Jesus! que está tanto bem!
Cantou-lhe uma cantiguinha:

— «Filho meu, que te farei?
Não tenho cama, nem berço,
Em braços te embalarei.
C'o as lagrimas dos olhos
Filho meu te lavarei!
Na manguinha da camisa,
Filho meu, te alimparei.
Nas mantilhas do meu rosto,
Filho meu, te embrulharei.» —

---

[1] Th. Braga, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 349.

XXIII.

VILANCICO DO NATAL.[1]

Versão da Ilha de S. Jorge.

A lua vae tanto alta
Como o sol ao meio dia;
Mais alta ia a Senhora
Quando p'ra Belem corria.
Sam José ia atraz d'ella
Sem alcançal-a podia;
Quando chegou a alcançal-a,
Já seu menino nascia.
Sam José foi para o céo,
Os anjos lhe perguntaram:

— «Como ficou lá Maria?
Como Rainha a tractaram?» —

Respondeu-lhes Sam José
Cantando a Ave Maria:

— «Maria lá ficou bem,
Ficou n'uma estrebaria,
Com suas portas de prata,
E paredes de ouro fino.» —

Quem sería o lavrador,
Que taes portas lavraria?
Era o Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria.

---

[1] TH. BRAGA, Cant. pop. do Archip. Açor. p. 349.

H.

ROMANCES COM FORMA LITTERARIA DOS SEC. XVI, XVII E XVIII.

I.

TROVAS Á MANEIRA DE ROMANCE FEITAS Á MORTE DE DONA INEZ DE CASTRO.[1]

Eu era moça menina,
per nome dona Ynes
de Crasto, e de tal doutrina
e vertudes, qu'era dina
de meu mal ser ho rreves.
Uivia, sem me lembrar
que paixam podia dar,
nem da-la ninguem a mym,
foy m'o prinçepe olhar
por seu nojo e minha fym.
Começou m'a desejar,
trabalhou por me servir,
fortuna foy ordenar
dous corações conformar
a huma vontade vyr.
Conheçeo-me, conheçi-o,
quys-me bem e eu a ele,
perdeo-me, tambem perdi-o,
nunca tee morte foy frio
e bem que triste pus nele.

---

[1] Garcia de Resende, Cancioneiro Geral, T. III. p. 617. Edição de Stuttgart. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 3—8. No texto foi conservada a orthographia da edição de 1516 do Cancioneiro Geral.

Dey-lhe minha liberdade,
nam senty perda de fama,
pus nele minha verdade,
quys fazer sua vontade
sendo muy fremosa dama.

Por m'estas obras paguar
nunca ja mais quys casar,
polo qual aconselhado
foy elrrey, qu'era forçado
polo seu de me matar.

Estava muy acatada,
como prinçesa seruida,
em meus paços muy honrrada,
de tudo muy abastada,
de meu senhor muy querida.

Estando muy de vaguar,
bem fóra de tal cuidar,
em Coymbra d'aseseguo,
polos campos de Mondeguo
caualeyros vy somar.

Como as cousas qu'am de ser,
loguo dam no coraçam,
começey entretiçer
e comiguo soo dizer:
estes omẽes d'onde yram?

E tanto que prequntey,
soube logo que era el rrey,
quando o vy tam apressado,
foy, que nunca mays faley.

E quando vy que deçia,
sahy ha porta da sala,
deuinhando o que queria,
com gram choro e cortesya
lhe fiz huma triste fala.

Meus filhos pus derredor
de mym com gram omildade,
muy cortada de temor,

lhe disse: avey, senhor,
desta triste piadade.
Nam possa mais a paixam
que o que deveys fazer,
metey nysso bem a mam:
queé de fraco coraçam
sem porquê matar molher.

Quando mays a mym, que dam
culpa, nam sendo rrezam,,
por ser mãy dos ynoçentes
qu'ante vós estam presentes,
os quaes vossos netos sam.

E têm tam pouca ydade
que, se não forem criados
de mym, soo com saudade
e sua gram orfyndade
morreram desemparados.

Olhe bem quanta crueza
faraa nisto voss' alteza,
e tambem, senhor, olhay,
pois do prinçepe sois pay,
nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grand' amor
que me vosso filho tem,
e que sentiraa gram dor
morrer-lhe tal servidor,
por lhe querer grande bem.

Que s'algum erro fizera,
fôra bem quem padeçera
e qu'estes filhos ficaram
orfaãos tristes, e buscaram
quem d'eles paixam ouuera.

Mas poys eu nunca errey
e sempre mereçy mais,
deueys, poderosô rrey,
nam quebrantar vossa ley,
que, se moyro, quebrantays.

Usay mays de piadade
que de rrigor, nem vontade:
avey doo, senhor, de mym,
nam me deys tam tryste fym,
pois que nunca fiz maldade.
El rrey, vendo como estaua,
ouve de mym compaixam
e vyo o, que nam oulhava,
qu'eu a ele nam errava,
nem fizera traiçam.
E vendo, quam de verdade
tive amor e lealdade
hoo prinçepe, cuja sam,
pode mais a piadade
que a determinaçam,
Que se m'ele defendera,
c'a sseu filho nam amasse
e lh'eu nam obedeçera,
entam com rrezam podera
dar'ma moorte c'ordenasse.
Mas vendo que nenhum' ora,
desque naçy ategora,
nunca nisso me falou,
quando sse d'isto lembrou,
foy-se pola porta fóra.
Com sseu rrosto lagrimoso,
c'o proposito mudado,
muyto triste, muy cuidoso,
como rrey muy piadoso,
muy cristam e esforçado.
Hum d'aqueles que trazia
conssiguo na companhya,
caualeyro desalmado,
de tras d'ele, muy yrado,
estas palavras dezia:
Senhor vossa piadade
he dina de rreprender,
pois que sem neçessidade

mudaram vossa vontade
lagrimas d'uma molher.

E quereys c'abarreguado
com filhos, como casado,
estê senhor vosso filho;
de vos mais me marauilho,
que d'ele, que é namorado.

Se a loguo nam matais,
não sereis nunca temido,
nem faram o que mandays
poys tam çedo vos mandays
do consselho qu'era avido.

Olhay, quam justa querela
tendes, pois por amor d'ella
vosso filho quer estar,
sem casar, e nos quer dar
muyta guerra com Castella.

Com sua morte escusareis
muytas mortes, muytos danos,
vos, senhor, descanssareis,
e a vós e a nós dareis
paz para duzentos anos.

O prinçepe casaraa,
filhos de bençam teraa
seraa fóra de pecado;
c'aguora seja anojado,
a menham lh'esqueeçeraa.

E ouuyndo seu dizer,
el rrey ficou muy toruado,
por se em tais estremos ver,
e que avya de fazer
ou hum ou outro forçado.

Desejava dar-me vida,
por lhe nam ter mereçida
a morte, nem nenhum mal:
sentya pena mortal
por ter feyto tal partida.

E vendo que se lhe daua
a ele tod' esta culpa,
e que tanto o apertaua,
disse a aquele que bradaua:
mynha tençam me desculpa.
Se o vos quereis fazer,
fazey-o sem m'o dizer;
qu'eu nisso nam mando nada,
nem vejo ha essa coytada
porque deva de morrer.
Dous caualeyros yrosos,
que tais palauras lh'ouvyram,
muy crus e nam piadosos,
perversos, desamarosos,
contra mym rrijo se vyram.
Com as espadas na mam
m'atrauessam o coraçam,
a confissam me tolheram:
este he o gualardam,
que meus amores me deram.

II.

ROMANCE

EM MEMORIA DA PARTIDA DA INFANTA DONA BEATRIZ PARA SABOYA, CANTADO NO AUTO DAS CORTES DE JUPITER, QUE SE REPRESENTOU NOS PAÇOS DA RIBEIRA EM 1519. [1]

Niña era la Ifanta,
Dona Beatriz se decia,
Nieta del buen Rey Hernando,
El mejor Rey de Castilla,
Hija del Rey Don Manuel
Y Reyna Dona Maria,
Reis de tanta bondad
Que tales dos no habia.
Niña la casó su padre,
Muy hermosa á maravilha,
Con el Duque de Saboya,
Que bien le pertenecia.
Señor de muchos señores,
Mas que Rey es su valia.
Ya se parte la Ifanta,
La Ifanta se partia
De la muy leal ciudad
Que Lisbona se decia;
La riqueza que llevaba
Vale toda a Alejandria.
Sus naves muy alterosas,
Sin cuento la artilleria;
Va por el mar de Levante,
Tal que temblaba Turquia.
Con ella va el Arzobispo
Señor de la Clerezia:

[1] Gil Vicente, Obr. T. II. p. 416. Edição de Hamburgo. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 9—10.

V'an Condes e Caballeros,
De muy notable osadia;
Lleva damas muy hermosas,
Hijas dalgo y de valia.
Dios los lleve á salvamiento
Como su madre querria.

III.

ROMANCE
A MORTE DE EL-REI DOM MANUEL.[1]

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Sancta Luzia,
Por El-Rei Dom Manuel,
Que se finou n'esse dia.
Choram duques, mestres, condes,
Cada um quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas
Muito tristes em porfia;
Os iffantes davam gritos,
A iffanta se carpia!
Seus olhos maravilhosos
Fonte d'agua parecia.
Bem merecem ser escriptas
As lastimas que fazia:

— «Paço tão desamparado
Derribado merecia,
Pois a sua fortaleza
Se tornou em terra fria.

---

[1] Gil Vicente, Obr. T. III. p. 348. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 14—16. El-rei Dom Manuel morreu aos 13 de dezembro (dia de Sancta Luzia) de 1521.

Oh minha senhora madre,
Rainha Dona Maria,
Quem a vós levou primeiro
Mui grande bem vos queria,
Pois que vos livrou da pena
Que passamos n'esta dia.» —

E outras magoas que de tristes
Contar não mais ousaria.
O Principe dava suspiros,
Que a alma se lhe sahia;
Suas lagrimas prudentes,
Como a gran senhor cumpria:
De dia sempre velava,
De noite nunca dormia.
A Rainha estrangeira
Já chorar o não podia:
Com rouca voz dolorosa
Estas palavras dizia:

— «Oh reina desamparada! [1]
Qué haré sin compañia,
Pues que en esta triste vida
Sola una vida tenia!
Y pues me la llevó la muerte,
Para qué quiero la mia?
Oh sin ventura casada
Tres años no mas habia,
Quien tan presto fue viuda
Triste para que nascia;
Niña sola en tierra agena,
Huérfana sin alegria!» —

Se uma vez acordava
Outras sete esmorecia;
Assi pedia a Deos morte
Como quem pede alegria,

[1] A rainha D. Leonor falla em hespanhol, sendo princeza de Castella.

Dizendo: «Llevenme luego,
Que esta tierra ya no es mia:
Por la mar por donde fuere
Algun peligro venia,
Que me matasse á mi sola
Salvando la compañia.» —

O bom Rei em seu acôrdo
D'este mundo se partia:
Sua morte conhecendo
Com muita sabedoria,
Per palavras piedosas
Os sacramentos pedia;
Fallando sempre com todos,
Deu sua alma a quem devia.

IV.

ROMANCE DE AVALOR.[1]

Pola ribeira de um rio,
Que leva as agoas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se ha de tornar.
As agoas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar,
E só vai sem companhia,
Que os seus fôra elle leixar.
Cá quem não leva descanso,
Descansa em só caminhar:

---

[1] Bernardim Ribeiro, Saudades II. Parte cap. XI. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 25—27.

Descontra donde ia a barca
Se ia o Sol a baxar.
Indo-se abaxando o Sol,
Escurecia-se o ar:
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remo,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Do barco este cantar:
Que frias eram as agoas,
Quem as haverá de passar?
Dos outros barcos respondem:
Quem as haverá de passar?
Senão quem a vontade pôz
Onde a não póde tirar,
Trala barca levam olhos,
Quanto o dia dá logar.
Não durou muito; que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o Sol posto contr' elle
Soltou redeas ao cavallo
Da beira do rio andar.
A noite era calada
Pera mais o magoar
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas magoas
Seria areias contar,
Quanto mais se alongando
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi egualar;
Assim como ia a cavallo
Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro,
Ouvia longe fallar:
Onde magoas levam alma

Vão tambem corpo levar.
Mas indo assi, por acerto,
Foi c'um barco n'agua dar,
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou, assim como ia, dentro,
E foi a amarra cortar;
A corrente e a maré
Acertaram-no a ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se podem achar;
Suspeitou-se que era morto;
Mas não é para affirmar,
Que o embarcou ventura
Para só isso guardar.
Mais são as magoas do mar
Do que se podem curar.

V.

ROMANCE
DA BATALHA QUE EL-REI ARTHUR TEVE COM MORDORET, SEU FILHO. [1]

Gram Bretanha desleal
Ao melhor rei que tiveste,
D'agora té o fim do mundo
Chora quanto bem perdeste:
Jaz no campo, entregue á morte,
Que falsa, ingrata lhe deste,

---

[1] JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, Memorial das Proesas da Segunda Tavola Redonda, cap. III. TH. BRAGA, Floresta de varios Romances p. 36—38.

A flor da cavalleria
Com que te ensoberveceste.
A pena tem já da culpa
Que lhe assi favoreceste,
Oh traidor de Mordereth,
Porque um tal rei vendeste?
Oh Bretanha desleal
Que grande traição fizeste,
A vinte quatro da Távola
Que por Ginebra escolheste.
Á demanda do Grial,
Triste remate poseste;
Morto jaz de mil feridas,
E tu, soberba lh'as deste,
Dom Galvão tão animoso
Por quem mil glorias tiveste;
E matar Dom Galeazo
Ingrata como podeste?
Que em obras de fortaleza,
Não sei se outro egual houveste!
Pôde matar-te Bretanha
Que tu tanto engrandeceste!
Esforçado Flordemares,
Que em forças mares venceste,
A morte, que em defenderes
Tal rei, d'ella padeceste,
Oh animado Troyano,
Nunca lh'o tu mereceste,
Mal lhe merecias, mal
O que d'ella recebeste.
Palamedes, oh pagão
Que nas armas floreceste:
Dom Tristão de Leonís,
Que por amores morreste.
Em não morreres aqui
Ditosa sorte tiveste,
Tu, Lançarote do Lago,
Que as glorias de amor houveste;

De damas servido, amado,
Da dona a quem mais quiseste,
Com dano dos traidores,
Á morte a que te rendeste.
Ficarás sem sepultura
Co'a pena que mereceste
Tu traidor Morderet,
Pois tal traição commetteste.
Aqui se acabou a gloria
Quanto, Bretanha, tiveste:
Em pago da qual a Arthur
Nem a sepultura deste.
Cá na Ilha de Avalom,
Merlim, vergel lhe fizeste,
Em que vive, e só salval-o
De affronta e morte podeste.
Como amigo que as más manhas
De Bretanha conheceste,
Mas n'algum tempo inda Arthur,
Bom rei que desmereceste,
Bretanha virá a vingar-se
Da traição que lhe fizeste.

VI.

ROMANCE
DA VESPERA DA BATALHA DA PHARSALIA.[1]

De Roma sahe Pompeo,
E toda Roma o seguia,
Com temor de Julio Cesar
Que de França já partia.
O Robicão tem passado,
Contra Roma traz a via.
Apesar do bom Metelo,
Do thesouro se provia,
Apoz Pompeo se vae,
E Pompeo que o sabia,
Em Brandusio se faz forte,
E d'alli per mar fugia;
Desamparando a Italia
Defendel-a pertendia,
De romanos e outra gente
Grande exercito fazia;
A Cesar dera batalha
Se o seguira vencia,
Por arredal-o do mar
Fugir-lhe Cesar fingia:
Ser arte de capitão
Pompeo bem o entendia;
A Cesar, contra o que entende,
E a seu pesar, seguia.
Já nos campos de Pharsalia
Um contra o outro se via,

---

[1] JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, Obr. cit. cap. 45. TH. BRAGA, Floresta de varios Romances, p. 46—48.

Vendo-se chegado á summa
Pompeo do que temia.
Oh que grande senhorio
O conjugal amor cria,
Que só Cornelia é a causa
Que reprime o que cumpria;
É-lhe forçado apartal-o,
Dilatal-o de dia em dia,
No seu leito sem repouso
Chorando, cá não dormia.
Cornelia tem a seu lado
Que animal-o commettia,
De lagrimas suas faces
Humidas alli sentia.
Dissimula, cá não ousa
Tomal-o em tal agonia,
Parecendo-lhe que o magno
Pompeo assi se abatia.
Elle que a sente e entende
Taes palavras lhe dizia:

— «Mulher, a que eu mais que a propria
Vida ditosa queria,
Não esta que me aborrece,
Mas quando ledo vivia,
É vindo o tempo que eu triste
Dilatado, e já não podia;
Cá Cesar está no campo
E a batalha offerecia;
Cumpre dar logar á guerra
Mandar-te a Lesbos queria;
O al tenho a mi negado,
Não cures de mais porfia,
Este nosso apartamento
Por muito pouco sería.
Do teu verdadeiro amor
Confiança não teria

Se vêres esta batalha
O coração t'o soffria.
Coro-me de estar comtigo
Quando a guerra assi fervia;
Mais seguro é que de longe
Ouças o que succedia,
Se me a fortuna fôr falsa,
E se me Cesar vencia!
A melhor parte de mim
Segura, sequer, queria.
Quero ter onde me ir possa
Segurar minha agonia.» —

Cortada de mortal dor
A triste assi respondia:

— «Dos deoses e da fortuna
Já me queixar não podia,
Pois per morte não me aparta
Da conjugal companhia,
Ser como vil engeitada
De ti, d'isto me sentia.
Cuidares que algum logar
Sem ti me seguraria!
E queres, se fôres morto,
Que viva ainda algum dia?
Já me ensinas a soffrer
Dor que nem cuidar soffria:
A mulher do gram Pompeo
Esconder não se podia.
D'onde, se desbaratado
Fôres, isto só pedia:
Salva-te em toda outra parte
E de Lesbos te desvia.» —

Partindo-se d'elle agora
Um do outro não se espedia.

A Lesbos se vae Cornelia
Pompeyo logo a seguia.
Vencido vae de seu sogro,
Tal Cornelia o recebia.

— «Esta é a minha fortuna
Que me inda segue» dizia.

VII.

ROMANCE
Á MORTE DO PRINCIPE DOM JOÃO.[1]

Soberbo está Portugal,
Em sua gloria enlevado,
Vê-se de um rei sabedor
Mimoso e bem governado.
O mundo todo anda em guerras
Injustas mui baralhado:
Elle só estava em remanso
Seguro e mui descansado,
Plantando antre os infieis,
Pendões do Crucificado,
Por capitães animados
Que os levam per seu mandado.
E como Deos de taes obras
Folga ver-se penhorado,

---

[1] JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, Obr. cit. cap. XLVII. TH. BRAGA, Floresta de varios Romances p. 52—53. O Principe D. João, que nasceu em 1537, casou em 1552 com a Princeza Joanna de Austria, filha do Imperador Carlos V. D'este consorcio nasceu o Senhor D. Sebastião. D. João morreu, na flor dos annos, em 1554. A sua morte foi cantada em uma Egloga por Luiz de Camões.

C'os olhos em Portugal
Está sempre occupado.
E como filho mimoso
De quem não perde o cuydado,
Porque nam se ensoberbeça
Em se ver tão prosperado,
Na força das suas glorias
No tempo mais festejado,
D'antre os olhos lhe tirava
O seu Principe estremado.
Vendo no pae paciencia
Pera ser mais apurado,
Dá graças ao Criador
Inda que desconsolado.
A menina que seu amor
Em flor assi viu cortado,
No peito se abrasa em magoa,
O rosto mostra esforçado;
O coração lhe dizia
O mal de que era assombrado;
Entende, soffre e gemia,
Padece e maldiz seu fado.
A si mesmo se esforçava
E fazel-o era forçado,
Por dar esforço e consolo
A um pae desconsolado,
E pera poupar ó fructo
Do seu amor desejado.
Oh animosa princeza,
Quanto vos fica obrigado
Um reino, que destruido
Por vós ficou restaurado!
Esforça-te, Portugal,
Pois já te vês melhorado,
De um rey que antre os reys
Estremo será chamado.

VIII.

ROMANCE DO DESENGANADO.[1]

Sobre as aguas vagarosas
Que o Tejo já traz cansadas
De abrandar duros penedos,
E de romper serras altas:
Perto d'onde o mar oceano
Lhe offerece livre entrada,
Dando ás crystallinas ondas
Livres e douradas praias:
Leva o pescador sereno
Com rôtas redes a barca,
Tam perseguida dos ventos
Quanto de amar sustentada;
E por que o leva forçado
Sua virtude contraria,
Desterrado do seu Lena,
E de sua amada patria,
Já o vento o favorece
E o mar lhe mostra bonança,
Porque para a desventura
A ventura nunca falta.
E ao som que os duros remos
Fazem dividindo as aguas,
Derramando-as de seus olhos,
Vae dizendo estas palavras:

— «Fermosas aguas do Tejo,
Do mundo tão celebradas,
Morada de tantas nymphas,
E inveja de outras tantas;

---

1 Francisco Rodrigues Lobo, Romances, 2. parte, p. 722. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 58—60.

Este corpo que amparaes,
Qne persegue a sorte ingrata,
Dae-lhe vós a sepultura,
Que é corpo que vai sem alma.
Mil annos vivi sem tel-a,
Por poder de' uma esperança
Enganada da ventura,
Que tam facilmente engana.
Causa foi da minha morte
Lisêa, e melhor se acclara
Que, pois tanto amei Lisêa,
Eu fui de meu mal a causa.
O espirito com que vivo
É de um tormento que mata,
Que os males aonde ha firmeza
Nem com a vida se acabam.
Junto então do rio Lis
Meu rebanho apascentava,
Fiz-me pescador do Lena
Provei a sorte em mudanças.
Só no mal achei firmeza,
Sei do bem quam cedo passa,
E sei que a quem muda a vida
Se muda mas não se acaba.
Sei que vive um corpo morto
Por milagre de esperanças,
E que o mal ainda sustenta
Quando as esperanças faltam.
Se em vós móra piedade
N'essas humidas entranhas,
Dae fim a meus tristes dias,
E a vosso nome esta fama:
Contra o poder da ventura
Empregada em um sujeito,
De um fogo de amor perfeito
Aguas foram sepultura.» —

IX.

ROMANCE DEL MORO ALACAR.[1]

De Granada se parte el Moro
Que Alacar se llamava,
Primo ermano de Albaialdos,
El que al mestre matara,
Cabaliero en un caballo
Que de diez annos pasava,
Tres christianos selo curan,
Y el mesmo le da cebada;
Una lança con dos ierros
Que de treinta palmos pasa,
Aposta le aria echo el Moro
Para bien señoriala;
Una adarga ante sus pechos,
Toda muça cotellada,
Una toca en su cabesa
Que nueve vueltas le dava,
Los cabos eram de oro,
De oro y çeda de Granada.
Lleva el braço aremangado
Sola la mano alhinada.
Tan sañudo yba el Moro
Que bien demuestra su sanha,
Que mientras pasa la puente,
Ja mas adarro miraba;
Suplicando yba a Mahoma
Y aun a Ala le suplicaba

---

[1] Cancioneiro d'Evora, publié d'après le manuscrit original et accompagné d'une notice littéraire-historique. Lisboa, Impr. Nac. 1875, p. 72—73. O Cancioneiro d'Evora, do fim do sec. XVI, contem quatro romances escriptos em hespanhol pouco correcto. No texto é conservada a orthographia do manuscripto.

Le demuestre algun christiano
En quien ensangriente su lança.
Camino va de Antechera
Parecia que volaba.
Antes que llege a Antechera
Vio venir sena christiana;
Vuelve riendas al caballo
Para Ala se enderesaba,
La lança yba brandiendo
Parecia que la quebrava.
Saliçelo a recebir
El Moro de Calatraba
Caballero en una iegoa.
Que ese dia la gañara
Con esfuerço y valentia
Al alcaide de Alama;
Una veleta traia
En una lança açerada.
Harmado de tas armas
Ermoso se devisaba,
Arremedió contra el Moro,
El Moro gran grito daba:

— «Por Ala, pierro christiano,
De prienderte pola barba!» —

El Mestre entre si mesmo
A Jesus se encomendaba.
Ya andaba cansado el Moro,
Su caballo ya cansaba.
El Maiestre que es valiente
Muy grande esfuerço tomaba,
Remedió contra el Moro,
La cabeça le cortaba,
El caballo, porque es bueno
Al Rei se lo apresentava,
La cabeça en el arçon
Porque se sepa la causa.

X.

ROMANCE DE BERNALDO DEL CARPIO.[1]

A cabalo va Bernaldo
Por la ribera de Alarca,
Gruesa lança en la mano,
Armado de todas armas,
Toda la gente de Burgos
Le mira muy espantada,
Porque no se suele armar
Sino em cosa sinallada.
Tambien le miraba El-Rei
Que fuera abuela una garça
Y dicendo está a los suios:

— «Esta es una buena lança,
Sino es Bernaldo del Carpio,
Este es Muça el de Granada.» —
Ellos en aquesto estando
Bernardo que ali llegara
Ya socegando el caballo,
No quiso dexar la lança,
Mas puesta ensima del braço,
Al rei desta sorte habla:

— «Bastardo me llamam Rey,
Siendo hijo de tu ermana
Y de Bueno Sancho Dias;
Ese conde de Saldaña
Dizen que ha sido traidor
Y mi madre muger mala.
Tu y los tuios lo aveis dicho,
Que otro ninguno o osara,

[1] Cancioneiro d'Evora, p. 73—74.

Mas quien quera que lo a dicho
A mentido por la barba,
Que mi padre no fue traidor
Ni mi madre muger mala.
Que quando yo me engendré,
Mi madre ya era casada.
Heziste tu voluntad,
Que nadie te lo estrobara,
Pusiste a mi padre en fierros
Y a mi madre en orden sacra,
Y porque no herede yo
Quieres dar tu reino a Francia.
Moriram los Castellanos
Antes de ver tal jornada
Montañeses e Leones
Y essa gente esturiana
Y ese reino de Saragoça
Me prestará su companha.
Saldrélos a recebir
Y darles he la batalla:
Y si buena me saliere,
Será el bien de toda España,
Y si mala me saliere,
Moriré yo en la demanda.» —

XI.

ROMANCES DE DURANDARTE.[1]

Muerto jace Durandarte
Al pié de una alta montaña
Un canto por cabeçera,
De baxo una verde aya,
Todas las abes del monte
Al rededor le acompañan,
Llorabale Montesinos
Que a su muerte se allara.
Hecha le tiene la fuesa
En una penosa caba;
Quitandole estaba el ielmo
Desiniendole la espada,
Desarmandole los pechos.
El coraçon le sacaba
Para embiarçelo a Belerma
Como el selo rogara,
Y estandoselo sacando
Mil veces se desmaiaba,
Y despues de vuelto yn sy
Desta manera le abla:

— «Durandarte, Durandarte,
Dios perdone la tu alma
Y a mym salgua deste mundo
Para que contigo vaja.» —

---

[1] Cancioneiro d'Evora, p. 71.

XII.

ROMANCE PICARESCO, INTITULADO: DEBUXO DE PENA.[1]

Que em portuguez a retrate
Me rogou Dona Breitis;
Porque tem nôjo das côres
Dos poetas de Madril.
Eil-a vai, escutae, vede,
Pois logo vereis se ouvís;
Que se não vai para ver,
Vai, ao menos, para ouvir.
O cabello é pino de ouro
Tanto mais que o Potosy
Que ao pino do meio dia
Faz cada dia o sol crís.
Apodára-lhe eu a testa
A um pedaço de marfil;
Mas ella diz d'esse apodo
Que m'o deixa para mim.
Os olhos são dois soldados
Da fronteira ou do Brazil;
A quem amor por valentes
Deu o habito de Aviz.
Tres meninas tem travessas
Com as duas que lhe vi,
Pois brincando ella com ellas
São trez meninas, emfim.
Porque são arcos de flores,
Me jurou Maria Gil,
Lhe comprára para a dança
As sobrancelhas subtís.

---

[1] Dom Francisco Manoel de Mello, Obras metricas, T. II. p. 219. Edição de 1665. Th. Braga, Floresta de varios Romances p. 150—152.

Pestanas tem, não queimadas
Por lhe não servir assi,
Para uns olhos tão dormidos
As pestanas são dormir.
Ambas as faces parecem
De obra de agulha gentil,
Bainha de ambas as faces
Em lenço feito em Cochim.
Não fallemos no do meio,
Ramalhete de jasmins,
Que segundo é lindo, e cheira
É ramalhete ou nariz.
O carão limpo e luzente
Uma peça é de setim,
Não picado, que picado
É só quem tal carão vir.
O rostro livro é de caixa
Cujas partidas gentís
Não viu o Infante Dom Pedro
Em quanto andou por ahi.
As orelhas fogem ás dores
Porque as não querem sentir,
Orelhas de mercador
Vendendo mais dor assim.
A boca d'esta fidalga
Se não vem como se diz
A pedir de boca, é boca
Que nunca vem a pedir.
Que pouco direi dos dentes
Bem que muito dizer quiz;
Mas cada dente tem dente
Contra a musa mais subtil.
Se tomal-a pelo beiço
Quer o cravo e o rubi,
Ella pelo beiço toma
Mil cravos e mil rubis.
Sem falta a moça não come
Outro pão, que de ambar gris,

Segundo vem perfumados
Seus nãos, quanto mais seus sins.
Na garganta me deu susto,
Quando fui e quando vim;
Porque co' alma na garganta
Sempre a verá quem a vir.
O talho de muito inteiro
É feito tão sobre si,
Que tal me depare Deos
No meu feito o meu juiz.
Conforme que prende e mata
Com olhar e com sorrir,
A senhora traz no gesto
Um algoz e um beleguim.
Se tres foram como duas
Que são duas flores de liz,
Lhe tomára as mãos por armas
De França o mesmo Delphim.
Ouvi que lhe pediu Venus
Para pôr nos seus jardins
Os pés, que postos em terra
Prendem quaes pés de jasmins.
Quando pisa, o cravo cheira,
D'onde já disse Merlim
Que pés que assim pisam cravo
São pés mãos de almofariz.
Senhora Breitís, agora
Comvosco vos conferí;
Que se este retrato é pouco
Far-vos-hei d'estes cem mil;
Porque só pinto o que vejo,
Não lanço adiante o gis,
Senão, dae-me mais que ver
Que eu vos darei mais que rir.
Quando empunhando o rifão
Faça crer, como eu o cri,
Que a Breitís sempre é das môças
Qual das aves a perdiz.

XIII.

ROMANCE
DA BRIGA DE UM CEGO E UM CORCOVADO.[1]

De um Cego e de um Corcovado
Hoje o desafio escrevo;
N'um vou á cega lagarta,
N'outro vou com grande peso.
N'uma palestra se acharam
Os dois a um mesmo tempo,
Um carregado de espaldas,
Outro de colera cego.
Vinha o Corcovado armado
De bacias de barbeiro,
Uma trazia nas costas,
Outra trazia no peito.
Com vir nas conchas mettido
Parece vinha com medo,
Pois nas conchas com alongo
Um cágado estava feito.
No Cego vejo a razão,
No Corcovado a não vejo,
Porque é um homem que nunca
Teve avesso nem direito.
Esgrimiu o Cego um pau
E andou com elle tão destro
Que em dois angulos obtusos
As pancadas deu correndo.
Descarregou de pancadas
No Corcovado um chuveiro,
Porque os chuveiros nos montes

---

[1] ANTONIO SERRÃO DE CASTRO. TH. BRAGA, Floresta de varios Romances p. 154—155.

Dão as pancadas mais cedo.
Dar o Cego a bateria
No Corcovado era certo,
Porque duas eminencias
Tinha por onde batel-o.
Sem haver pé de pessoa
Que a briga estivesse vendo,
Foi o Cego dar com um pau
Em dois vultos não pequenos.
Tropeçou o Cego n'elles,
Que é o tropeçar de cegos;
E deu de cego pancadas
Em dois mui grandes tropeços.
Pôr no Corcovado o pau
Não foi n'este Cego o erro;
Que em casas que teem corcovas
Pôr-lhe pontões é acerto,
Dando na Casa dos Bicos
Eram Golpes tão horrendos,
Que lá no Cunhal das Bolas
Soando estavam seus eccos.
Sempre um cego ha mister guia,
Mas eu n'este Cego vejo
Que não ha mister guiado
Pois tanger sabe um camello.
Como os cegos tangem bem,
Este tangeu tão avesso,
Que nas costas de um laúde
Deu bordoadas aos centos.
N'um mesmo tempo brigou,
E acclamou o vencimento,
Pois sempre na briga esteve
Os atabales tangendo.
O Cego teve a victoria
Mas o Corcovado, é certo,
Que nos despojos levou
Os dous alforges bem cheios.

XIV.

ROMANCE DE SANCTO ANTONIO E A PRINCEZA.[1]

Estava el-rei de Leão
Casado com uma princeza
De portugueza nação,
Devota, por portugueza,
De Antonio, sancto varão.
Tinha morta esta rainha
Uma filha já mulher;
A qual não póde soffrer
Que enterrem, como convinha,
Pelo muito que lhe quer.
El-rei e toda a mais côrte
Para a sepultura se ajunta,
Mas era o amor tão forte,
Que, tendo a filha defunta,
Não crê a rainha a morte.
Tres dias chegou a estar
A mãi em continuo pranto
E a filha sem sepultar,
Com grande fé no seu sancto,
Que lh'a ha de ressuscitar.
Erguendo o rosto choroso
Ao céo com fé verdadeira
Ao seu sancto glorioso,
Orava d'esta maneira:

— «Já que sois universal
Nos milagres que fazeis

---

[1] FRANCISCO LOPEZ, Sancto Antonio, Milagre XXXVI. Vid. Lendas christãs VI. TH. BRAGA, Floresta de varios Romances p. 160—162.

Por todo o mundo em geral,
O remedio não negueis
A esta vossa natural;
E se é justo que sintaes
Esta ausencia tão esquiva,
Porque a vida lhe negaes,
Dae-me minha filha viva,
Pois tantos resuscitaes.» —

Inda a rainha não tinha
Dita a sua oração santa,
Quando Deos ouve a rainha,
E Antonio põe a mesinha,
Com que a moça se levanta.
Porém a infanta amada,
Que tornou cá a esta vida
Lá da angelica morada,
Anojada e offendida
Contra a mãi responde irada:

— «Perdoe-vos Deos, senhora,
Que me tirastes dos céos,
Aonde eu estava agora,
Porque santo Antonio fôra
O que isto pedíra a Deos.
E Deos como o ama tanto,
Porque tanto a Deos amou,
Por aplacar vosso pranto,
D'entre as virgens me tirou
Do côro celeste e santo.
Porém a bondade immensa
Que tudo move e governa,
Quinze dias só dispensa
Que esteja em vossa presença
E que torne á vida eterna.» —

Como o divino recado
Deu a ditosa menina
Do que Deos tinha ordenado,
Sendo este tempo acabado
Subiu á patria divina.

J.

ROMANCES MODERNOS.

I.

ROSALINDA.[1]

Era por manhã de maio,
  Quando as aves a piar,
As árvores e as flores
  Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio
  Á fresca riba do mar,
Quando a infanta Rosalinda
  Alli se estava a toucar.

Trazem das flores vermelhas,
  Das brancas para a infeitar;
Tão lindas flores como ella
  Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
  Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
  Que a manhã abre a chorar.

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. I. p. 179—189. Almeida-Garrett compoz o romance «Rosalinda» de tres fragmentos diversos, que por si eram inintelligiveis. «O primeiro appareceu inserido no de Eginaldo — Girinaldo, como diz em muitas partes o povo, — O segundo e terceiro invôltos com o de Clara-linda ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam Claraniña, e ao romance o do conde Claros.» Depois o poeta colligiu outros e melhores fragmentos habilitando-se assim a reconstruir os differentes romances que andam confundidos na Rosalinda.

Passava o conde almirante
Na sua gallé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando
Á Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar,
Mal sai o conde almirante
Na sua gallé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

— «Dizei-me, oh conde almirante
Da vossa gallé do mar,
Se os captivos que tomais
Todos los fazeis remar?» —

— «Dizei-me, a bella infanta,
Linda rosa sem egual,
Se os escravos que tendes
Todos vos sabem toucar?» —

— «Cortez sois, Dom Almirante:
Sem responder, perguntar!» —
— «Responder, responderei;
Mas não vos heis de infadar.

Captivos tenho de todos
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as vélas,
Outros no banco a remar:

As captivas que são lindas
  Na poppa vão a dançar
Tecendo alfombras de flores
  P'ra seu senhor se deitar.» —

— «Respondeis, respondo eu,
  Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
  Que fazem o meu mandar;

D'elles para me vestir,
  D'elles para me toucar..
Para um só tenho outro imprêgo,
  Mas está por captivar.» —

— «Captivo está, tam captivo
  Que se não quer resgatar.
Rema, á terra, á terra, moiros,
  Voga certo, e a varar!» —

Já se foi a Rosalinda
  Com o almirante a folgar:
Fazem sombra as larangeiras,
  Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
  A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'el-rei
  Por alli venha a passar.

— «Oh monteiro, do que viste,
  Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
  Quantas tu possas levar.» —

Tudo o que viu o monteiro
  A el-rei o foi contar,
Á casa da estudaria
  Aonde estava a estudar.

— «Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar;
Quem taes novas dá tam alto,
Alto ha de ir ... a inforcar.

Arma, arma, meus archeiros
Sem charamellas tocar!
Cavalleiros e peões
Tudo a tapada a cercar.» —

Inda não é meio dia
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite
Vão ambos a degollar:

Ao toque de ave marias
Foram ambos a interrar:
A infanta no altar-mór,
Elle á porta-principal.

Na cova de Rosalinda
Nasce uma árvore real,
Na cova do almirante,
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
Que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados
Tornavam a rebentar;
E o vento que os incostava,
E elles iam-se abraçar.

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde fallar;
A rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal:

— «Não me chamem mais rainha,
  Rainha de Portugal...
Apartei dous innocentes
  Que Deus queria juntar!» —

II.

O CHAPIM D'EL-REI
OU
PARRAS VERDES. [1]

I.

— «Verdes parras tem a vinha,
  Ricas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tam coradas,
  Estão dizendo: comei!

Quero saber quem n'as guarda;
  Ide, mordomo, e sabei.» —
Disse o rei ao seu mordomo.
  Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
  — E como elle o viu não sei —
Essa donna imparedada
  Não se sabe por que lei,

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. I. p. 159—175. Foi reconstruido este romance de varios fragmentos que vieram ao poeta de Evora e das vizinhanças de Lisboa. Os trechos antigos eram poucos, e Almeida-Garrett não nega que ha bastante «do seu cimento no ligar e assentar das pedras velhas.»

Que por seu mal é condessa,
  Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e villã,
  Antes pela minha fei! [1]

Verdes parras tem a vinha;
  Uvas que lhe víra el-rei
Tam maduras, tam coradas,
  Estão dizendo: comei!

II.

Veio o mordomo do monte:
  — «Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
  Mas eu sempre lá entrei.

O dono foi-se a outras terras,
  Quando voltará não sei;
A porta é velha, e a porteira
  Com chave de ouro a tentei.

Serve a chave á maravilha,
  Tudo porfim ajustei:
Ésta noite á meia-noite
  Comvosco á vindima irei.» —

— «Valeis um reino, mordomo
  Grandes mercês vos farei:
Ésta noite á meia-noite
  Riccas uvas comerei.

---

1 Nas provincias transtaganas e muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras fé, pé e similhantes — fei, pei etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, a, e, dobrava as lettras em vez de as carregar com accento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última lettra, fazendo o som mais suave.

A vinha tem parras verdes,
  Mas uvas que eu lhe avistei
São maduras, são tam bellas,
  Estão dizendo: comei!» —

III.

Ao pino da meia-noite
  Foi mordomo e foi o rei:
Doblas que deram á velha
  Um conto que nem eu sei.

— «Mordomo ficae á porta,
  Á porta, que eu entrarei;
Não me saltem cães na vinha
  Em quanto eu vindimarei.» —

A porteira o que lhe importa
  É o dá-me que te darei...
No camarim da condessa
  Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso,
  Era de prata, sabei:
Não ha senão prata e oiro
  Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes,
  As uvas maduras sei,
São tam coradas, tam bellas...
  D'ellas, quando comerei?

IV.

No camarim da condessa
  Tudo andava á mesma lei,
Era o céo d'aquelle anjo;
  Que mais vos diga não sei.

Riccas sedas de Milão,
  Toalhas de Courteney...
Tremia o rei — se era susto,
  Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde
  Vai ergo não erguerei...
Tal clarão lhe deu na vista,
  Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...
  Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquelle
  Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
  Riccas uvas lhe avistei,
Tam formosas, tam maduras,
  Estão dizendo; comei!

V.

Dormia tam descançada
  Como eu no céo dormirei
Quando fór tam innocente...
  Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
  Alli fica o bom do rei

Pasmado a olhar para ella
  Sem bulir nem mão nem pei.

E dizia: «Senhor Deus!
  Perdoa-me o que já pequei,
Mas este anjo de innocencia
  Não sou eu que offenderei.» —

Tem verdes parras a vinha;
  Lindas uvas que eu lhe achei,
Tenho medo que me travem
  D'ellas, ái! não comerei.

VI.

Já vinha arraiando o dia,
  E elle como vos contei...
Ouve apitar o mordomo...
  «Jesus, senhor, me valei!» —

Era o signal ajustado
  — Vindo o conde, apitarei —
Deixou cahir as cortinas
  Dizendo: «Não vindimei!»

Lindas parras tem a vinha,
  Bellas uvas n'ella achei,
Mas doeu-me a consciencia,
  Taes uvas não comerei.

VII.

Deita a correr com tal pressa
  Que voava o bom do rei:
— «Ái que perdi um chapim!» —
  — «Tomae, que um meu vos darei.

Mas nem um instante mais
  Que o conde já avistei
Descendo d'aquella altura;
  Se nos colherá não sei.» —

Era o medo do mordomo:
  Outro era o medo do rei.
Qual d'elles tinha razão
  Agora vol-o direi.

Parras verdes viu na vinha,
  Uvas maduras de lei;
Foi travo da conciencia
  Diz: «D'ellas não comerei.» —

VIII.

Chega o conde á sua tôrre,
  O conde de Valderey,
Topou n'um chapim bordado;
  Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa:
  — «Morrerá, matá-la hei.» —
Viu-a a dormir tam serena:
  — «Jesus! não sei que farei!» —

Corre á casa do derredor:
  — «Deus me tenha em sua lei,
Que ou ésta mulher é bruxa
  Ou eu c'o chapim sonhei!

O chapim aqui o tenho,
  O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tam manso
  Quem tal fez, não o crerei.» —

Entrou a scismar n'aquillo:
  — «Valha-me Deus, que farei?
Por menos fica homem doudo;
  E eu como o não ficarei?

  Minha vinha tam guardada!
Uvas que n'ella deixei
  Não é fructa que se conte...
Da que me falta não sei.» —

IX.

Foi-se fechar no mais alto
  Da tôrre de Valderey:
— «Não quero comer do pão,
  Nem do vinho beberei;

Minhas barbas e cabellos
  Tambem mais os não farei,
Que ésta verdade não saiba
  D'aqui me não tirarei.» —

Verdes parras d'essa vinha
  Uvas que eu não comerei,
Ficae-vos sêccas embora
  Que eu já 'gora — morrerei.

X.

Por tres dias e tres noites
  Que se guarda aquella lei;
Clama a triste da condessa:
  — «Ao seu mal que farei?» —

De quem foi ella valer-se?
  Agora vol-o direi:
Foi lastimar-se a innocente...
  Onde iria? — ao proprio rei.

— «Ide, condessa, ide embora,
  Que eu remedio lhe darei:
O segredo do seu mal
  Sei-o eu...se o saberei?

Palavra de cavalleiro
  Em lealdade vos darei:
Que ou elle ha de ser quem era
  Ou eu, quem sou, não serei.» —

As verdes parras da vinha,
  As uvas que eu cubicei,
Ellas a travar-me n'alma...
  E mais d'ellas não provei!

XI.

Fôra d'alli a condessa,
  Não tardou em ir o rei:
— «Quero ouvir o que elles dizem,
  A ésta porta escutarei.» —

Ouviu uma voz celeste
  Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
  Este triste vireley:

— «Já fui vinha bem cuidada,
  Bem querida, bem tractada;
    Como eu medrei!
  Ora não sou nem serei:
    O porque não sei
    Nem n'o saberei!» —

Com as lagrimas nos olhos
  Foi d'alli o bom do rei:
— «Oiçamos agora o outro,
  E o que sabe, saberei.» —

— «Minha vinha tam guardada
    Quando n'ella entrei
  Rastos do ladrão achei,
  Se me elle roubou, não sei:
    Como o saberei?» —

Era o conde lastimar-se
  Surrindo dizia o rei:
— Se era de si ou do conde,
  Que elle se ria não sei —

— «Eu fui que na vinha entrei,
  Rastos de ladrão deixei,
  Parras verdes levantei,
    Uvas bellas
    N'ellas vi:
E assim Deus me salve a mi
    Como d'ellas
    Não comi!» —

XII.

A porta tinha uma fresta
  Tirou o chapim do pei,
Atirou-lh'o para dentro,
  Disse-lhe: «Vêde e sabei.» —

Do mais que alli succedeu
  Para que vos contarei?
O conde soube a verdade
  E o rei soube — ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
  Riccas uvas lá deixei;
Quem m'a guardou foi o medo
  De Deus e da sua lei.

III.

O ACALENTAR DA NETA. [1]

Dorme, dorme, minha neta,
Senão não sou tua amiga;
Dorme que eu te embalo o berço,
E te canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda
Caminho de Palestina,

---

[1] Antonio Feliciano de Castilho, Excavações Poeticas, Lisboa 1844, p. 264. O visconde de Castilho é indubitavelmente na actualidade o melhor conhecedor das bellas expressões do povo, um verdadeiro thesaurus linguae. O romance acima transcripto é a expressão genuina do genio religioso e milagreiro do povo portuguez, pôsto que a forma deixa bastante para desejar.

Leva traje de romeiro,
Com seu bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
Em sabendo que és fugida,
Tua mãi cairá morta,
E tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda,
Quem na Hispanha morra ou viva;
Vai em busca de sua alma,
Que em Palestina é captiva.

De lá lhe vieram cartas,
E uma carta lhe dizia:
— «Teu amigo Dona Ausenda,
Chora de noite e de dia.

As cadêas não lhe pesam,
Pesas-lhe tu, porque scisma
Que ha de morrer sem mais ver-te,
Nem ver-te quer na Mourisma.» —

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Vendeu joias e arrecadas,
Comprou bordão e esclavina,
E trajada de romeiro
Já demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,
Por soes e chuvas caminha,
Trabalhos não a quebrantam,
Com elles vai mais asinha.

Uma tarde, era sol pôsto,
Quando avistou uma ermida,
Era de Nossa Senhora,
Mãi dos homens se appellida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu fuso, fia, fia;
Eu canto á minha candêa,
Mercê da Virgem Maria.

Os soccos descalça á porta,
E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe restitua
Sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Santa
Deram mostras de affligida:
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.

Coitada de Dona Ausenda,
Mais triste sái, do que vinha:
Cerrou-se-lhe logo a noite
E ella nos bosques sosinhá!

Queria andar, e não pôde
Que o grande escuro a tolhia;
Necessitava incostar-se,
Tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da peregrina.

— «Perdi a terra e o palacio,
Perdi a mãi que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.

Dom Giraldo, Dom Giraldo,
So a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te adoro,
E eu sei como sou querida.

Peço ao meu anjo da guarda,
Aqui perdida se hei de ficar
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.» —

Assim dizia a formosa
Dona Ausenda de Molina,
E ao dizer anjo da guarda,
Lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cansados
Lhe borbotou a dôr viva,
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
Porque o pavor a conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance extense a vista.

E viu uma sombra grande,
Que mui devagar caminha;
Quiz resar, benzeu-se errado,
Não deu co'a salve rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Guarde-me a Virgem Maria.

O andar do phantasma branco
Nenhum ruido fazia;
Parou, e poz n'ella os olhos;
Mas eram terra, não via.

Extendeu-lhe os braços longos,
E co' uma voz, como brisa,
Lhe diz — «Eu sou Dom Giraldo,
Que em mim já se não divisa.

Tu buscavas o captivo,
Eu procuro a peregrina,
Tua alma quer Deus que esteja
Co'o meu corpo em Palestina.

Os nossos anjos da guarda
Deram palavra sem lingua,
Que á meia noite aqui mesmo
Findaria a nossa mingua.

Deus, á alma envia um corpo,
E ao corpo uma alma envia.» —
Já estas finaes palavras
Dona Ausenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu fuso, fia, fia:
Que eu canto ao pé da candêa,
Que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,
E Dona Ausenda caíra:
Ái! Jaz morta a Dona Ausenda,
Que tantas penas sentíra!

Quem ha de enterrar seu corpo
N'essa noite desabrida,
Ou quem aos pés da Senhora
A irá sepultar na ermida?

E a alma de Dom Giraldo,
Que tam solitaria fica,
Não terá padre que rese,
O que por almas se applica!

Mas nunca mais na floresta
Nenhuma cousa foi vista:
Os que o sitio têm buscado
Nunca lhe acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E reso á Virgem Maria.

N'essa noite, á meia noite,
Indo o septe estrello acima
Calou de repente as vozes
Mocho que magoas lastima.

E o gallo, que por taes horas
Com seu canto á resa excita,
Bateu as asas calado
Ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,
Abriu-se a porta da ermida,
As velas do altar accesas,
A Senhora, mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E vejo a Virgem Maria.

E entrou a orar um extranho...
Peregrino, ou peregrina,
Que de tudo dava mostras;
E fallava em Palestina.

Se ía ou vinha, nunca o disse,
Quando o ermita o requeria,
Que ora fallava em ser volto,
Ora fallava que se ía.

E disse: «A Deus me encommenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.»

Orá n'essa mesma noite
Quiz a bondade divina,
Que outra novidade grande
Succedesse em Palestina.

Da cova de Dom Giraldo,
Á meia noite precisa,
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemoriza.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ouça-me a Virgem Maria.

E veiu uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,
E o finado cobrou vida;
Poz-se co'o anjo a caminho;
A Senhora era já ida.

Como a novena acabava,
Ao cabo do nono dia,
Vinha pela ermida entrando
Outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro
Muito ao velho desatina,
Que tambem não cai na conta
Se é romeiro ou peregrina.

Os dois romeiros se olhavam,
E a Mãi dos homens sorria,
O ermita estava pasmado,
E um padre môço appar'cia.

Por debaixo do roquete,
Que era neve sem mentira,
Reluziam duas azas
Ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
Com signaes de muita estima,
E disse: conjungo vos:
E poz-lhe a estola por cima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Louvor a Virgem Maria.

Nove annos eram passados
E apoz nove annos um dia,
Quando ao dar da meia noite
Lá na porta se batia.

Como se abriu a capella,
Logo entrou por ella acima
Um caixão com dous defunctos,
Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa
E estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados,
Com mostras de quem dormia,
Com c'roas de flores brancas,
E ninguem os lá trazia.

Mãos que pegavam á argola
Eram mãos que se não viam,
Nem se inxergava pessoa
Nos cantares que se ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memoria
N'uma tabua bem polida,
Que inda agora na Biscaya
Se vai vêr aquella ermida.

A campa ficou sem nomes;
Mas toda a gente dizia,
Que era Ausenda e Dom Giraldo,
Filhos da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro
Com o sancto rosario tinha,
Inda por morte casaram,
Sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
Que tenho a rocada finda,
Ámanhã, querendo a Virgem,
Te direi outra mais linda.

IV.

NOITE DE SAN' JOÃO. [1]

> **Té os moiros na Moirama**
> **Festejam a San' João:**
> **San' João, San' João, San' João!**
> **Dae-me peras do vosso balcão.**
> *Cantig. Popul.*

— «Meia noite já é dada,
San' João, meu San' João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração!

Ouvi-me, sancto bemdito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um sancto christão:

Que eu já deixei a Mafoma
E a sua lei do alkorão,
E só quero a vos, meu sancto,
Sancto do meu Dom João.

Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,

---

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. I. p. 132—138. Ediç. de 1843. A noite de San' João póde-se dizer que é o centro das crenças, costumes e cantos populares em Portugal. As raparigas de Lisboa teem o costume de queimar alcachofas nas fogueiras que se armam aquella noite, e ao orvalho que cae na madrugada do dia de San' João attribue-se grande influencia. O romance que Garrett compoz sobre estas crenças e costumes, é composto dos dictos e cantares do povo, de maneira que nem uma idêa nem talvez um verso inteiro seja todo do poeta. TH. BRAGA, no Canc. Pop. p. 159 publica uma collecção de cantos populares que se referem á noite de San' João.

Amor queime a saudade
Que no peito me arrebenta.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abraza
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abraza
A chamma de amor violenta.

Sacudi do alto do céu
Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dores,
N'este coração, meu sancto,
Apaguem n'os meus ardores.

San' João, meu San' João,
Sancto de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!» —

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração:
Muita fé tem aquella alma,
Grande é sua devoção!

Um rubor desfallecido
Assomou na face lenta
Que já do suor da morte
Se cubrira macilenta.

Os olhos que no pae tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de pejo e medo
Para a terra os descahiu.

— «Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem fôr, será teu:
Jurei-o por tua vida.

Seja elle ou rico ou pobre,
Seja fidalgo ou peão,
Desde já por genro o tomo,
E aqui lhe dou tua mão.» —

Como quem o ultimo esfôrço
Com doce magoa fazia,
Com ineffavel brandura
Os olhos ao pae erguia;

Suave longo suspiro
D'entre os labios lhe fugiu...
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um signal lhe achavam,
De lettras que ninguem leu,
Que estranhas fórmas tomavam.

Sete sabios são chamados
Para haver de as decyphrar:
Cada-um sete linguas sabe,
Não n'as podem solettrar.

Só o mais velho dos sete,
Que andára na Palestina,
Disse: «Outras lettras como estas
Eu já vi n'uma ruina,

Juncto dos cedros do Libano,
Já meio entre a terra e os céos,
Do tempo que ás filhas do homem
Fallavam anjos de Deus.

Mas le-las não sei nem posso;
Nem que soubesse o dissera:
Segredos são d'outro mundo
Que, n'este, Deus não tolera.» —

No alto d'aquelle monte,
Um alto cedro nasceu;
Ou anjos o semearam,
Ou foram aves do céo,

Que alli cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro egual em todo o reino,
Como aquelle não havia:

Foi a noite que a princeza
Alli veio a sepultar;
Era um sitio seu querido
D'onde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sosinha, de quando em quando,
Com as estrellas do céo
Parecia estar fallando;

E onde, uma noite sem lua
Que as estrellas mais brilhavam
Houve quem visse nos ares
Umas roupas que alvejavam,

E descer, a pouco pouco
E aopé da infanta parar
Um vulto.. visão .. ou sombra..
Mas sombra de luz sem par:

E foi desd' aquella noite
Que a não viu mais rir ninguem.
Anjo era o que lhe fallava:
Mas se de Deus... ou de quem?

VI.

ROMANCE DE ADOZINDA.[1]

CANTIGA PRIMEIRA.

No, I'll not weep:
I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.

SHAKSPEARE.

I.

Onde vás tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa,
Pura, celesta Adozinda,
Da cor da singella rosa
Que nasceu ao-pé do rio?
Tam ingenua, tam formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada,
Abre o seio descuidada
A doce manhã d'Abril!
Roupas de seda que leva
Alvas de neve que cega

[1] ALMEIDA-GARRETT, Rom. I. p. 33—95. A Adozinda que baseia sob o romance antigo da Sylvana, foi publicada, pela primeira vez, em Londres, em 1828. É uma prova evidente quão pouco Almeida-Garrett penetrou na comprehensão intima do romance popular, mas tem grande interesse historico, sendo ella a primeira tentativa de despertar o gosto pela poesia popular. «Creio que é esta, diz o auctor, a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em Portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão, n'este genero de versos pequenos, octosyllabos, ou de redondilha, como lhe chamavam d'antes os nossos.»

Como os picos do Gerez [1]
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto cor da violeta
Que á sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anneis louros do cabello
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá-lh'o vento,
Dá no véo ligeiro e bello,
Véo por suas mãos bordado,
De um sancto ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado;
Foi se direito ao castello
Pediu pousada, e lh'a deram
Porque intercede a menina:
Que o pae suberbo e descrido,
'N'essa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?'
Mas pede Adozinda bella,
Tal virtude e formosura,
Quem lh'o ha de negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.

II.

Mas o outro dia á luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver prática alongada
Co' aquelle velho ermitão.
Quem sabe o que lhe elle disse?
Ninguem no castello ouviu:
Mas d'aquella occasião

[1] O Gerez é uma serra mui alta no Minho, ao norte de Braga.

A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos d'amor quebrados
Disseras os olhos d'ella;
Mas não tem d'amor cuidados,
Que a ninguem conhece a bella.

III.

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do outomno,
Vai no incôsto pedregoso
Cahir de serra escalvada;
Vem Abril; e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,
Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV.

Quinze annos tem Adozinda;
E desd'a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balção,
Faz tres para o San-João.

V.

E Adozinda sempre triste
Vai sosinha pelo eirado,

Pelo jardim, pelo prado;
Nem já a divertem flores
Em que punha o seu cuidado.
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga á toa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada
A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou:
Desfaz-se a mãi em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI.

Que tem Adozinda bella
Que em tal desconsolo a traz?
Serão saudades do pae
Que anda c'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a sancta lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dous filhos que levou,
A cadaqual sua espada
Com juramento intregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cada-um jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Já vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando
Com sua espada portugueza

Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defeza.

VII.

Mas não são do pae saudades,
Que sempre a lidar com armas
Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até — quem diria tal! —
Quando a mãi por diverti-la
Lhe falla do pae ausente
E lhe diz que ha de voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.
Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao pé da bella Adozinda
Mais irmã que mãi parece
De filha tam môça e linda.
Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:
Filha amante de seu pae
Conceder me o céo não quiz!
Ái! que sem razão se chora!
Ái! Auzenda malfadada,
Tem de vir minguada hora
Que á filhinha desgraçada
Darás mais razão que agora.

VIII.

Que tropel que vai nos paços
De Landim ao-pé dos rios! [1]

[1] Landim e povoação minhota.

Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tôrre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso d'homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros; — e corre
O alféres que tremolando
Vai guião de roxa cruz...
Já chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz;
E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sobre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX.

— «Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu espôso e meu amor!» —
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, soam vivas,
E o echo da antiga tôrre
Com o som festivo acordou:
— «Viva, viva Dom Sisnando!» —
E o tropel que dobra e cresce,
E ás portas que chega o bando
Dos guerreiros triumphantes.
Do corcel suberbo desce
E aos abraços anhelantes
Da cara espôsa voou.
Doce amor que os apertou
Não lhes deixou mais sentidos
Que para se ver unidos,
Estreitar-se peito a peito,

E em laço tam brando e estreito
Longa saudade afogar.
A Auzenda gotteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca infia
Do esforçado lidador
Tambem sentiu — mais que a dor
Póde o gôso! — descuidada
Uma lagryma sensivel
De seus olhos escapada.

X.

Mas as lagrimas de gôsto,
Como as de mágoa, teem fim:
Dom Sisnando enchuga o rosto:
E tomando a mão á espôsa:
— «D'onde vem, lhe diz, senhora,
Que a joia mais preciosa
Não vejo d'estes meus paços,
D'onde vem que aos meus abraços
Minha filha?...» A filha bella,
Pasmada, trémula, a um lado,
O rosto ao chão inclinado,
Parecia humilde estrella
Que ao primeiro raio vivo
Do sol que no alvor reluz
Não fica, não, menos bella,
Porém pallida e sem luz.

XI.

Tres annos ja são passados
Que Dom Sisnando a não via,
N'essa joven, linda dama
Sua filha não conhecia.

— «Ei-la aqui, senhor, dizia
A mãi, que d'um braço a trava,
Ei-la aqui.» — Os olhos crava
O pae na formosa filha,
E de assombro e maravilha
Mudo, estacio ficou.
Cora Adozinda — suspira,
E — «Pae!» disse em voz tremente,
Submissa. . — : languidamente
Ajoelha, osculo frio
Na paterna mão imprime:
Pranto que atelli reprime,
Corre agora em sôlto rio.
— «Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tam carpida?
É teu pae, que ha de querer-te,
Que ha de amar-te como eu te amo.» —
E tomou-a nos seus braços,
E a levanta Auzenda bella.
Pasma o pae, suspira ella;
E a custo os doces abraços
De pae, de filha se deram.

XII.

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes;
E os atabales soantes
Pregoaram festa e alegria
No castello de Landim.

CANTIGA SEGUNDA.

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter!
SHAKSPEARE.

I.

Oh! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes,
Que sumptuoso festim!
Juncto ao valente campeão
Á cabeceira da mesa
Ficou a bella Adozinda.
A tam celesta belleza
Estão todos admirando;
E o transportado Sisnando
Não se farta de abraça-la,
De beijar filha tam linda.
Auzenda de gôsto chora,
E abençôa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
— «Inda bem, diz, que a rudeza
De tanto lidar com armas
Á innocencia, á belleza
Da amada filha cedeu!» —
Ella ás caricias paternas
Ja não ousa a esquivar-se;
Cora, mas deixa abraçar-se:
Vê-se que tantos affagos
A repugnancia venceram
Da timidez natural,
Ou, se outra causa fatal,
Mais incuberta elle tinha...
Ao menos lh'a adormeceram.

II.

Já de exquisitos manjares
Os convivas saciados,
De folias e cantares
Pagens, donzellas cançados,
E dos brindes amiudados
Finda a primeira alegria,
Doce repoiso pedia
Quanto ésta noite em Landim
Velou em baile e festim.
A seus nobres apposentos
Adozinda retirada,
Com permissão outorgada
A custo do pae, se foi.
Auzenda em grave cortejo
De suas damas rodeada
Deixou ha muito o festejo,
E em seu camarim deitada,
Espera o momento anciosa
Em que a sós a amante e a espôsa
Nos braços de Dom Sisnando
Se hãode em breve confundir.

III.

Como um tapete mimoso,
Juncto ao paço de Landim
Se estende jardim formoso,
De boninas arrelvado
De verde gramma e de flores:
Remata em bosque frondoso
Cujos opacos verdores
Eternas sombras acoitam.
De pesados sentimentos
Oppresso o peito tremente,

A respirar livremente
O ar puro da noite fria
Entrou insensivelmente
Dom Sisnando em seu vergel.
Jamais tam rico docel
De azul bordado d'estrellas
Se estendeu por sobre a terra
Do estio nas noites bellas.

IV.

Alta a lua vai no céo,
E as sombras leves e raras
Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fulgida,
Porém mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebe-la,
Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dous amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce beijo.

V.

Na feiticeira belleza
Da noite, do céo, das flores,
Várias d'aroma e de cores,
Sisnando todo imbebido,

No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do affôgo desappertando:
Ja póde gemer, — suspira,
E como que se lhe tira
Um pêso de sobre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI.

Porque geme, porque anceia
Dom Sisnando, o lidador,
Sisnando, o triumphador,
Cujo alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta suberba ameia
De nunca entrado castello,
De jamais vencida tôrre?
Dor que lhe nasce no peito
É dor que no peito morre;
Ancia que lhe ralla a vida
Não é para ser sabida.
E desde quando? ha tam pouco
Feliz e ditoso ainda,
Com tanta alegria e júbilo
Festejada sua vinda!..
Vasallos, espôsa, filha...
Filha!... A filha é tam formosa!
Oh! essa Adozinda bella
Nos olhos incantadores
Tem com que matar d'amores
A metade dos humanos.
Não, não é peito sensivel
Peito que lhe resistir:
Mas o pae!... não é possivel.

VII.

Não é, não é. Mas Sisnando,
Sem saber onde caminha,
Melancholico e pesado
Insensivel foi entrando
Pelo bosque immaranhado
Que ao jardim avizinha:
E o silencio, que o seguiu,
Que no espesso coito habita,
Nem um verde ramo agita,
Nem uma folha buliu.
Á toa por entre as árvores
Sem seguir carreiro ou trilho,
Nem guiado d'um só brilho
De froixa estrella que entrasse
Por tam medonha espessura,
Ora lento e vagaroso,
Ora os passos appressura,
Já por caminho fragoso,
Já por vereda macia,
Té que n'um claro onde os troncos
Escasseiam de repente,
E onde pallido e tremente
Seu reflexo a lua infia,
Sem o saber foi parar.

VIII.

Agreste, não feio é o sítio,
Medonho, horrivel de ver;
Porém tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer.
Mão d'arte alli não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza

Que a creação lhe deixou.
De um lado chopos anciãos
Seus ramos lobregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crespas raizes nodosas
Das sovereiras annosas
Que as cortiças remendadas
Teem dos estios lascadas
A pedaços a cahir.
Do outro altivos rochedos,
Como do céo pendurados,
Diffundem pallidos medos
Que em funda grutta acoitados
De espectros a povoaram.
Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.
Redobra do sítio o horror
Um jôrro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os echos em deredor
Vai temeroso acordando:
Este unico som d'horror
Á calada solidão
Da mudez quebra o condão.
Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu soçobrar-lhe o animo:
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa fôrça ou razão,
Lhe brada: *Persiste, segue*...
Ái do que a ella se intregue,
Que se intrega á perdição!

IX.

Na rocha cavada grutta
Tem escassa entrada aberta,
Quasi de todo cuberta
De festões d'hera lustrosa
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa.
Entre as folhas, que meneia
Ligeiro sôpro de vento,
Viu Sisnando — e alma lhe anceia —
Um lampejar vago, incerto
De luz fraca, ouve um accento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve que está perto,
Que intôa suavemente
Uma angelica harmonia,
Tam triste que faz chorar!
E ésta voz assim dizia
Em seu languido cantar:

— «Anjos do céo, acudi-me,
Valei-me, sanctos do céo,
Que me rouba mais que a vida
Quem so a vida me deu.

Sancto ermitão que me déste
Aquella esperança ainda
Que a desgraçada Adozinda
Viria a ser venturosa
Apoz de longo penar...
Sorte que vieste
Sobre mim deitar,
Sorte desastrosa,
Vem ver começar.

Anjos do céo, acudi-me,
Valei-me, sanctos do céo,
Que me rouba mais que a vida
Quem so a vida me deu.
Mas ah! tam negro crime,
Tam horrida paixão
D'um pae no coração...
D'um pae... — Como é possivel! —
Não — não — não ha de entrar.» —

X.

— «Pois treme, infeliz, e sabe,
Que esta horrorosa paixão
Aqui n'este coração...» —
Sisnando, a quem já não cabe
No peito a angústia, o tormento
De tam criminoso amor,
N'estas vozes de terror
Rompendo, a caverna entrou.

XI.

Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cubriram
Seus rostos co'aza brilhante;
Sem vento os troncos d'em-tôrno
A ramagem sacudiram;
A lua no céo mais pallida
Como de susto infiou
E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII.

Quem ha de a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se ha de horrorizar
Dos beijos doces e ternos
Que o amor... — Que amor é esse?
De ouvir tam medonho horror
O proprio inferno estremece,
E só lá... — ha tal amor!

XIII.

Oh! como hei de eu cantar
Se no peito a voz me treme!
Historia que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme.
Só não gemia Adozinda,
Que toda morta, gelada,
Sancto Deus! mais bella ainda,
Na viva rocha estirada
Como um cadaver ficou.

XIV.

E o pae ousou levanta-la,
E apertar juncto a seu peito
Aquella morta belleza!
Repugnou a natureza;
E, da paixão a despeito,
De si a affasta, vacilla...
O anjo da sua guarda
Inda um momento o resguarda...
Mas ha na terra ou no céo
Fôrça maior que a paixão,

Que subjugue um coração
Que d'amor indoudeceu?
Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus.
Lembrou-lhe fugir; ficou:
Sim, lembrou-lhe a salvação...
E á sua condemnação
O infeliz se votou.

XV.

Geme, chora; altos soluços
Do peito lhe vem bradando;
Porém fugir de Adozinda
Não póde o triste Sisnando.
Ella acorda, e em voz sumida:
— «Piedade, senhor, piedade...» —
Só pôde dizer: perdida
Nos echos da soledade
Vai soando e murmurando
A voz triste e condoída.
Ouve-a elle; e o coração
No peito lhe estremeceu;
Na execranda pretenção
Recúa, mas não cedeu.

XVI.

Palavras que lh'elle disse,
Respostas que lh'ella deu,
Oh! não as contarei eu,
Não as contará ninguem...
Quiz que lh'ella promettesse
(E a terra alli não se abriu
Quando tal a um pae ouviu!)
Que para a noite seguinte,

Quando tudo em paz jazesse
Em seu leito o recebesse...

XVIII.

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treme:
Insta o perigo imminente,
A esperança na demora...
Com voz cortada e gemente:
— «Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhã responderei.» —
— «Pois solemne juramento
Farás de que...» — «Sim farei...» —
— «Que ámanhã antes que o dia
Do oriente desappareça
Darás resposta final.
E ái de ti, ái do mortal
A quem ousasses!.. — Pereça
O infeliz n'esse momento:
Só a morte, só o inferno
De meu cru ressentimento
O poderiam salvar.» —

CANTIGA TERCEIRA.

I *must* a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.
SHAKSPEARE.

I.

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
Á fadada grutta escura;
Que foi ella fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tam aziagas horas,
Só, alta noite, a deshoras,
Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia, —
Sem levar mais companheiro
Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração!

II.

Quem o sabe? No castello
Nem a propria mãi, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida,
Nem a propria mãi sabe-lo!
E como é que Auzenda ignora,
Por que incanto ou maravilha,
Que ao pino da meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,

E tenteando a treva espessa
Vai sosinha áquella grutta
Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
Mas vai; não o sabe Auzenda:
N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo: — oh! que inda mal!

III.

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão
Fallou c'o velho ermitão,
De noite á grutta fadada
Sempre vai. Sibille o vento
No bosque medonho e feio,
Ás nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para alli se incaminha
E em rezas, em penitencia
Horas longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro
Por salutar providencia
Seu fado lhe foi predicto;
Talvez lhe fosse prescripto
Por tam sancto conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjunção
D'um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldição
Que a persegue, — ella innocente! —

Que tam injusta cahiu
N'aquella votada frente...
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição!
E quantas não attrahiu
Sobre a familia inculpada
A suberba despiedada
D'esse orgulhoso Sisnando!
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
Á porta de seu castello
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor
Essa gentalha atrevida
Escorrassar a mandou!
Taes peccados não guardou
Para os punir na outra vida
O supremo Arbitrador.

IV.

Mas já despontava o dia,
Que tam alegre hoje vem,
Tam risonho parecia,
Que não dissera ninguem
Senão que traz alegria:
E tantas, tam negras mágoas,
Nunca as trouxe o sol nascente
Desde que assoma no oriente
E se sepulta nas aguas.
Toda a noite longa, immensa,
Auzenda velou chorando,
De sua lagrimas regando
O leito viuvo e só;
A ninguem sua dor intensa
A desgraçada confia
Ninguem da triste houve dó,

Que do espôso em companhia
Todo o castello a julgou.
Porém a noite passou,
E porfim, do novo dia
Já o alvor vinha raiando,
Sem apparecer Sisnando.

V.

É manhã; — tenue inda a luz,
Mas vê-se que é madrugada.
Auzenda ainda acordada
Sente abrirem-lhe com tento
A porta do apposento,
E entrar... — «Será elle?... oh vem!
És tu, suspirado espôso?» —
Disse ella em timida voz:
Não lhe responde ninguem.
Um suspiro doloroso
Lhe dissipou a illusão.
Oh! quem se ha de inganar
Com aquelle suspirar!
É Adozinda: — voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores;
E os sentidos que ficaram
Foi para amargar as dores
Que n'aquelle *ái* a assaltaram.

VI.

— «Filha, filha... a ésta hora!
Que succedeu?.. que tens tu?» —
Callada Adozinda chora.
— «Ái não, não me chameis filha!» —
Rompe emfim, a soluçar,
Nadando n'um mar de pranto.

Pasmo, terror, maravilha,
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Auzenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
Que será? E esse tyranno
De todo o socêgo humano,
Dúvida, o monstro fatal,
Que até nos deixa a esperança
Paraque do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando n'alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormento.

VII.

Adozinda ajoelhada
Juncto ao leito onde convulsa
Jaz a mãi atribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz d'amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar,
As mãos que ella aperta e beija,
E que o pranto que gotteja
Já não sentem derramar.

VIII.

Volve a ti, mãi desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tammanha ventura fôra
Que da sorte despiedada

Concedido não será:
Vem ouvir tua sentença
De morte — peior que morte,
Vergonha horrorosa, offensa,
E de quem!... de teu consorte,
Do pae monstro, monstro espôso...
Ái! para o tormento odioso,
Para tammanha afflicção
Não tem fôrça o coração.

IX.

Tudo lhe conta Adozinda,
Tudo... tudo, — interrompendo
A horrorosa narração
Ora as lagrimas fervendo,
Ora os soluços rompendo
Do rasgado coração,
Ora os labios descorados,
De pejo e terror gelados,
Sem poder nem balbuciar
O que é fôrça revelar.

X.

— «Irás, disse Auzenda emfim,
E a voz, que treme, assegura:
Irás a teu...» — *pae* não disse,
E um som rouco lhe murmura
Nos labios onde a meiguice,
Onde a maternal ternura
Procuram em vão surrir —
Irás, filha, a Dom Sisnando
E lhe dirás que...» —
— «Senhora!» —
Interrompe ella chorando.

— «Que, torna a mãi, quando a hora
Da meia-noite soar,
Em teu quarto o has de esperar.
Não temas, filha, não tremas,
Não chores, minha Adozinda,
Querida filha, não gemas
Que has de ser feliz ainda.
No angustiado seio
Guardemos inda a esperança:
Do céo mandada me veio
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito d'ouro fino
Sou eu que me hei de ir deitar;
Tua camiza de hollanda
A meu corpo hei de lançar:
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar...
Ah! que o céo ha de abençoar
Este ingano virtuoso,
E a ser pae, a ser espôso
Dom Sisnando ha de voltar.» —

XI.

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sobre as muralhas da tôrre,
Voltaram as afficções:
E o tempo — que leve corre
Para todas os viventes —
Só áquellas innocentes
Accintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII.

Emfim meia-noite sôa:
Dom Sisnando aguilhoado
Do torpe amor, do peccado,
Impaciente ao prazo vôa
Que elle d'amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda,
Cego beija a face linda,
Que decerto não é d'ella,
Mas que não é menos bella;
Ao convulso peito aperta
Aquelle peito formoso...
— Desgraçado, é tempo ainda,
Do cruel sonho desperta,
Que ao precipicio horroroso
Já te vai a despenhar!..

XIII.

Dom Sisnando é criminoso
Quanto o podia ficar;
Do intento abominoso
Nada resta a consumar.
Já tristemente acordou
De seu delirio fatal,
E surrindo amargamente,
Á infeliz assim fallou:
— «E era por isto... innocente!
Que tanto se recatava
Tua virtude fingida?
Ah! essa alma corrumpida
Mais do que teu corpo estava,
E tu...» —
— Não pôde ouvir mais

A triste mãi; não lhe soffrem
As intranhas maternaes
Ouvir a filha adorada
De tal modo calumniada,
E por quem, e em que momento!
C'um suffocado lamento,
Que do peito rebentando
Trouxe aos labios alma e vida,
Quebra o silencio: — «Ah, Sisnando!
Ah, senhor, matae-me embora;
A desgraçada sou eu.» —
E a terra n'aquella hora
Rasgada não soverteu
O infeliz, que meio morto,
No abysmo do crime absorto,
D'este golpo inesperado
Á violencia cedeu!

XIV.

Silencio largo, mortal
Foi a unica expressão
Que por longa duração
N'aquelle estado fatal
Entre esses dous foi ouvida.
Porém no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porém mais pungido ainda
De seu crime mallogrado,
Brada em cholera abrazado:
— «Pereça a filha descrida
Que deshonra a seu...» —
— *Pae* não,
Pae não ousa proferir.

A palavra, suspendida
Por fria, pesada mão
De remorso insubjugado,
Lhe voltou ao coração
A lacerar-lh'o, a vingar-se
Da mal-soffrida oppressão.

XV.

— «Ouvi-me, senhor: culpada
Sou eu só...» a triste espôsa
Lhe diz; mas não ouve nada
Aquella alma furiosa
Já n'este mundo rallada
De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI.

Parte, corre; o brado horrivel
Por todo o castello sôa
Tam medonho como trôa
Medonho trovão d'outomno.
Despertos do brando somno
Todos são; ordens que deu
São taes, que de horror tremeu
A gente absorta e pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII.

Do castello para um lado
Uma antiga tôrre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia
Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regía.
Alli uma espôsa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,
Sete annos e mais um dia
Fechada a teve-o cruel,
Sosinha, a grilhões e nua;
E só pão sêcco lhe dava,
Mas agua não consentia
Que nunca ninguem lh'a desse
Para que á sêde morresse.
Valeu-lhe quem tudo póde,
Que ao infeliz sempre accode:
Vinha-lhe orvalho do céo,
De que os sete annos bebeu.
E emfim ao septimo anno
De tal milagre vencido
Foi o proprio rei tyranno,
Que a liberdade lhe deu
E do crime commettido,
Se o havia — se esqueceu.

XVIII.

Para essa tôrre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do inverno aberta
A chuvas, a ventania,
Sisnando — quem tal diria!

Mandou a filhinha linda
Que alli fechada gemesse,
A virtuosa Adozinda!..
E ái de quem agua lhe désse,
Lhe désse vestido ou cama,
Que da sêde á morte crua
— Qual o mouro a sua dama —
Alli quer que morra nua,
De todos desemparada,
De seu pae amaldiçoada,
Só da triste mãi chorada!

XIX.

Sem dar somente um gemido,
Sem se carpir nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vai Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam
A acompanha tristemente.
E o pae!.. Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem vê.
N'um apposento incerrado
Onde nem ao mais privado
Concedido é metter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! — antes acompanhado
De quem os seus não esquece,
Do remorso, — do peccado.

CANTIGA QUARTA.

You do me wrong, to take me out o' the grave:—
Thou art a soul of bliss; but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.

SHAKSPEARE.

I.

Sete annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tôrre fechada.
E o tyranno bem sabía
Que nem tres dias somente
Viver podia a innocente
Com a sêde, a desnudez.
Uma semana é passada,
Passado é um mez e outro mez,
Anno e annos decorreram;
E os sete annos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal míngua perecesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II.

Veio um dia, n'esse dia
O captiveiro acabava,
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava;
Na tôrre uma voz se ouvia,
(E é ésta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,

Que supplicava piedade:
— «Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'ésta fragua,
Que me estalla o coração.» —

III.

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janella
De toda a parte correram:
— «Vive, inda vive! bradavam:
A innocente! vinde ve-la.» —
E uns aos outros recontavam
Das virtudes, da paciencia
D'aquelle anjo d'innocencia,
Que ha muito morta julgavam.
Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir
Da torreada prisão:
— «Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'ésta fragua,
Que me estalla o coração!» —

IV.

A todos se commoveu
O mais íntimo do peito,
Mas não ousam a affrontar
Do pae o sevo despeito.
— «Tem paciencia, anjo do céo!
Com lagrimas responderam
Que ja não póde tardar
O pae que te vem soltar.

Os sete annos decorreram,
O dia está a acabar;
Soffre mais este momento
Que hoje acaba o teu tormento.» —

V.

— «Oh! como hei de eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,
Sinto abrasar-me da calma?
Sete annos me accudiu Deus,
Que por milagre vivi,
Dava-me orvalho dos céos,
De que sete annos bebi.
Do estio ardentes queimores
No meu corpo os não senti,
Do inverno os frios rigores
Tambem esses não tremi.
Mas ha tres dias que a mão
Do senhor me abandonou:
Tudo, tudo me faltou;
Oh! tende de mim piedade!
Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'ésta fragua,
Que me estalla o coração!» —
De novo alto chôro ergueram,
Lastimado pranto gemem;
Mas do seu tyranno tremem,
So a chorar se atreveram.

VI.

Sôa a nova no castello,
Vai correndo em derredor,

De que porfim fôra ouvido
Aquelle anjo soffredor
Soltar queixoso gemido,
Piedade emfim supplicar.
Só a Auzenda, que expirando
No leito da morte jaz,
Para que morresse em paz
Vão a notícia occultando.
Mas soube tudo Sisnando,
E no duro coração
Já vacilla a crueldade,
Já vislumbra a compaixão:
Dos seccos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
D'algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto,
Qual onda que estalla em flor
Sobre o penedo ourissado.
Todo em lagrimas sanguineas
O infeliz debulhado,
Para aquella infausta tôrre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
— «Agua! trazei agua, vinde,
Accudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!» —

VII.

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:
— «Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, oh filha, perdão
Para este algoz...» — Cortou-lhe

O excesso da paixão
Lingua e fôrça: a voz quebrou-lhe,
E por morto cai no chão.

VIII.

Oh! que povo se ajuntava
No castello de Landim,
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tammanho cavalleiro,
Tam ricco e grande senhor,
Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado;
Dá-lhe fôrça e vida amor,
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou:
Ei-la se ergue, e em mal-firmado
Passo corre — e lá chegou.

IX.

E já por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tôrre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que já rendida
Vai de todo; á roda tremem,
Do fundamento aluida
A tôrre, os solidos muros.
Mas em vão de centenares
Dos mais rijos braços duros
Se movem os instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castellos regulares,

De mais solidos cimentos
Teem a miudo triumphado.

X.

Parece incanto, será?
O povo maravilhado
Já por tal, tremendo, o dá.
Cedem todos: incantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da impreza desiste já.

XI.

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,
Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um sancto ermitão:
Com as suas orações
Este incanto ha de quebrar,
Ou se do demonio é trama,
Com o seu bento condão
Elle o ha de desmanchar.
Ei-lo chega, este semblante
Não é aqui desconhecido...
Ésta barba, este vestido...
É elle, o mesmo ermitão
Que a noite de San' João
(Não ha dez annos ainda)
No castello pernoitou,
Que Sisnando o maltractou,
Mas, por a bella Adozinda
Pedir muito, lá ficou.

XII.

Com a cabeça cuberta
Do seu agudo capuz,
Os olhos de cor incerta,
Pasmados, fixos... e a luz
Que d'elles sai é tam viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar!
As mãos cruzadas no peito,
Vagaroso seu andar,
Tam pesado e de tal geito
Que faz um echo tremendo
Quando os passos vai movendo,
E como que a terra e o ar
Com o pêso vão gemendo...
Foi seu caminho direito
Da tôrre á porta ferrada;
Sem attender a mais nada,
Sem olhar nem para Auzenda,
Que em lagrimas debulhada
Supplices mãos lh'estendia,
Chega á porta, e em voz horrenda
— «Abre-te!» — disse. Estallou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou.
Mas elle subitamente
Voltando-se para a turba,
Que alto alarido alevanta
E em derredor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o ânimo quebranta.
— «Immudecei!» — lhes bradou.
Ficaram todos calados;
E — *immudecei* — revibrou
De echos em echos dobrados
Pelo castello e jardim,

Pelos soutos ao redor,
Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obedecem
E por senhor reconhecem
Ao ricco-homem de Landim.
Depois estendendo a mão
Ao logar onde jazia
Por morto no frio chão
O desgraçado Sisnando,
Éstas palavras dizia,
Quem em ouco som vão soando:

— «Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,
Só tem perdão
Com longa vida
De penitencia,
De contrição,
Que a alma perdida
Salve de inferno
Da maldicção.

Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

O anjo celeste
Na hora ultima
Te perdoou,
E ao Pae Eterno
A tua victima
Por ti rogou.

Lazaro immundo,
N'ésta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóra!» —

XIII.

Em pé está Dom Sisnando:
Vivo está, morto parece,
Tam negro véo lh'innoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu sello ja pôsto
Tinha o archanjo da morte.

XIV.

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça cuberta,
Á porta da tôrre aberta
Faz breve e baixa oração.
Eis violento repellão
A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda
Sua voz se ouviu clamar,
E por uma sêde d'agua
Ao seu algoz supplicar.

XV.

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do céo recendem,

Morta Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angelicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tam brandamente soava
Que ao coração parecia
Que por piedade o affagava
A quem saudoso gemia.
A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De lirios do céo coroada
Brilhava com luz tam vívida
Que parecia toucada
De puros raios do sol.
As mãos postas sobre o peito
Para o céo se alevantavam,
E como que d'alma jústa
Para a morada apontavam.

XVI.

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãi! — Faltava
Só este ultimo tormento.
A malfadada cuidava
Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este. — E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu aínda morrer...

XVII.

Levantou-se o ermitão
E bradou: «Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.» —

Submissa resignação
Póde a voz tolher á dor,
Não tira do coração
Seu espinho pungidor,
Que em silencio é mais cruel,
Rasga mais, e na ferida
Mais acre derrama o fel.
A paciencia soffrida
Da triste Auzenda cedeu;
Não exclamou, não gemeu,
E em tributo de respeito
Sua mágoa fechou no peito.

XVIII.

E Sisnando? o desgraçado
No pó da terra humilhado,
Só se lhe conhece a vida
Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX.

Para a ermida do castello
Emfim o corpo levaram
E n'um cofre d'ouro fino
Como reliquia o guardaram.
Muito a não carpiu Auzenda
Que a morte compadecida
Cedo a libertou da vida.
Porém a longa existencia
De remorso e penitencia
Sisnando foi condemnado:
Cuberto de horror e opprobrio
Cumpriu seu mesquinho fado;
Onde? Ninguem mais o soube.

Do castello aquella noite
Com o ermitão se sumiu;
Nunca mais d'elle se ouviu.
Mas á meia-noite em ponto
Na capella de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando:
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.

GLOSSARIO.

Airar-se, v. refl. = irar-se, zangar-se. F V, G IV.
aivado, s. m. = alvado, entrada da colmeia. F V.
ajuntada, s. f. = junta, assembleia de juizes, tribunal. G V.
albergada, s. f. = albergue, domicilio. B II 4, F I 3.
alimpar, v. a. = limpar com o prefixo *a* da indole da lingua; a forma *alimpar* ainda hoje é popular. G XX e XXII.
Almeria, n. pr. Cidade hespanhola na provincia de Granada. E V.
alpendorada, s. f. = alpendre cuberto á entrada da casa. D XI 1.
alperro, s. m. = perro, cão; palavra que serve para designar os infieis. B III 1.
altanaria, s. f. = altaneria, aves de rapina. C II 3.
Anninhas, n. pr. Diminutivo minhoto de Anna. F VII 2.
anomear, v. a. = nomear. F I 1.
Argelim, n. pr. = Argel. E VIII 4.
Arraz, n. pr. = Cidade franceza, capital da provincia de Artois; *panno d'Arraz ou de Raz* = tapiz. «Os pannos d'Arraz em tempos de menos mingoa forraram muitas salas da aristocracia portugueza, e serviam mesmo para outros differentes usos. As paredes de algumas salas do real paço d'Ajuda ainda eu vi cobertas com estes preciosos pannos.» Estacio da Veiga, Rom. do Algarve. p. 133 Not. 2.
arrebicar, v. a. = pôr arrebique, enfeitar-se. B I 3.
arrecolher-se, v. refl. = recolher-se. D XIII 5.
arregaço, s. m. = regaço. G XIII.
arrodeado, p. p. de arrodear = rodeado, cercado. D VII 3.
Arzila, n. pr. Cidade do imperio de Marrocos perto de Tanger. E V.
aseseguo, s. m. = socego, tranquillidade. H I.
assomar-se, v. refl. = subir. D VII 1, F IX.
assubir, v. n. = subir. D VII 5.
atimante, formado do verbo *atimar* = acabando. D VIII 4.
atimar-se, v. refl. = ultimar-se, acabar-se; atimar = ultimar, acabar já se acha no poema da Cava: Hua *atimaram* prasmada façanha. C II 7.
atina, s. f. = acerto. Atina é formado do verbo *atinar* = encontrar. A respeito d'este substantivo diz Almeida-Garrett (Rom. III p. 193): Algumas lições dizem

atima, palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* = complemento, conclusão, acabamento, resultado, com a explicativa *a* por causa do metro. E III.

baju, s. m. = vestia curta; derivado do arabe. D XV 2.

baixão, s. m. = instrumento musical e canto. D XXI.

bandarro, s. m. = vadio, vagabundo F I 4.

belchor, s. m. = corrupção de elche ou renegado, christão que se tornou mahometano. B III 2.

bitante, s. f. = bitacula ou habitacnla, armario que serve para guardar a bussola. B III 1.

bondar, v. n. = bastar, chegar; verbo muito usado pelo povo da Beira. F VIII 1.

Brandusio, n. pr. = Brundusium, Brindisi. H VI.

branquinha, s. f. = diminutivo de *branca* (sc. moeda de prata); certo dinheiro corrente no tempo de Affonso V. E VIII 4.

buscare, v. a. = buscar. O povo de Lisboa e da Extremadura como geralmente de todo o sul do reino deixa ouvir, na pronúncia dos infinitivos um *e* final. O mesmo fazo povo das provincias do norte nos seus cantos.

cabeção d'oiro, s. m. = colle de camisa guarnecido de oiro. «As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegancias do luxo da edade media em que nada se dava aos commodos e tudo á ostentação.» A. Garrett, Rom. II. 116. D VII 1.

cabido, s. m. = cabide, porta-manteo. D XIX 4.

cadeiado, s. m. = cadeado, fechadura movel (cadenas). D XIX 4.

cacilheiro, adj. = o que é natural de Cacilhas, aldeia de pescadores na margem esquerda do Tejo, em frente de Lisboa. B I 3.

camanho, adj. = quamanho, tamanho. F XV.

capellas de S. João, s. f. = especie de flores. «Capellas de S. João chama a gente camponeza do Algarve a uma ranunculacea trepadora (Clematis cirrhosa) que nasce espontaneamente nos campos e vallados. Com as floridas e extensas varas d'esta mui aromatica e vistosa planta é que os devotos de S. João tecem grinaldas e capellas, e enfeitam seus mastros de murta.» Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 119. F XIV.

Casa dos Bicos, n. pr. Casa situada na rua dos Bacalhoeiros, em Lisboa, e chamada assim porque a fachada é construida de pedras trabalhadas em forma de pequenas pyramides. Sobre esta casa que mandou fazer D. Affonso de Albuquerque, correm diversas lendas e tradições populares. Vid. Joaquim Antonio de Macedo. A Guide to Lisbon and its environs, London 1874. H XIII.

Castromarim, n. pr. Villa algarvia na foz do Guadiana. E V.

causante, de causar = causador. G XVIII.

causadeira, s. f. = causadora. D XVIII 4.

cerrado, s. m. formado de cerrar, fechar = campo ou horta tapada com muro (enclos). D XIX 2.

chaparra, s. f. = chaparro, carvalho sempre-verde (yeuse). C II 4.

chocalhar, v. a. = delatar. D VII 2.

christandia, s. f. = christandade. B III 2.

christane, s. m. = christão. E VIII 3.

christiano, s. m. = christão. E VIII 1.

combataria, s. f. = combate. B III 2.

companha, s. f. = companhia. E VIII 3. Se foss' eu en tal *companha* de donas. E. Monaci, Cantos de Ledino. V 4.

corta-carne, s. m. = carniceiro. D XXI 3.

cravo d'Arrochela, s. m. = especie de cravo (œillet). Arrochela = La Rochelle.

crelgo, s. m. corrupção de clerigo. D XIII 1.

Cunhal das Bolas, n. pr. Certo localidade em Lisboa. H XIII.

curro, s. m. = corro, arena, praça de touros. F IX.

deitar uma cantiga = dedicar uma cantiga. «Deitar uma cantiga é phrase muito corrente do povo do Algarve. Qualquer poeta de boa sociedade *dedicaria* uma canção á sua dama; porém não assim os menestreis algarvios, que teem verdadeiro amor ao seu antigo modo de dizer, e que não o trocam por modernismo possivel.» Estacio da Veiga, Rom. do Algarve p. 123. E XIV.

descolorido, adj. = descorado, pallido. D III 2.

dolorido, adj. = dorido. D III 4.

donzilla, s. f. = donzella, forma antiga. C II 2.

enchuto, adj. = despreoccupado, sem receio. D XXI 2.

enfeirar, v. n. = ir á feira, fazer compras na feira. D II 2.

ensanguar, v. a. = ensanguentar. B I 3.

ensanguado, adj. part. = ensanguentado. G II.

enzinha, s. f. = azinha, chaparro. G I.

espulverido, adj. = empoeirado. D III 1.

faltriquera, s. f. = bolsa; palavra hespanhola. E VIII 1.

faquim, s. m. = faim, diminutivo de faca. D X 1.

fei, s. f. = fé. «Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras fé, pé e similhantes — fei, pei, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas *a*, *e*, dobrava as lettras em vez de as carregar com accento grave ou agudo. O povo que sempre foge dos hyatos, preferiu mudar as ultimas lettras, fazendo o som mais suave.» A. Garrett, Rom. I. 213, Not. B. J II.

feirar, v. n. vid. *enfeirar*.

fim, s. f. = termo de vida. D XVI, H I. «O povo á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentamente nem á toa. Fim como alvo, objecto etc. é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.» A. Garrett, Rom. II. 140 Not. 12.

fittaria, s. f. = adorno de fittas. D II 1.

francaria, s. f. = terra dos francos ou christãos, em contraste com Mouraria, Moirama. B II 3.

françaria, s. f. = ramagem. C II 5.

frandil, s. m. = fralda. «*Frandil* ainda hoje usado em Trás-os-Montes significa *fralda* no sentido metonymico antigo, por camisa ou gibão branco de fralda.» A. Garrett, Rom. II. 135. D XVI.

frechada de leite, s. f. = quantidade de leite que sae das tetas d'uma só vez; equivale a bocado de leite. F XII.

frima, s. f. = medo. C I.

fumaria, s. f. = fumaça, nuvem de fumo. B VI 3.

gargantilha, s. f. = cabeção de vestido. D XVI.
garras, s. m. = diabo com garras. D VII 3.
gerzeli, s. m. = gerzelim ou seseli. « Gerzelim, em arabico *jolzelim*, semente redonda e oleosa de uma planta de que se faz doce, e d'ella moida tambem oleo que serve para o comer. » A. Garrett, Rom. II. 9. Not. 6. D I 1 Not. 1.
guarane, s. f. « Se não é corrupção de gran ou grãa, estôfo, roupa tinta de gran vermelha, só se fôr derivação do francez antigo *guare* (de duas côres) — o garanvaz das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as copias vem guarane e não grana, d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja guarane. Eu adoptei grana por ficar mais obvio o sentido. » D XV 1. A. Garrett, Rom. II. 93. Not. 3.

imbernal, s. m. = embornal. B I 3.
imbocada, s. f. = certo jogo consistindo provavelmente em fazer entrar (imbocar) uma bola n'um buraco; especie de bilhar. D VII 1.
infante, s. f. = infanta. « Infante no feminino é um latinismo dos seculos XV e XVI. Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito pêso. Diz elle que as terminações *ante*, *ente* e *inte* sempre foram invariaveis para ambos os generos: que sempre se dissera *amante*, *enchente*, *pedinte*, que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns. » A. Garrett, Rom. II. 309. Not. 1. D I 3.

li, adv. = alli. E X 2.
lo, *la*, art. = o, a. « Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. *Filho, lo meu filho; madre, la mi madre* etc. occorre em muitas cantigas populares, romances e similhantes. São reliquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos visinhos de Galliza. Tem sido tenaz n'estes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva dos hyatos que tanto lhe repugnam. » A. Garrett, Rom. III. 198. Not. 4.
lumbrir, v. n. = luzir. B II 4.

malataria, s. f. = estado de malato. Vid. malato. C II 5.
malato, s. m. = homem livre que descia á condição quasi de servo e villão, segundo Alexandre Herculano (A. Garrett, Rom. II. 36. Not. 4) e Theophilo Braga; = leproso, segundo Amador de los Rios, Hist. de la Litt. espan. VII. 433. « No sentido de gafo, doente usa Berceo muitas vezes da palavra *malato* no Poema de Alexandre. Na nova edição do Romancero de Duran (I. 285) ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinosa porque assim se diz em um folheto sôlto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porém que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao inrevezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malata* por gafo, leproso, infecto de mal contagio. Eis aqui o logar parallelo:

Está quedo caballero,
Non fagas tal villania,

Figa soy de un *malato*
Que tiene la *malatia*,
Y quien a mi llegare
Luego se le pegaria.»
A. Garrett, Rom. II. 310 Not. C. C II 5.

manapola, s. f. = manopla, guante de ferro. D II 1.

manata, s. m. = maneta. F III.

manhanita, s. f. diminutivo querido dos Algarvios, formado de *manhã*. D XV 12.

manilha, s. f. = sineta que toca *manida*, ou repouso de finado. C II 5.

mar, s. f. A VI.

marinha, s. f. = sereia. D XVI 3.

Mazagão, n. pr. = Mazagam, cidade do imperio de Marrocos, perto do Cabo Blanco. O povo algarvio pronuncia *Marzagão*. E VIII 2.

merencoria, s. f. = descontentamento, raiva; corrupção de melancolia. D VIII 5.

merencorio, adj. = raivoso. E I 1.

micheriqueiro, adj. = mexeriqueiro. B III 2.

miramolim, s. m. = titulo dos califes. E VII.

Monez, n. pr. A lição hespanhola do Rico Franco (Wolf y Hoffmann, Primavera y flor de Romances, Berlin 1856. T. II 22) tem: Arrimaram-se a un castillo, Que se llamaba *Maynés*.

montilla, s. f. = diminutivo de monte. C II 5.

mundanal, adj. = mundano. H III.

ninha, s. f. = menina, rapariga, do hespanhol niña. C II 6.

penação, s. f. = expiação. D III 4.

pei, s. m. = pé. Vid. fei.

pingo, s. m. = pinga. B III 1.

pinguinho, s. m. = pinguinha. D VII 4.

poncella, s. f. = donzella, corrupção do francez *pucelle*. C II 4.

porto, s. m. = desfiladeiro, passagem dos Pyreneos, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras. A II.

pragal, s. m. = campo de batalha, juncado de cadaveres. A II.

prezillo, s. m. = dom, presente; formado de *prezea*. E VIII 3 Not. 2.

quelha, s. f. = beco, caminho estreito. Termo minhoto. D VI.

rebradar, v. n. = bradar, gritar á voz alta. A I.

relinchar, v. n. = rinchar. F II.

relumbrir, v. n. = luzir. C II 7.

requeiro, 1 p. sing. do pres. do verbo requerer = querer, pedir.

rinfar, v. n. = rinchar. F II. Not. 1.

Safim, n. pr. Saffi, porto maritimo do imperio de Marrocos. F VIII 1.

Salé, n. pr. Cidade do imperio de Marrocos. F VIII 1.

sam, = sou, forma archaica, ainda usada por Camões.

sellaria, s. f. = designação indeterminada da sella. C II 5.

serzelim, s. m. Vid. gerzeli.

sobredourado, adj. p. = dourado duas vezes, muito dourado. D I 2.

solia = soia; perf. imp. do verbo soer. C II 5.

sondes, = sois. Forma archaica ainda usada no Archipelo açoriano. A IV 1.

tredor, s. m. = traidor. A I.

tropellia, s. f. = cavalgada. «Tropellia, em portuguez casto e classico é o tumulto que se faz em tropel e tambem a injuria que se faz a alguem, a alguma coisa, atropellando direitos, posses, pessoas, razões ou conveniencias. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo: e

para mim o povo é um classico.» A. Garrett, Rom. II. 57. Not. 3. B I.

trouve = trouxe, perfeito archaico do verbo trazer, ainda hoje usado pelo povo da Beira. F XVI.

trouveres = trouxeres. Vid. trouve. B III 3.

trupido, s. m. = barulho. Trupido é formado do verbo trupitar, fazer barulho. D III 1.

turgir, v. n. = fazer inchar. A VI.

vestire, v. a. = vestir. Vid. buscare.

vireley = virelay, certa forma metrica de cantigas. «Na poesia hespanhola ainda se conservavam no sec. XV os *virelay*, genero contraposto ao *lay*.» Th. Braga, Anthologia Port. 1876. pag. XIX. J II.

zombaria, s. f. = mangação. D VIII 4.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
38	17	areis	areias
85	10	coçraão	coração
195	6	queé	que é
203	20	pode	póde
245	28	extense	extende
304	39	viro	oiro.

Impresso por F. A. Brockhaus, Leipzig.